

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**GLADYS JANETH RIOS PALACIO**

**MULHERES ADULTAS QUE MORAM EM REPÚBLICAS E SEUS  
RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS AMOROSOS – UM ENFOQUE JUNGUIANO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO**

**2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**GLADYS JANETH RIOS PALACIO**

**MULHERES ADULTAS QUE MORAM EM REPÚBLICAS E SEUS  
RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS AMOROSOS – UM ENFOQUE JUNGUIANO**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da  
Profa. Dra Liliana Liviano Wahba.**

**SÃO PAULO**

**2014**

## ERRATA

p. 27

Onde se lê Tanas (2003) – Leia-se Farias (2003)

p. 28

Onde se lê Tanas (2003)– Leia-se Farias (2003)

p. 33

Onde se lê Tanas (2003)– Leia-se Farias (2003)

p. 34

Onde se lê Tanas (2003)– Leia-se Farias (2003)

p. 35

Onde se lê TANAS (2003)– Leia-se FARIAS (2003)

p. 36

Onde se lê Tanas (2003)– Leia-se Farias (2003)

p. 126

Onde se lê: MORAIS, Rita de Cassia Cunha. **A mulher executiva brasileira e seus aspectos femininos inconscientes**. São Paulo, 2003. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Leia-se: MORAIS, Rita de Cassia Cunha. **A mulher executiva brasileira e seus aspectos femininos inconscientes**. São Paulo, 2003. Monografia [Especialização em Abordagem Junguiana] – Cogea-PUCSP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

p. 127

Onde se lê: RODRIGUES, Marcia Maria Marchi Agostinho. **Reencontrando o ser mulher**. São Paulo, 2003. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Leia-se: RODRIGUES, Marcia Maria Marchi Agostinho. **Reencontrando o ser mulher**. São Paulo, 2003. Monografia [Especialização em Abordagem Junguiana] – Cogea-PUCSP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

p. 128

Onde se lê TANAS (2003)– Leia-se FARIAS (2003)

**Banca Examinadora**

---

---

---

*Dedicatória*

*Para todas nós, mulheres jovens profissionais contemporâneas, porque  
somos heroínas de uma jornada própria e criativa que inclui nossa  
individação e o encontro do amor.*

*Para todos nós, porque sabemos que não somos os mesmos depois de  
amar e de ser amados.*



Glárys Rios, 2005



Glárys Rios, 2006

## Agradecimentos

Primeiro quero agradecer profundamente a minha família. Acredito que foi pelo amor e pela confiança de meus pais e irmãos que sempre pensei que podia realizar meus sonhos. Com eles aprendi que a vida deve ser vivida intensamente, porque só quando entregamos a alma e o corpo podemos ser felizes com aquilo que fazemos.

Na minha terra existe outra família, uma família que não é de sangue, mas de coração. Muito obrigada para os amigos que acreditaram em mim. Risos e boas conversas sempre encheram nossos encontros e em muitos momentos de dúvidas, as suas palavras de carinho alentaram minha jornada em um novo país.

À família e amigos colombianos posso dizer que em São Paulo nunca estive só. Sempre estive acompanhada de pessoas maravilhosas, homens e mulheres que estiveram perto para oferecer-me o melhor do brasileiro: a sua alegria. Para todos aqueles que são novos irmãos de coração, um agradecimento imenso e que nossos laços sejam eternos.

Na minha experiência dessa cidade como estrangeira e moradora de república, eu encontrei mulheres que me confiaram suas experiências sobre um tema que marcava profundamente sua psique: os relacionamentos amorosos. Às participantes só posso agradecer e espero que os achados da pesquisa possam oferecer uma guia para continuar na jornada que faz delas heroínas do amor.

Agradeço também aos tutores e guias. A primeira delas foi Luz Marina, uma mestre que já na faculdade esteve do meu lado em um processo que me trouxe até o Brasil. À professora Liliana, outra luz maravilhosa neste processo, muito obrigada pela orientação e pela experiência e conhecimento compartilhados.

Finalmente, agradeço ao CAPES pela bolsa, a qual representou um ajuda muito importante para concluir o mestrado.

A todos iMuchas Graças!

**Nome: Gladys Janeth Ríos Palacio**

**Título: Mulheres adultas que moram em repúblicas e seus relacionamentos íntimos amorosos – um enfoque junguiano.**

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o relato subjetivo de mulheres jovens que moram em repúblicas na cidade de São Paulo a respeito das relações amorosas com os homens. O estudo considera os valores, a percepção dos ganhos e os conflitos experimentados e as avaliações que as mulheres realizam sobre si mesmas, sobre os parceiros e sobre os vínculos afetivos. Fundamenta-se em conceitos da psicologia analítica como animus, sombra e persona, e nos aportes de psicólogos e sociólogos sobre a intimidade, o relacionamento puro e as relações líquidas. Utiliza um método qualitativo e instrumentos como a entrevista semiestruturada e o Desenho temático com uma história. Os instrumentos são aplicados individualmente a 12 mulheres solteiras de faixa etária entre 21 e 36 anos que estudam e/ou trabalham. A análise dos relatos e desenhos mostra algumas polaridades que configuram as relações amorosas e elucidam os valores, ganhos e conflitos, tais como: união–separação, conjugalidade–individualidade, sexo–amor, diferenciação–projeção, afinidade–diferenças, ideais–perdas e partilha–liberdade. Na imagem de si mesmas se integram os papéis tradicionais da mulher afetiva responsabilizada pelo sucesso do relacionamento com os da heroína moderna que constrói sua identidade e que escolhe como viver sua intimidade amorosa. Na imagem do parceiro se contrapõe um homem amoroso com um homem que não deseja envolver-se afetivamente. O relacionamento ideal dessas mulheres modernas não adere ao romantismo ou ao vínculo sem compromisso, mas ao relacionamento psicológico baseado na integração consciente dos opostos, embora experimente alguns dilemas nesse processo.

**Palavras-chave:** Psicologia analítica, relacionamentos amorosos, mulheres em repúblicas, papéis sexuais, feminino.

**Author: Gladys Janeth Ríos Palacio**

**Title: Adult women who living in republic and their loving intimate relationships –  
A jungian approach**

### **ABSTRACT**

This research aims to understand the subjective narrative of young women, who live in republics of the city of São Paulo, regarding love relationships with men. The study considers the values, the gains and conflicts experienced and the appreciations that a women have on themselves, on affective partners and on loving relations. It is based on concepts of analytical psychology as animus, shadow and persona, and in the contributions of psychologists and sociologists about intimacy, pure relationships and the liquid relations. In the research process are used a qualitative method e tools such as a semi-structured interviews and a thematic design with a story. These techniques are applied individually with 12 single women in the age range of 21 to 36 years who study and/or work. An analysis of the stories and drawings reveals some polarities that form a loving relationships and clarifying the values, gains and conflicts, such as: unity–separation, conjugality–individuality, sex–love, differentiation–projection, affinity–differences, ideals–loss and sharing–freedom. The self-image integrates the traditional roles of caring woman responsible for the success of the relationship with the modern heroine capable of builds his identity and choosing how to live their loving intimacy. The image of the partner contains a loving man and a man who do not wish to engage affectively. The ideal relationship of these modern women is not based on romance or relationship without commitment, but the psychological relationship that involving the conscious integration of opposites, although they experiences dilemmas in this process.

**Key words:** Analytical psychology, loving relationships, women in republics, sex roles, feminine.

## SUMÁRIO

1	Introdução	11
	Problematização	14
	Justificativa	15
2	Objetivo	17
	Questões	17
3	Método	18
	3.1 Caracterização do estudo	18
	3.2 Participantes	18
	3.3 Local da pesquisa	19
	3.4 Instrumentos	19
	3.4.1 Desenho – Estória com tema	19
	3.4.2 Entrevista semi-estruturada individual	20
	3.5 Procedimento	21
	3.5.1 Procedimento de seleção da amostra	21
	3.5.2 Procedimento de aplicação	22
	3.5.3 Procedimento de avaliação e análise	22
	3.5.4 Procedimento ético	23
4	Revisão de pesquisas sobre o tema	24
	4.1 A mulher, o feminino e os papéis sexuais na atualidade	24
	4.2 A relação mulher e trabalho	29
	4.3 Os relacionamentos e o amor na contemporaneidade	32
5	Relacionamentos íntimos amorosos da mulher adulta	37
	5.1 Os relacionamentos íntimos amorosos na contemporaneidade	37

5.2	Papéis sexuais e cultura	43
5.3	Papéis sexuais, persona, anima e animus na psicologia analítica	47
5.4	Relacionamentos íntimos amorosos, animus e projeção	53
6	Resultados	59
6.1	Categorização das entrevistas e do desenho-estória	59
6.1.1	Experiências da intimidade na relação amorosa com os homens	59
	Quadro 1: Experiências da intimidade na relação amorosa com os homens	59
6.1.1.1	Valores	60
6.1.1.2	Ganhos e mudanças	62
6.1.1.3	Conflitos e perdas	65
6.1.1.4	Sexualidade	69
6.1.1.5	Sentimentos	71
6.1.1.6	Expectativas	74
6.1.2	Modelos familiares e sociais	78
	Quadro 2: Modelos familiares e sociais	78
6.1.2.1	Família	78
6.1.2.2	Sociedade	80
6.1.3	Imagem de si, ideais e projeções	83
	Quadro 3: Imagem de si, ideais e projeções	83
6.1.3.1	Imagem de si	83
6.1.3.2	Imagem do parceiro	87
6.1.3.3	Ideal sobre o relacionamento íntimo amoroso	91
6.2	Análise individual de dois casos	95
6.2.1	Primavera	95
6.2.2	Pollyana	102
7	Discussão	110

8	Considerações finais	120
	Referências	123
	Anexos	129
	Anexo A	129
	Anexo B	131
	Anexo C	132
	Anexo D	135
	Anexo E	142
	Anexo F	149
	Anexo G	154
	Anexo H	161
	Anexo I	170
	Anexo J	175
	Anexo K	182
	Anexo L	192
	Anexo M	195
	Anexo N	200
	Anexo O	205

## 1 INTRODUÇÃO

O tema do amor sempre esteve presente em minha fantasia e em meu pensamento. Na época da escola e do colégio, a introversão, o sentimento e a intuição me acompanharam durante muitas tardes e noites para criar imagens e palavras que definiam minhas ideias sobre os vínculos. Elas se originaram nas experiências individuais e sonhos e nos mitos e contos das diferentes culturas. Alguns anos atrás o tema do amor voltou. Embora fosse uma época em que eu queria desenvolver minha carreira, outro elemento aparecia em minhas fantasias e nas perguntas e histórias de familiares, amigos e pacientes. Novas ideias ligadas ao feminino e à intimidade se misturaram com ideais antigos.

Na busca por compreender a psique e seu laço com o amor, encontrei uma descrição de Jung (1916 [2011a]) sobre o tema. Segundo o autor, o processo de individuação tem dois caminhos: entregar a alma ao mundo interno ou a outro ser humano. Ele acreditava que quando se entrega a alma a outro ser humano e se expressa um verdadeiro amor, a pessoa amada correspondia com o mesmo sentimento. Esse encontro permite a descoberta e a transformação dos parceiros, possibilitando uma elaboração criativa individual que depois se entrega à humanidade. Embora Jung se dedique a sua experiência do mundo interno, ele também foi desconcertado e maravilhado pelos mistérios, polaridades, ideais e sofrimentos que o amor traz. No final, ele era um humano que viveu o amor. Sua mortalidade e conflitos se encontraram com uma tarefa que sempre ocupo o pensamento e a imaginação de todos os tempos e de todos os povos.

Integrando essas primeiras reflexões, perguntava-me pelos processos psíquicos que permitem a construção dessas fantasias sobre as relações e como as expectativas afetivas das mulheres eram influenciadas pela cultura. Para responder essa pergunta foi necessário ir ao encontro de outras mulheres, reconhecendo as semelhanças e as diferenças de cada individualidade. Assim, a presente pesquisa foi baseada em uma pergunta pessoal, profunda e insistente, que não é nova para mim, e não é nova na história humana. A proposta era compreender os relatos subjetivos que as mulheres adultas têm dos relacionamentos íntimos amorosos com os homens, considerando as motivações psíquicas que as levam a vincular-se com um ser diferente, do sexo oposto, que as fascina.

A pesquisa focalizou mulheres entre 21 e 36 anos, formadas ou trabalhando, que estavam solteiras e que moravam em repúblicas da cidade de São Paulo. Pensou-se o contexto da

república como uma estrutura de moradia das sociedades contemporâneas, a qual era de fácil acesso para quem que está participando dos âmbitos acadêmicos e profissionais. Motivadas por diversas razões para iniciar suas jornadas, e com famílias que apresentam diferentes configurações, as participantes foram mulheres que estavam saindo de suas casas e se dirigiam a espaços que prometiam novos horizontes.

Para alguns feministas, a saída das mulheres para as grandes cidades mostrava a liberdade e a autonomia que as caracterizam. Erikson (1987) atrela esses elementos ao desenvolvimento da intimidade nas relações. Carl G. Jung ([1924], 2011b) afirma que para os seres humanos o amor sempre será uma questão complexa, independentemente da idade. Crianças, adolescentes, adultos e velhos vivenciam diferentes vínculos afetivos, dentro dos quais o amor aparece como uma experiência coletiva. Assim, em cada etapa da vida destaca-se uma vivência individual do amor como fenômeno arquetípico.

Segundo a teoria do desenvolvimento de Erikson (1987), uma das questões fundamentais para o adulto jovem é a intimidade, definindo-a como uma relação autêntica e mútua com outra pessoa. Para o autor, o adulto busca definir e realizar seus ideais sobre o tipo de relações que desejam estabelecer com amigos e parceiros. Nesse processo, o parceiro representa um contraponto para a própria identidade, mas ele também traz a possibilidade da entrega e do encontro dessas identidades. Se essa intimidade não é desenvolvida, aparece um sentimento de isolamento que dificulta o estabelecimento de vínculos.

Anthony Giddens (1992) também considera fundamentais os relacionamentos íntimos, apontando o amor confluyente como um modelo característico da sociedade moderna. Esses relacionamentos buscam o desenvolvimento dos parceiros, a satisfação dos desejos e se fundamentam na liberdade de escolha. Neles são privilegiados valores como igualdade, compromisso, negociação, partilha, confiança, compreensão e mutualidade. O distanciamento pode ser necessário, e a dissolução do relacionamento pode acontecer se as pessoas perceberem que o relacionamento não lhes gera mais satisfação.

Carl Gustav Jung formulou alguns conceitos fundamentais que podem ser utilizados para compreender as relações amorosas da mulher, ampliando o tema que Erikson e Giddens propõem como intimidade por meio do conceito de animus. O fundador da psicologia analítica explica que o ego da mulher se identifica, em parte, com o sexo biológico e com

a persona, configurando os papéis sexuais, a máscara profissional e a identidade de gênero. Esses elementos são compensados pelo animus que é uma imagem contrassexual do sexo biológico da mulher que possui aspectos que não são reconhecidos como próprios e representam aquilo que é oposto, complementar e compensador (JUNG, [1928], 2011e).

No entanto, a caracterização dos pares anima/animus e eros/logos que Jung realizou, e que será apresentada nos capítulos teóricos, foi alvo de fortes críticas. Alguns pósjunguianos darão um destaque aos conteúdos culturais de sua definição de masculino e feminino, relacionando-os com os conceitos de gênero e papéis sexuais (SAMUELS, 1989). A pesquisadora Noely Montes Moraes (1987) postulou que feminino e masculino são polaridades arquetípicas do existir humano, mas seus conteúdos são determinados por padrões culturais específicos e pelas experiências e a história individual.

Procurando uma ampliação na compreensão dos papéis sexuais femininos em contextos atuais, Izildinha Konichi (1991 e 2010) mostrou como as mulheres estão ampliando sua compreensão de si mesmas e do mundo. Márcia Maria Marchi Agostinho Rodrigues (2003) e Leonor Ramos Chaves (2003) descrevem mulheres que ficam presas a papéis sociais e profissionais que entraram em conflitos com suas expectativas afetivas e familiares. Beatriz Elena Cerqueira (2003), Rita de Cassia Cunha Moraes (2003), Ana Carolina Falcone Garcia (2006) e Maria Lucia Salla (2005), se fundamentaram na teoria de Jung e mostraram mulheres profissionais e trabalhadoras que embora questionassem os papéis sexuais tradicionais, se identificam com elementos masculinos e perdem sua feminilidade. Porém, muitas destas pesquisas reconheceram que as mulheres continuam na busca do amor e da intimidade dentro de relações que sejam satisfatórias para elas.

Noely Montes Moraes (1997), Margaret María Chillemi (2003), e Gustavo Monteiro Pessoa De Andrade e Flavia Arantes Hime (2009) colocaram o amor e as relações como um encontro de transformação. Para os autores, os relacionamentos da contemporaneidade trazem para as mulheres a possibilidade de integrar aspectos inconscientes, colocando o parceiro como uma personificação da alteridade que traz elementos rejeitados pelas identificações com papéis sexuais e modelos. Reconhecendo a vulnerabilidade, a possibilidade da curta duração, a angústia e a dependência que caracterizam os encontros amorosos na contemporaneidade, as pesquisas descreveram os vínculos como desafios éticos que permitem o crescimento individual.

Os seres humanos precisam conhecer os diferentes aspectos das realidades internas e externas. De uma forma poética, Jung chamou esses elementos de deuses que “indicam os caminhos do destino” ([1936] 2002, p. 33), pois a relações que se estabelece entre esses aspectos e a consciência configuram possibilidades para compreender conteúdos e questões vitais e fundamentais para o processo de individuação.

### **Problematização**

No dia de hoje, sob o olhar de alguns teóricos como Jones e Matton (1987), Samuels (1989), Tacey (1997), Lipovetsky (2000), Young-Eisendranth (2002) e Bauman (2004), houve nas sociedades contemporâneas transformações que modificaram os papéis sexuais e as relações afetivas. Considerando a flexibilização dos limites que anteriormente definiram o que era feminino e masculino, atualmente as mulheres e os homens realizam tarefas tradicionalmente atribuídas ao outro sexo. Para as mulheres, a construção da sua feminilidade associa-se com os estudos profissionais e o trabalho, aparecendo a possibilidade de ser independente e autônoma para realizar suas escolhas (LOPES, 2010). Para outros pesquisadores que mantêm uma compreensão tradicional, as mulheres estão experimentando uma perda da feminilidade e imitam os modelos fornecidos pelo pai, os homens e o patriarcado (TARA, 2003; SALLA, 2005; GARCIA, 2006).

As pesquisas de Montes (1997) e Andrade e Hime (2009) assinalaram que as mulheres jovens ainda desejam estabelecer vínculos amorosos, considerando-os como experiências de transformação ou encontros que trazem alegrias e tristezas. Assim, surgem perguntas sobre o tipo de parcerias que as mulheres estão estabelecendo, sobre as suas renovadas percepções da intimidade e o amor, sobre as expectativas que elas têm sobre si mesmas e os relacionamentos, e as percepções que têm de seus companheiros.

Por exemplo, para as mulheres profissionais pode surgir o medo de perder os ganhos profissionais de independência e liberdade, devido ao envolvimento emocional em uma relação íntima amorosa. Algumas mulheres estariam acostumadas ou identificadas com o mundo líquido, onde é valorizada a quantidade e não a qualidade das relações, aceitando as novas formas de vinculação (COELHO e MORI, 2003; KONICHI, 2011). Outras poderiam estar divididas entre seus projetos amorosos e os papéis profissionais (CHAVES, 2003; RODRIGUES, 2003; CARVALHO, 2005; BORBA, 2008).

As mulheres também poderiam questionar-se diante da fragilidade e da interdependência, reconhecendo-as como elementos próprios do encontro íntimo afetivo que possibilitam um relacionamento mais autêntico no qual seria possível a entrega e a doação para os parceiros (HIME, 2004; ANDRADE e HIME, 2009). O relacionamento constitui uma verdadeira experiência arquetípica que atinge todos os seres humanos em algum momento de sua vida, emergindo como um encontro que nos inicia nos mistérios da vida e do amor\*. As sociedades ofereceram modelos para empreender essa busca, mas o momento atual que vivemos também nos lembra da possibilidade existente para construir algo novo e individual dessa vivência geral, ideia que já foi postulada por Jung ([1924], 2011b).

### **Justificativa**

Uma das tarefas da psicologia e da psicologia clínica pode ser descrita como a procura de meios e ferramentas que permitam aprimorar o desenvolvimento do indivíduo, especialmente em casos em que os problemas são insolúveis com os meios conhecidos. Na terapia, a relação com o psicoterapeuta acontece em um processo dialético, no qual a fala com o outro permite o reconhecimento consciente de aspectos inconscientes, mas sempre operantes na vida cotidiana. É de conhecimento dos profissionais da área clínica que muitos motivos de consulta estão associados aos laços afetivos, originando-se nos encontros cotidianos em que se compartilha a vida com as pessoas. Nas falas dos pacientes na psicoterapia, as experiências vinculares permitem viver o amor, mas também os questionam e trazem elementos não elaborados de sua história. Assim, as relações ganham um valor significativo para o desenvolvimento individual.

No caso das mulheres, os relacionamentos quase sempre aparecem como aspectos fundamentais em suas alegrias, dúvidas e angústias. Uma pesquisa sobre esse elemento forneceria novos dados para compreender melhor aquelas mulheres, idealizadas nos movimentos femininos como independentes e autônomas, mas que parecem manter perguntas e anseios sobre relacionamentos com os parceiros. É importante contextualizar essas questões a partir das grandes mudanças acontecidas no século XX, para mostrar os aspectos que preocupam as mulheres e como elas estão construindo respostas para resolvê-los. Fundamentados nesses dados seria possível elaborar conhecimentos que auxiliem a compreensão do psicólogo clínico dentro da psicoterapia.

---

\* Comunicação oral da Profa. Dra. Marion Rauscher Gallbach em 20 de set. de 2013

As pesquisas levantadas não mostraram um trabalho de campo com as mulheres adultas que moram em república. Esse tipo de moradia expressa características específicas de uma sociedade, na qual as mulheres são convidadas e desafiadas a entrar nos campos laborais e profissionais. Como moradoras de repúblicas, essas mulheres saíram dos seus lares para morar na cidade de São Paulo. Muitas se viram sozinhas, tendo uma maior independência econômica e sentindo mais autonomia para realizar suas escolhas. Esta situação as conduz a definir uma atitude diante das diferentes demandas e possibilidades que a sociedade lhes oferece nas esferas sociais, laborais e educativas.

Essa população poderia mostrar como as mulheres adultas vivem nas sociedades modernas líquidas\*, levando em conta tanto os desafios de serem independentes quanto os desejos de estabelecer vínculos. A experiência de morar em uma república poderia possibilitar um encontro com conteúdos e processos psíquicos que seriam mobilizados pelas novas dinâmicas e vinculações que caracterizam esse contexto. Nesta perspectiva, a república oferece para as mulheres um tipo de iniciação\*\*, exigindo delas uma avaliação das suas atitudes diante de questões como a amizade, o amor, os tipos de relacionamentos amorosos que desejam desenvolver, a aquisição e o uso do dinheiro, entre outras.

O objetivo da presente pesquisa foi compreender os relatos individuais de mulheres adultas diante desse desafio que lhe foi feito no século passado, o de ser independente e autônoma, dando ênfase à compreensão delas sobre as relações íntimas amorosas com os homens. Para apresentar o tema proposto, foram desenvolvidos capítulos teóricos que discorrem sobre as relações amorosas na contemporaneidade, a cultura e os papéis sexuais, e reflexões sobre as parcerias, utilizando conceitos como intimidade, animus e projeção. O principal referencial teórico será a psicologia analítica, especificamente as reflexões sobre o feminino e as parcerias realizadas por Carl Jung, Emma Jung (2006) e outros pósjunguianos, tais como Samuels (1989), Tacy (1997), Sanford (2002), Young-Eisendrath (2002) e Moraes (2009). Serão consideradas também, as contribuições teóricas de Fromm (1988), Erikson (1987), Giddens (1992), Lipovestky (2000), Muraro (2001), Bauman (2004), Hime (2008), entre outros.

---

\* Bauman (2004) define a sociedade moderna líquida como “um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível” (p. 4). Essa sociedade está caracterizada pela incerteza em relação ao futuro, a fragilidade da posição social e dos laços, e a insegurança existencial, mas também existe a possibilidade de reconhecer o desejo de estreitar o que está frouxo.

\*\* Comunicação oral do Professor Doutor Durval Luiz de Faria em 20 de set. de 2013.

## **2 OBJETIVO**

Compreender o relato subjetivo de mulheres jovens que moram em repúblicas da cidade de São Paulo a respeito das relações íntimas amorosas com os homens.

### **Questões**

- Identificar os valores que para as mulheres definem os relacionamentos íntimos amorosos com os parceiros.
- Assinalar os ganhos e conflitos que as mulheres percebem nos relacionamentos íntimos amorosos com os homens.
- Assinalar a avaliação das mulheres sobre si mesmas, sobre os parceiros e sobre as relações íntimas amorosas.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 Caracterização do estudo

Foi utilizado o método qualitativo. Esse método segue uma tradição compreensiva ou interpretativa que parte do pressuposto de que “as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato precisando ser desvelado” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 131). Para compreender os relatos das mulheres sobre as relações íntimas amorosas com os homens, a psicologia analítica propõe considerar as relações casuais e não casuais e os aspectos conscientes e inconscientes. Esses elementos se manifestam e são simbolizados nas ideias, sentimentos, atitudes, valores, fantasias e motivações das pessoas, os quais serão a chave na interpretação e na construção do conhecimento (PENNA, 2009).

Como primeiro passo para a elaboração do projeto, foi realizado o levantamento bibliográfico. Os artigos, monografias, dissertações e teses foram procurados em sites das publicações junguianas, como a *Junguiana* da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, os *Cadernos Junguianos* da Associação Junguiana do Brasil, o *Journal of Analytical Psychology* e alguns artigos publicados no site de ADEPAC (Asociación para el Desarrollo de la Psicología Analítica en Colombia). Procurou-se ainda no Banco de teses da CAPES, no Google acadêmico, Scielo, PubMed e na Biblioteca da PUC. Usaram-se termos chaves como: identidade, feminino, mulher, papéis sexuais, animus, repúblicas, amor, relacionamentos afetivos, intimidade, eros e casais. Os artigos foram selecionados de acordo com a presença dos termos chaves utilizados.

#### 3.2 Participantes

As participantes da pesquisa foram 12 mulheres adultas entre 21 e 36 anos, formadas e/ou trabalhando, que não estavam casadas, e que moravam em repúblicas da cidade de São Paulo. Foram critérios de exclusão estar casada, ser estudante de faculdade sem estar trabalhando, ter antecedentes psiquiátricos e ter filhos. Considerou-se que essa idade representa a fase na qual se intensifica a percepção de conflitos referentes à intimidade e às relações afetivas (ERIKSON, 1987). Moraes (1994) justificou que as mulheres dessa

faixa etária e classe econômica estão na busca de definir seus projetos afetivos e que elas vivem mais amplamente os impactos das mudanças nas relações de gênero.

### **3.3 Local da pesquisa**

Os instrumentos foram aplicados no espaço escolhido pelas participantes, predominando a escolha pelas repúblicas onde elas moravam e outras optaram por espaços públicos.

### **3.4 Instrumentos**

#### **3.4.1 Desenho-Estória (D-E) com tema**

O Desenho-Estória (D-E) foi originalmente apresentado por Walter Trinca em 1972. Este instrumento facilita a exploração ampla da personalidade, a investigação da dinâmica dos processos inconscientes e dos conflitos emocionais, inserindo-se em um processo de tipo compreensivo. O desenho estrutura uma situação incompleta na qual o sujeito revela seus próprios esforços, disposições e conflitos nos setores que são emocionalmente mais sensíveis (TRINCA, 1987). Na versão proposta por Aiello-Vaisberg solicita-se ao sujeito um desenho específico em termos temáticos. Posteriormente, pede-se à pessoa que invente uma história sobre o desenho e que a escreva no verso da folha. Realiza-se uma fase de inquérito, destinada esclarecer o material e gerar novas associações. Para finalizar a participante escolhe um título para o desenho. Segundo as instruções do criador, o procedimento é repetido até conseguir uma série de cinco unidades (TRINCA, 1997).

Na pesquisa foi solicitado às participantes que desenhassem algo que para elas representasse a intimidade na relação amorosa com um homem, repetindo o procedimento da forma indicada originalmente por Trinca. Considerando que o desenho-estória é uma produção livre que se amplifica com as associações e verbalizações da fase de inquérito, o instrumento era aplicado inicialmente, antes da entrevista, para possibilitar a emergência dos símbolos e relatos que as participantes subjetivamente relacionavam com o tema.

A avaliação dos desenhos considerou os critérios de interpretação propostos por Trinca (1997), realizando uma análise geral e uma análise de dois casos. Na análise geral, realizou-se uma categorização dos desenhos, levantando informações relacionadas com

elementos propostos por Trinca (1997) e Furth (2004), tais como: atitude básica das figuras significativas (relação com si próprio e com o mundo), sentimentos, desejos, símbolos, títulos, histórias, e os detalhes, destaques e omissões. A análise individual foi embasada na psicologia analítica e se consideraram as orientações dos autores, apresentando uma interpretação que integrasse os elementos essenciais e os conflitos considerando a história, os símbolos dos desenhos e a sequência de produção.

### 3.4.2 Entrevista semiestruturada individual

A entrevista é um instrumento que permite estabelecer ou descobrir os diferentes pontos de vista que existem sobre os fatos e que constituem as realidades essenciais das pessoas, servindo para a compreensão e a descrição detalhada dessas perspectivas e realidades (GASKELL, 2002). Na pesquisa, a entrevista é configurada por um roteiro de perguntas semiestruturadas e precedida por um questionário socio-demográfico. O questionário permitiria definir o cumprimento dos critérios de inclusão e exclusão. O roteiro da entrevista foi construído para a pesquisa, fundamentando-se na descrição feita por Guiddens (1992) para o conceito de relacionamento puro e amor confluyente, e nos questionários utilizados nas pesquisas de Moraes (1994) e Gross e Simmons (2002).

#### A. Questionário socio-demográfico

- Nome e apelido para a pesquisa.
- Idade.
- Profissão – trabalho.
- Nível educativo.
- Estado civil.
- Filhos.
- Tratamento psiquiátrico ou psicológico. Diagnóstico.
- País – cidade de origem.
- Tempo em São Paulo.
- Tempo em república.
- Meio para estabelecer contato (numero do celular ou e-mail).

## B. Roteiro da entrevista semiestruturada

- O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem? Poderia descrever esses elementos?
- Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?
- Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?
- Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?
- Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?
- Teve algum(ns) relacionamento(s) afetivo(s) com parceiro(s)? (Se a participante respondia que não, perguntava-se por que, ou se ela estabelecia algum outro tipo de relacionamentos com eles).
- Pode me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?
- Como você se percebeu nessa relação?
- O que ela significou para você?
- Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?
- Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?
- Há algo mais que gostaria de dizer?

## 3.5 Procedimento

### 3.5.1 Procedimento de seleção da amostra

Foram selecionadas repúblicas localizadas em um bairro próximo da universidade, facilitando o deslocamento das participantes e da pesquisadora. Realizou-se um primeiro contato com as moradoras, marcando os encontros para aplicar os instrumentos com aquelas que cumpriram com os critérios de inclusão da pesquisa especificados no questionário. Como a pesquisa utilizou uma amostra por conveniência, as participantes contatadas indicavam outras mulheres que poderiam realizar as entrevistas. As mulheres indicadas moravam na mesma república ou em outra localizada na cidade de São Paulo.

### 3.5.2 Procedimento de aplicação

No primeiro encontro com as participantes foram explicados os aspectos gerais da pesquisa, entregando e explicando o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A). Posteriormente foram recolhidos os dados socio-demográficos, conferindo o cumprimento dos critérios de inclusão e exclusão. Foram combinadas a data e o lugar para a aplicação dos instrumentos, considerando a disponibilidade das participantes (ver item 3.3). Os encontros duraram entre quarenta e cinco minutos e duas horas. Inicialmente foi aplicado o Desenho-Estória com tema, solicitado à participante que desenhasse algo que para ela representasse a intimidade na relação amorosa com um homem, e logo se aplicou o roteiro da entrevista semiestruturada individual.

### 3.5.3 Procedimento de avaliação e análise

O processo de análise das entrevistas considerou o desenvolvimento de um sistema de categorias de codificação para organizar os dados obtidos. As categorias de codificação são um meio de classificação que permite identificar as regularidades, padrões e tópicos presentes nos dados. Recomenda-se uma abordagem indutiva na qual as categorias emergem progressivamente durante o processo de coleta e análise de dados (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998). No entanto, é importante lembrar que a análise sempre será moldada pela perspectiva teórica, os objetivos, as questões e pelas ideias que o investigador partilha sobre o tema da pesquisa.

Seguiram-se os momentos propostos pelas pesquisadoras Elsy Bonilla e Penelope Rodriguez Sehk (1995) para a análise de dados qualitativos: o trabalho de campo e a identificação de padrões. Na primeira fase do trabalho de campo foram coletados os dados através dos instrumentos. Na fase da organização do trabalho de campo e na identificação dos padrões, realizou-se uma revisão dos dados identificando as categorias e subcategorias que foram apresentadas em quadros e exemplificadas com as falas e desenhos realizados pelas participantes. No capítulo dos resultados, a identificação de padrões foi articulada com a técnica da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), realizando uma indução analítica que permitiu descrever, analisar e relacionar os dados com a teoria, o objetivo e as questões da pesquisa.

A avaliação dos desenhos foi baseada na teoria da psicologia analítica, utilizando princípios propostos por Furth (2004) e o método da amplificação simbólica criado por Carl G. Jung (PENNA, 2009) que facilitam uma interpretação dos significados e das associações pessoais e coletivas sobre o material apresentado. Empregaram-se também alguns dos elementos de análise propostos por Trinca (1997). Na descrição dos resultados, apresentou-se uma análise geral e uma análise individual de dois casos. Na análise geral, levantaram-se as informações dos desenhos e das entrevistas de todas as participantes, associando os dados com as categorias e subcategorias.

Os casos de Primavera e Pollyana foram escolhidos para realizar uma análise individual, porque suas experiências e ideias trouxeram elementos significativos para compreender o tema da pesquisa. Nos desenhos e as histórias, Primavera escolheu símbolos e imagens originais e criativos, apresentando suas ideias e vivências sobre os relacionamentos íntimos amorosos com os homens. A entrevista de Pollyana traz uma descrição muito rica sobre a sua experiência em república, e sobre as relações íntimas que ela teve com alguns homens na cidade São Paulo, elementos que contrastam com as expectativas e ideais descritos nos relatos e imagens do Desenho-estória.

#### 3.5.4 Procedimento ético

Foram alterados os nomes das participantes para evitar sua identificação. Em conformidade com a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde que regulamenta a pesquisa com seres humanos, o projeto foi submetido a aprovação para obter o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foram anexados os protocolos do Termo de consentimento livre e esclarecido (anexo A) e do Termo de compromisso do pesquisador (anexo B). Apresenta-se o parecer de aprovação nos anexos (Anexo C), o qual certifica que a presente pesquisa cumpre com os critérios da relevância social e da autonomia. Após a conclusão da pesquisa, a pesquisadora realizou uma devolução às participantes, permitindo que as análises e considerações gerais do estudo fossem disponibilizadas para elas.

## **4 REVISÃO DE PESQUISAS SOBRE O TEMA**

O capítulo descreve artigos, monografias, dissertações e teses feitas sobre o feminino, considerando as mudanças acontecidas nos papéis sexuais e na entrada da mulher no campo profissional. Também foram incluídos estudos sobre o amor, a intimidade e os vínculos afetivos, que foram realizados com populações compostas por casais ou por mulheres. No texto serão agrupadas três áreas de estudo: a reformulação e mudanças do feminino na contemporaneidade, as discussões sobre a relação mulher e trabalho, e uma revisão do conceito de amor e os relacionamentos na atualidade.

### **4.1 A mulher, o feminino e os papéis sexuais na contemporaneidade**

Considerando a mulher, suas imagens do feminino e os papéis sexuais, as pesquisas descritas abaixo mostram inicialmente as grandes mudanças acontecidas na história. A população feminina entrou no âmbito laboral, deixando seus lares para começar a estudar e a trabalhar, e mudando a condição de mulher submetida e passiva. Os profissionais de diversas disciplinas mostram-se interessados em conhecer como mulher experimentou essas mudanças, perguntam-se como foi atingida sua identidade, seus papéis e suas relações nesse processo de transformação, que também traz para ela grandes desafios.

Izildinha Konichi (2001) realizou uma análise do feminino nos símbolos e rituais da bruxaria Wicca, utilizando também algumas entrevistas. As participantes manifestaram ter uma imagem nova de si mesmas, reconhecendo suas singularidades, possibilidades e dificuldades, e questionando os papéis impostos pela sociedade. Ana Patrícia Chagas Bogado (2003) realizou uma análise da figura de Maria Madalena nos Evangelhos, descrevendo os papéis tradicionais no patriarcado que associa feminino com inconsciente, instinto e corpo, e masculino com consciência, palavra, conhecimento e autoridade espiritual. Isto gerou a supremacia dos homens e a desvalorização das mulheres, definindo uma estrutura hierárquica de status e poder. Ambas as pesquisas apelam para a integração de feminino e masculino, desenvolvendo uma experiência da alteridade.

Na mesma linha das duas pesquisas citadas, Izildinha Konichi (2011) realizou em sua tese de doutorado um estudo sobre as representações simbólicas do feminino. Analisou uma população de 113 mulheres entre 20 e 50 anos residentes na cidade de São Paulo. O estudo utilizou um referencial teórico junguiano e um questionário estruturado, “A roda

das deusas”, que foi retirado do livro *A deusa interior* de Jennifer Barker Woolger e Roger J. Woolger, no qual os mitos das deusas gregas são utilizados como metáforas de aspectos que as mulheres podem desenvolver no processo de individuação.

Na interpretação que a autora faz dos dados, aparecem mulheres que afirmam a posse e a expressão da sua sexualidade, corpo, sentidos e desejos ao escolher a Afrodite. No entanto, elas parecem experimentar dificuldades para abordar os sentimentos de dependência e insegurança que emergem na relação com o masculino, aspectos colocados na sombra e representados por Perséfone. A autora também percebe que as mulheres na faixa etária entre os 20 e os 30 relegam os sentimentos e a intuição a um segundo plano, mostrando-se dispostas a assumir o lugar do masculino, fazendo uso de atitudes racionais e competitivas que são atribuídas a um animus opressor, reprimidor e castrador.

Konichi (2001 e 2011) e Bogado (2003) mostraram a ampliação que as mulheres têm da imagem do feminino. As pesquisadoras buscam resgatar os símbolos obscurecidos dentro das culturas ocidentais, realizando uma análise dos conteúdos rejeitados. Elas destacam o encontro com esses aspectos que foram atribuídos às mulheres e ao feminino como um dos primeiros passos que permitiu as mudanças modernas, o reconhecimento da divisão sexual e o valor dos papéis de gênero. Também mostraram os conflitos que emergem para as pessoas que se identificam com padrões atribuídos ao outro sexo, e como o feminino que tentava ser resgatado poderia ser obscurecido pela imitação dos modelos masculinos. Embora sua visão tradicional seja compartilhada por outros pesquisadores citados, há alguns teóricos que as questionaram, principalmente ao diferenciar sexo e gênero.

Trazendo estudos que focalizaram os papéis sexuais das mulheres, Noely Montes Moraes (1987) entrevistou mulheres profissionais, com idades entre 29 e 41 anos, identificando os aspectos que as participantes definiram como femininos e masculinos e que elas valorizam na constituição da identidade e dos papéis sexuais. Nos resultados, as mulheres consideram como enriquecedores os seguintes elementos do feminino: maternidade, cuidado, estética, organização doméstica, enfrentar os problemas vinculares, afetividade intensa, sensualidade e contato com a subjetividade. Os aspectos masculinos que desejam incorporar são: acesso às profissões tradicionalmente masculinas, iniciativa no amor, prover, objetividade, ousadia, liberdade, autorreferência, organização, firmeza e liderança.

Nesta pesquisa, masculino e feminino são compreendidos como polaridades arquetípicas. No entanto, eles também estão associados aos papéis sexuais que são determinados por modelos e padrões históricos, além de relacionarem-se com elementos biológicos que não são definidos pela cultura. Na análise, a pesquisadora explica que o feminino está incorporando novos aspectos e se relaciona com os conteúdos tradicionalmente considerados masculinos, propondo uma revisão dos papéis sexuais das mulheres que fazem uma ênfase na possibilidade da “adoção de ambos os domínios” (MORAES, 1987 p. 61). Essa revisão inaugura modelos que se caracterizam por uma maior flexibilidade, mas também pelos conflitos dos antigos padrões que, embora fossem criticados, se mantêm ativos nas visões das pessoas sobre o mundo e sobre elas mesmas.

Destacando os conflitos e contradições entre os padrões antigos e novos, Leonor Chaves (2003) analisa o comportamento das mulheres urbanas que praticam as tradições do Santo Daime. Essa pesquisa destaca que as mulheres não seguem o discurso que privilegia a maternidade e o serviço à família na vida social e profissional, mas assumem papéis tradicionais de passividade e submissão nos rituais religiosos. Vera Coelho e Maria Mori (2004) realizaram um levantamento de pesquisas sobre os aspectos biopsicosociais das mulheres na meia idade, identificando que esta população está insatisfeita com os papéis tradicionais, pelo que aceitaram formas de vinculação que integram modelos modernos. Enquanto no mundo institucionalizado da religião se mantêm os papéis tradicionais, nas áreas afetiva, social, profissional e laboral, as mulheres aceitam as novas possibilidades.

Numa perspectiva diferente comparada com as anteriores pesquisadoras, Daniela Borba (2008) apresenta uma análise da experiência de dez mulheres hispano-americanas casadas com executivos expatriados no Brasil. A pesquisa destaca os conflitos que essas mulheres experimentaram pelas mudanças nos seus papéis sexuais, além das contradições que se estabelecem entre vida profissional e vida familiar. A imigração traz um encontro com o desconhecido e novo, com sua renovação, transformação e ampliação de horizontes; mas também com o desconforto, o desamparo, a incompreensão e a dependência de outros. A elaboração positiva das mudanças motiva o reconhecimento e aprofundamento das relações íntimas e familiares, e o desenvolvimento da maternidade e a feminilidade.

Os fatores de risco identificados para estas mulheres são a repressão da auto-expressão, fenômeno que dificulta a realização dos próprios desejos, e pode estimular a dependência

do cônjuge. Borba (2008) conclui que seria fundamental motivar as mulheres para desenvolver seus projetos, independentes da família e do parceiro, para protegê-las diante dos fatores de risco. É importante destacar a visão dos conflitos que tem esta pesquisa, na qual as transformações nos papéis sexuais, embora trazem confrontos, também são possibilidades de desenvolvimento individual, profissional e dos relacionamentos.

Analisando com um enfoque junguiano os desafios e conflitos dos novos papéis, Marcia Maria Marchi Agostinho Rodrigues (2003) entrevistou mulheres acima de 40 anos, identificando nelas um sentimento de estarem presas aos novos papéis e às responsabilidades conferidas pelas mudanças sociais, mas que estão na busca de sua individualidade. Carmen Silvia P. de Carvalho e colaboradores (2005) mostraram que as mulheres entre 20 e 44 estão atentas ao desenvolvimento de potencialidades que definem como femininas, tais como: doação, união, criação, manifestação do amor e geração de vida. Na juventude, elas procuravam relações para cumprir com expectativas externas, identificando-se com papéis que conflitavam com outras metas profissionais ou individuais. O questionamento das identificações e dos papéis só acontecia na maturidade.

Beatriz Helena Cerqueira de Tanas (2003) trabalhou com mulheres de 25 a 35, explicando que sua percepção do feminino poderia estar relacionada com o conceito junguiano do Eros (JUNG [1948], 2011i), já que elas utilizam adjetivos para descrevê-lo tais como: carinhosa, protetora, amiga, parceira, companheira, compreensiva e flexível. O lado frágil das mulheres foi descrito como: deprimida, dependente, vulnerável e insegura. As mulheres também perceberam que precisam desenvolver o companheirismo, pois querem viver e sentir mais seus vínculos, mas se sentem sobrecarregadas pela necessidade de assumir múltiplas tarefas e papéis, ficando sem tempo para si e para as relações ou assuntando os homens pelo sucesso profissional. Em palavras da autora:

As relações foram abaladas [...] o fato da mulher ter se emancipado, deixou os homens confusos, em relação a como se relacionar com esta nova mulher, que agora trabalha e ganha seu próprio dinheiro [...] A mulher procura o companheiro, cúmplice, que se relacione com ela, que seja o amante e o amigo, mais que o provedor. Com isto, homens e mulheres necessitam re-aprender a se relacionar, uns com os outros. O relacionamento se faz necessário. É com ele que aprendemos mais sobre nós mesmos (TANAS, 2003, p. 83-84).

Neste ponto é necessário esclarecer alguns dos pressupostos teóricos das pesquisas apresentadas. As visões de Rodrigues (2003), Tanas (2003) e Carvalho (2005) estão caracterizadas por uma compreensão tradicional do feminino e do masculino, utilizando

os conceitos de *persona* e *animus*\* da psicologia analítica para descrever os conflitos emergentes nas mulheres ao integrar nos seus papéis os aspectos tidos como masculinos. As pesquisadoras descrevem esses conflitos explicando que as mulheres se sentiram pressionadas à *persona* e a um *animus* que agem de uma forma negativa, masculinizando-a e quebrando o laço com o feminino. Embora seja possível realizar outra leitura utilizando o mesmo referencial teórico, é muito importante destacar os achados relacionados com os conflitos que experimentaram as mulheres para assumir e integrar as novas exigências.

As pesquisas sobre o tema do feminino conseguem mostrar as grandes mudanças que aconteceram nas sociedades e na mulher no século XX com o movimento feminino, a pílula, o direito ao voto, o reconhecimento do lugar da mulher no trabalho, e a possibilidade de realizar uma escolha profissional. No entanto, as interpretações que essas pesquisas fizeram da mulher e das mudanças são influenciadas pelas teorias que as fundamentam. Konichi (2011 e 2001), Carvalho (2005), Tanas (2003), Bogado (2003), Rodrigues (2003) e Moraes (1987) compartilham uma base teórica junguiana clássica (JUNG [1948], 2011i), representando feminino e masculino como princípios universais com características inerentes, que tradicionalmente foram associadas com Eros e Logos.

Assim, as configurações da identidade, da *persona* e dos papéis da mulher, estão definidas por suas relações com a emoção, o cuidado, a capacidade para se relacionar, e outros elementos do Eros (JUNG [1948], 2011i). Esses aspectos seriam compensados por uma personalidade interna, o *animus*, que traz características masculinas como poder, palavra, ação, força, autonomia e liderança. Fundamentados neste marco teórico, as pesquisadoras Konichi (2011 e 2001), Carvalho (2005), Tanas (2003), Bogado (2003) e Rodrigues (2003) mostraram uma mulher ligada aos atributos femininos, mas que, com as mudanças desenvolveu um *animus* negativo que se expressa com a repressão e a rigidez.

Embora os estudos mostrem a importância da flexibilidade e a necessidade de integração entre os opostos, muitos deles também chegaram à conclusão de uma identificação da mulher com aspectos tradicionalmente atribuídos aos papéis sexuais. Nessa compressão dualista do feminino e masculino, a mulher tem uma relação conflituosa com os

---

\* Para Jung ([1928] 2011e) a *persona* é uma personalidade externa, uma máscara que o indivíduo apresenta aos outros e utilizá-la para se adaptar ao mundo social. A *persona* reflete as normas, as expectativas, os papéis sexuais predominantes na cultura. Enquanto a *persona* representa a imagem ideal do indivíduo tal e como ele deseja ser, o *animus* e a *anima* são personalidades internas opostas e compensatórias.

elementos masculinos que faltam nela. Assim, a relação da mulher com o Eros não é questionada, mas reforçada, considerando que aspectos como autonomia e independência não lhe são próprios ou, em outras palavras, são alheios e contrários à sua natureza.

Os conflitos entre masculino e feminino estão associados aos paradoxos que caracterizam a descrição da mulher que assume múltiplas tarefas. Sem negar os sofrimentos que experimenta a mulher para assumir os diversos papéis propostos pelas dinâmicas sociais, é importante considerar as relações e diferenças entre a compreensão tradicional do feminino e do masculino, e uma mulher que se percebe e é percebida como dividida entre diferentes possibilidades e responsabilidades. Mesmo que feminino e masculino pareçam importantes na configuração das culturas e da psique, já se fizeram questionamentos que trazem a sua configuração social e individual, colocando em dúvida as suas características universais. Por exemplo, Tacey (1997) levantou críticas explicando que a mulher e o homem não teriam atributos inerentes, mas considera que a psique continua utilizando feminino e masculino, homem e mulher, como símbolos de dois polos opostos.

Existiria um conjunto de atributos humanos que inicialmente seriam divididos em opostos pela cultura e por cada pessoa, com a possibilidade de uma posterior integração no percorrer do desenvolvimento. Aspectos como ser mulher, o feminino e a feminidade são questões fundamentais em muitos momentos da história humana. Porém, eles são ressignificados por cada cultura e por cada mulher, considerando novos valores e possibilidades de realização que emergem nos papéis desempenhados nas relações, no trabalho e na profissão. Resolver os conflitos que essas mudanças trazem pode ser uma das tarefas mais complexas defrontadas pelos seres humanos em geral, e pela mulher em particular, pensando nas múltiplas demandas e ideais pessoais e sociais.

#### **4.2 A relação mulher e trabalho**

Aprofundando processos de transformação que acontecem com a entrada das mulheres no trabalho e a divisão tradicional entre masculino e feminino, Rita de Cassia Cunha Morais (2003) mostra a relação das mulheres executivas brasileiras entre 37 e 48 anos com o trabalho, seus esposos e sua identidade feminina, além dos aspectos inconscientes. Na relação com o trabalho, predomina nas mulheres as motivações associadas com as

necessidades da família e a identificação com a persona profissional, e poucas percebem suas carreiras como uma auto-afirmação ou como um rompimento com padrões sociais.

Nas relações com os homens que representam uma figura de autoridade e respeito, as mulheres assumem uma posição inferior que não lhes permite serem livres para fazer o que desejam. Sentem-se subjugadas na sua identidade e na sua relação com a própria feminidade. Esta e outras das pesquisas citadas foram realizadas no começo do século XXI, trabalhando com amostras de mulheres acima dos quarenta anos. Esses estudos estavam tentando compreender as mudanças que aconteceram com as mulheres em seus papéis sexuais, mostrando as possibilidades e os conflitos que surgiram no encontro entre o novo e antigo nas áreas profissionais, afetiva e social. Os dados poderiam mudar se são consideradas mulheres em outra faixa etária ou se os mesmos estudos são replicados com mulheres que atualmente trabalham como executivas.

Maria Lucia Salla (2005) estuda a desfeminilização cultural e a saúde de executivas, analisando uma amostra de 15 mulheres maiores de 25 anos. A autora considera a desfeminilização como um processo pelo qual as mulheres utilizam uma maneira masculina de lutar, ficando “possuídas pelo animus” e rejeitando os papéis tradicionais femininos como mãe, dona da casa e esposa, e os aspectos que consideram instintivos e ambíguos do seu próprio ser. Elas desejam provar igualdade com os homens e para isto comportam-se como eles, tentando atender as expectativas sociais masculinas.

Com resultados semelhantes, Ana Carolina Falcone Garcia (2006) entrevistou mulheres profissionais e descreveu a relação existente entre suas carreiras e o vínculo com o pai, reconhecendo-o como uma figura significativa que marcou e auxiliou o seu crescimento individual. Segundo a autora, elas apresentaram um complexo paterno que acentua a idealização desta figura e o papel de filha, desenvolvendo aspectos que tradicionalmente são atribuídos ao masculino e ao animus, tais como discriminação, força e razão, e apresentando uma dedicação exagerada ao trabalho. Elas desvalorizam o feminino e a condição de mulher que estão associadas com a mãe como modelo vincular e afetivo.

Salla (2005) e Garcia (2006) empregam os conceitos clássicos sobre feminino e masculino para compreender a influencia que teve a entrada no mundo laborar sobre as mulheres, especificamente como essa experiência contribuiu para mudar sua percepção de

si mesma, da família, dos relacionamentos e da profissão. Tradicionalmente, as mulheres tiveram papéis qualificados como receptivos e foram valorizadas pelas funções cumpridas no lar, enquanto os homens eram responsabilizados pelo mundo social. Na busca pela igualdade de direitos, as participantes das pesquisas optaram também por imitar o modelo masculino valorizado socialmente, expressando elementos que anteriormente foram reprimidos nelas, mas considerados como próprios dos homens e do pai.

Na valorização do modelo oferecido pela figura paterna e no questionamento do papel da mãe tradicional que descrevem as pesquisas de Salla (2005) e Garcia (2006), as mulheres também poderiam integrar os aspectos próprios que foram projetados nessas figuras. O foco não seria a masculinização das mulheres, mas as práticas profissionais que lhes permitem encontrar seu lugar no mundo e relacionarem-se com os novos papéis e com os aspectos pessoais que são considerados masculinos na cultura e na experiência individual. Seguindo o mesmo raciocínio, mas com um olhar teórico diferente Claudio Lopes (2010) realizou uma pesquisa entrevistando onze angolanas trabalhadoras. Ele colocou o trabalho e a participação política como formas de construir caminhos que podem fortalecer a luta das mulheres pela autonomia, lembrando que é uma luta que se realiza por meio da educação como uma ponte que liga as mulheres com seu contexto social.

A análise da relação mulher e trabalho apresentada pelos estudos citados incorre na limitação já apontada, considerando as definições tradicionais sobre feminino e masculino e sobre anima e animus. Conservando a divisão tradicional exposta e a universalidade dos atributos do feminino, nas pesquisas de Moraes (2003), Salla (2005) e Garcia (2006), a mulher perdeu a feminilidade. Sem dúvida é importante considerar que o âmbito do trabalho foi historicamente dominado e atribuído aos homens, mas é reducionista pensar que a mulher está possuída por aspectos masculinos que não refletem sua essência.

Ao vivenciar o trabalho como uma experiência garantida pelas condições das sociedades contemporâneas, a mulher está em uma situação de ganhos e perdas. Ela ganha em reconhecimento social por possuir uma autonomia e uma liberdade de escolha profissional e afetiva. Ganha também ao conseguir independência econômica e política e liberdade de crenças, além de ter um nível de domínio sobre a sua sexualidade e o seu corpo. Contudo, perde a segurança e o conforto fornecidos pelos papéis antigos que não desaparecem da sua cultura e continuam atingindo a configuração da sua psique.

Na pergunta pelo ser feminino e na sua expressão nos papéis sociais, as sociedades atuais só oferecem um leque de significados. Cada mulher dará uma resposta a essa questão, assumindo e construindo papéis de acordo com suas necessidades e desejos. O trabalho sem dúvida deixou a mulher mais perto da palavra, do conhecimento, da liberdade e da autonomia como apontou Lopes (2010), constituindo-se como uma das áreas na qual ela poderá escolher e desenvolver com maior consciência alguns elementos da sua vida, mas trouxe as dúvidas e os questionamentos próprios dessas mudanças.

### **4.3 Os relacionamentos e o amor na contemporaneidade**

Nos Estados Unidos, Neil Gross e Solon Simmons (2002) utilizaram os dados de 3.032 homens e mulheres entre 25 e 74 anos para analisar a intimidade e as relações. Os autores embasam-se no conceito de Giddens sobre os relacionamentos puros e o amor confluyente, que são entendidos como modelos vinculares nos quais existem igualdade emocional, sexual e de poder entre os parceiros. Segundo a hipótese dos autores, nesses relacionamentos faltaria a segurança psicológica, porque esses vínculos são, por sua natureza, contingentes e neles sempre está presente a ameaça da dissolução, gerando ansiedade. Os autores fizeram um questionário para avaliar a intimidade considerando variáveis, tais como: a compreensão dentro do relacionamento, a comunicação das preocupações e de questões importantes, e finalmente a igualdade de gênero.

Contrariando a sua hipótese inicial, os autores concluíram que nas sociedades, nas quais o modelo do relacionamento do amor puro se torna central, há uma redução dos níveis de insegurança. As pessoas não se importam pela ameaça da dissolução e sua contingência poderia estar a favor de novas experiências mais satisfatórias, representando a intimidade um potencial para refazer uma ordem social compatível com o princípio de igualdade. Sobre os relacionamentos puros e o amor confluyente, as conclusões mais importantes foram que as pessoas que os estabeleceram experimentaram uma intensificação dos sentimentos de autonomia, sentindo-se felizes com seus parceiros, apoiando arranjos políticos igualitários, e não sofrem de ansiedade mais do que outras pessoas.

Ana Maria Tytko Armelin (1992), Margaret Maria Chillemi (2003) e Reginaldo de Abreu Araujo da Silva (2007) reconheceram o potencial transformador do amor destacado na pesquisa de Simmons e Gross (2002). Os autores realizaram análises de mitos, de textos

religiosos e de filmes. Para eles, um relacionamento é um encontro disruptivo “que pode afetar e produzir deslocamentos e diferenças no nosso próprio modo de existir” (CHILLEMI, 2003, p. 22), é um encontro íntimo, transformador e heroico que implica a diferenciação entre desejo e amor para reconhecer o companheiro como um indivíduo diferente. No entanto, Chillemi (2003) explica que o amor também pode ser uma das peças do capitalismo, reproduzindo estereótipos que caracterizam as representações sociais, os valores e os papéis sexuais do amor romântico e do amor paixão.

Noely Montes Moraes (1997), Beatriz Helena Cerqueira de Tanas (2003) e Carmen Silvia P. de Carvalho e colaboradores (2005) entrevistaram mulheres na faixa etária 20 e 44 anos, com o intuito de estudar aspectos tais como: perfil do parceiro desejado, queixas e expectativas das mulheres sobre os vínculos e as dificuldades para relacionar-se. Compartilhando um marco teórico junguiano, as autoras consideraram que o vínculo afetivo representa, simbolicamente, uma possibilidade para a aceitação do que é estranho, reprimido e diferente, e que não pode ser controlado ou alterado. Esses aspectos personificados pelo animus estão projetados no parceiro. Gustavo Monteiro Pessoa de Andrade e Flavia Arantes Hime (2009) compartilham o referencial teórico junguiano, caracterizando as pessoas das sociedades atuais como angustiadas e desorientadas para lidar com relacionamentos que desafiam e exigem transformação.

Um aspecto importante nesse processo de mudança é a compreensão da alteridade como convivência dos opostos, um encontro que desafia o “eu” e o coloca diante de uma aventura, revendo os valores e os ganhos e as perdas que trazem as escolhas. Além de serem determinados pelos modelos socio-econômicos, os relacionamentos são, para os pesquisadores junguianos, experiências arquetípicas que possuem o caráter transformador e revolucionário que foi apontado por Gross e Simmons (2002) e Chillemi (2003). Esses autores, afirmam que o caráter transformador contribui para o desenvolvimento psíquico, confrontando o indivíduo com aquilo que precisa ser reconhecido e integrado.

Na pesquisa de Moraes (1997), embora as entrevistadas reconhecessem as contradições da sociedade quanto ao que se espera delas, elas valorizam os vínculos afetivos da mesma forma que seu desenvolvimento profissional, mas estão incertas quanto à concretização das relações. Na atualidade, parece emergir mulheres que deixam de ser passivas e assumem a tarefa de redimir seus parceiros que estão apavorados e confusos. Para essas

mulheres, as relações não têm perspectivas de longo prazo, permitindo maior número de encontros ou o rompimento de uma relação insatisfatória. Contrariando os resultados das pesquisas de Gross e Simmons (2002), as mulheres brasileiras percebem a brevidade como um medo do envolvimento ou uma fuga das dificuldades, conflitos que normalmente são atribuídos aos homens e trouxeram a vulnerabilidade, a dependência do companheiro e o sofrimento causado pelas decepções amorosas.

Tanas (2003) conclui que as mulheres foram educadas para obedecer ou submeter-se e, possuindo um animus aguçado e perseguidor interno que dificulta o contato com os desejos pessoais. Diante disso, apareceram dificuldades para se relacionar. Por exemplo, pode-se citar a negação da alteridade do parceiro; a utilização do outro como um objeto sem vínculo afetivo; ou não criticar seus pensamentos e ideais em relação aos homens e aos relacionamentos amorosos. Nas entrevistas, os adjetivos usados pelas mulheres para descrever essas dificuldades foram: intolerante, fechada, inflexível, autoritária e dominadora. Carvalho (2005) destacou outros elementos paradoxais das relações amorosas das mulheres, que são expressos nos desejos de obter respeito e admiração dos seus parceiros e, ao mesmo tempo, buscam ser cuidadas e compreendidas por eles.

As pesquisadoras junguianas usaram uma visão que coloca como opostos a independência e a fragilidade.. Porém, é importante reconhecer que a fragilidade e a vulnerabilidade também são experiências emocionais necessárias para o desenvolvimento e a construção das relações, e não impedem a interdependência quando elaboradas. Flavia Hime (2004) destaca esse elemento na sua tese de doutorado, que buscou compreender a história de vida de algumas mulheres considerando as relações amorosas como intermediárias para escolher ou rejeitar possibilidades do ser. A autora mostrou também como nas relações se sobrepõem padrões antigos e modernos que passam de hierárquicas para igualitárias, com a valorização da realização pessoal e amorosa. Os vínculos que promovem o crescimento:

[...] caracterizam-se por uma abertura de um dos dois parceiros em relação ao outro e a si mesmo. Cada um torna-se vulnerável ao outro, o que pressupõe um sentimento de confiança no ser amado e na própria possibilidade de inspirar cuidado [...] a mutualidade: refere-se à possibilidade de equilíbrio entre o dar e receber e à simetria nas relações (HIME, 2004, p. 2-3).

Hime (2004) tem uma compreensão do feminino e do amor alinhada com os estudos contemporâneos. O feminino é compreendido em um contexto socio-cultural, em um momento histórico e em um espaço geográfico. Embora socialmente construídos, os

papéis precisam ser resinificados e são complementados pelos projetos afetivos e profissionais. Assim, hoje a mulher é uma autocriação, valorizada pelo livre-arbítrio.

Ao relacionar amor e feminino, a autora enfatiza que esse sentimento é uma crença social que foi integrada nas aspirações de autonomia da mulher. Hime (2004) reconhece o aspecto positivo da vulnerabilidade como parte do processo de entrega na relação, destacando que, na experiência da fragilidade, o ser humano pode ser iniciado para reconhecer o carinho, a confiança e os cuidados oferecidos. A este respeito, a pesquisa de Stacy Lindau e colaboradores (2011) mostrou que, em situações de vulnerabilidade física, a intimidade emocional aumenta, incrementando-se a proximidade afetiva e a valorização do parceiro. O estudo também enfatiza a importância da comunicação entre os parceiros, considerando o impacto emocional das palavras e valorizando o diálogo.

Integrando as análises das pesquisas apresentadas, é importante destacar que elas reconhecem os novos desafios existentes no campo amoroso que foram gerados pelas mudanças acontecidas com a mulher nas últimas décadas. Por exemplo, nos modelos do amor paixão e do amor romântico trabalhados por Giddens (1992), as mulheres foram associadas a emoções, passividade, intimidade e lar, como elementos que caracterizaram seu papéis nas relações. O homem apareceu associado com iniciativa, segurança e proteção. Essas atribuições começaram a ser questionadas com as transformações citadas.

Na modernidade, o amor mostra suas faces de controle e homogeneidade, definindo padrões, estruturas e ideais de relacionamento, mas revelando-se como uma potencia humana disruptiva (CHILLEMI, 2003), tanto arquetípica, como postula Moraes (1994), quanto social, de acordo com Hime (2004), capaz de gerar conflitos e transformações. Sobre a mulher adulta entre 20 e 35 anos, as pesquisas mostram os dilemas emergentes entre seus diferentes anseios. A mulher deseja ter uma profissão e trabalhar, mas o amor também é valorizado no projeto de vida (MORAES, 1997; TANAS, 2003; CARVALHO, 2005). Independência e dependência, proteção e autonomia, fazem parte das dinâmicas contemporâneas dos relacionamentos. A vivência da intimidade (GROSS e SIMMONS, 2002; LINDAU, 2010), entendida desde valores como partilha, igualdade e comunicação, é mais valorizada e pode oferecer um encontro que enriquece o indivíduo.

Segundo as pesquisas, as mulheres mantêm o amor como uma possibilidade de confronto com aquilo que as complementa: um encontro com o companheiro que poderia trazer aspectos reprimidos ou rejeitados. O amor não perdeu seu encanto, ele traz a alteridade e a possibilidade de uma reflexão ética sobre a relação com a diferença. Ele parece ser necessário e desejado pelas mulheres no seu desenvolvimento, envolvendo sacrifícios (ARMELIN, 1992) que desafiam o eu em um processo de entrega (HIME e ANDRADE 2008). No entanto, nesse processo as mulheres experimentam dificuldades, atribuindo a causa dos conflitos aos homens, como mostram as pesquisas de Moraes (1997), Tanas (2003) e Carvalho (2005). O amor é uma busca que não está isenta de conflitos, mas sua complexidade e paradoxos parecem estar associados com a ampliação da consciência.

Relacionando as novas imagens, as tarefas e as funções (MORAES, 1987; KONICHI, 1991 e 2010; CHAVES, 2003; RODRIGUEZ, 2003) que entram conflito com as expectativas e os desejos afetivos, emerge a pergunta de uma possível integração desses elementos. As mulheres poderiam construir um projeto pessoal que permitisse seu desenvolvimento psíquico nas áreas profissional e amorosa. Segundo os relatos das participantes das pesquisas citadas, a integração parece possível desde que se reconheçam os ganhos, os conflitos ou os desafios que trazem os encontros afetivos e as carreiras.

## **5 RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS AMOROSOS DA MULHER**

O principal referencial teórico é a psicologia analítica, especificamente as reflexões que Carl Gustav Jung, os pósjunguianos e outros autores realizam sobre o tema estudado. Inicialmente, as teorias de Erikson (1987), Giddens (1992), e Bauman (2004) são utilizadas para revisar os conceitos e as vivências da intimidade na contemporaneidade. Posteriormente, os estudos de Giddens (1992), Lipovetsky (2000), Rose Marie Muraro (2001), e as propostas dos psicólogos analíticos, são utilizados para explicar as mudanças acontecidas nas noções sobre o feminino e sobre os papéis sexuais. Finalmente, as teorias de Jung e dos pósjunguianos sobre o animus, a projeção, a identificação, o amor e o eros são usadas para refletir sobre as parcerias amorosas das mulheres.

### **5.1 Os relacionamentos íntimos amorosos na contemporaneidade**

A contemporaneidade é uma época que experimenta a queda de muitas instituições tradicionais que configuraram a vida dos indivíduos no passado. As pessoas experimentam maior liberdade e, ao mesmo tempo, têm a responsabilidade de encarar as condições da sua existência e a realização de sua própria vida (ARAÚJO, 2002). No entanto, pode se dizer que os deuses adorados pelas sociedades atuais mudaram suas vestimentas. Poder, capitalismo, consumismo, competição e beleza são alguns dos novos princípios que orientam muitos estilos de vida, as concepções sobre o amor e as relações.

De acordo com a psicologia analítica, consciente e inconsciente estabelecem uma relação definida pela compensação e a complementaridade. Na teoria tradicional da psicologia analítica (SCHIESS, 2005), poder e amor são opostos. A psicóloga Rose Marie Muraro (1971) explica que o ser humano tem um polo positivo e outro negativo. O polo negativo gera um apetite de dominação e poder que é irreconciliável com o polo positivo do amor. Considerando estas formulações é possível formular as seguintes perguntas: se temos uma mulher fortalecendo sua independência, autonomia e status, o que acontece com o eros, o amor, os sentimentos e as relações? Esses atributos seriam de fato irreconciliáveis?

Bauman (2004) explica que na modernidade o desejo de união sexual pode ser misturado com o poder e a capacidade de amar se converteu em um desejo de ser amado. Se a pessoa for sucedida, rica, tem poder ou beleza, ela consegue ser atraente e amada pelos outros. Para Muraro (1971) as relações entre homens e mulheres estão envenenadas por

um desejo de autoafirmação e competição, de se impor e vencer, mesmo esmagando o outro ou despindo-o da sua diferença. A autora explica que a sedução pode ser outra forma de poder que aniquila o amor, principalmente quando se evita a entrega afetiva e se busca aprisionar ou escravizar o parceiro para dirigi-lo segundo a própria vontade.

Segundo Bauman (2004) as sociedades consumistas influíram amplamente nessas experiências e conceitos. A noção sobre a intimidade foi trabalhada inicialmente por Erikson, quem a considera uma tarefa própria da vida adulta que consiste em compreender que “Nós somos o que amamos” (1987, p. 138). Para o psicólogo, a intimidade é um anseio ou disposição para entregar-se a outra pessoa, desenvolvendo uma força ética que permite confiar nos vínculos e ser fiel, aceitar o sacrifício de alguns aspectos do ego e estabelecer compromissos. É uma experiência de mutualidade que permite a regulação das identidades opostas e diferentes que se vinculam em uma vida conjunta, tornando supérfluos o controle do parceiro e a realização sexual sem afeto.

Quando o encontro entre duas pessoas não possibilita o desenvolvimento da intimidade, desenvolvem-se relações egoístas nas quais se busca fortalecer a própria identidade projetando a imagem pessoal no parceiro ou rejeitando aquilo que nele é percebido como diferente. A predominância desse tipo de encontros gera sentimentos de isolamento ou distanciamento (ERIKSON, 1987), dificultando a entrega, o estabelecimento de laços autênticos e a experiência da alteridade. Assim, quando os adultos não se relacionam intimamente, eles conseguem realizar alguns logros profissionais e sociais, mas encontram difícil exprimir-se como realmente são porque evitam ou rejeitam o que parece perigosamente oposto nele e nos outros.

No caso da mulher, Erikson (1987) e Gilles Lipovetsky (2000) destacam como os papéis tradicionais e novos determinaram os relacionamentos. Nos papéis tradicionais se atribui à mulher um desejo pela vida afetiva, uma busca de um parceiro para criar uma relação única e dedicar-se ao cuidado da família. A identidade da mulher também ganha novos aspectos ao reconhecer nos papéis de trabalhadora e cidadã a possibilidade da autonomia e a valorização da individualidade. Na perspectiva desses autores, embora a mulher protagonizasse essas mudanças significativas, continuasse atribuindo a ela uma necessidade de amar mais constante, dependente e devoradora. Essa perspectiva traz uma

divisão tradicional, na qual homem e mulher investem assimetricamente, porque dela se espera que outorgue maior importância aos sentimentos e às relações amorosas.

Maria de Fátima Araújo (2002) considera que as mudanças vividas pelas mulheres, atreladas em parte à emancipação sexual, também diminuiriam o controle que os homens tinham sobre a sexualidade feminina e as expectativas sobre o amor romântico. Em uma sociedade cada vez mais flexível e plural, o corpo, o desejo e a sexualidade podem ser vivenciados pelas mulheres com independência, gerando novos padrões de relação como o relacionamento puro de Giddens (1992) e as relações líquidas de Bauman (2004).

Giddens (1992) explica que as pessoas ainda buscam o amor romântico, acreditando no encontro com um parceiro idealizado que outorgaria a completude, a identidade e o autoconhecimento. Segundo o autor, no amor romântico acontece uma identificação projetiva que permite a atração, a união e a criação de expectativas. Até esse encontro desejado acontecer, os indivíduos poderiam estabelecer outros vínculos para vivenciar sua sexualidade, estabelecendo relações que o autor denomina de relacionamentos puros. Esse tipo de vínculo inicia-se também com uma identificação projetiva, mas se criam expectativas principalmente relacionadas com o cumprimento da satisfação sexual, sem excluir completamente a intimidade, ou a dor e a ansiedade, porque a relação pode terminar ou um dos parceiros pode construir expectativas que o outro decide não aceitar.

Quando o relacionamento puro inclui uma intimidade maior, traz a possibilidade de viver o amor confluyente. Diferente do relacionamento puro, o amor confluyente exige confiança, mostrando-se vulneráveis e revelando sentimentos e necessidades. Prioriza-se o crescimento e o bem-estar de ambos, buscando o equilíbrio das vontades e a autonomia. Existe um conhecimento do parceiro e o casal estabelece um compromisso igualitário. Os conflitos são aceitos e pensa-se em estratégias de resolução como negociação, mudança ou afastamento. Refletindo sobre essas características, Araújo (2002) contrasta o amor confluyente com o amor romântico. Para ela, o amor confluyente é mais real, porque não se fundamenta em fantasias de completude, mas na igualdade das trocas afetivas.

Embora esses modelos parecessem mais abertos e democráticos, outros aspectos deles confrontaram os seres humanos com a fragilidade, a dor e a ansiedade que também caracterizam as relações. Em uma tentativa de fugir dessas amarguras e tensões, Bauman

(2004) explica que muitos vínculos são substituídos por encontros líquidos que postergam o compromisso e o envolvimento afetivo, acreditando que assim poderiam diminuir a possibilidade de sofrer. O relacionamento líquido é aquela relação flexível que se tece ou termina facilmente. Inseguros pelas ambivalências que trazem o amor com suas faces de prazer e preocupação, os seres humanos preferem as experiências novas e diferentes, a satisfação imediata, e o uso rápido, único e descartável para que o presente não atrapalhe o futuro. As pessoas querem saber como relacionar-se e como afastar-se sem sentir dor.

Nessas relações, o amor é uma habilidade que pode ser aprendida e melhorada e acredita-se que é possível tirar a máxima satisfação sexual no encontro com o outro. Assim, nas sociedades modernas, o amor e a intimidade se convertem em um conjunto de episódios curtos, impactantes e frágeis, que pode ser dividido em um leque de experiências com pessoas diferentes. Nelas, o parceiro é um objeto de uso valorizado pelo prazer que pode oferecer. Exemplos de relacionamentos líquidos podem ser as relações de bolso, o viver junto, os CSSs ou “Casais semi-separados” e o namoro pela internet (BAUMAN, 2004).

Nesses vínculos, amor e sexo estão separados, emergindo o que Bauman denomina “sexo puro” (2004, p. 33). As pessoas acham que não é possível adiar a realização do desejo e buscam estar sexualmente satisfeitas, desejando uma fusão, mas se encontrando com a solidão, o egoísmo e a estranheza, elementos presentes nos relacionamentos puros de Giddens (1992) e nas relações que carecem de intimidade para Erikson (1987). É uma erótica da intensidade (LAZÁR, 1996) que legitima os vínculos pela quantidade dos encontros e pela qualidade da satisfação sexual.

Jung ([1924], 2011b) analisa algumas dificuldades que foram experimentadas pelos jovens no começo do século XX. Alguns indivíduos imaturos experimentam apegos infantis à própria família, transferindo ou compensando com seus parceiros os sentimentos, expectativas, exigências e temores vividos com os pais. Há aqueles que preferem o sexo sem compromisso, buscando o prazer do amor livre e descuidando o desenvolvimento emocional. Outros se vinculam por hábito, costume ou passividade, ou evitam as relações sérias e priorizam a profissão. A transitoriedade de algumas dessas experiências, embora permita adquirir conhecimento próprio e sobre os relacionamentos, transforma os vínculos em algo habitual, insípido e superficial, dificultando o surgimento de valores necessários para amar e manter uma relação afetiva.

Fromm (1988) postula outras problemáticas amorosas que podem ser reconhecidas nas sociedades modernas. Muitos casais se identificam ao ponto de se afastar do mundo exterior e não respeitar a individualidade. Através de mecanismos de projeção, algumas pessoas evitam ou fogem dos próprios problemas e se preocupam com conflitos, defeitos e fragilidades da pessoa amada, a quem tentam acusar ou reformar. Outros comparam o amor com um trabalho em equipe que permite atingir as metas sociais. Nas uniões simbióticas do amor idólatra, uma das pessoas envolvidas é submissa, tornando-se parte ou porção da outra que é dominante e passa a ter o poder. Também pode aparecer um medo ou ódio do outro sexo, dificultando a entrega, a confiança e a proximidade. Quando o outro se torna conhecido e falta o amor, a relação perde seu caráter miraculoso que une o casal, aparecendo a decepção e a procura de um novo estranho para torna-lo íntimo.

Fromm (1988) refere-se também ao amor sentimental para descrever algumas pessoas que experimentam esse sentimento na fantasia e não nas relações concretas, satisfazendo esses desejos no consumo de filmes, livros e músicas e nas lembranças de amores passados. Lipovetsky (2000) explica que o amor sentimental renova estereótipos que identificam a felicidade feminina com a realização amorosa, tais como: a mulheres são completadas pelo parceiro ideal, carinhoso e rico, e o amor à primeira vista. Este modelo também normaliza a dominação, discriminação e desigualdade das mulheres nas relações, assim como autoriza as cobranças feitas aos parceiros quando elas não encontram o romantismo ou quando sentem que o homem tenta fugir para não se entregar à experiência amorosa.

De acordo com Muraro (1971), Fromm (1988) e Bauman (2004) essas relações e problemáticas danificam o amor. Contrariando as relações líquidas e assemelhando-se ao amor confluyente de Giddens (1992) e à intimidade descrita por Erikson (1987), o amor para esses autores é um impulso criativo de quem entrega e doa seus aspectos mais íntimos ao outro, desejando cuidar, respeitar, abrigar e preservar o ser amado. Para eles, o amor exige aceitação do medo e das diferenças, amor, coragem, decisão, compreensão, observação de si mesmo, independência, liberdade e fé na capacidade de dar e receber.

Jung ([1924], 2011b) enfatiza que o amor de casal integra aspectos eróticos ou sexuais e também as formas idealizadas e espirituais. O amor implica um encontro íntimo intenso, dedicação, fidelidade a sentimentos profundos e ser responsável pela própria felicidade. Nessas experiências não há ausência de conflito, experimentando-se e experimentando a

outra pessoa em um processo de conhecimento e formação da personalidade que é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Este tipo de relação é um problema que desafia porque implica o sacrifício das ilusões, reconhecendo o retrato deformado que se faz da outra pessoa pela projeção de interesses, necessidades ou temores pessoais.

Lazár (1996) explica que o mundo moderno também está interessado pela singularidade da experiência amorosa, entendendo-a como uma narrativa que influi a definição da identidade e da autonomia. O autor considera o amor uma experiência pessoal que outorga sentido e permite às pessoas pensarem na sua essência, limites, forças, segredos e destinos, iluminando caminhos e organizando o mundo, embora seja uma experiência que não estará livre de conflitos. Ainda segundo Lazár, o amor tem um lado compatível com o capitalismo e o consumismo, e outra face exclusiva, transcendente e transformadora.

Concordando com as propostas que consideram as relações importantes para o desenvolvimento, Livia Barbosa (2011) e Flávia Arantes Hime (2008) destacam como as mulheres ainda almejam uma relação tradicional, reconhecendo também as vivências oferecidas pelos vínculos descritos por Giddens (1992) e Bauman (2004). Assim, as mulheres podem aceitar uma aventura sexual sem estar apaixonadas, exigir mais ao parceiro porque não deseja uma relação carente de ternura ou pode preferir a solidão e a separação. Segundo Lipovetsky (2000) a mistura de padrões antigos e atuais traz para as mulheres a possibilidade de viver seu erotismo livremente, mas elas continuam importando-se com os sentimentos, criticando o amor romântico e o sexo puro.

A queda dos padrões tradicionais trouxe múltiplos modelos de amor e intimidade, colocando também no cenário individual a incerteza, o sofrimento e a insegurança. Porém, essa incerteza é “a terra natal da pessoa ética e o único solo em que a moral pode brotar e florescer” (BAUMAN, 2004, p. 54). Assim, as ambiguidades da experiência amorosa na contemporaneidade podem ser compreendidas como provas que outorgam crescimento, mesmo na derrota (LAZÁR, 1996). Essa perspectiva moderna do amor inclui conflitos que são avaliados como positivos e criadores porque, embora gerem cicatrizes, permitem o desenvolvimento afetivo do indivíduo (MURARO, 1971).

As mulheres desejam a independência e a realização profissional, mas também querem que as relações afetivas lhes outorguem uma percepção de quem são, o que desejam e

para onde caminham. Procurando essas realizações, elas fazem uso de valores democráticos como: escolha, soberania, realização da intimidade e expressão das emoções. Amor e poder se mantem como opostos que definem modelos e problemáticas que caracterizam os relacionamentos na modernidade. No entanto, a busca das mulheres por uma realização afetiva e profissional poderia ser compreendida como uma tentativa de aproximar esses opostos, não seguindo os estereótipos de romantismo ou domínio, mas integrando o amor e o poder como aspectos necessários no desenvolvimento psíquico.

## **5.2 Papéis sexuais e cultura**

A reflexão sobre os papéis é fundamental considerando os fatos que marcaram a história dos séculos XX e XXI e que levaram Lipovetsky (2000) a considerar que essa época esteve caracterizada por uma revolução profunda e rápida. Entre esses fatos são relevantes: o ingresso das mulheres às empresas e universidades, a autonomia diante dos pais e do esposo e a possibilidade oferecida pela pílula para decidir sobre a maternidade. Aos poucos, os efeitos desses eventos chegaram às famílias de diferentes classes sociais. Em muitos lares, as mulheres começaram a sair, mas não para casar, elas estavam deixando as suas famílias para viver sua jornada pessoal (GIDDENS, 1992). Arrumando suas malas, empreenderam viagens para outras cidades, buscando a formação profissional e a independência econômica. Suas histórias podem ser lidas como processos de iniciação que nos contos e mitos antigos quase sempre eram vivenciados por heróis masculinos.

Para a mulher, estabelecer-se em uma nova moradia implicou resolver algumas perguntas sobre seu lugar na sociedade, a aquisição e o uso do dinheiro, e as expectativas sobre as relações, a profissão e a política. Ela se depara com a liberdade, a autonomia e com um mundo caracterizado por padrões ou modelos de competitividade, racionalidade e consumismo, que estabelecia demandas fortes para quem desejasse ter sucesso. Com uma responsabilidade pessoal, a mulher tinha a possibilidade de reformular ou fortalecer sua escala de valores, acrescentando experiências a sua história e novos aspectos a sua identidade. A vida apresentou-se para ela como um projeto próprio e aberto que traz novidades, demandas e ansiedades (GIDDENS, 1992).

Nesse processo de profunda mudança, a compreensão dos papéis sexuais é uma questão fundamental para entender os relacionamentos. Os papéis sexuais estão ligados à imagem que a mulher tem de si mesma, imagem esta que também se configura em um contexto

cultural específico. Embora cada mulher possa realizar uma construção individual, a psicologia pode achar alguns temas em comum, reconhecendo os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais que definem as histórias pessoais e o gênero.

Por exemplo, Erikson (1987) propõe uma compreensão da identidade feminina a partir da experiência que as mulheres têm dos potenciais oferecidos pelo corpo e o sexo. Para o autor, os papéis sexuais são definidos em uma combinação entre anatomia, personalidade e história, existindo a possibilidade de experimentar as tarefas, preocupações e interesses do outro sexo, adaptando-as como expressão da própria psique. Embora o psicólogo caracterizasse tradicionalmente esses potenciais, sua proposta poderia ser considerada como um esforço que valoriza a diferença. O autor destaca a relação com o corpo como um elemento fundamental para refletir conscientemente sobre a construção da identidade, as possibilidades biológicas e sociais, e o estabelecimento de relacionamentos afetivos.

Rose Marie Muraro (1971) questiona as ideias tradicionais sobre feminino e masculino, postulando que eles não estão predeterminados, mas são realidades em desenvolvimento que dependem da cultura. Hime (2008) e Maroni (2011) mantêm a mesma perspectiva postulando que existe uma diferença entre sexo e gênero. O gênero é uma interpretação cultural das diferenças sexuais, que serve para estabelecer diferenças psíquicas e sociais. Assim, o discurso social sobre as diferenças elabora critérios que outorgam status e papéis sexuais opostos e complementares aos homens e às mulheres.

Meroni (2011) explica que o gênero, como categoria social, foi construído em três lutas. A primeira luta buscou a igualdade e autonomia para libertar a mulher da submissão. Depois as pesquisadoras ressaltaram as diferenças entre os gêneros. Finalmente, a luta moderna faz um destaque das “mulheres”, em plural, explicando que o gênero é uma construção subjetiva que inclui a cultura e a biografia individual. Essa nova conceptualização permite repensar os significados de feminino e de masculino, os papéis sexuais nos vínculos afetivos, e as relações das mulheres com a carreira e o poder.

Os papéis tradicionais das mulheres nos vínculos afetivos estavam relacionados com a ideia de que elas eram emotivas, caprichosas, irracionais e voltadas para as questões da intimidade. Porém, essas imagens foram criticadas e ampliadas nos últimos séculos. Giddens (1992) considera que, com a igualdade sexual, as mulheres ganharam uma

consciência sobre a finitude do vínculo amoroso, reconhecendo uma ampla variedade de motivos para se relacionar e gerando a fragmentação do amor romântico. Entre as novas descobertas nas histórias afetivas e sexuais das mulheres, o autor destaca a busca de um prazer momentâneo e a vontade de ficar com um homem sem envolver-se afetivamente.

Para Lipovetsky (2000), a revolução sexual das mulheres esteve acompanhada da atenção aos próprios sentimentos e da busca por uma intimidade maior nas relações, idealizando o encontro do grande amor como a real expressão da sua individualidade. O autor considera que a mudança nos papéis sexuais encontra-se na atribuição de um lugar ativo de heroína à mulher, o qual contrasta com as donzelas passivas do amor romântico. Nesta avaliação destaca-se um novo ideal feminino, mas se reconhece a independência e a coragem que a mulher tem para amar, conquistando o parceiro e dissolvendo sua indiferença. Com ideias semelhantes, Erikson (1987) vê as mulheres jovens como criadoras, musas e enigmas, e Giddens escreve: “A heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade [...] possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz” (1992, p. 57).

Essa mulher que tem maior possibilidade de viver seu corpo mantém o compromisso com a busca do amor, e também sacrifica menos os estudos e a profissão. Ela disputa diversos papéis nas estruturas hierárquicas e reivindica seu poder em igualdade com o homem, reconciliando-se com o prazer de ganhar e com o espírito de competição. Porém, persiste o isolamento e a reprodução social do poder masculino (LIPOVESKY, 2000), porque as relações entre os gêneros no âmbito profissional ainda se caracterizam por vínculos de domínio que levam à opressão e a submissão da mulher (MERONI, 2011).

Considerando esses conflitos e ganhos gerados pela entrada da mulher no mundo do trabalho, Muraro (1971) opina que é muito perigoso igualar ou separar os gêneros, e que a competição e a solidão que caracterizam os encontros de homens e mulheres são os primeiros passos na busca do equilíbrio. Barbosa (2011) descreve que a mulher pode desejar, ao mesmo tempo, uma carreira, reconhecimento, poder, amor e sexualidade. Coletando dados de diferentes pesquisas, a autora deu um destaque ao dinheiro, à autoridade e à autonomia que a mulher tem, mas estes ganhos são contrastados com um sentimento da perda da liberdade e de uma vida sem “cor”. Segundo a autora, o trabalho para uma mulher, por mais apaixonante que seja, não pode substituir o amor, embora possa compensar a frustração de perdê-lo ou diminuir a inferioridade de quem é rejeitado.

Assim, Barbosa (2011) e Favia Arantes Hime (2008) explicaram que a nova mulher que aspira estruturar sua identidade na ocupação, não abriu mão de seus desejos de vinculação com um parceiro ideal, e por isso a busca pela igualdade e a realização profissional acumulou funções e ampliou as dificuldades para conciliar todos os papéis. Autonomia, autoridade e cuidar são valores criados pela sociedade, que a depender do contexto, são vinculados a um gênero. Os estudos citados por Giddens (1992) e Lipovetsky (2000) destacam a coexistência desses valores e papéis sexuais opostos na mulher jovem.

Embora muitos papéis tradicionais do feminino fossem questionados, eles perduram misturando-se com as funções modernas. Assim, segundo o discurso social o homem continua ligado ao poder, ao sucesso e aos papéis públicos, e a mulher aos papéis familiares, íntimos e afetivos. Hime (2008) também considera que persiste a feminização do amor e a masculinização do sexo, destacando no homem a paixão sexual, a busca da sobrevivência e o sexo ativo e dominador, enquanto a mulher valoriza a partilha de sentimentos, a dependência emocional, o cuidado e o diálogo. No entanto, a entrada da mulher no domínio público e o reconhecimento de que o homem deseja estabelecer relações íntimas, traz novas possibilidades para definir masculino e feminino, experimentando o amor e o sexo em vínculos democráticos, flexíveis e plurais.

Nesse processo de integração do antigo e do novo nos papéis sexuais, Lipovetsky (2000) descreve a figura social do feminino que emerge como a terceira mulher, um personagem que possui o poder de criar sua identidade, sua vida e seu destino. Para ela, tudo se tornou escolha e objeto de interrogação. Isso não implicou o desaparecimento dos gêneros, porque as diferenças são recompostas sobre novos traços, tornando-se menos visíveis e mais maleáveis, mas com distâncias que produzem divergências em comportamentos, prioridades, motivações, exigências e gostos que determinam as identidades e os vínculos.

Historicamente, o feminino foi desvalorizado, mas considerava-se que tinha poderes ocultos. Com o romantismo, a mulher foi enaltecida em uma tentativa de colocar o seu poder e mistério sob o controle das normas e estruturas sociais. No entanto, a modernidade a percebe como um ser indeterminado e com as possibilidades de realizar-se na profissão e no amor. A mulher, anteriormente considerada como diferente, estranha e caótica (LIPOVETSKY, 2000), é hoje compreendida como um ser complexo e diverso que pode contar sua história, descobrindo-se a si mesma e escolhendo e caracterizando

seus papéis sexuais de acordo com suas necessidades e desejos em uma jornada que não estará isenta de dificuldades. A pergunta pela essência da mulher tem bases ontológicas e filosóficas e é uma questão que cada mulher deve responder individualmente. A sociedade lhe oferece possibilidades, mas elas trazem contradições e conflitos próprios das culturas capitalistas e líquidas descritas por Lipovsky (2000) e Bauman (2004).

### **5.3 Papéis sexuais, persona, anima e animus na psicologia analítica**

Nos seus relatos, a mulher moderna integra as imagens novas e tradicionais de seus papéis sexuais: uma mulher independente que assume tarefas que lhe exigem competição e uma mulher cujas falas são sobre os parceiros, seu corpo, sua identidade, as emoções e os desejos. Porém, é a mesma mulher! Só que, falando metaforicamente, ela está refletindo de dia sobre sua carreira, e de noite está mergulhando na interioridade e na intimidade. A psicologia analítica pode ser usada para aprofundar as descrições feitas pelos sociólogos e psicólogos, tentando definir os processos psíquicos que tecem os dramas vinculares e as escolhas da mulher nesse mundo ambíguo, mas cheio de possibilidades.

Para Carl Gustav Jung ([1928] 2011e, [1948], 2011i) o ego e a consciência se identificam com o sexo da pessoa e com as expectativas sociais que configuram os papéis atribuídos a um gênero. Essa identificação é compensada por uma imagem contrassexual ou inconsciente que possui as características do outro sexo. O autor caracterizou a consciência do homem em termos de um Logos, definido por atributos como razão, poder, lógica, espírito, ordem, coragem, decisão, objetividade, pensamento, agressividade, conhecimento, afirmação, diferenciação, ideias e atitudes filosóficas e religiosas. Essa consciência é compensada pela anima, um componente psíquico feminino e inconsciente que está relacionado com o Eros como princípio vinculador ou função afetiva que une.

A personalidade consciente da mulher é diferente da consciência masculina e se caracteriza, segundo o autor, por Eros, um princípio que se expressa em aspectos como receptividade, ilusão, cuidado, sedução, fidelidade, intuição e o desenvolvimento das relações, elementos capazes de inspirá-la e indicar-lhe caminhos. Esse princípio feminino é complementado pelo animus, uma função e personificação de componentes psíquicos inconscientes qualificados pelo psiquiatra como masculinos e relacionados ao Logos.

Animus e anima encontram seu oposto na persona, encarregada, em parte, da configuração dos papéis sexuais. O conceito persona foi postulado por Jung ([1928] 2011e) para definir a máscara que se configura na relação entre a consciência e a sociedade, representando uma face que se mostra ao mundo exterior. A persona é uma personalidade artificial, coletivamente adequada, que está ligada às tarefas que o contexto confere, tentando cumprir com as expectativas culturais. A identificação do indivíduo com a persona, para conseguir ocupar o lugar que lhe corresponde na sociedade, é um ato de concessão ao mundo exterior e um auto-sacrifício da vida interior, embora ela também represente os ideais e as aspirações que o indivíduo precisa realizar para crescer.

Enquanto a persona informa o indivíduo sobre o mundo externo, a anima e o animus o informam sobre a psique e a sua relação funciona compensatoriamente. Assim, uma forte identificação com os papéis externos pode corresponder a um desconhecimento dos elementos inconscientes e da sua projeção. No processo de individuação, o ser humano precisa diferenciar aquilo que ele é para si mesmo e o que é para os outros, reconhecendo os conteúdos que constituem a persona e a anima-animus e possibilitando sua integração para permitir a autorregulação psíquica (JUNG [1928] 2011e).

Especificamente, a entrada no mundo do trabalho e a possibilidade de assumir profissões masculinas são interpretadas por Jung ([1927] 2011d) como mudanças que permitiram questionar os padrões de um feminino inconsciente e passivo. Nessas mudanças, a mulher é percebida como consciente de si mesma, independente e crítica. Ela participa da solução dos problemas sociais e também pode definir seus próprios desejos, buscando realizá-los. O autor acreditava que, nesse processo, alguns conteúdos psíquicos desconhecidos ou reprimidos emergem para complementar e compensar essa nova atitude da consciência.

Por exemplo, o animus poderia possuir à mulher, fazendo que ela adquira alguns traços masculinos necessários para o desenvolvimento dessas novas tarefas, mas gerando uma perda da sua persona feminina. Nesses casos, os novos papéis sexuais poderiam ser prejudiciais, gerando uma masculinização que reflete o oposto inconsciente da mulher e se expressa na racionalização, no desejo de se tornar dona da verdade e em enfrentamentos com os padrões tradicionais. Essa mulher é uma boa companheira para o homem, mas experimenta dificuldades para reconhecer seus sentimentos e para vincular-se afetivamente com os homens porque outorga maior importância aos novos papéis.

No entanto, o fundador da psicologia analítica considera que nessa identificação pode existir uma aspiração da mulher pelo desenvolvimento integral de seu ser, uma aspiração por sentido e plenitude que luta para fazer consciente o inconsciente. Para o autor, a mulher experimenta dúvidas e incertezas compreensíveis, porque sua nova tarefa implica “arriscar a própria pele” (JUNG [1927] 2011d, p. 141), a persona, e assim experimentar a própria vida, realizando um novo começo sem repetir inconscientemente o passado. Embora alguns elementos personificados pelo animus e a persona gerem conflitos, eles também podem servir à construção de novos significados para as experiências da mulher sobre gênero e os papéis sexuais fornecidos pela sociedade.

Os pósjunguianos questionam a existência de características femininas e masculinas inatas ou herdadas que pertencem a um sexo por natureza, destacando que as descrições do animus geram uma compreensão negativa da psique da mulher e mostram a tendência de Jung a confundir as fantasias dos homens sobre o feminino com a mulher real. Eles mostram os conteúdos culturais que caracterizam as definições de masculino e feminino e que se encontram nas descrições de Logos, Eros, anima e animus, justificando padrões, tipologias e expectativas para cada gênero. Especificamente sobre as mulheres, as analistas junguianas destacam as dificuldades de caracterizar a experiência feminina a partir de um pensamento de opostos rígidos ou de normas, mitos, valores, leis e linguagens preordenadas e criadas em culturas que valorizavam o masculino (JONES e MATTON, 1987; TACEY, 1997; YOUNG-EISENDRATH, 1997; VON KOSS, 2000).

No entanto, os psicólogos analíticos também reconhecem que Jung destacou a existência potencial em ambos os sexos das características masculinas e femininas, dando um valor considerável ao feminino e atribuindo à teoria dos opostos um papel fundamental para compreender a experiência da diferença. Outros destacam a importância histórica da pergunta pelo feminino e o masculino, mostrando um imaginário cultural que organiza e estrutura a realidade simbolicamente, atribuindo traços femininos ou masculinos a indivíduos, objetos, sexos e fenômenos. Igualmente, esses processos expressam a capacidade humana para formar imagens e estão relacionados com a formação da consciência, dos papéis sexuais e dos complexos visíveis nas experiências das mulheres sobre si mesmas e sobre os homens (LAUTER e RUPPRECHT, 1985; SAMUELS, 1989)

Na presente pesquisa, as ideias de Jung e dos posjunguianos são utilizadas considerando o feminino e masculino como linguagens simbólicas válidas, opostas e complementárias, sem valorizar positiva ou negativamente alguma delas e sem impor conteúdos, mas lembrando que são contrastantes e diferem dos conceitos de homem e mulher. A identidade individual se configura em danças únicas e harmônicas dessas linguagens (VON KOSS, 2000), que também são utilizadas para compreender a realidade e os aspectos psíquicos que se atualizam na relação com o outro em condições temporais e históricas, ampliando a consciência e formando imagens individuais e culturais. No entanto, é necessário diferenciá-los dos estereótipos criados pelas mídias, os quais conferem status e papéis, possuindo representações fixas para homens e mulheres.

Segundo Polly Young-Eisendrath (1997) masculino e feminino são opostos universais disponíveis para ambos os gêneros. O indivíduo nasce com um sexo definido por propriedades hormonais, estruturais e funcionais do corpo que estabelecem limites e outorgam possibilidades. O gênero é um sistema de narrativas e linguagens que define o que cada sexo significa, como deve relacionar-se e quais são seus papéis, dividindo e caracterizando o ego consciente e seu oposto inconsciente. Atribuir rigidamente papéis ao sexo elimina as nuances, interesses e desejos de conhecer a alteridade e pode significar a perda de aspectos da própria personalidade. Inicialmente, o gênero é definido pelas expectativas culturais e familiares, mas flexível, tornando-se uma pergunta pela a identidade. Para esta autora, a mulher precisa explicitar os elementos sociais introjetados, reconhecendo a influência dos estereótipos na configuração da sua identidade, na definição do feminino e masculino e na criação de fantasias, romances e antagonismos.

A proposta da autora citada integra muitas das ideias apresentadas pelos pósjunguianos. Por exemplo, para David Tacey (1997) feminino e masculino são símbolos antigos de dois opostos que estruturam a psique e se manifestam nos sonhos e fantasias. No entanto, esses opostos se movimentam, relacionam e transformam pela natureza polimorfa e andrógina da psique que não pode ser limitada, ainda que a experiência que o ego tem dessa natureza seja relativa e amplamente influenciada pelo gênero. Sobre as mudanças acontecidas na sociedade atual, na qual o “homem feminino” e a “mulher masculina” são tolerados e esperados em determinadas situações, o autor considera que o gênero está sendo redefinido. Feminino e masculino abraçam novos papéis, e a teoria precisa se preocupar com esses processos reconhecendo as contradições e a pluralidade da psique.

Andrew Samuels (1989) também considera que o gênero é um conceito psicológico e cultural, possuindo um caráter flexível capaz de mudanças que expressam a busca do processo de individuação. Nesta perspectiva, as relações entre corpo e psique são metafóricas, relativas e condicionadas pelas experiências individuais e pelas crenças culturais sobre a sexualidade e o gênero. A mulher poderia significar suas experiências como as imagens da feminidade e masculinidade, mas precisa se perguntar pelas personificações individuais que faz, servindo-se dos elementos culturais como metáforas que amplificam sua compreensão. Segundo Jennette Jones e Mary Ann Matton (1987) animus-anima teriam qualidades valorizadas ou reprimidas, individual ou socialmente. Quanto mais rígidos são os papéis sexuais, maior é a tendência do homem e da mulher a expressar sua tendência contrassexual em projeções, ideais ou imitações do sexo oposto.

Rose Marie Muraro, Malvina Muszkat e Zelita Zeabra (1985) já postularam que as mudanças dos papéis sexuais no final do século XX, trouxeram o questionamento de alguns estereótipos. Assim, a masculinidade do homem não deveria ser reduzida ao estereótipo do “super-homem”, e a feminilidade da mulher não pode ser só definida pela ideia do “eterno feminino”. As autoras propunham uma busca de imagens alternativas para ampliar a compreensão psíquica do homem e da mulher, reconhecendo que a diferença entre masculino e feminino se manifesta nas formas de ser no mundo. Para Maria Zelia Alvarenga (2000), o questionamento implica uma jornada transformadora que tentaria sair da oposição entre homem e mulher para colocá-los em uma relação de alteridade. Nessa relação, o parceiro é tratado com misericórdia e proteção, integrando e transcendendo as características das duas polaridades em definições de feminino e de masculino mais complexas e individuais que criam um espectro de diferenças.

Os psicólogos analíticos também identificam alguns conflitos experimentados nesse processo de questionamento dos papéis antigos e de sua mistura com os novos. Para Young-Eisendrath (2002), embora no final do século XX parecia mais aceitável que uma mulher se identificasse com papéis atribuídos aos homens, a idealização do masculino e a desvalorização do feminino dificulta que ela conquiste uma autoridade pessoal. Além, o cuidado, a intimidade e a troca de carinho que ainda definem os papéis sexuais femininos, são associados com fraqueza, inferioridade e dependência, mantendo uma diferença que outorga maior poder, status e capacidade de decisão ao homem.

À possibilidade que as mulheres têm para desenvolver-se trabalhando e estudando, se contrapõe um ideal social que privilegia o casamento e a espera do “príncipe encantado”, formando expectativas que configuram a persona. Nos cultos à beleza, ao poder, ao corpo e ao amor romântico, os papéis sexuais são definidos por padrões que não estão muito longe das antigas categorias, nas quais existe a submissão a desejos externos. Assim, aparecem conflitos entre preferências pessoais e valores sociais, ou entre trabalho e vida familiar. A mulher se identifica com papéis sexuais tradicionais porque se sente culpada e tem medo da desqualificação social, ou porque acredita que o sucesso profissional está acompanhado de um fracasso inevitável no amor (MECOZZI, 1993; VON KOSS, 2000).

A identificação com as exigências de competição, adequação e eficiência também gera dificuldades porque contrapõe as funções intelectuais aos relacionamentos afetivos e ao conhecimento pessoal (MURARO, MUSZKAT e SEABRAL, 1985; AZEVEDO, 1993; GALIÁS, 2001; ALMEIDA e GOMEZ, 2007; PICCOLI, 2012). Assim, os junguianos consideram que os novos papéis trouxeram mais responsabilidades para as mulheres, porque delas se espera uma inclusão no mundo social e o cumprimento de responsabilidades afetivas nas relações amorosas e no lar. Diante esses conflitos, as mulheres manifestam suas inquietações e as dificuldades que experimentam para achar e utilizar recursos pessoais que lhes permitiriam enfrentar os desafios trazidos pelas contradições entre as expectativas sociais e os desejos pessoais.

Os aportes dos posjunguianos mostraram que na configuração das imagens que a mulher tem de feminino e masculino, a persona e o animus estarão cumprindo um papel fundamental como funções psíquicas que definem os papéis sexuais e a imagem do sexo oposto. Essa análise espelha, em parte, as mudanças acontecidas e não necessariamente uma perda do eros ou uma possessão por aspectos masculinos. Não existem modelos inatos que a mulher precise imitar, existem papéis determinados culturalmente que ela pode escolher vivenciar, lembrando que cada eleição traz aspectos diferentes para ampliar sua consciência e permitir o desenvolvimento da sua personalidade. O novo cenário configurado pelas sociedades modernas pode servir como palco para uma reflexão sobre o que a mulher quer, percebendo seus desejos de ter uma relação estável, construir família e se desenvolver profissionalmente, como opções de vida, e não como mandatos culturais.

Assim como os psicólogos e sociólogos vistos no capítulo anterior, a psicologia analítica postula que o feminino pode ser definido por modelos e papéis sociais que descrevem possibilidades de significação, mas os junguianos interpretam masculino e feminino como duas polaridades simbólicas que permitem compreender a identidade e as relações. Nesse processo, a mulher é livre para escolher seu próprio destino, libertando-se de um aprisionamento em categorias rígidas e reconhecendo-se como uma totalidade complexa que pode integrar diversos valores e sentidos. Como pondera Young-Eisendrath (1995), o que a mulher moderna deseja é a soberania ou o direito a decidir sobre a própria vida, reivindicando a própria autoridade e valorizando-se mais como um indivíduo. Para realizar esse desejo, a mulher precisa ressignificar o feminino, reconhecendo as fantasias, os valores e os medos individuais e culturais atribuídas aos papéis sexuais.

#### **5.4 Relacionamentos íntimos amorosos, animus e projeção**

Jung ([1928] 2011e, [1948] 2011h) utiliza conceitos como projeção, anima e animus para descrever algumas das suas ideias sobre as relações. Como destacado anteriormente, os psicólogos analíticos criticam a atribuição de conteúdos específicos ao animus, mas reconhecem a importância dos processos estruturais e das experiências psíquicas que lhe são atribuídas, apresentando-o como um complexo contrassexual e com uma função psíquica. Neste capítulo aprofunda-se a associação que pode ser estabelecida entre animus e as relações íntimas amorosas, retomando os postulados de Jung e dos posjunguianos.

Para Young-Eisendrath (2002) a teoria da contrassexualidade é uma análise cultural dos opostos na qual Jung traz a noção de que cada um tem uma personalidade inconsciente, ou menos consciente, que precisa desenvolver-se. Como complexo\* psíquico contrassexual, o animus se manifesta em um conjunto de símbolos carregados afetivamente que são idealizados ou desvalorizados, mas também personifica atributos socialmente considerados como pertencentes ao outro sexo, compensando e sendo determinado pelos papéis sexuais. Assim, o animus define a relação da mulher com o “não eu” que se configura, em parte, pelos aspectos que são reprimidos porque representam o oposto que antagoniza, complementa e compensa o ego consciente

---

\* O conceito de complexo foi originalmente proposto por Jung ([1934] 1984) para definir um conjunto de imagens, ideias e sentimentos que se mantêm unidas através de uma carga emocional, possuindo autonomia. O complexo organiza-se em torno de um núcleo arquetípico, relacionando-se com algum aspecto típico da vida humana e motivando de modo não racional comportamentos e reações.

(JONES e MATTON 1987; SAMUELS, 1989; KOLTUV, 1996; BENEDITO, 1996). Como complexo relativamente autônomo, o animus pode ser projetado em uma pessoa, grupo e instituições, ou pode se personificar e aparecer na psique da mulher.

Os aspectos que são personificados ou projetados podem ser positivos ou negativos. Como potenciais positivos, apresentam-se com uma aparência masculina em sonhos e fantasias, ou podem trazer sentimentos e energias que permitem à mulher se concentrar em relações e projetos. Os aspectos negativos aparecem como forças destrutivas que a consciência não pode controlar e que, na verdade, são capacidades pouco desenvolvidas. Assim como Jung, Emma Jung ([1931] 2006) utiliza os sentidos da palavra grega *logos* para descrever esses aspectos. A autora utiliza a força, o ato, o verbo e o sentido para explicar que o animus outorga significado, iniciativa, liderança, expressão e planejamento para atingir as metas, mas também pode se manifestar na dominação, nas ideias rígidas e nas críticas destrutivas. Se predominarem os aspectos negativos, encontra-se uma mulher crítica e agressiva ou que se sente inferior, deprimida, culpada, vazia e insegura.

Young-Eisendrath (1995) e Koltuv (1996) também propõem algumas imagens para compreender a experiência psíquica do animus como complexo e as vulnerabilidades e possibilidades geradas por sua projeção. Por exemplo, o animus poderia ser vivenciado como estranho, primitivo e abusivo. Como pai, deus ou patriarca, traz proteção e contenção, ou ideais que levam à mulher ao sacrifício para ter aprovação externa por meio da aparência ou realizações. O amante jovem atrai e inspira, permitindo investigação e criação, mas sua projeção dificulta o estabelecimento de uma relação real. Como herói oferece energia para realizar desejos e ser livre, ou pode aprisionar e paralisar como tirano. O homem sábio permite um direcionamento para o conhecimento, ou poderia transmitir ideias obsessivas. Como companheiro interior, a mulher percebe-se como competente, forte, com autoridade e autoestima, estabelecendo relações interdependentes, sentindo empatia e aceitando os conflitos e limitações inerentes à vida.

Quando essas imagens do animus são projetadas podem ser reconhecidos nas emoções, expectativas, fantasias, ideais, conflitos, opiniões, previsões, suposições e valores que definem as relações com o oposto sexual. O encontro com esse oposto traz também o diferente, aquilo que não é aceito conscientemente. O homem que representa essa imagem é percebido como um enigma que fascina, atrai e seduz a mulher, caracterizando o

relacionamento por uma mistura de mistério, numinosidade, resistência e medo (JUNG, [1948] 2011g). Com a projeção do animus no parceiro, a imagem dele será reelaborada pelos aspectos subjetivos que se juntam aos atributos dele, e o vínculo ganha um matiz de admiração ou paixão, desejando uma relação erótica, única e íntima com esse homem.

Na projeção é difícil identificar e compreender os conflitos porque conscientemente a mulher só percebe ou apresenta os aspectos ideais e convencionais, e outros aspectos íntimos e conteúdos inconscientes dela e do parceiro ficam ocultos na escuridão. Jung ([1925] 2011c, [1946] 2011f) explica que quando predominam as projeções existe um estado de identidade com o inconsciente, operando entre os parceiros uma relação caracterizada pela dinâmica do envolvente e do envolvido. O envolvido projeta a imagem anímica no envolvente, dependendo dele e criando ilusões. O envolvente não se basta no vínculo e mantém uma busca que o leva para fora dele.

Segundo Benedito (1996), Reis (2007) e Alvarenga (2010) a projeção do animus facilita a entrega entre os parceiros, a paixão, a comunicação e a aceitação do desconhecido e do diferente. Nesse processo, as defensas da psique são quebradas e a mulher se abre a um campo de vivências criativas e prospectivas ou redutivas e destrutivas, tais como desenvolver caminhos para viver suas experiências amorosas, ou favorecer a autonomia dos complexos e as ilusões e os conflitos. A projeção é um processo natural e espontâneo, possuindo um valor que depende do que se faz com ela ao reconhecê-la porque coloca o indivíduo diante das obscuridades e contradições inconscientes.

Quando as mulheres retiram as projeções, diferenciam o parceiro dos aspectos do animus que são colocados nele, e pode estabelecer-se, segundo Jung, um relacionamento psicológico ([1925] 2011c; [1928] 2011e; [1948] 2011i). Nessa relação, existe uma escolha consciente baseada no conhecimento das motivações e fantasias pessoais e do parceiro, identificando o que os une e separa. Assim, a mulher reconhece os elementos reprimidos ou separados, integrando aspectos da psique e da relação humana, como aspectos inseparáveis, porque é na dinâmica entre eles que se produz a transformação e que ela pode ser criativa e valorar suas diferenças. Aqui o animus é dirigido para o mundo psíquico, funcionando como psychopompos, guia ou intermediário que abre caminhos e destaca para a mulher tarefas que precisa realizar para sua individuação.

Como foi destacada, a integração do animus também se acompanha de novas percepções sobre o relacionamento amoroso. Para Byington, o amor se transforma em um “processo gnóstico iniciativo” (2010, p. 86), buscando sempre o conhecimento pessoal e do parceiro. O amor é inseparável da inteligência racional e da atração erótica, precisando de sentimentos profundos e expectativas reais que trazem dúvidas e implicam aceitar a liberdade do outro. Na intimidade amorosa, precisa-se coragem para viver e expor o que é profundamente interior, tornando-se vulneráveis e acolhendo o parceiro emocionalmente para que também expresse seus segredos (VON KOSS, 2000). Assim, desenvolve-se uma dialética amor–paixão (ALBUQUERQUE, 1989), na qual se passa da paixão à desilusão para atingir o amor, e volta-se à paixão para encontrar os aspectos novos trazidos pelas projeções, reconhecendo as diferenças, as fantasias, os anseios e os temores.

Na relação íntima, o animus permite uma iniciação\* no mistério próprio, do outro e do amor, porque sua projeção e o conhecimento próprio e do parceiro, traz algo significativo do inconsciente, permitindo a ampliação da consciência. O amor possui aspectos arquetípicos que servem como base de mitos e contos, tais como: a dualidade e as diferenças dos parceiros, e a busca eterna da natureza humana pelo encontro afetivo. No entanto, cada vínculo é único porque permite elaborar símbolos individuais de aspectos psíquicos que se concretizam na experiência amorosa. Especificamente na primeira metade da vida, o relacionamento amoroso permite reconhecer aspectos sombrios e opostos, complementando o desligamento da família por meio de um apoio emocional.

O relacionamento psicológico não exclui o conflito e o sofrimento, mas os reconhece como tentativas de diferenciação, nas quais o fracasso e os obstáculos permitem um crescimento que busca desenvolver um potencial inconsciente (REIS, 2007). Flaiszman (2006) e Saldívia (2013) apresentaram esta mesma percepção em uma visão mais ampla do conceito de eros. Embora eros tem a função de unir, relacionar, e criar, ele possui natureza sombria responsável pelo conflito, confusão, possessão e curiosidade que emergem no encontro com os complexos e com os opostos rejeitados.

Young-Eisendrath (1997 e 1998) explica que existem outros mecanismos para lidar com esses aspectos negativos das relações. Por exemplo, a inveja leva a um desejo de destruir

---

\* Comunicação oral da Profa. Dra. Marion Rauscher Gallbach em 20 de set. de 2013

aquilo que não se pode possuir do parceiro, exprimindo um ódio que busca esvaziar o outro do seu valor, minimizando suas metas e capacidades. O ciúme é um desejo de dominar o companheiro, acreditando que se pode possui-lo ou gerando uma competição e uma iniciativa para desenvolver algo novo. Com a identificação projetiva busca se provar que alguns aspectos, geralmente elementos reprimidos e não aceitos como próprios, pertencem ao parceiro, fazendo dele um refém de papéis e valores atribuídos.

Alguns desses mecanismos e dos conceitos apresentados podem ser utilizados para compreender as relações que enfatizam “ficar”, a sedução, o corpo e a sexualidade, ou aquelas que privilegiam os ideais românticos. A junguiana Silvia Graubart (2006) propõe o conceito da “ética do provisório”, destacando o empobrecimento do encontro íntimo e a fuga do envolvimento afetivo. Sob a desculpa de que a liberdade e as experiências oferecem um aprendizado, os jovens realmente estão tentando evitar a frustração, o medo da rejeição e a percepção do parceiro como um ser livre para escolher, identificando-se com os estereótipos sociais do sexo sem compromisso. Segundo Sanford (2002), o modelo que descreve o “estar apaixonado” como meta afetiva reforça a busca do parceiro perfeito que alimentaria um desejo egoísta, narcisista e superficial. Nesses modelos, as projeções e os ideais não são questionados, esperando que o companheiro outorgue a satisfação almejada ou trocando-o quando ele não cumpre com a imagem idealizada.

Noely Moraes e colaboradores (2012) consideram que esses modelos espelham um narcisismo ou inflação do ego que busca preservar a persona e o amor próprio projetando conteúdos da sombra e do animus. A tendência narcisista oculta uma personalidade insegura que teme sofrer, depender, ser abandonada, perder sua imagem ideal e expor sua vulnerabilidade e fragilidade. Embora os diversos encontros podem ser experiências frutíferas que permitem aprimorar os valores pessoais, o não reconhecimento dos aspectos psíquicos rejeitados dificulta o auto-reconhecimento através do parceiro e do animus como foi descrito anteriormente. Segundo os pesquisadores junguianos, a eclosão do narcisismo, como dominante psíquico contemporâneo, seria uma etapa necessária para passar do mito do amor romântico ao mito do amor na alteridade. Para conseguir essa transição, é necessário aceitar os aspectos negligenciados e retirar as projeções.

Assim, para aquelas mulheres que valorizavam demais o amor romântico ou a expectativa, pessoal ou social, de se julgar pela capacidade de atrair e manter um parceiro,

é muito importante trabalhar o amor próprio e buscar outras áreas de realização. Na busca de outros espaços para o desenvolvimento da personalidade, Koltuv (1996) acredita que o conflito experimentado entre o amor e o poder-liberdade reflete uma ansiedade de separação. Para esta autora, as mulheres acreditam que a realização individual implica o isolamento e a perda da relação, ou que os vínculos criam uma dependência, limitando-as para participar de outras atividades. Nesses casos, Moore (1996) considera fundamental aprofundar os sentimentos de vulnerabilidade e as qualidades das mulheres.

Quando a mulher se relaciona com seu animus e separa essa experiência da relação amorosa, ela pode desenvolver uma imagem própria mais livre e independente, trabalhando os potenciais inconscientes e diferenciando aquilo que concerne ao vínculo e aquilo que concerne às fantasias pessoais e aos ideais sociais. A diferenciação se opera através da mudança dos velhos esquemas para adaptá-los às novas experiências afetivas, possibilitando uma “dialética do desejo” (YOUNG-EISENDRATH, 1998, p. 199). Nessa dialética, o parceiro e o encontro são reconhecidos como presenças singulares que permitem valorizar a solidão. O homem e a mulher precisam expressar suas emoções e necessidades, possibilitando um vínculo entre dois seres autônomos e responsáveis.

O encontro com o homem, como imagem do outro sexo e do animus, é um grande perigo e uma grande aventura que gera medo pela proximidade do oculto e das contradições, mas também a ruptura que permite o nascimento de algo novo. Para as mulheres modernas que anseiam tanto um relacionamento quanto a realização profissional existiriam dois tipos de amor: um amor próprio e um autoconhecimento que se desenvolve com a integração dos aspectos personificados pelo animus como companheiro interno, e um amor humano que cresce nos vínculos afetivos com o parceiro. Porém, a conquista de ambos os desejos tem respostas individuais e originais que incluem provas, dor e paradoxos (KOLTUV, 1996). Individuação e intimidade estão entrelaçadas, são inseparáveis, embora muitas vezes seja necessário se aprofundar mais em um desses aspectos. Como explicava Thomas Moore (1996), a dinâmica e os dramas da psique se exteriorizam no mundo, existindo uma dialética ou dança entre pessoas concretas e a vida da alma.

## 6 RESULTADOS

Neste capítulo, as entrevistas e os desenhos-estórias apresentam-se em duas partes. Inicialmente descrevem-se as categorias e subcategorias levantadas com os dados de ambos os instrumentos. O processo utilizado para a categorização esteve baseado nas etapas propostas por Bonilla e Sehk (1995) para pesquisas qualitativas, e na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2010) para dados qualitativos, seguindo uma análise indutiva. Na categorização dos desenhos consideraram-se os elementos de análise propostos por Trinca (1997) e Furth (2004), tais como: atitude dos personagens (relação com si próprio e o mundo), sentimentos, tendências e desejos, símbolos, títulos, histórias, detalhes, sequência, destaques e omissões. Posteriormente selecionaram-se dois casos para realizar uma análise individual, escolhendo aqueles que permitiram apresentar as relações, contradições e amplificações entre os dados da entrevista e do desenho-estória.

### 6.1 Categorização das entrevistas e dos desenhos

Foram levantadas três categorias: experiências da intimidade na relação amorosa com os homens, modelos familiares e sociais, e imagem de si e projeções. A primeira categoria comporta as subcategorias valores, ganhos e mudanças, conflitos e perdas, sexualidade, sentimentos e expectativas. A segunda categoria inclui as subcategorias família e sociedade. A última categoria integra as subcategorias imagem de si, imagem do parceiro e o ideal sobre o relacionamento íntimo amoroso. Usaram-se os nomes que as participantes escolheram para serem identificadas na pesquisa.

#### 6.1.1 Experiências da intimidade na relação amorosa com os homens

Esta categoria inclui as falas das participantes sobre as vivências nas relações amorosas com os homens, as definições sobre a intimidade, as transformações e as problemáticas. O Quadro 1 apresenta a categoria e suas subcategorias.

**Quadro 1: Experiências da intimidade na relação amorosa com os homens**

Valores	Ganhos e mudanças	Conflitos e perdas	Sexualidade	Sentimentos	Expectativas
Valores que juntam o casal: conhecimento próprio e do	A divisão e a parceria entre o casal. O autoconhecimento gerado pela	Perda é: a relação não é boa, não é saudável, a relação é frágil,	Sensações ligadas ao corpo, tais como: atração	Sentimentos que unem o casal, tais como: amor recíproco, carinho,	Estar junto. Casamento. Morar junto. Construir vida,

parceiro, afinidades pessoais e profissionais, compreensão, confiança, compromisso, cumplicidade, sinceridade, fidelidade, comunicação, amizade e cuidado. Também existe uma individualidade que deve ser respeitada.	experiência, o amadurecimento, o aprendizado e o crescimento pessoal. Afastamento ou esperar por outra relação, embora sintador. Atitudes afetivas: entrega à experiência amorosa, demonstrar, comunicar e controlar os sentimentos. Agregar para si algo do parceiro e reconhecer qualidades pessoais. Aceitar erros e defeitos próprios e do parceiro.	faltam afinidades pessoais ou profissionais. Perda da privacidade. Conflitos pelas submissões, a individualidade, o ciúme, as mentiras e a traição. Feridas ou expectativas de outras relações. Não respeitar nem valorar as diferenças.	física, prazer, tesão, satisfação, vontades e desejos semelhantes. Relação entre sexualidade e amor: sexualidade ligada ao amor, separar sexualidade do amor, “ficar”. Conhecer-se sexualmente na relação. Símbolo: cama	amizade, paixão e felicidade. Sentir-se livre para expressar-se e entregar-se. Relacionar-se para ser cuidado, atendido ou por comodismo e estabilidade. Sentimentos que distanciam o casal, tais como: Desejo de fuga, decepção, impotência, fracasso, orgulho, insegurança, medos e sofrimento. Símbolo: Coração	família e sonhos. Ter filhos. Estudar em outro lugar. Expectativas religiosas, culturais e familiares. Expectativa do jovem: curtir o sentimento. Relacionamento sério e estável, com planos iguais entre o casal. Símbolo: família e casa
---	--	--	--	--	--

### 6.1.1.1 Valores

Esta subcategoria inclui os aspectos que as participantes consideraram importantes para estabelecer um relacionamento íntimo amoroso com um homem.

**Primavera:** *Processo de conhecimento de um e do outro [...] afinidades [...] respeito [...] compartilhamento de ideias, de desejos, de vontades [...] bom humor [...] objetivos profissionais e objetivos pessoais, de vida, em comum [...] discutiam algumas ideias.*  
Desenho 1, Um casal por amor (Anexo D): *Um homem e uma mulher [...] com [...] parceria e respeito, conseguem caminhar juntos [...] Cada um com seus objetivos próprios.*

**Lefey:** *Entendimento [...] as pessoas se conhecem e sabem agir da maneira mais conveniente [...] compreender o momento do outro, saber lidar com esse momento [...] Ser solidário [...] companheirismo [...] se ajudar [...] entregar [...] de não ter medo de se jogar por mais que aquilo não dure [...] firmeza, no olhar, nas atitudes [...] ter o discernimento de que vai haver alguns momentos meio trágicos [...] paciência, a racionalidade para tentar resolver.*  
Desenho 1, Sintonia (anexo E): *tinham projetos em comum [...] a pessoa [...] te conhece [...] Você está frágil e cuida, abafa [...] é entendimento, troca de conhecimento, aventuras, viagens.*

**Lanlan:** *ser parceiro [...] ter as mesmas vontades [...] não se ofender [...] não trair emocionalmente [...] sintonia [...] afinidade. Que você consiga se divertir com a pessoa.*  
Desenho 2, Cumplicidade (Anexo F): *cumplicidade [...] um estar sempre disposto a ajudar o outro, a participar da vida do outro, mas não deixar de cada um ter o seu espaço e seu tempo.*  
Desenho 4, Diálogo (Anexo F): *É muito importante o casal ter conversas diárias [...] Cada um precisa conhecer intimamente seu parceiro para que a relação se consolide e fortaleça.*  
Desenho 5, Respeito (Anexo F): *O casal tem que se respeitar [...] em atitudes [...] em palavras.*

**Ale:** *respeitar as opiniões, respeitar o espaço [...] ser companheira da pessoa [...] apoiar os projetos.*  
Desenho 2, Respeito (Anexo G): *a flor [representa] [...] o respeito ao outros [...] se não cuidamos dela, regando e a adubando, ela morre e no relacionamento é assim, se não cuidamos ele acaba.*  
Desenho 4, Compromisso com o parceiro e com si mesmo (Anexo G): *Ao retratar a aliança [...] busquei mostrar o compromisso que assumimos com a pessoa e com os sentimentos da mesma. Assumir compromisso com alguém é algo sério e que tem que ser algo bem pensando e planejado.*

**Pollyana:** *conhecer [...] [Respeito é ser] honesto [...] ser sincera [...] fiel [...] quando você não quer [...] chegar para a pessoa e dizer [...] e não trair [...] se você for honesto [...] a pessoa confia.*

**Taty:** *inteligência [...] sintonia [...] cumplicidade, interesse [...] A gente não mentia [...] era muito sincero [...] se conquistava no relacionamento.*

**Alfa:** *a fidelidade, a compreensão [...] confiança, ela é abarcada no amor [...] há uma identidade de objetivos no relacionamento [...] as partes desejam a mesma coisa com aquele relacionamento.*

Desenho 1, O significado da intimidade através de portas (Anexo J): *intimidade [...] significa [...] portas que podem ser abertas ou não [...] há “portas” que permaneceram fechadas [...] há vários sentimentos/perspectivas que devem ser preservadas a fim de que seja mantida a identidade da pessoa ou para que caso uma ruptura, isto seja menos gravosa [...] Se você abre tudo não tem uma proteção. Abrir a porta depende da [intimidade] confiança ou da convivência.*

**Michele Almeida:** *segurança [...] honestidade [...] Cumplicidade seria os dois fazerem tudo juntos [...] ser sincero [...] confiar [...] respeitar [...] não vou magoar [...] demonstrar que gosta.*

**R:** *Predisposição [...] ambas as pessoas quererem que isso aconteça [...] a intimidade [...] precisa de um tempo, conhecer a pessoa [...] você cria uma intimidade [...] você acha que ela vai te compreender.*

Desenho 4, Conversar (Anexo L).

**Sophie:** *amizade [...] Confiança.*

Desenho 1, Conhecimento (Anexo M): *conversa [...] cumplicidade [...] respeito.*

**Rhaiane:** *respeito [...] confiança [...] o casal resolve assumir [...] o seu relacionamento [...] cumplicidade [...] os dois tornam-se mais íntimos [...] cada um expõe [...] sua personalidade, sem ter medo de ser julgado [...] de se mostrar [...] sinceridade [...] se eu tenho um problema, consigo falar com ele, ele consegue falar comigo [...] conversa.*

Desenho 1, Conhecendo o eu de cada um (Anexo N): *relacionamento afundado ou íntimo [...] conhecer-se melhor [...] de um modo íntimo, psicológico, pondo em mira a personalidade.*

Desenho 3, Amizade entre namorados (Anexo N): *Com um amigo você pode fazer brincadeiras.*

**Pio:** *confiança [...] respeito. [...] Cuidado de [...] saber se está bem, esse cuidado básico, né.*

Desenho 1, Meu desenho (Anexo O): *conversar sobre os planos e dividir o dia a dia.*

Desenho 5, O par (Anexo O): *divisão de sentimentos [...] companheirismo [...] lealdade.*

Primavera, Lanlan, Ale e Alfa destacam a importância de ter planos em comum e a necessidade de preservar objetivos pessoais. A sinceridade, honestidade e confiança são aspectos significativos para Pollyana, Taty, Alfa, Michele, Sophie, Rhaiane e Pio. A compreensão aparece nos relatos de Lefey, R e Rhainae. Ale e Lanlan explicam que é necessário participar da vida do parceiro e apoiá-lo na realização de seus projetos. Para Sophie e Rhaiane o vínculo amoroso deveria possuir algumas características da amizade. Lanlan e Rhaiane acreditam que a comunicação facilita o conhecimento e a resolução das diferenças. Lefey valoriza a entrega e a troca emocional e considera que a racionalidade e o discernimento permitem enfrentar as dificuldades. Ale destaca que o compromisso deve ser seriamente pensando e planejado. Para Taty é importante ser conquistada e conquistar seu parceiro. Michele deseja que seu parceiro mostre que gosta dela, enquanto R pensa que para estabelecer um vínculo é necessária uma predisposição das pessoas envolvidas.

Para representar as afinidades e projetos em comum nos desenhos, Primavera (Desenho 1: Um casal por amor: Anexo D) utiliza um caminho e Lefey (Desenho 1: Sintonia, Anexo E) coloca as mesmas figuras nas nuvens que representam os pensamentos e desejos de um

casal que sempre está de mãos dadas. Os casais também se encontram de mãos dadas nos desenhos de Lanlan (Desenho 2: Cumplicidade, Anexo F,), Pollyana (Desenho 1: O amor vem com o tempo, Anexo H), Michele (Desenho 5: O amor está no ar, Anexo K), Sophie (Desenho 1: Conhecimento, Anexo M,), Rhaiane (Desenho 1: Conhecendo o eu de cada um, Anexo N,) e Pio (Desenho 2: A dois, Anexo O), representando a união entre eles. Ale (Desenho 2: Respeito, Desenho 4: Compromisso com o parceiro e com si mesmo, Anexo G) utiliza a flor e o anel para representar o respeito, o cuidado, e o compromisso.

Um dos personagens nos desenhos de Lanlan e R (Desenho 4: Conversar, Anexo L) parece estar triste. Lanlan explica que em uma relação íntima o homem fica perto mesmo quando a mulher está triste. R acredita que uma conversa exige intimidade, mas não desenha as mãos em ambas as figuras. Rhaiane apaga a figura feminina, porque percebe que está muito longe do parceiro. As mãos e a proximidade entre os personagens podem ser relacionadas nesta categoria com a partilha entre o casal ou com os conflitos existentes nesse contato. Alfa (Desenho 1: O significado da intimidade através de portas, Anexo J) representa um conflito por meio da porta aberta e da porta fechada, explicando que alguns aspectos íntimos são compartilhados, mas que outros devem permanecer “fechados” para conservar a identidade e se proteger caso aconteça uma ruptura.

Muitas das participantes se referem ao respeito e à busca de afinidades, sintonias, projetos, expectativas e ideias em comum que unem o casal que é representado quase sempre de mãos dadas. Destaca-se a importância outorgada à compreensão, o companheirismo e a parceria que deveria caracterizar o vínculo. Também foi exposta uma necessidade de segurança, honestidade, sinceridade, confiança e fidelidade, evitando traição e mentira. Assim, os valores atribuídos pelas participantes ao relacionamento íntimo amoroso sugerem a necessidade de um encontro caracterizado pelo conhecimento próprio e do parceiro para encontrar aquilo que eles compartilham e reconhecer as áreas nas quais o parceiro precisa ser apoiado. Encontra-se o destaque de valores que caracterizariam relações igualitárias, tais como apoio, amizade, respeito e cuidado mútuo.

#### 6.1.1.2 Ganhos e mudanças

Nesta categoria apresentam-se as falas das participantes relacionadas aos aspectos acrescentados pelos relacionamentos íntimos amorosos e as transformações vividas.

**Primavera:** *É a parceria, de estar junto [...] é mais um, é uma pessoa com quem eu posso contar [...] Sai da relação mais segura de mim mesma, sabe, sobre o que eu quero e o que eu não quero.*

**Lefey:** *se for um relacionamento saudável acho que um tanto outro tem a ganhar [...]o que se ganha com um relacionamento fragilizado é experiência [...] autoconhecimento [...] ceder teu tempo para amar alguém, para estar junto com alguém, dividir os teus momentos. [...] me questionar enquanto aos meus sentimentos e em relação ao meu orgulho [...] quando eu queria estar junto com ele eu dava o meu jeito [...] corria atrás do que eu sentia [...] a pesar de toda essa loucura [...] eu aprendi [...] viveria [...] tudo de novo [...] com mais amadurecimento.*

**Lanlan:** *Ganho [...] é o que o casal consegue fazer junto [...] é sempre eles estarem junto. [...] melhor a gente terminar agora que, por mais que esteja doendo [...] acho que vai ser menos doloroso do que de repente [...] ele encontrar uma outra pessoa e [...] terminar dessa forma.*

**Ale:** *ganho [...] é a história, a vivência [...] [cada relação] é uma vida [...] uma experiência nova. [...] a gente estava em níveis diferentes [...] não vou falar que foi ruim, porque eu aprendi [...] Ele falava que eu não demonstrava muito sentimento. Com quem eu estou tendo hoje, eu já demonstro mais [...] procuro me doar [...] eu não reclamo [...] falou assim: “que se não deu certo, não era a hora certa ainda para dar” [...] e valeu a pena esperar pelo que eu tenho hoje. De situações, tipo, de briga, se fosse em uma outra situação eu já perderia a cabeça, já falaria coisas indevidas; e hoje [...] consigo me controlar mais [...] eu respiro fundo, acalmo, volto, converso.*

**Pollyana:** *os próximos relacionamentos sempre são melhores, porque eu acho que eu tento não cometer os mesmos erros, e vou tentar melhorar [...] sei o que é que eu gosto, o que é que eu não gosto, o que é que eu devo fazer e o que eu não devo [...] fui me descobrindo [...] foi o meu autoconhecimento. [...] Eu consigo, aprendo e pronto, se gostar repito, se não, não.*

**Taty:** *divide experiências, então você aprende [...] se fosse hoje eu não terminaria, eu amadureceria junto com ele [...] [Para amadurecer é necessário] Conversa, conversa e conversa. [Para lidar com as feridas, desconforto ou sentimentos] que eu não gosto [...] me autoanaliso.*

**Alfa:**  *você agrega alguma coisa da outra pessoa [...] criação de vínculos [...] valores [...] bagagens acabam sendo acrescidas [...] ambos crescem [...] [Aprendem] Porque cada pessoa é diferente. [Mudar] depende muito daquilo que a pessoa quer com a nova pessoa [...] aquela pessoa só vai lhe proporcionar aquilo que os demais fizeram [...] fazer com que a pessoa tente mudar [...] [também] depende dela, se ela quer mudar [...] [quer] que aquele relacionamento seja diferente. [Impor a própria identidade ao outro é uma dificuldade que vai] diminuindo à medida que ambos confiam [...] compreendem [...] eles acabam conversando [...] fazendo que aquilo não seja mais algo a ser posto na outra pessoa, mas aceito [...] tem que se aprender, o que é muito difícil, a ceder, a, de vez em quando, falar [...] “desculpa, eu realmente errei [...] vou tentar melhorar”.*

**Michele Almeida:** *se você gosta de uma pessoa [...] [e ela] fala: “não gosto mais de você!”, lógico que eu vou sofrer [...] Só que eu prefiro a verdade do que a mentira, do que a pessoa fingir. [...] meus relacionamentos, eles foram muito importantes [...] Eu sofri muito, mas eu levo coisas boas de cada um [...] tive experiência [...] sempre aceite defeito [...] me deram maturidade [...] vendo o que é que poderia ser melhor em um próximo relacionamento, que é que eu devo fazer ou que é que eu não devo fazer.*

**R:** *quando você tem um vínculo porque você tem mais intimidade para falar [...] [ou] fazer.*

**Sophie:** *cada relacionamento é diferente [...] o ganho é o aprendizado que a gente leva, a não cometer os mesmos erros e a fazer os acertos [...] eu amadureci muito, que eu cresci bastante, coisa que jamais eu iria aceitar, eu aceitei, tipo assim, a gente terminou em uma boa e eu deixe resolver a vida dele com uma outra pessoa [...] [Tenho dor] Mas eu lido com ela diferente, superando.*

**Pio:** *me deu o exemplo do que eu preciso observar mais antes de me relacionar [...] esse filem de perceber mais para não cair nessa de novo, porque não foi uma experiência muito boa.*

Nos seus relatos, Taty, Alfa e Ale reconhecem a importância da conversa para amadurecer e resolver os conflitos. Embora sentissem dor com essas experiências,

Lanlan, Michelle e Sophie aprendem a estabelecer limites e se afastar, e Lefey expressa que viveria tudo novamente com mais maturidade. Ale e Sophia dizem que aprendem a ter autocontrole. Pollyana e Ale consideram que a espera do próximo relacionamento é necessária e que traz sempre aspectos novos e mais significativos. Ale e Lefey dizem que aprendem a reconhecer seus desejos, entregando-se a eles e exprimindo seus sentimentos.

Primavera se percebe mais segura de si mesma e do que quer de um vínculo afetivo, e Pio descobre a necessidade de observar cuidadosamente com quem vai se relacionar. Para Alfa as mudanças vão depender das expectativas que cada pessoa tem sobre a relação, daquilo que ela experimentou em relacionamentos anteriores e da disposição pessoal para mudar. Lefey considera que ceder tempo próprio para amar outra pessoa traz uma experiência significativa de divisão e de partilha. Taty ganha uma capacidade de autoanálise que lhe permite lidar com as feridas e os sentimentos de desconforto.

Alguns ganhos fundamentais para as mulheres nos relacionamentos íntimos com um homem são os seguintes: a parceria, estar e fazer junto e poder falar e partilhar. O parceiro e a relação foram reconhecidos como mobilizadores de autoconhecimento, maturidade e crescimento. Também referem como ganhos a descoberta de atitudes que facilitam ou dificultam os laços amorosos, tais como: a redefinição das capacidades e gostos, o aprendizado que pode ser derivado do sofrimento, dos desencontros e do afastamento, e a aceitação das diferenças e das possibilidades que trazem as relações.

O aprimoramento de características pessoais positivas que permitem juntar o casal, tais como a expressão e o controle dos sentimentos, e a busca por não cometer os mesmos erros do passado, permitiria fortalecer os relacionamentos. Em resumo, a relação íntima amorosa é percebida por muitas das participantes como uma possibilidade para partilhar sentimentos, pensamentos e expectativas, e um espaço para conversar e compreender. Igualmente, algumas das entrevistadas experimentam ganhos na integração de valores e capacidades tais como confiança, comunicação, doação, afetividade e lidar com o próprio orgulho. Em muitos casos, esses valores são atribuídos aos parceiros ou à experiência obtida na relação, sugerindo que eles estão ligados a aspectos do animus que são projetados. Destaca-se também que as participantes qualificavam seus relacionamentos como vivências únicas e singulares que permitem o desenvolvimento individual. Assim, cada relacionamento amoroso trazia, criava ou pedia o aprendizado de algo novo.

### 6.1.1.3 Conflitos e perdas

Esta subcategoria descreve as problemáticas identificadas pelas participantes no relacionamento íntimo amoroso com um homem, mostrando também as diferentes visões que elas têm sobre as perdas experimentadas nesses vínculos.

**Primavera:** *quando tem perda esse relacionamento não seria bom. [...] morar longe da família [...] é uma condição para que vocês fiquem junto [...] não vou perder minha família [...] é mais a distância [...] física [...] se eu perdesse e nunca mais fosse achar.*

*[...] em questões pessoais e profissionais já não era um relacionamento tão íntimo [...] não existiam tantas afinidades [...] acabei me submetendo [...] para que a relação se ajustasse [...] satisfazia o outro, mas não satisfazia a mim [...] agradar [...] Era uma exigência.*

**Lefey:** *desde que seja saudável, perder nunca [...] se o relacionamento for [...] fragilizado [...] se perde [...] desgaste [...] vitalidade [...] estressar [...] discussões [...] diferenças de pensamento.*

*[...] as dificuldades que tinha [...] em questões morais e éticas, porque ele era o professor [...] trabalhava junto com ele, e ele era meu amigo [...] ele tinha uma namorada.*

*[...] não está na mesma sintonia que você [...] e aí as individualidades vão na frente [...] do tipo, esquecer que tudo tem uma solução, que tudo tem um remédio.*

Desenho 4, A racionalidade (Anexo E): *Quando as dificuldades batiam à porta, o jeito era se acalmar para enxergar a solução com mais clareza [...] os indivíduos compartilham.*

**Lanlan:** *perda é briga [...] decepção é você esperar de uma pessoa uma atitude que ela não tem [...] é a pessoa não ter consideração por você em alguns momentos.*

*[...] a dificuldade foi eu me abrir mais [...] não consegui expor tudo o que eu pensava, não conseguir falar tudo de mim [...] não me conseguir abrir totalmente para ele [...] a gente quer muito uma pessoa, só que a gente não está pronta [...] Por estarem os dois muito trancados dentro de si [...] não teve afinidade suficiente para a gente ficar junto [...] faltou conversa, falta [...] cada um [...] falar: “Não, vou disponibilizar um tempo a mais para a gente”.*

Desenho 2, Cumplicidade (Anexo F): *disposto a ajudar o outro, a participar da vida do outro [...] A mulher do desenho está triste e ele está disposto a estar com ela mesmo assim.*

**Ale:** *Perda [...] você acaba meio que passando de ter uma vida que era só sua, para ter uma vida a dois [...] deixando algumas coisas [...] começou a namorar [...] acabou [...] afastando dos amigos.*

*[...] Meus relacionamentos passados não foram dos melhores [...] eu sempre me doeí demais [...] Eu queria arranjar um namoro mesmo, e a pessoa que estava comigo queria só mais, tipo, curtir [...] sem compromisso [...] não vou falar que foi ruim, porque eu aprendi [...] também não vou falar que foi bom porque eu sofri [...] porque você deposita expectativas em um relacionamento.*

Desenho 2, Respeito (Anexo G): *Em um relacionamento quando se tem o respeito e a cumplicidade, logo se constrói uma relação forte onde as dificuldades do dia a dia são passadas juntos.*

**Pollyana:** *não acredito que eu tive perda [...] [Marcus\*] tinha ciúme dos amigos dele, eu tinha ciúme das minhas amigas, então a gente não convivia com mais ninguém, só [...] a família [...] ele [...] pediu para eu voltar para casar. Mas eu estou em outra fase [...] estudar [...] trabalhar [...] às vezes eu sinto falta [...] ele é muito bonzinho, eu também [...] então a gente não quer perder.*

*[...] ciúme é insegurança [...] não sei por que, acho que todos os meus namorados já me traíram, então não confio [...] briguei com todos os meus namorados por essa insegurança.*

*[...] já fiquei como uma pessoa [...] estou achando muito estranho porque você está morando com a pessoa [...] [e] fingir [...] que é um amigo [...] me arrependi de ter ficado [...] me senti incomodada [...] das pessoas terem me visto com ele [...] ele fingir que não me conhece [...] não sei se eu vou querer de novo [...] acho que é uma experiência que eu queria viver.*

Desenho 3, Aceitar as diferenças (Anexo H): *a grande dificuldade de qualquer relacionamento [...] conviver e [...] aceitar as diferenças [...] dá para fazer os filhos e a separação.*

**Taty:** *dependendo do relacionamento, você pode perder [...] sua individualidade [...] sua privacidade.*

---

\* Nome fictício escolhido pela participante

[...] os dois eram muito *imatur* [...] o fato de ele ser *possessivo*, eu me achava no direito de ser.  
 [...] *todo mundo tem ferida* [...] *O que a gente já viveu atrás reflete no hoje*.  
 Desenho 1, Simplicidade (Anexo I): *disputas de egos* [...] [esconder] *sentimentos* [...] *vontade*.  
 Desenho 2, Cumplicidade (Anexo I): *comunicar-se* [...] *os feedbacks positivos e negativos*.

**Alfa:** *você perde um pouco da sua intimidade* [...] *tempo* [...] *convicções* [...] por meio da observação e [...] [de] *escutar a uma outra pessoa que tem uma visão, talvez, totalmente diferente*.  
 [quando] *havia uma diversidade muito grande de interesses* [...] [é] *mais difícil o compartilhamento* [...] *não tinha uma estabilidade emocional*.  
 [...] *prevalecer a identidade* [...] *o seu paradigma* [...] *sem* [...] *respeitar* [...] *somos extremamente teimosos e acreditamos* [...] *que nossas verdades são absolutas*. Isso [...] [gera] *conflitos* [...] *divergência de entendimento* [...] *você querer apenas mandar* [...] *se tornar dono* [...] *imputando a culpa* [...] *Não que as brigas* [...] *impliquem o termino* [...] *mas elas desgastam* [...] *cada um está puxando um lado da corda e a corda é o relacionamento, em uma hora ela estoura*.  
 Desenho 4, O verdadeiro amor como a chave para a intimidade (Anexo J): *sonhos e sentimentos* [...] *não são revelados por conta do amor verdadeiro, por estes poderem machucar*.

**Michele Almeida:** *a maior perda é quando um homem trai uma mulher* [...] *me deixava* [...] *sozinha* [...] *não me deu valor* [...] [dificuldades] *todos costumavam mentir* [...] *O motivo de mentir eu não sei, talvez para não me magoar*.  
 [...] *eu não tenho que cobrar, porque ele não é o meu namorado*.  
 Desenho 4, Tem sempre uma primeira vez para tudo (Anexo K): *encontra esse lindo rapaz com outra mulher, sua reação é* [...] *chorar* [...] *seu coração havia sido partido*  
 Desenho 5, O amor está no ar (Anexo K): *era abandonada* [...] *era humilhada*.

**R:** *Acho que não* [tem perdas] [...] *mas, intimidade demais* [...] *em excesso, não é legal* [...] *porque ultrapassa uma barreira de intimidade e de privacidade* [...] *o outro se sente você, e não, são duas pessoas diferentes*. [...] *Fica uma coisa meio simbiótica, assim, sabe, não saber quem é quem*.

**Sophie:** *perdi muita gente pelo meu estresse, por briga, ciúme* [...] *se não tiver respeito*. *Aí perde tudo*.  
 [...] *acabei vindo para São Paulo* [...] *apareceu uma ex-namorada* [...] *ele ficou em dúvida* [...] *E eu resolvi ir embora, aí isso mexeu com ele, ele viu que ele me amava muito* [...] *só que eu falei que no momento já tinha sido tarde* [...] *aqui estou tentando minha vida*.  
 Desenho 1, Conhecimento (Anexo M): *se vai trair que eu não saiba* [...] *não olhe para ninguém*.  
 Desenho 5, Traição (Anexo M): *hoje é quase inevitável* [...] [a] *traição no começo ou no final*.

**Rhaiane:** [a] *pessoa passa a não te respeitar* [...] *a não te aceitar do jeito que você é* [...] *aí você perde*.  
 [Por] *mim* [...] *a gente fica namorando* [...] [pela] *família, e por ele*, [...] *casaria e teria filho*.  
 [...] *é conversando que a gente ultrapassa nessas diferenças, nessas dificuldades, problemas*.  
 Desenho 2, A felicidade entre opostos (Anexo N): *preconceitos* [...] *opostos* [...] *barreiras*.  
 Desenho 4, Briga entre casais (Anexo N): [as] *brigas* [...] *em algum caso serão para fortalecer o relacionamento, contrapondo os pontos positivos e negativos*.

**Pio:** *não vejo uma perda*. [...] *quando começa a perder* [...] *não é mais para ter essa intimidade* [...] *não é um relacionamento saudável*. *Existem coisas negativas, mas acho que não que sejam consideradas perdas* [...] *Coisas corriqueiras* [...] *como briguinhas* [...] *que fortalecem até*.  
 [...] *brigamos* [...] *por não combinar isso, por não casar tão bem, e aí me fez perder essa expectativa*  
 Desenho 2, A dois (Anexo O): *Eu tive poucos relacionamentos amorosos, pouca intimidade, acredito que seja por exigir esse tratamento ou confiança e carinho*.

Nas relações de Primavera, Lefey, Lanlan, Ale, Pollyana, Alfa, Sophie, Rhaiane e Pio encontraram-se conflitos referidos a expectativas diferentes que não permitiram que os casais continuassem juntos. Para Lefey, Lanlan, Ale, Taty, Pollyana, Alfa e Michele o “ficar” foi uma experiência afetiva significativa, mas também trouxe alguns conflitos, tais como: decepção, que o parceiro dê prioridade a sua própria satisfação e trate indiferentemente à mulher, não sentir estabilidade emocional e ter que aceitar as

condições sem fazer cobranças. Situações de permissão, submissão, poder, controle, imposição, possessão, exigências, e falta de respeito, aceitação e compreensão podem ser identificadas nos relatos de Primavera, Michele, Sophie, Alfa e Rhaiane. Taty, Sophie e Alfa identificam a origem de alguns conflitos nas relações passadas. Ale, Alfa e R pensam que dentro de uma relação existe a possibilidade de perder a privacidade e outros vínculos. Pio e Rhaiane consideram que as brigas podem fortalecer o relacionamento.

No seu desenho, Pollyana (Desenho 3: Aceitar as diferenças, Anexo H) manifesta que com o casamento e a convivência os parceiros encontraram as verdadeiras dificuldades, e visualiza a separação do casal depois do nascimento dos filhos. Lanlan (Desenho 2: Cumplicidade, Anexo F), Rhaiane (Desenho 2: A felicidade entre opostos, Desenho 5: Briga entre casais, Anexo N), Michele (Desenho 4, Tem sempre uma primeira vez para tudo, Anexo K) e Sophie (Desenho 5, Traição, Anexo M) apresentam casais separados, expressões tristes e mãos ocultas. Elas desejam expressar sentimentos negativos, tais como: fracasso, abandono, insegurança, e humilhação, os quais apareciam quando elas vivenciaram dificuldades como brigas, preconceitos, e traição.

Nos desenhos também são identificados elementos que permitiriam enfrentar as dificuldades. Alfa (Desenho 4: O verdadeiro amor como a chave para a intimidade, Anexo J) considera que alguns sonhos e sentimentos não devem ser compartilhados para evitar machucar o companheiro. Diferentes são as percepções de Lefey (Desenho 4: A racionalidade, Anexo E), Lanlan, (Desenho 2: Cumplicidade, Anexo F) Ale (Desenho 2: O respeito, Anexo F) e Taty (Desenho 2: Cumplicidade, Anexo I), que identificam a partilha, a comunicação, a cumplicidade e o respeito como recursos para resolver os conflitos, embora não fazem referências a eles na entrevista.

Um aspecto interessante nesta subcategoria é o significado atribuído pelas participantes à perda e ao conflito. A perda é definida pelas entrevistadas de formas diferentes. Para algumas, os relacionamentos saudáveis não trazem perdas, mas sim os relacionamentos fragilizados, nos quais as perdas são o desgaste, o estresse e a decepção. Outras percebem uma perda na vida a dois, porque exclui ou implica reformular aspectos pessoais, tais como: as amizades, a privacidade, o uso do próprio tempo e as convicções pessoais. A perda está acompanhada por conflitos como a possessão, a simbiose, e a falta de valoração, compreensão e respeito por parte do parceiro. Os conflitos estão relacionados

com qualidades negativas ou diferenças que separam o casal ou dificultam a realização do ideal de partilha e união. A origem desses conflitos se encontra em relações passadas ou em dificuldades próprias ou do parceiro, situações que deixaram feridas ou problemáticas que as mulheres ainda não conseguiram superar, elaborar ou compreender.

Essas descrições poderiam apontar algumas tendências ou qualidades ideais que as participantes atribuíam a um vínculo íntimo amoroso. As entrevistadas relacionam as perdas com relações frágeis que terminaram ou nas quais elas experimentaram conflitos que ainda geram dor. No entanto, essa fragilidade também poderia ser considerada uma experiência intrínseca e inevitável nas relações que as mesmas mulheres caracterizaram com valores como entrega afetiva, partilha de expectativas e cuidado do parceiro. Assim, a não identificação de perdas nos relacionamentos saudáveis, poderia indicar que as mulheres estão buscando uma relação ideal na qual o casal partilha sem existir entre eles diferenças ou conflitos significativos. Esse ideal sugere um desejo de união que, além de atrair, também parece gerar um temor pela possibilidade de uma dependência, e um medo de perder a individualidade, a privacidade e as amizades.

Nas relações dos conflitos e das perdas com os valores, ganhos e mudanças, destacam-se algumas contradições. As participantes reconhecem a comunicação, a partilha, o respeito e a cumplicidade como recursos para resolver os conflitos, mas as respostas da subcategoria conflitos e perda parecem indicar que elas não os utilizam para resolver as problemáticas identificadas. Ganhos e mudanças como autoconhecimento e parceria contrastam com a falta de compreensão das próprias dificuldades, e com os desejos e medos representados pelos opostos de união do casal e de preservação da individualidade.

As mulheres almejam uma relação que lhes permita cumprir com suas expectativas, mas parece que não conseguem lidar com conflitos e perdas que se repetem nesse tipo de encontros afetivos. O autoconhecimento que pode ser derivado dos conflitos e das perdas é pouco destacado pelas entrevistadas. Igualmente, só algumas das participantes reconhecem os conflitos como aspectos negativos que fazem parte da dinâmica e da evolução da relação, e muitas delas acreditam que esses elementos poderiam separar o casal e impedir a realização das expectativas. Assim, os valores e ganhos que definem a intimidade poderiam configurar ideais formulados pelas mulheres, e esses ideais poderiam não ser incorporados ou vividos nas relações estabelecidas com os homens.

#### 6.1.1.4 Sexualidade

A subcategoria descreve as avaliações que as participantes realizaram sobre a sexualidade nos relacionamentos íntimos amorosos com os homens.

**Primavera:** *vontade de se amar e de fazer sexo [...] carinho [...] [no] toque mesmo, a proximidade física. Desenho 2, Namoro em noite estrelada (Anexo D): em noite de lua crescente, namoram [...] céu estrelado [...] Conversam sobre o amor, a bela noite, e o prazer [...] de estarem juntos.*

**Lanlan:** *ter prazer com a pessoa [...] a gente [...] tinha uma química muito forte [...] conseguia se relacionar muito bem sexualmente, mas a gente não conseguia se relacionar muito bem fora disso [...] não conseguia conversar [...] [O Sexo] Ajudou [...] manteve a gente junto. Desenho 3, Sexo (Anexo F): tem que ter vontade e desejos semelhantes.*

**Ale:** *Desenho 5, Intimidade no relacionamento (Anexo G): cama [...] além ter sentimentos, tem que ter uma vida sexual que satisfaça a ambos, um tem que procurar satisfazer ao outro. Desenho 3, Carinho e afeto (Anexo G): prefere o contanto e o olhar.*

**Pollyana:** *de todos os relacionamentos [...] eu me conheci melhor [...] fisicamente, tipo, em relação a sexo [...] o que me excita, o que não [...] hoje eu sei [...] o que eu consigo fazer comigo. [...] Eu vou ficar, eu vou transar com uma pessoa que eu não conheço [...] Antes eu achava que não existia separação de sexo e de amor, e hoje eu acredito [...] quando meu namorado ficava [ou transava] com alguém [...] eu achava: “ele não me ama” [...] estou vivendo isso, e é completamente diferente, que você ama uma pessoa e tem relação com outra. Desenho 2, Sexo com amor (Anexo H): Acredito que com o tempo você cria uma intimidade, e o sexo é uma consequência. Feito com amor é muito mais prazeroso e satisfatório.*

**Alfa:** *sexo não deve, nunca, ser o fator preponderante [...] [se] homens [...] apenas desejavam sexo, pode ser que eu apenas deseje isso [...] o espelhe como algo negativo e queira algo [...] maior. Desenho 3, Tipos de amor (Anexo J): O amor que se mantém pelo sexo existe e perdura em relação do sexo. Amor este extremamente frágil, uma vez que diversos relacionamentos, inclusive casamentos, vão à ruína pela busca do parceiro (a) de outro que possa lhe oferecer maior prazer.*

**Taty:** *Atração física, [...] Encaixe físico [...] carnal. Desenho 3, Sexo – A carne (Anexo I): sexo [...] A tesão é uma vontade [...] querer [...] desejar.*

**R:** *curtir o sexo e o corpo [...] intimidade que lhes permite ficar nus [...] [sem] intimidade afetiva. Desenho 1, O que seria a intimidade (Anexo L): o sexo pode ser uma consequência. Desenho 3, Sexo (Anexo L): Incontestavelmente o sexo exige um grau de intimidade demasiado.*

**Sophie:** *desejo [...] 50 por cento para mim de sexo [...] não é só sexo, você entrega um pouco da tua alma [...] não consigo transar só por prazer, tem que gostar [...] sentir um pouco a pessoa. Desenho 2, Sexo (Anexo M): tenho que conhecer a índole do homem [...] por mais que eu sinta tesão [...] sexo é uma intimidade [...] cada um conhece o corpo da outra pessoa profundamente.*

**Rhaiane:** *posso namorar e não me basear [...] o relacionamento [...] em sexo [...] estou [...] curtindo. Desenho 2, A felicidade entre opostos (Anexo N): Acho que é uma parte mais sexual. Desenho 5, O sexo (Anexo N): O sexo é uma forma de mostrar a afinidade ou aproximação entre o casal [...] de mostrar ou transmitir a paixão ou o grau de intimidade entre ambos.*

**Pio:** *carinho físico Desenho 4, Sexo (Anexo O): O sexo é responsável pela mínima parte de intimidade [...] diria 20% [...] A descoberta e a partilha deste momento são mais determinantes que o ato [...] O relacionamento e a intimidade são [...] um todo, mais amplo, que se acompanha do sexo.*

A sexualidade é um aspecto significativo e determinante no relacionamento íntimo com um homem para quase todas as participantes, usando as seguintes palavras para descrever

suas experiências sexuais: desejo, tesão, vontade, prazer, encaixe, atração, carinho e aproximação física. Assim, as relações amorosas permitiram a Pollyana se conhecer fisicamente, e Taty, Sophie e Ale apresentam descrições que destacam a satisfação e as experiências corporais. No entanto, nas suas falas sobre a sexualidade, as participantes também relacionam essa vivência com outros aspectos do vínculo, especificamente com a intimidade e com sentimentos como o amor.

Nos relatos de Primavera, Sophie, Rhaiane e Pio, a experiência da sexualidade no vínculo íntimo com um homem precisa de uma ligação com os sentimentos. Por exemplo, Primavera relaciona o prazer com a alegria de estar junto. Sophie pensa que no ato sexual se entrega a alma. Para Rhaiane a sexualidade permite mostrar a paixão, a afinidade e a intimidade entre o casal. Pio considera que o realmente importante é a descoberta e a partilha da experiência da sexualidade entre o casal e não o ato sexual em si. No entanto, os desenhos de Primavera (Desenho 2: Namoro em noite estrelada, Anexo D), Rhaiane (Desenho 2: A felicidade entre opostos, desenho 5: O Sexo, Anexo N), Sophie (Desenho 2: Sexo, Anexo M) e Pio (Desenho 4: Sexo, Anexo O) que apresentam corpos ocultados, olhos esvaziados, casais de mãos dadas, separados ou com algum objeto entre eles, indicam a existência de conflitos com respeito às emoções envolvidas na sexualidade.

Com outra perspectiva sobre a sexualidade, Lanlan (Desenho 3, Sexo, Anexo F), Pollyana (Desenho 2: Sexo com amor, Anexo, H), Ale (Desenho 5, Intimidade no relacionamento, Anexo G), Alfa, R (Desenho 3, Sexo, Anexo L) e Taty (Desenho 3, Sexo – A carne, Anexo I) acreditam que estabelecer um vínculo sexual não implica necessariamente um envolvimento afetivo. Assim, a aparição do corpo nos desenhos delas pode indicar que a sexualidade é compreendida como uma experiência sensual vinculada ao prazer, à satisfação e à química entre o casal, mas mostram conflitos na relação entre sexo e amor por meio da omissão de traços da face e dos braços. No caso de Pollyana é significativa a contradição entre a história do desenho, que liga o sexo ao amor, e o discurso da entrevista, que destaca sua vontade de “ficar”. Igualmente são interessantes os papéis sugeridos nos desenhos de Pollyana (Desenho 2: Sexo com amor, Anexo, H) e Sophie que colocam o homem acima, como dominante, e a mulher em um lugar receptivo.

Todas as mulheres que trataram o tema eram conscientes de que a vivência da sexualidade possui um valor próprio ligado à experiência do corpo e dos sentidos. No

entanto, algumas acreditam que quando o encontro sexual está acompanhado de sentimentos ou intimidade, o prazer se intensifica, percebendo que ato sexual é uma expressão do amor. Algumas participantes que vivenciaram relacionamentos nos quais se privilegiava o encontro sexual expressam uma valorização atual da entrega afetiva, manifestando que a relação fundamenta no sexo ou em “ficar” é frágil e não cumpre com as expectativas de união, comunicação e parceria.

Nos desenhos, a ocultação do corpo, a posição dos personagens e a omissão dos traços da face e do cabelo podem representar os ideais das participantes sobre a ligação entre o par sexo e amor, mas também mostram alguns conflitos gerados pela valorização de um dos aspectos e a desvalorização do outro. Assim, quando as participantes buscam uma relação afetiva séria e comprometida, valorizam o componente afetivo representado pelo amor, o carinho, a comunicação, a partilha do momento e a intimidade entre o casal. Essa imagem contrasta com os modelos oferecidos na sociedade moderna, os quais privilegiam o prazer, a satisfação, o corpo e os sentidos. As participantes reconhecem que é possível valorizar tanto a sexualidade quanto as emoções envolvidas nas relações íntimas com os homens. A diferenciação entre sexualidade e amor ou entre corpo e sentimentos podem levar a um conflito unilateral quando eles se desenvolvem separadamente, mas esses opostos podem coexistir, integrando-se e complementando-se.

#### 6.1.1.5 Sentimentos

A subcategoria procurou identificar os sentimentos que as entrevistadas experimentam nos vínculos íntimos amorosos com os homens.

**Primavera:** *gostar [...] de estar junto com essa pessoa [...] de sorrir [...] de sair para dançar.*

Desenho 1, Um casal por amor (Anexo D): *O amor [...] lhes une e ajudam-no a superar as dificuldades [...] algo em comum, seu amor [...] dois adultos que caminham junto pelo amor.*

**Lefey:** *sentimento [...] para afagar [...] acalantar [...] reorganizar [...] amor [...] gostar de alguém. [...] Trancada [...] claustrofóbica porque eu queria dar vasão a tudo o que eu estava sentindo e eu não tinha por onde [...] sufocada [...] dúvida [...] triste [...] ser orgulhosa e, e queria negar para mim mesma que eu gostava [...] sofria [...] a gente foi se distanciando [...] tive a sorte de fugir [...] mas seria capaz de [...] fazer virar esse sentimento de novo.*

Desenho 1, Sintonia (Anexo E).

Desenho 3, Sendo um só (Anexo E): *O coração maior, o amor mais forte, ser mais verdadeiro.*

**Lanlan:** *se jogar de cabeça [...] experimentar todos os tipos de sentimentos [...] amor [...] decepção [...] se entregar de corpo e alma [...] para você conseguir definir o que é bom e o que não é.*

**Ale:** *você tem que gostar da pessoa, né, se não tiver sentimento, você não está com a pessoa, você está enganando ele e a si mesmo [...] Acho que o amor é o principal [...] carinho também, esse afeto.*

*[Quando a relação não dava certo, falhava, você] se sente **impotente** [...] **fracassa** [...] pelo fato de **não sentir essa segurança** [...] **me fechava** [...] no meu **mundo** [...] o nosso relacionamento **não é aquela paixão** [...] **avassaladora** [...] **tsunami**, passa estraga tudo e só deixa uma destruição.  
Desenho 1, Amar e ser amado (Anexo G): o coração [...] significa amar e ser amado.*

**Pollyana:** Desenho 1, O amor vem com o tempo (Anexo H): *conhecer [...] descobertas [...] **tudo é novidade**, você **tenta mostrar o seu melhor**, os **defeitos vem com o tempo** [...] a **paixão dura** cerca de 2 anos, depois vem o **amor**, ou acaba [...] **O encantamento** ou **junta** [...] ou o **afasta**.*

**Taty:** *Insegurança, medo, alegria [...] felicidade também, e amizade.*

Desenho 1, Simplicidade (Anexo D): *[relações] deveriam ser simples [...] a fim de obter amor.*

**Alfa:** *com cada homem você pode ter um sentimento diferente [...] carinho [...] quando há uma identidade de objetivos [...] as partes desejam a mesma [...] o torna [...] realmente um amor.*

Desenho 3, Tipos de amor (Anexo J): *[...] amor [...] frágil [...] perdura o comodismo [...] ter algo estável [...] dependem daquilo que cada pessoa espera do amor e de um relacionamento.*

Desenho 4, O verdadeiro amor como a chave para a intimidade (Anexo J): *O verdadeiro amor [...] [a] chave que pode abrir a porta para a intimidade, mas [...] impedira que determinados aspectos de intimidade sejam “libertados” [...] [O amor] aproxima o casal a tão ponto que a pessoa se entrega de corpo e alma para o outro, contudo aquilo que lhe é mais íntimo.*

**Michele Almeida:** *amor mutuo [...] carinho [...] quando eu começo a gostar de alguém [...] fico perdidamente apaixonada [...] besta mesmo [...] boba [...] tento demonstrar.*

Desenho 1, O amor de uma mulher (Anexo K): *Michele conheceu um lindo rapaz [...] ela ficou perdidamente apaixonada e não sabia como dizer isso a ele.*

Desenho 1, O amor está no ar (Anexo K).

**R:** *você cria intimidade [...] [o] conhece [...] se apaixonar [...] Amor é uma consequência [...] independente de querer sexo [...] pode ser [...] amizade [...] as relações tem sentimentos.*

Desenho 1, O que seria a intimidade (Anexo J): *O amor pode ser a maior intimidade.*

**Sophie:** *Cada vez mais eu tento conseguir algum sentimento diferente que eu não conhecia [...] eu sinto que hoje em dia cada amor que a gente tem pelas pessoas é diferente um do outro.*

Desenho 4, Amor (Anexo M): *amor [...] puro, forte e verdadeiro [...] sentido com a alma, dito pelo coração e expressado pelos olhos [...] único, mágico, maravilhoso [...] muda vidas [...] Tem pessoas que você ama depois de conhecer, tem outras que você precisa tempo ou uma briga.*

**Rhaiane** *reciprocidade e de liberdade [...] aberta para experimentar [...] aceitar a pessoa [diferente].*

Desenho 5, O sexo (Anexo N).

**Pio:** *afeto [...] carinho é o cuidado [...] carinho de saber contar, de se preocupar.*

Desenho 1, Meu desenho: *O coração [...] representa o carinho.*

O amor foi destacado em muitos dos relatos. Primavera, Ale, Alfa, Michele Almeida e Pio definem o amor com expressões como carinho, afeto, atenção e cuidado, destacando que é um sentimento mutuo que une o casal e lhes permite criar expectativas semelhantes e superar as dificuldades. Lefey explica que o amor é um sentimento que permite acalantar, afagar e reorganizar as energias. Para Alfa, o verdadeiro amor é uma chave que “abre ou fecha” a porta da intimidade, permitindo a entrega do corpo e da alma. Sophie descreve o amor como um sentimento puro, forte, verdadeiro, único, mágico e maravilhoso que muda as pessoas, ele é sentido com o coração e se expressa com os olhos e o sorriso, como também pensa Primavera. Rhaiane apela pela liberdade para aceitar as diferenças, e Taty pela felicidade e a amizade que se pode viver no vínculo íntimo.

Ale, Pollyana, R e Michele se referem à paixão e a seus vínculos com o amor. Ale pensa que o amor que ela vive no seu relacionamento atual é muito diferente de uma paixão avassaladora e destrutora. Michelle Almeida descreveu sua forte tendência a exprimir seus sentimentos quando está apaixonada, sentindo-se às vezes “boba” e “besta”. Pollyana pensa que quando o casal se conhece tudo é novidade e descoberta, experimentando uma paixão ou encantamento que os junta. Com o tempo, aparecem os defeitos e essa paixão pode virar amor ou terminar e o casal vai se afastar. Para R, quando se cria intimidade com alguém, consegue se conhecer essa pessoa e pode se apaixonar por ela.

Nos relatos de Lefey, Lanlan, Ale, Taty e Alfa também aparecem sentimentos que são descritos com palavras como “trancada”, dúvida, agonia, negação, tristeza, fuga, distanciamento, orgulho, decepção, comodismo, falha, impotência, fracasso, insegurança, fechamento, retraimento, insegurança e medo. Eles podem ser qualificados como sentimentos negativos ou dificuldades para exprimir e viver as emoções e expectativas associadas à relação amorosa. Algumas das participantes descrevem suas atitudes para lidar ou enfrentar esses sentimentos negativos. Por exemplo, embora Lefey experimentasse muitas dificuldades para exprimir suas emoções, ela afirma que deseja viver outro relacionamento com a mesma força e poder daquele que teve. Lalan acredita que é fundamental “jogar-se” e “entregar-se de corpo e alma” para conseguir experimentar e definir o que é bom e o que não é. Alfa e Sophie lembram que cada relacionamento oferece a possibilidade de viver um sentimento diferente.

Nos desenhos de Ale (Desenho 1, Amar e ser amada, Anexo G) Michele Almeida (Desenho 1, O amor de uma mulher, Desenho 5: O amor está no ar, Anexo K), Pio (Desenho 1, Meu desenho, Anexo O), Primavera (Desenho 1: Um casal por amor, Anexo D), Lefey (Desenho 3: Sendo um só, Anexo E), R (Desenho 1: O que seria a intimidade, Anexo L), Sophie (Desenho 4: Amor, Anexo M) e Rhaiane (Desenho 5: O sexo, Anexo N) o símbolo de um coração, quase sempre vermelho, é utilizado como uma imagem do amor, destacando temas como amar, ser amada e o carinho. O amor é definido como um sentimento verdadeiro que une as pessoas e implica intimidade.

No entanto, detalhes desses desenhos, tais como olhos esvaziados, personagens sem braços, com mãos ocultas, no bolso ou com extensões, contrastam com a valorização do amor e a imagem dos amantes apaixonados. Esses elementos evidenciam conflitos no

contato ou na realização do ideal, lembrando que existem os sentimentos negativos e os desencontros que foram descritos pelas entrevistadas. Por exemplo, Taty (Desenho 1, Simplicidade, Desenho 2: O sexo – A carne, Anexo I) utiliza os símbolos de feminino e masculino para referir-se à simplicidade que deveria caracterizar um vínculo, explicando que o amor se consegue quando o egoísmo não predomina e se expressam as verdadeiras vontades. Porém, essa descrição contrasta com o outro desenho, no qual aparecem corpos sem cabeça, braços nem pernas, indicando conflitos para se relacionar e expressar.

Amar o parceiro e ser amada faz parte daquilo que as mulheres idealizam ou experimentaram em uma relação íntima, mas cada uma delas pode descrever diferentes qualidades, identificando-se a presença das polaridades negativas e positivas nessas definições. As descrições positivas corresponderam às experiências de união, reciprocidade, carinho, felicidade, liberdade, amizade, cuidado e atenção, sentimentos que são coerentes com os aspectos destacados nos valores e ganhos. Os sentimentos negativos estão associados com o comodismo, a fuga, a decepção, a impotência, o fracasso, o orgulho, a insegurança, o medo e o sofrimento, sentimentos relacionados com a separação do casal e com as dificuldades identificadas nos conflitos e perdas.

#### 6.1.1.6 Expectativas

A subcategoria descreve os objetivos ou metas e as qualidades que as mulheres entrevistadas atribuem a um vínculo íntimo amoroso que seja duradouro.

**Primavera:** *Estar namorando, estar junto [...] dividir realmente [...] tenho expectativa de ficar junto, né, assim, de um casamento [...] morar junto [...] construir uma vida junto.*

**Lefey:** *sentir o chão [...] a firmeza [...] no relacionamento [...] nessa coisa de poder dividir os sonhos. Desenho 1, Sintonia (Anexo F): Ela e ele [...] tinham projetos em comum [...] A casa representa a construção de sonhos e construir as coisas junto.*

**Lanlan:** *construir sonhos com a pessoa [...] estar na mesma sintonia [...] sonhar junto com ela [...] dividir teus sentimentos [...] dividir as despesas [...] viajar, ter planos iguais.*

**Ale:** *pensar a longo prazo, em casar com essa pessoa, em ter filhos, em construir família [...] de um relacionamento [...] eu espero [...] que dê certo! E que seja aquela a pessoa com quem você vai ter um futuro [...] Estava mais com o pé no chão, querendo um relacionamento sério [...] namorar. Desenho 4, Compromisso com o parceiro e com se mesmo (Anexo G): compromisso [...] duradouro.*

**Pollyana:** *namorei por namorar, por estar com alguém [...] o último [...] pensei [...] já estou formada, ele também, a gente acho que poderia casar [...] quero ter filhos [...] decidi procurar estudar em outro lugar [...] e acabou mudando as coisas [...] acho que eu conseguiria viver sem ter ninguém, trabalhando [...] não preciso de uma pessoa para ter filhos. Desenho 3, Aceitar as diferenças (Anexo H): O passo mais importante [...] é o casamento, onde você passa a ter uma família [...] filhos [...] não é mais só você, existe uma outra pessoa.*

Desenho 4, Outros tempos (Anexo H): *o casal passa a ter menos tempo para os dois, mas esse tempo é dividido com os filhos [...] se vivia a dois e passa a viver a vida dos filhos.*

Desenho 5, O tempo e a cumplicidade (Anexo H): *velhice [...] cuida do outro e se conhece [...] Não vai ter separação [...] menos negativa, menos triste. Acredito que possa acontecer.*

**Taty:** *Ficar juntos muito tempo [...] casamento é [...] um objetivo que toda mulher [...] busca, mas hoje em dia eu ficaria feliz se eu tivesse um relacionamento estável [...] Se eu gostar da pessoa e [...] fala: “A gente está junto, mas eu não quero casar”, tudo bem, não tem problema.*

**Alfa:** *compartilhar os seus sonhos [...] no seu âmbito profissional [...] na sua vida pessoal, no que tange a sua família, na constituição de uma nova família, uma casa, viajar.*

Desenho 5, O significado da intimidade (Anexo J): *sonhos [...] influenciam [pensamentos e ação]*

**Michele Almeida:** *casar [...] ter filho [...] construir uma família [...] tantas decepções [...] ainda acredito no amor [...] quero encontrar uma pessoa [...] que me respeite [...] para mim dar certo*  
Desenho 5, O amor está no ar (Anexo K): *uma moça sonhadora [...] conheceu um lindo rapaz que um dia a leva para jantar [...] queria conhecer ela [...] a pediu em namoro [...] eles se casaram, tiveram um lindo filho e viveram felizes para sempre.*

**R:** *Querer que se transforme em algo maior, sei lá, um namoro.*

Desenho 2, Os filhos (Anexo L): *filhos podem ser um grau de intimidade sem tamanho.*

Desenho 5, Casar/Morar junto (Anexo L): *Dividir a vida, morar junto.*

**Sophie:** *eu pretendo sim ter uma família.*

Desenho 3, Família (Anexo M): *Chega alguém em nossa vida que muda tudo [...] um filho muda completamente um relacionamento [...] Um filho une o casal que se ama, fazendo acontecer uma linda família e se não tem amor une por um tempo e depois se separam.*

**Rhaiane** *Falar de expectativa, eu acho que depende muito de cada um [...] a expectativa que a pessoa religiosa tem é de casamento e formar família. Se a gente for pegar a expectativa de um jovem é mais de curtir o momento [...] o sentimento [...] a paixão [...] dependendo da minha lua, eu curto os dois [...] também depende muito das bases que a gente tem [...] nunca foi do meu pensamento casar ou ter filho [...] eu [...] posso namorar [...] estou curtindo [...] para mim já está de bom tamanho. Agora, tem que pensar em outra coisa, eu acho que aí já é outro nível.*

**Pio:** *namoro [...] íntimo [...] a dois [...] construir família [...] fruto de todo esse caminho.*

Nesta subcategoria destacam-se as mudanças sobre as expectativas no relato de Pollyana. Ela começa namorando por namorar, depois achou que pela idade e os logros profissionais poderia casar, reconhecendo também os desejos de estudar, trabalhar, viver sem ter ninguém, e ter um filho independente. Além, Pollyana explica que sente falta do ex-namorado que deixou vindo para São Paulo. Rhaiane sente uma divisão entre as expectativas familiares, religiosas e culturais de casar e ter filhos, e as expectativas da juventude de curtir o namoro. Taty explica que, embora desejasse casar, como acredita ser o desejo de toda mulher, ela vai ficar feliz se conseguisse ter uma relação estável e aceitaria abrir mão dessa meta se seu parceiro desejasse estar junto sem casar. Alfa explica que os sonhos, entre outros aspectos, influenciam os pensamentos e as ações. Michelle espera achar um parceiro que a respeite e explica que, apesar das decepções experimentadas nos relacionamentos passados, ainda acredita que encontrará o amor.

Nos desenhos aparecem casas e Ale (Desenho 4: Compromisso com o parceiro e com se mesmo, Anexo G) destaca o anel como símbolo de um compromisso duradouro. Lefey (Desenho 1: Sintonia, Anexo F) Michele (Desenho 5: O amor está no ar, Anexo K) e R (Desenho 5, Casar/Morar junto, Anexo L) usam uma casa para representar a construção e a felicidade dos parceiros que se casam ou moram junto. Os casais de Lefey e Michele estão de mãos dadas, enquanto no casal de R que se encontra dentro da casa não tem braços, olhos ou boca. As expectativas apresentadas nos desenhos de Ale, Lefey e Michelle sugerem um desejo de união entre os parceiros que compartilham projetos, um espaço físico e a conformação de um lar com filhos. No desenho de R encontra-se uma contradição ou conflito. R representa sua expectativa de convivência e o desejo de formar família com personagens que não poderiam estabelecer contatos, faltando os braços e as mãos nos corpos e os traços nas suas faces.

O tema do casamento aparece nas imagens de Pollyana (Desenho 3: Aceitar as diferenças, Anexo H), e no desenho final ela faz referência à velhice como um momento futuro de conhecimento e cuidado (Desenho 5, O tempo e a cumplicidade, Anexo H). No casamento aparece uma cruz no meio do casal e na velhice eles estão separados, mas caminhando na mesma direção – à direita – e ambos usam bastões, o homem tem um cachimbo e a mulher vai à frente. É interessante que no terceiro desenho a participante fala sobre a possibilidade de separar o casal depois do nascimento dos filhos. Quando realiza o último desenho, ela escolhe não separá-los e muda o posicionamento dos personagens: eles se encontram frente a frente no desenho do casamento, e no desenho da velhice estão caminhando separados e de olhos fechados. A expectativa de união deseja ser mantida, mas essa diferença na colocação dos personagens no ambiente sugere diferenciação e distanciamento gerados pelo conhecimento, o tempo e a convivência.

Nos desenhos de Pollyana (Desenho 4: Outros tempos, Anexo H), Alfa (Desenho 5: O significado da intimidade, Anexo J), Michele (Desenho 5: O amor está no ar, Anexo K), R (Desenho 5: Os filhos, Anexo L) e Sophie (Desenho 3: Família, Anexo M) aparece o símbolo da família. Quando a família está dividida em subgrupos, os filhos estão separados dos pais e são colocados geralmente no lado direito da folha, aspectos que se contrapõem aos relatos das histórias que descrevem como os filhos unem um casal que tem menos tempo para si. A união e a separação também são representadas pelas omissões, o destaque no traçado, as extensões dos braços e pelos detalhes dos olhos e das

bocas. Furth (2004) associa o quadrante direito com o futuro, reforçando a compreensão do desejo de conformar família como possíveis caminhos de desenvolvimento da relação.

A omissão dos traços da face, a separação entre os pais e os filhos como subgrupos, e o reforço dos braços, poderiam indicar os medos e conflitos que esses eventos trazem. Os objetivos e metas que as participantes esperam atingir na relação incluem construir sonhos profissionais, familiares e pessoais e dividir despesas. Espera-se que o vínculo ganhe qualidades e valores tais como compartilhar, firmeza, um vínculo sério e estável, e um compromisso duradouro. Aparece também uma expectativa ou medo de separação. Duas palavras foram usadas por quase todas as participantes: dividir e construir. Esses dois verbos poderiam indicar que as expectativas das mulheres incluem não só dividir espaço, tempo, sentimentos e metas com o companheiro, mas reconhecem que em uma relação se criam coisas novas que trazem mudanças que podem separar ou unir.

As expectativas de integrarem a realização de sonhos ou planos afetivos, profissionais e familiares, poderiam ser relacionadas com os ganhos, as mudanças e os valores identificados, porque neles também se destacam a busca de aspectos em comum entre os parceiros e o respeito da individualidade. No entanto, é importante lembrar que nas perdas e conflitos também aparecem as dificuldades vividas para encontrar e manter essa partilha de projetos e ideais. Algumas das entrevistadas consideram que essa partilha se baseia na semelhança e afinidade entre os parceiros, e poucas delas se referem aos recursos necessários para enfrentar as diferenças e os conflitos, expressando nas expectativas um temor pela possível separação. Assim, a afinidade entre os parceiros poderia ser um ideal de união que influi nas expectativas, mas que não foi realizado ou mantido e que pode contrastar com o reconhecimento da necessidade de preservar a individualidade.

Nas experiências íntimas amorosas das mulheres entrevistadas os valores, as mudanças, os ganhos e as expectativas apresentam algumas descrições em comum, destacando aspectos como respeito, as afinidades, e o conhecimento próprio e do parceiro, elementos associados com vínculos mais igualitários, nos quais seria reconhecida a alteridade. Os sentimentos e a sexualidade são experiências valorizadas dentro dos relacionamentos. No entanto, a relação entre amor e sexo, ou corpo e sentimentos, se caracteriza pelo destaque de um dos elementos. Tratados como opostos, o aspecto que é desvalorizado poderia gerar dificuldades entre o casal e na experiência que cada parceiro estabelece com as

emoções e as sensações vividas na relação. Os conflitos e perdas identificadas contrastam com os valores e os ganhos assinalados, mostrando os pontos negativos e as dificuldades das participantes para integrar e elaborar algumas vivências que se contrapõem aos ideais.

### 6.1.2 Modelos familiares e sociais

Nesta categoria se agrupam as avaliações que as participantes realizaram sobre as influências da família e da sociedade nos relacionamentos íntimos amorosos com os homens. Inclui as subcategorias família e sociedade que se apresentam no quadro 2.

**Quadro 2: Modelos familiares e sociais.**

Família	Sociedade
Intimidade, proximidade e afastamento da própria família. Pais e familiares como modelos. Relacionamento do casal com a família própria e a família do parceiro. Relacionamento amoroso dos pais. Expectativas da família sobre o relacionamento.	Participar de atividades sociais e partilhar com os amigos. Relacionamento assumido socialmente como namoro. “Ficar” como uma banalização da relação, do corpo e do sexo. Morar em república para conhecer pessoas, participar de festas e viver a experiência de ficar com alguém. As pessoas não querem um relacionamento sério. Elas se machucam e se defendem, evitando se envolver. Existem entre elas competições de egos e inseguranças.

#### 6.1.2.1 Família

Nesta subcategoria encontram-se os relatos das participantes que tratam das percepções que elas têm sobre as relações com a família e a influência desta nas relações amorosas.

**Primavera:** *não vou perder minha família [...] [é] a distância [...] física [...] ela estaria presente na minha relação [...] tenho uma intimidade muito grande com minha família [...] A condição fez com que a gente se distanciasse fisicamente, mas mentalmente, a gente está junto.*

**Lefey:** *tenho um exemplo na minha casa [...] minha mãe, apesar do meu pai ser meio autoritário, mal humorado e muito sério [...] minha mãe é um poço de amor assim, com o universo.*

**Ale:** *tinha essa frustração de não [...] namorar [...] primas, todas namorando, casando, tendo filhos.*

**Pollyana:** *bom relacionamento, tanto ele com a minha família, como eu com a família dele [...] conviver com a família deles [...] eles convivam com a minha [...] a mãe dele me chamou de filha [...] não é sogra [...] [mas] amiga. Então, eu até brincava, que a gente namorava por ela, era por a mãe dele. E, assim, ele era, foi criado muito pela avó, pela mãe [...] E, como eu morava só, minha família morava [...] no interior [...] [outro namorado] minha mãe [...] não gostava, eu namorava meio que sem minha família querer [...] decidi acabar.*

**Taty:** *[As feridas] vieram dos meus pais. Meu pai traiu minha mãe e eu quem peguei. Desenho 5, O ver (Anexo D): [muitos] colocam no parceiro as experiências acontecidas com os pais ou enxergam neles o pai ou a mãe, jogando no parceiro uma carência que não é deles.*

**Alfa:** *não vai poder separar o seu namorado da família dele ou querer ficar só com ele. Desenho 3, Tipos de amor (Anexo J): alimentam um sentimento pelo [...] sogra/sogro/família.*

**Sophie:** *Minha dificuldade foi a família dele [...] ele tem dois filhos e no caso a família dele falava que ele deixava de ficar com os filhos para ficar comigo. Então isso me chateava muito.*

**Rhaiane a família cobra [...] na Angola é muito cultural [...] a partir do momento em que nasce [...] vai crescendo, você tem que estar direcionada em também criar família [...] vou ter que casar, [...] ter filho [...] mesmo que essa pessoa pensar em não ter filho, não casar, obrigatoriamente vai pensar porque a família exige que você tem que formar família [...] mesmo que seus pais entenderam [...] vai ter sempre um tio [...] o avô vai exigir que você tenha [...] um descendente.**

**Pio:** *quando a gente mora longe da família a gente fica um pouco carente, fica mais dependente, quer se agarrar a algo para ter mais força [...] isso é um ponto positivo em um relacionamento.*

Algumas participantes descrevem as influências que a família própria ou a família do parceiro tiveram nos relacionamentos. Pollyana, Ale e Rhaiane descrevem as influências das avaliações da própria família sobre o estabelecimento de vínculos e nas expectativas pessoais sobre as relações. Primavera, Pollyana e Pio identificam fortes vínculos afetivos com as próprias famílias, mas que influem as suas relações amorosas de forma diferente. Primavera entende que a separação com a família poderia ser uma condição para estabelecer um vínculo íntimo com um homem, embora a família sempre esteja presente na relação e no pensamento dela. Pollyana manifesta uma necessidade de entendimento do parceiro com a família dela, valorizando o bom relacionamento que teve com a família do seu companheiro quando se encontra longe do seu lar. Pio também acredita que morar longe da família gera uma carência e uma dependência, e isso a leva a perceber um relacionamento como algo positivo que outorga força e sustenta.

Lefey enxerga seus pais como modelo para um relacionamento. Taty expressa que suas feridas nos relacionamentos com homens se originaram na traição do pai que ela descobre, explicando no seu desenho (Desenho 5: O ver, Anexo I) que as experiências familiares influem nas relações amorosas porque se projeta no parceiro a figura paterna, atribuindo a ele carências que pertencem às relações com os familiares. Sophie fala da influência que a família do parceiro tinha sobre o relacionamento, e Alfa reforça a mesma ideia na sua entrevista e apresenta no desenho (Desenho 3: Tipos de amor, Anexo J) a possibilidade de experimentar sentimentos pela família do namorado.

Tanto a família do parceiro quanto a família da participante foram considerados determinantes no estabelecimento dos vínculos amorosos da maioria das mulheres entrevistadas, mostrando como elas buscam ou repetem alguns aspectos das relações estabelecidas com os pais. As expectativas familiares também definem a união ou a separação dos parceiros. Assim, algumas participantes expressam o desejo de partilha

com as famílias ou a presença psíquica dos familiares na relação estabelecida, enquanto outras perceberam que as famílias podem afastar o casal. As expectativas associadas com namorar, casar e ter filhos e alguns dos conflitos identificados para realizar tais desejos podem se associar com a dinâmica familiar, como mostram Rhaiane e Taty.

### 6.1.2.2 Sociedade

Esta subcategoria reuniu as falas das participantes sobre alguns dos modelos e papéis que acreditam retratam os relacionamentos amorosos nas sociedades modernas.

**Primavera:** *a gente gostava de **participar de muitas coisas juntas, juntos** [...] **grupos de amigos, saídas** [...] **Não sou daqueles casais que gosta de estar só, não, eu gosto de estar no meio dos outros.***

Desenho 3, Noite de balada (Anexo E): **chega o final de semana e adora se divertir, sai à balada, geralmente vão dançarem em uma boate diferente** [...] **adoram sair para dançar.**

Desenho 4, Peça Teatro (Anexo E): **adora sair o final de semana para assistir a alguma peça.**

Desenho 5, um jantar comemorativo (Anexo E): **jantam em um restaurante.**

**Lefey:** ***Trancada** [...] **por** [...] **essa coisa de sociedade, de moral e ética, que a gente não podia assumir** [...] **o relacionamento** [...] **Além da namorada, de ele ter um relacionamento assumido [e aceito] socialmente** [...] **um relacionamento normal, saiam juntos de mão dada, tinha essa coisa rotulada que a gente espera tanto, de namoro, e eu não tinha, né, não tinha nada.***

Desenho 5, Amizade (Anexo E): **Apesar de se bastarem** [...] **nunca deixavam de ter amigos e** [...] **dividiam a mesa em um bar com seus companheiros** [...] **Todo mundo está feliz, dando risadas.**

**Lanlan:** ***decidi que se fosse para ficar** [...] **eu não queria** [...] **ele falou** [...] **“Por mim a gente continuaria junto”** [...] **no fundo, eu continuaria junto também, mas** [...] **me fazia mal o fato de não ter ele cem por cento comigo, o fato de saber que era uma relação que não tinha futuro.***

**Ale:** ***hoje em dia é tão banalizado essa questão do relacionamento** [...] **namorar com uma hoje, com uma outra amanhã, com uma outra depois.***

*[...] **Minhas colegas** [...] **namorando** [...] **é casada, tem filho** [...] **está encaminhando para casar.***

Desenho 3, Carinho e afeto (Anexo G): **A sociedade tem deixado de lado esses sentimentos [carinho, afeto, romantismo]** [...] **relacionamentos que fracassam pelo fato de que o parceiro ou parceira não sabem dar e nem demonstrar o sentimento** [...] **As pessoas não se importam pelo outro, a sociedade perdeu os valores, se relacionam para ficar junto, para não estar sozinhas, mas não por amor. As pessoas são muito individualistas com o capitalismo** [...] **Um dia ninguém vai conhecer ninguém.**

**Pollyana:** ***estou há alguns meses solteira** [...] **por opção** [...] **decidi morar em república por isso, para conhecer outras pessoas** [...] **acho que estou na cidade certa, ninguém me conhece** [...] **estava em outra república, que só eram meninas, e** [...] **falei: “Eu vou mudar para essa república porque tinha muitas festas** [...] **vou fazer o que eu quiser, vou ficar** [...] **as pessoas aqui [em São Paulo] são diferentes da minha cidade, as pessoas são mais frias, mais distantes.***

Desenho 2, Sexo com amor (Anexo H): **não precisam se relacionar, criar um vínculo para se ter sexo** [...] **ter sexo sem relacionamento, as pessoas estão mais independentes e não querem envolvimento afetivo** [...] **pela facilidade da sociedade e das pessoas. Hoje você transa e acaba**

**Taty:** ***hoje em dia** [...] **ninguém quer um relacionamento sério** [...] **tem muita** [...] **competição de ego, muita insegurança, acho que as pessoas estão se machucando tanto, que elas acabam se defendendo** [...] **achando que é melhor não se envolver** [...] **[evitando] se magoar.***

**Alfa:** ***a depender da pessoa, aquilo não era realmente um vínculo** [...] **era uma amizade, era um caso** [...] **é apenas ficar** [...] **encontrar a pessoa algumas vezes, compartilhar algumas coisas.***

**Michele Almeida:** *muita gente só enxerga, tipo, corpo da pessoa [...] não tem mais aquela coisa de [...] namorar [...] Hoje está muito liberal, tipo, um fica com uma e depois fica com outra.*  
**Desenho 2. Uma moça sonhadora (Anexo K):** *passou a lutar, correr atrás, ela precisava viver, sobreviver na cidade grande, precisava se manter [...] um dia [...] se encontrou sozinha [...] depressão [...] fugiu para um lugar onde ninguém podia encontra-la [...] Eu quero expressar o medo e a chuva tem que pegar nela [...] fala da tristeza que sente atualmente pelas dificuldades econômicas que vive.*

**Sophie:** *Não vou falar que eu nunca vou ficar com uma cara de primeira [...] Mas a gente já banalizou muito o corpo, o sexo [...] a pessoa está bêbada, está podre e abre a perna e acabou.*  
**Desenho 2. Sexo (Anexo M):** *Muitos casais que se conhecem em baladas fazem sexo logo de cara, sem se conhecerem direito [...] todos são fáceis, ninguém se dá valor.*

Muitas das falas das participantes referem-se a um tipo de vinculação presente nos relacionamentos modernos: “ficar”. As mulheres entrevistadas avaliam esse tipo de relação como banal, que não tem futuro, e que se caracterizaria por relacionamentos curtos com pessoas diferentes, compartilhando algumas coisas, mas sem envolver-se ou ter obrigações com elas. Nesses “casos”, os parceiros não estão cem por cento comprometidos com o vínculo, e o corpo e a sexualidade são banalizados, transando com uma pessoa sem estabelecer com ela um laço afetivo. Assim, contrário ao ideal da relação amorosa que privilegia o amor e os sentimentos, ao ficar com alguém se privilegia o sexo, o corpo e as sensações que geram prazer. Taty explica que as pessoas que preferem ficar e não namorar têm feridas que as levam a defender-se e distanciar-se para não se magoar.

Nas histórias e desenhos nos quais aparecem temas associados com esta subcategoria, Michelle (Desenho 2: Uma moça sonhadora, Anexo K), Ale (Desenho 3: Carinho e afeto, Anexo G), Pollyana (Desenho 2: Sexo com amor, Anexo H) e Sophie (Desenho 2: Sexo, Anexo M) explicam que as sociedades modernas, nas quais predominam relações como “ficar”, são muito liberais. Nessas sociedades, os indivíduos estão deixando de valorar o romantismo e a expressão de sentimentos como o amor e o carinho. As pessoas também se relacionam para não ficar sós, são mais individualistas e acreditam serem mais independentes e não precisarem de envolvimento afetivo para ter sexo.

Algumas das participantes descreveram suas vivências nessa sociedade moderna. Michele relata no seu desenho (Desenho 2: Uma moça sonhadora, Anexo K) como a “cidade grande” exige lutar e correr atrás para realizar os sonhos, mas apresenta uma mulher triste na chuva pelas dificuldades encontradas, tais como: problemas econômicos, solidão e medo. Pollyana pensa que pode viver em São Paulo estando solteira, aproveitando sua moradia em república para ir às festas e conhecer pessoas, fazendo e vivendo tudo o que ela queria. Ela acredita que as pessoas de São Paulo são mais frias e distantes e queria

experimentar uma relação do tipo ficar, contrário de Ale, Lanlan e Shopie que diretamente expressam sua percepção negativa desse tipo de relação.

A sociedade e os amigos também influenciam a avaliação das mulheres sobre as relações e oferecem possibilidades de participação para o casal. Por exemplo, ao perceber que seus amigos e colegas estavam namorando, casando ou tendo filhos, Ale atribuiu maior importância ao fato de ter um relacionamento amoroso e realizar as mesmas expectativas. Lefey explica na entrevista que a sociedade validaria um relacionamento por meio do rótulo do “namoro”. Os parceiros reconhecidos como namorados aparecem juntos em espaços públicos como mostra Lefey no seu último desenho (Desenho 5: Amizade, Anexo F), destacando que ela não teve isso na experiência íntima relatada. Primavera valorizava partilhar com seu parceiro nos espaços sociais, mostrando isso por meio de três desenhos que representam como o casal se diverte junto em diferentes lugares (Desenho 3: Noite de balada, desenho 4: Peca Teatro, desenho 5: um jantar comemorativo; Anexo, E).

As sociedades modernas oferecem modelos, papéis, significados e valores para avaliar os relacionamentos, o corpo e a sexualidade na visão dessas jovens mulheres. Nas suas próprias reflexões, as entrevistadas manifestam diferentes opiniões sobre essas possibilidades oferecidas. Aquelas que realizam avaliações negativas expressam não se sentirem satisfeitas, porque essas formas de relacionamento valorizam a sexualidade e o corpo sem um compromisso ou envolvimento afetivo. Elas manifestam que essas possibilidades se opõem às expectativas e ideais sobre as relações amorosas que elas têm, nos quais se privilegiam os sentimentos e o estabelecimento de um relacionamento sério. Outras explicam que suas expectativas sobre as relações íntimas e suas escolhas poderiam mudar com as novas vivências oferecidas pelo contexto social moderno, mas continuam almejando uma relação que lhes permita partilhar sentimentos e projetos.

Os temas centrais nesta categoria são as influências positivas e negativas das histórias e personagens da família própria e do parceiro, e os modelos e significados sociais que afetam o relacionamento amoroso. Assim, ao se relacionar com um parceiro, as mulheres parecem perceber algumas forças externas ao casal que determinaram e determinarão os laços afetivos. Algumas dessas forças foram avaliadas como positivas e outras como negativas. As forças avaliadas como positivas são identificadas principalmente nos modelos e expectativas familiares, os quais pareceram estar em coerência com a busca da

união do casal e das famílias e com o cumprimento das expectativas de ter um namoro sério que privilegia o amor e a partilha de projetos. As forças externas avaliadas como negativas estão relacionadas com os modelos sociais que desvalorizam o amor, permitindo múltiplos encontros sexuais, ou com as marcas e feridas pessoais e familiares que dificultam o cumprimento das expectativas pessoais e a duração da relação.

### 6.1.3 Imagem de si, ideais e projeções

Esta categoria inclui os ideais e as avaliações subjetivas das mulheres entrevistadas sobre elas mesmas, o parceiro e o relacionamento. As subcategorias se apresentam no quadro 3.

**Quadro 3: Imagem de si, ideais e projeções.**

<b>Imagem de si</b>	<b>Imagem do parceiro</b>	<b>Ideal sobre o relacionamento íntimo amoroso</b>
<p>Perceber-se como amada, desejada e cuidada pelo parceiro.</p> <p>Sentir-se confusa, insegura, autoritária, rigorosa, ansiosa, ciumenta, racional, carente e com dificuldades para expressar sentimentos.</p> <p>Crescer nos relacionamentos ao reconhecer suas vontades, desejos, sentimentos, e os aspectos positivos e negativos.</p> <p>Precisar evoluir e curar feridas para relacionar-se.</p> <p>Enxergar-se como mais mulher, conhecer seu corpo.</p> <p>Papéis na relação: Sentir-se responsável e frustrada pelas dificuldades, fazer tudo para agradar, demonstram mais fácil os sentimentos, doar-se e cuidar do parceiro.</p> <p>Sentir-se parte de um relacionamento, mas inteira.</p> <p>As mulheres são fáceis ou grude. São mais coração. Dão as boas vindas às crianças</p>	<p>Parceiros que tentam agradar e mimar.</p> <p>Parceiro para intimidade sexual, mas não afetiva. Não tenta agradar. Ele gosta, mas foge do afeto.</p> <p>Enxergar o parceiro como o pai.</p> <p>Parceiro com as qualidades delas.</p> <p>Parceiro que apoia, dá coragem, segurança, confiança, respeito e cuidado, é carinhoso, conhece-a e a faz sentir completa. É o par.</p> <p>Parceiro como propriedade, mas tem uma vida e precisa respeito.</p> <p>Parceiro que não respeita, faz imposições e exigências, é ciumento, possessivo e não lida com a independência da mulher.</p> <p>Homem separa sexo e amor e se relaciona com as mulheres pelo corpo, gosta de tempo e espaço. Ele é durão, não assume sentimentos e só demonstra quando perde. Se as mulheres demonstram sentimentos ou ele não quer ficar mais, mente para não magoar ou para segurar até saber qual é a mulher certa. Sente culpa e pena quando a mulher chora. Homem aceita o filho com o tempo. Homem pode trair por sexo.</p>	<p>A relação saudável é flexível, aceita diferenças, tem brincadeiras, brigas e dividem. Não existem almas gêmeas, as pessoas se moldam e encaixam. No início tem dúvida, cortiço e conhecimento. Depois vem o companheirismo e a solidez.</p> <p>A relação ideal é paciente, outorga segurança e completude. O casal cresce junto e não há conflito de egos. Não é uma paixão avassaladora e se abre mão de algumas coisas. Existe uma total identidade entre as pessoas. Ritmo ordenado, orquestra com dois maestros.</p> <p>Juntar as ideias para construir uma ideia e vida nova, colocando um tijolo na casinha que é o namoro. Cada relação é um aprendizado novo, uma forma de amar diferente.</p> <p>Namorar para não ficar só.</p> <p>A relação dá vida, força e anima.</p> <p>A separação do casal permite pensar.</p> <p>O passarinho é o amor: preso morre, mas livre vive e volta.</p> <p>O negativo de uma relação é a possessividade, os medos, a inflexibilidade, os preconceitos, os conflitos de ego e a submissão.</p>

#### 6.1.3.1 Imagem de si

Nesta subcategoria apresentam-se as avaliações subjetivas das mulheres sobre a imagem que elas têm de si mesmas, e como elas se percebem no relacionamento íntimo amoroso.

**Primavera:** *confusa com os meus desejos e os desejos do casal [...] Ao mesmo tempo em que eu me sentia amada, eu me sentia insegura [...] não me submeteria [...] nem permitiria [...] crescimento em uma forma de me perceber [...] em uma relação [...] as minhas vontades e os meus desejos, elas têm que serem legitimadas [...] podem até não serem o que o outro quer.*

**Lefey:** *insaciada [...] tudo aquilo guardado dentro de mim e eu já não podia dividir [...] Mas eu corria atrás [...] era [...] um ponto forte dele [...] canal [...] válvula de escape [...] me coloquei a prova [...] de saber o que eu posso sentir por alguém, até que ponto eu posso ir [...] lidar com orgulho. [...] me ensinou a dar valor a mim mesma como mulher [...] que pensa [...] que sente [...] mas que ao mesmo tempo racionaliza [...] acaba jogando primeiro o racional e depois o sentimento, meio que nessa coisa de desequilíbrio [...] me ensinou a dosar melhor os sentimentos [...] [e] a racionalidade [...] [para] pensar melhor sobre os valores [...] não mendigar sentimentos.*  
Desenho 2, O teste drive (Anexo E): Ela se aventurava em provar o melhor de cada lugar.

**Lanlan:** *me percebi desejada [...] me senti cuidada [...] não estou pronta ainda para [uma relação séria] [...] preciso evoluir [...] curar [...] para [...] me entregar [...] não só uma pessoa que me abro.*  
Desenho 2, Cumplicidade (Anexo F): A mulher do desenho está triste.

**Ale:** *carinhosa [...] procuro me doar [...] cuidar [...] estava pronta para ajudar [...] [pegar e aprimorar meus] pontos positivos e os negativos [...] madura [...] Tem briga [...] [mas] consigo me controlar [...] mais confiança [...] me enxergo como mais mulher [...] conhecer o meu corpo [...] o medo [...] de me entregar [...] [de] mostrar sentimento [...] ficava [...] no meu mundo [...] uma autodefesa [...] com medo de sofrer [...] me fechava [...] sou muito cabeça dura, eu gosto das coisas do meu jeito [...] [preciso aprender] a ceder [...] achava que a culpa era minha, tipo, de não conseguir [...] que desse certo [essa relação] [...] [que era] estranha [...] surtada, que homem nenhum me queria.*  
Desenho 1, Amar e ser amado (Anexo G): Eu sou muito carente, comigo vai ter muito para falar.

**Pollyana:** *sempre namorei muito, eu nunca fui de ficar [...] me envolvo muito rápido [...] não sei se é carência [...] não consigo ficar só, quer dizer agora eu estou conseguindo, mas eu mudei [...] São Paulo me mudou [...] está me fazendo ficar, não ficar carente [...] consigo viver sem estar namorando [...] [Sou] ciumenta [...] ciúme é insegurança [...] já me traíram, então não confio [...] Às vezes eu acho que até é coisa da minha cabeça, que eu crio [...] até brinco, que eu namoraria comigo, porque eu sou fiel [...] carinhosa [...] pode ser que, tipo, eu tenha medo de ficar sozinha [...] Mas todos [os relacionamentos] foi eu quem decidi terminar [...] sou amiga [...] às vezes eu sou até boba, porque eu faço tudo [...] para agradar [...] aceito [...] perdoei traição [...] honesta [...] tranquila [...] não tenho preconceito.*

**Taty:** *não soube lidar com a limitação dele [...] a partir do momento que o homem me deixa insegura [...] começo a ter medo. Mas eu sempre começo um relacionamento tranquila [...] converso, sempre buscando alguma coisa nova, sempre conquistando [...] cuidando [...] Mas a partir do momento que ele deixa uma lacuna de dúvida, ou de desrespeito, ou de mentira, aí eu já mudo completamente [...] começo a ter ciúme, todas essas feridas mortais [...] sou muito compreensiva [...] carinhosa [...] cúmplice, amiga [...] sincera [...] mesmo que a pessoa não goste.*

**Alfa:** *dentro de um relacionamento sou uma parte. Fora dele, eu sou inteira [...] se eu não preservo [...] a minha parte, umas certas questões da minha intimidade [...] perco aquilo que eu sou.*

**Michele Almeida:** *as mulheres estão muito fáceis [...] mulher é super fácil demonstrar que está gostando [...] é mais coração [...] deve demonstrar sentimento, independente de [...] se a pessoa gosta de você ou não [...] só não chorar [...] tem umas mulheres [...] grude. [...] meus namoros, eles nunca duraram e não por mim, porque eu respeitava [...] me sentia frustrada [...] nunca questioneei [...] aceitava [...] ansiosa [...] querendo ver a pessoa [...] com raiva [...] parecia que eu estava incomodando [...] apegada [...] extrovertida, gosto de [...] animar [...] faço de tudo, tipo, para agradar.*  
Desenho 1, O amor de uma mulher (Anexo K): carinhosa, amável [...] Todos gostavam [...] alegria [...] ficou perdidamente apaixonada e não sabia como dizer.  
Desenho 2, Uma moça sonhadora (Anexo K): se encontrou sozinha [...] triste na chuva, com medo [...] depressão [...] fugiu [...] ninguém podia encontra-la.  
Desenho 3, E de repente sem nada (Anexo K): amava trabalhar [...] segura de si [...] um rapaz a para e diz que é um assalto [...] desesperada [...] sem chão.  
Desenho 4, Tem sempre uma primeira vez para tudo: encontra esse lindo rapaz com outra mulher [...] chorar, pois seu coração havia sido partido naquele momento.

**R:** *atrai homens que só gostam de sexo.*

**Sophie:** *era o porto seguro dele. [...] “contigo eu posso poso contar sempre, você e meu abrigo”.*

Desenho 3, Família (Anexo M): *para [...] [as] mulheres quase sempre uma criança é bem-vinda.*

Desenho 5, Traição (Anexo M): *A mulher só trai se for traída, se falta algo em casa [...] se não se sente mais amada.*

**Rhaiane:** *sou mais autoritária [...] o macho alfa [...] ele faz a coisas que eu quero, e eu não faço muitas vezes as coisas que ele quer [...] rigorosa [...] não fico sempre junto.*

Desenho 2, A felicidade entre opostos (Anexo N): *vergonha de ser olhada por preconceito de ser gorda [...] nunca estamos satisfeitos, sempre nos preocupamos com nosso corpo.*

**Pio:** *quando a gente mora longe da família a gente fica um pouco carente, fica mais dependente, enfim, quer se agarrar a algo para ter mais força [...] não converso muito [...] sofri com a xenofobia [...] ignorantes que não sabiam da minha cultura [...] que desprezam a pessoas do nordeste [...] Não tenho uma vida amorosa muito antiga, ela foi ativada há pouco tempo, porque eu estudei em colégio interno, só de meninas [...] a dificuldade é essa [...] o primeiro contato [...] se eu percebo esse respeito, esse carinho, aí é fácil, eu me abro.*

Lanlan, Ale, Pollyana e Taty descrevem como algumas de suas dificuldades estavam relacionadas com feridas ocasionadas por relacionamentos afetivos passados, criando medos, inseguranças, ciúme e autodefesas. Pollyana, Ale e Pio falam das suas carências e de como elas motivam seus relacionamentos. Alfa destaca a importância de reconhecer-se como parte de um relacionamento, mas como um ser inteiro que mantém alguns aspectos íntimos para não perder o que ela é. Rhaiane aceita o fato de não precisar ficar sempre junto do parceiro, mas às vezes se percebe como autoritária e rigorosa porque o companheiro sempre fazia o que ela quer, enquanto ela não fazia muitas coisas que ele queria. Lefey e Sophie sentem que também proveram segurança para seus parceiros. R pensa que é uma mulher que atrai homens que gostam de sexo. Lefey descreve-se como uma mulher que se aventura, pensa e sente, embora algumas vezes racionalize demais.

Muitas entrevistadas percebem que a relação favorece seu crescimento, permitindo uma avaliação da própria personalidade em seus aspectos positivos e negativos. Em alguns casos, essas avaliações implicaram acrescentar valores que facilitam o relacionamento e definem a percepção de si mesmas, e também o fato de descobrir que a autoestima não pode depender da opinião do parceiro ou do sucesso da relação. Por exemplo, o amor e o cuidado experimentado permitiram a Primavera, Lanlan, Ale e Sophie se sentirem mais confiantes e seguras, descobrindo elementos significativos de seu corpo e de seu valor como mulheres. Lefey, Ale, Lanlan e Pollyana identificaram alguns conflitos e atitudes que precisam trabalhar para não repetir experiências negativas. Primavera e Lefey reconhecem que a avaliação de si mesmas e dos desejos não pode depender da relação.

Nos desenhos de Lanlan (Desenho 2: Cumplicidade, Anexo F), Michele (Desenho 2: uma moça sonhadora, Desenho 3: E de repente sem nada, Desenho 4: Tem sempre uma primeira vez para tudo; Anexo K) e Sophie (Desenho 5: Traição, Anexo M) encontram-se algumas avaliações sobre as mulheres em geral. Quando nas cenas aparecem mulheres com olhos esvaziados, chorando ou sozinha, destacam-se as influências negativas das experiências de desamparo, de traição, e de frustração para a autoestima. Nesses momentos, elas acreditam precisar do apoio, amor e cuidado que estaria representado na relação ou no parceiro. Os modelos sociais sobre a estética e a beleza do corpo também influenciam de forma significativa as avaliações subjetivas e os vínculos. Por exemplo, Rhaiane (Desenho 2: A felicidade entre opostos, Anexo N) explica que tinha vergonha de ser olhada pelo companheiro porque sofria pelo preconceito de ser gorda.

Nas cenas de traição, o corpo da figura feminina também é utilizado para representar a avaliação pessoal. No caso de Michele, a figura da “outra” aparece com o corpo mais destacado, enquanto no desenho de Sophie é a figura da mulher traída a que apresenta alguns reforçados. Quando Michele destaca a tristeza gerada pela experiência, mostra uma desvalorização de si mesma que é reforçada no contraste entre a figura infantil da mulher traída e os destaques do corpo da outra. Para Sophie a traição sempre acontece, seja no princípio ou no final do relacionamento, acreditando que quase sempre é o homem quem trai. Sophie também sente dor nessa experiência, mas essa dor não se reflete na imagem de si mesma, e sim na união entre os parceiros que se representa pelas mãos que vão enfraquecendo cada vez mais em cada desenho, acontecendo no último a traição.

Diversas descrições parecem associar a imagem de si à persona ou com o ideal de como deveria ser a mulher, qualificando-a como: “mais coração”, carinhosa, sincera, cúmplice, honesta, compreensiva, fiel, respeitosa, dedicada, atenciosa, valoriza e expressa os sentimentos, doar-se, entregar-se, aceitar e conquistar o parceiro e cuidar os filhos. A importância de expressar os sentimentos apareceu como um papel fundamental da mulher na relação amorosa ou como um aprendizado que se obteve nela, destacando suas tentativas para agradar o companheiro. Quando esses papéis não são cumpridos e a mulher não consegue manter a relação, aparecem sentimentos negativos como culpa, tristeza e frustração. Por outro lado, as imagens descritas por Michele, como uma mulher “grude, ansiosa, apegada”, ou aquela “liberal e fácil” que é valorizada pelo corpo e não pelos sentimentos, podem ser associadas com a sombra e com os conflitos identificados.

As avaliações positivas da imagem de si mesmas também são coerentes com algumas transformações identificadas na subcategoria ganhos e mudanças. Na autoanálise derivada dessas transformações, as mulheres mostram que se sentem responsáveis pela resolução dos conflitos pessoais, reconhecendo a importância de expressar as emoções ou de aprender a entregar-se afetivamente na relação. No entanto, seria importante pergunta-se por que elas se sentem as únicas responsáveis pela resolução dos conflitos do parceiro e pela manutenção da relação. Esse questionamento é fundamental para compreender alguns conflitos e sentimentos negativos que afetam a autoestima, porque eles surgem quando as mulheres não cumprem com os papéis atribuídos a sua persona feminina.

### 6.1.3.2 Imagem do parceiro

Nesta subcategoria apresentam-se as percepções sobre os homens e seus papéis, e os ideais e as avaliações positivas e negativas sobre os parceiros passados e atuais.

**Primavera:** *difícil foi ajustar [...] imposições [e exigências] [...] sobre coisas que ele queria fazer comigo, só que eu não queria [...] não me respeitava [...] tinha dificuldade de entender o limite [...] [ele era] sociável [...] [todos gostavam] de estar junto [...] sou muito sociável também.*  
Desenho 3, Noite de balada (Anexo D).

**Lefey:** *um parceiro para dizer [...] “Eu te apoio! [...] Tenha coragem! [...] você consegue! [...] eu vou estar aqui [...] Posso te segurar” [...] a gente esquece o tamanho da coragem que a gente tem. [...] ele quis fugir [...] não podia dividir [...] disse que gostava de mim [...] mas que estava em um momento difícil [...] eu teria que compreender [...] não ser solidário com o que eu estava sentindo [...] era meu professor [...] amigo [...] amante [...] A dificuldade foi [...] [o] status [...] a necessidade de construir uma carreira [...] deixar um pouco o projeto pessoal dele de lado para também dar vasão ao que ele estava sentindo ou à dúvida [...] tinha certeza que eu gostava dele.*  
Desenho 2, O teste drive (Anexo E): centrado [...] contido, tímido [...] homem que ela quer.

**Lanlan:** *sempre me respeito [...] cuidado muito bem de mim [...] falto mais dele se dedicar [...] querer [...] investir em uma relação [...] é uma pessoa que também não consegue se abrir.*  
Desenho 2, Cumplicidade (Anexo F): mulher [...] triste e ele está disposto a estar com ela.  
Desenho 5, Respeito (Anexo F): O homem está xingando. A mulher sempre é boazinha.

**Ale:** *tinha aquele carinho de estar aí na hora, mas depois [...] cada um seguia a sua vida [...] os meus companheiros passados não me demonstravam tanta segurança [...] [para] quebrar essa autodefesa. [...] ter um companheiro [...] a intimidade que eu tenho com o meu namorado [...] ele me conhece [...] é o cara com quem, tipo, assim, eu me planejei [...] alguém que me complete, que cuide de mim [...] meu namorado [...] meu homem [...] meu futuro esposo [...] E os anteriores [...] com o que eu tenho [...] não tem tanto significado [...] ele gosta muito de carinho [...] ele é um pouco carente.*

**Pollyana:** *tem que ser honesta [...] carinhosa [...] eu gosto de pessoas românticas, de homens cavaleiros. [...] todos são bem ciumentos [os ex-namorados] [...] ele também gostava de beber, sair [...] [outro] era doentio, ele gostava muito de mim [...] acho que era doença mesmo, não era amor [...] [outro] tinha problemas [...] um transtorno bipolar [...] tenho uma irmã assim [...] era muito difícil conviver [...] uma hora ele estava bem, uma hora não estava [...] todos me traíram [...] eram bonzinhos comigo, faziam tudo o que eu queria [...] para me agradar [...] tive um pequeno relacionamento aqui em São Paulo [...] ele não fazia tudo para me agradar. [...] Marcus [...] físico não tem nada a ver [...] educado, inteligente, família [...] criado muito pela avó, pela mãe [...] carinhoso [...] eu morava só, minha família [...] morava no interior.*

[...] Porque **homem geralmente consegue, né, separar uma coisa da outra [sexo e amor].**

**Taty:** *ciumento [...] possessivo [...] tinha dificuldade em lidar com a minha independência [...] E a facilidade, ele era igualzinho a mim em esse aspecto, sincero, meu amigo, parceiro, cúmplice.*

Desenho 2, A genitália (Anexo I): A parte mais linda da figura masculina [...] É um pinto.

Desenho 5, O “ver” (Anexo I): Devemos enxergar os nossos parceiros como namorados, maridos, etc... e não como nossa figura paterna [...] colocam no parceiro as experiências acontecidas com os pais ou enxergam neles o pai ou a mãe, jogando no parceiro uma carência que não é deles.

**Alfa:** *homens apenas desejavam sexo [...] com cada homem você pode ter um sentimento diferente.*

*[...] espero [...] uma pessoa pela qual você confia [...] revelar aquilo que lhe é mais íntimo.*

*[...] como se ele fosse seu, uma propriedade [...] Na verdade [...] tem que respeitar a vida dele.*

*[...] ele ter convivido com outras [...] mulheres, sentido falta [...] durante esse período que ele procurou em outras pessoas, aquilo que nós tínhamos em nosso relacionamento, ele aprendesse e desse valor [...] a facilidade era já o conhecer, já saber quais eram as qualidades e os defeitos.*

Desenho 3, Tipos de amor (Anexo J): apego da pessoa a algumas características do parceiro [...] uma pessoa encontra no (a) parceiro um porto seguro para depositar seu amor.

Desenho 5, O Significado da intimidade (Anexo J).

**Michele Almeida:** *homens se relacionam com mulheres por corpo [...] e alguns [...] pelo coração dela*

*[...] você está meio apegada [...] para não magoar [...] costumam mentir [...] são covardes [...] não tem coragem de assumir que não querem [...] para segurar aquela e ficar com as outras, para ver qual que seria a melhor [...] mentem [...] É mais durão [...] não assumem [...] [que] gostam [...] Só demonstram [...] quando já te perdeu [...] se sentir culpados [...] por estar fazendo uma mulher chorar [...] não fala a verdade porque está com pena [...] homem gosta de tempo [...] de espaço.*

*[Nos relacionamentos] quem falhava eram eles [...] mentiam [...] Me tratavam bem [...] eram bonzinhos [...] Tudo o que eu queria eles me davam [...] carinhosos.*

Desenho 4, Tem sempre uma primeira vez para tudo (Anexo K): ficar [...] não era namoro [...] ele não deu mais notícia [...] encontra esse lindo rapaz com outra.

Desenho 5, O amor está no ar (Anexo K): um lindo rapaz [...] queria conhecer ela [...] a pediu em namoro [...] se casaram, tiveram um lindo filho e viveram felizes.

**R:** *estabeleceu vínculos superficiais com eles, ficando [...] curtir o sexo e o corpo dele.*

Desenho 1, O que seria a intimidade (Anexo L).

**Rhaiane:** *tem que me convencer muito que as coisas têm que ser do jeito que ele quer [...] meu namorado é muito ciumento, e têm vezes que eu vejo o ciúme dele como se fosse uma possessão.*

*[Namorado angolano] [...] namorar com brasileiro é muito difícil [...] quer sempre estar junto.*

**Sophie:** *eu pretendo sim ter uma família, e isso eu busco com um homem.*

Desenho 3, Família (Anexo M): sabe da notícia de ser pai reagem mal [...] com o tempo aceita.

Desenho 5, Traição (Anexo M): homem que trai, não por não gostar [...] por instinto [...] sexo.

**Pio:** *ele me faz bem porque há esses elementos de confiança, de carinho. [...] ele faz parte da minha família [...] que vive aqui, ele supre bem isso, ele faz o papel de um apoio [...] a facilidade foi o primeiro contato, a gente percebeu que tinha muita coisa em comum e quis tentar.*

Desenho 5, O par (Anexo O): sentir o parceiro como meu par [...] encaixe [...] O companheirismo, a lealdade e a confiabilidade são os que fazem do parceiro o par.

Nesta categoria aparecem os papéis do parceiro, as avaliações positivas e negativas que as mulheres realizam sobre ele e algumas percepções sobre o comportamento dos homens nas relações. Nas avaliações positivas, algumas das características da personalidade delas também são encontradas nos parceiros. Assim, Primavera explica que o seu antigo namorado, como ela, era muito sociável e o ex-namorado de Taty compartilhava as qualidades de sinceridade e de cumplicidade. Lanlan, Pollyana e Ale destacam o respeito,

o cuidado e o carinho que caracterizaram seus parceiros. No seu desenho, Lanlan mostra esses aspectos (Desenho 2: Cumplicidade, Anexo F) com um homem que está de mão dada com uma mulher triste. Pio percebe seu parceiro como parte da sua família e destaca seu papel de apoio, confiança e animo. R e Taty (Desenho 2, A genitália, Anexo I) valorizam o corpo e a experiencial sexual com o parceiro, mas R mostra conflito apresentando uma figura sem mãos (Desenho 1, O que seria a intimidade, Anexo L).

Outras descrições se referiram aos aspectos desejados e idealizados sobre o parceiro. Assim, Alfa expressa que almeja encontrar um homem em quem possa confiar para partilhar sua intimidade. Michele (Desenho 5: O amor está no ar, Anexo K) apresenta em seu desenho o desejo de se relacionar com um companheiro que a queira conhecer cada vez mais até lhe propor namoro. Pio considera que o parceiro é um par que se molda e encaixa (Desenho 5: O par, Anexo O). Sophie (Desenho 3: Família, desenho 4: Amor, desenho 5: traição, Anexo M) destaca a importância de ter família com seu parceiro, apresentando esse desejo no desenho sobre a família, mas acredita que é ele quem trai e o enfraquecimento das linhas que formam as mãos e unem o casal sugere a existência de um conflito na relação. Quando Ale encontrou um namorado que a cuidava e amava, sentiu-se completa e deu menos importância às vivências de frustração do passado.

As mulheres entrevistadas identificam algumas problemáticas de seus parceiros que dificultam o relacionamento com elas, tais como: imposições, exigências, falta de respeito, possessividade, ciúme, fuga dos sentimentos, dificuldade para lidar com a independência das mulheres e não conseguir se abrir para elas. Nos desenhos também aparecem elementos que poderiam se relacionar com esses conflitos. Por exemplo, Alfa (Desenho 5: O significado da intimidade, Anexo J) apresenta um homem com corpo dividido pela metade e com olhos grandes e sombreados. Lanlan (Desenho 5: Respeito, Anexo F) desenha um casal separado e um homem “xingando”, sugerindo agressividade ao igual que Primavera (Desenho 3: Noite de balada, Anexo D) quem coloca uma figura masculina com uma mão muito grande. Algumas dessas problemáticas poderiam ser associadas com conflitos e ansiedades que caracterizam a relação com as emoções e os impulsos, ou o exercício do poder do homem no vínculo.

As mulheres relatam que encontraram parceiros que ofereciam apoio, amizade, cuidado e carinho, e tentavam mimá-las e agradá-las. No entanto, a avaliação negativa de outros

companheiros contrastava com essas experiências, mostrando-lhes que nem sempre elas encontraram aquele parceiro que as encorajava, investia na relação íntima, as respeitava ou lhes mostrava segurança suficiente para poder romper as defesas. Essas avaliações negativas ocasionavam conflitos e separações, mostrando a existência de elementos opostos à imagem ideal do parceiro ou às expectativas sobre a relação. Por exemplo, Lanlan e Ale pensam que seus antigos parceiros priorizavam seus interesses pessoais e a busca da própria satisfação, e não investiram no relacionamento como elas esperavam. Lefy mostra no desenho (Desenho 2: O teste drive, Anexo E) um parceiro ideal que a apoia e lhe dá coragem, mas relata na entrevista um relacionamento com um homem pouco solidário que deu prioridade a sua carreira e não aos sentimentos que tinha por ela.

Pollyana também apresenta alguns contrastes entre os conflitos vividos nos antigos relacionamentos e a afinidade encontrada com o parceiro que considerou ideal. O envolvimento com outras mulheres trouxe experiências negativas para Sophie (Desenho 5: Traição, Anexo M) e Michele (Desenho 4: Tem sempre uma primeira vez para tudo, Anexo K), mostrando um homem que é capaz de traição. No seu desenho (Desenho 5: O “ver”, Anexo I), Taty explica que algumas dificuldades experimentadas no vínculo amoroso se originam no relacionamento, projetando nos parceiros uma vivência ou carência da história vincular familiar. Na história do seu desenho (Desenho 3, Tipos de amor, Anexo J), Alfa expressa que existe um amor muito frágil que está fundamentado no apego com o parceiro, esperando que ele satisfaça os sentimentos e os desejos pessoais. Nos casos de Taty e Alfa, as participantes mostram que as expectativas das mulheres sobre o companheiro não poderiam se realizar ou resolver na relação com ele.

Pollyana, Michelle, Lanlan e Sophie mencionam algumas características que para elas permitem definir os homens e seus papéis nas relações amorosas. Por exemplo, elas pensam que os homens separam mais facilmente sexo e amor, valorizando mais o corpo e o sexo para se relacionar, e preservando seu tempo e espaço pessoal. Eles não expressam facilmente seus sentimentos às mulheres e, às vezes, só falam sobre as emoções quando percebem que elas já se afastaram ou iniciaram outra relação. Para elas, os homens costumam mentir e trair. Alfa acredita que com cada homem se tem uma experiência afetiva diferente, e Rhaiane pensa que o brasileiro valoriza demais a proximidade física.

Alguns dos elementos utilizados para descrever os parceiros e seus papéis podem ser relacionados com valores como cumplicidade, cuidado e compreensão. Também se destaca o contraste entre os papéis da mulher e o comportamento do homem na relação, por exemplo, a mulher seria mais afetiva e buscaria a união do casal, enquanto o homem tenta estabelecer um espaço e tempo para si mesmo. Algumas das falas utilizadas para descrever os homens destacam as diferenças nas expectativas sobre o vínculo, mostrando que as mulheres acreditam que eles aceitam mais facilmente os modelos sociais do tipo “ficar”, e que elas atribuem maior importância ao compromisso duradouro. Também são significativos os contrastes entre o parceiro ideal com quem seria possível realizar as expectativas de casamento e formar família, e as experiências negativas com os homens que não se comprometeram ou priorizaram suas vidas e metas individuais.

### 6.1.3.3 Ideal sobre o relacionamento íntimo amoroso

Agruparam-se nesta subcategoria as percepções sobre os ideais a respeito dos relacionamentos íntimos amorosos com os homens.

**Primavera:** *[No relacionamento ideal] não precisam ser iguais, mas alguma coisa tem que estar mais ou menos próxima para que possam caminhar junto [...] algo que junte o casal [...] tem sempre os dois lados [...] [um] que unem muito [...] [e] cada um tem suas vontades e seus desejos [...] ou você ajusta para entrar em um acordo nessa relação, ou então realmente cada um vai seguir por um lado [...] compartilhar é você aceitar umas certas coisas e às vezes não aceitar certas coisas, né, abrir, permitir [...] ter uma flexibilidade, acho que essa é palavra para um relacionamento mais saudável [...] se um for inflexível, daí o outro acaba se submetendo.*

**Lefey:** *contrário da amizade [...] mais próximo, de poder estar junto [...] te abraçar [...] dividir com você a cama [...] [os] sonhos que você tem durante a noite ou sonhos que são os projetos [...] quando você estiver junto de mão dada, se sentir firme, sentir o chão, e não se sentir solto, voando, sozinho [...] poder contar com alguém [...] na hora da dificuldade [...] na hora da alegria [...] até se despir mesmo de quem você é para ser um só mesmo [...] de entregar [...] de não ter medo de se jogar por mais que aquilo não dure, ou dure pouco tempo. [...] tive um relacionamento meio conturbado [...] marcante [...] começou [...] de entrega total. [...] no início [...] a dúvida [...] será que é o momento de eu dividir o meu tempo com alguém? [...] a energia que eu gastei pensando ou alimentando um sentimento, não deveria focar em [...] outro objetivo? [...] está se conhecendo, vamos curtir [...] evolui para [...] companheirismo. Desenho 1, Sintonia: um ao outro se bastavam. Desenho 4, A racionalidade (Anexo E): É o relacionamento perfeito, sempre de mãos dadas.*

**Lanlan:** *Acho que um relacionamento é [...] dividir tudo com o teu parceiro. [...] relacionamento sério.*

**Ale:** *you junta às suas ideias com as ideias de outra pessoa e junto você forma uma nova ideia [...] uma vida nova que você vai ter com uma outra pessoa [...] cada relacionamento é um aprendizado novo. [...] no relacionamento [...] me sinto completa [...] é a segurança que o relacionamento te dá [...] não sente aquela tristeza [...] ter uma pessoa do seu lado que vai te ajudar no que você precisar. A parceria [...] preciso [e quero] arrumar um namorado [...] não aguento mais ficar sozinha. [...] ideal [...] é aquele relacionamento [...] calmo [...] aquela coisa de amor mesmo, que é mais tranquilo [...] sossegado [...] paciente, que sabe escutar, sabe, baixar a cabeça [...] não é aquela paixão, aquela coisa avassaladora que é, tipo, igual um tsunami, passa estraga tudo e só deixa uma*

*destruição [...] o nosso [relacionamento] está sendo construído na vivência, aos dias, cada dia a gente constrói, coloca um tijolinho novo na nossa casinha que seja o nosso namoro.*

**Pollyana:** *relacionamento ideal [...] é [...] gostar das mesmas coisas, ter os mesmo ideais [...] crescer junto [...] a gente pensava em ter filhos [...] gostava de viajar [...] gostava de fazer tudo junto.*

**Taty:** *na relação ideal não existe insegurança [...] medo [...] invasão de privacidade [...] conflito de ego. Desenho 1, Simplicidade (Anexo I): Os relacionamentos amorosos deveriam ser simples.*

**Alfa:** *um relacionamento íntimo ideal seria aquele em que, apesar das partes compartilharem aquilo que pensam, sonham, desejam, que elas também possam ter os seus espaços, elas preservem também a sua intimidade, o indivíduo, aquilo que ela é como pessoa [...] serão duas pessoas que formam o casal, só que isso não impede que existam duas pessoas [...] [que] queiram coisas diferentes. [...] há uma total identidade entre as pessoas, de forma que tanto eu quanto ele, nós acabamos compartilhando muito as nossas vidas [...] não em um local totalmente desordenado em que cada um fala [...] pensa uma coisa, um atropela o outro; não, você está em um ritmo ordenado, em uma orquestra em que os maestros são os dois [...] o período que nos estivéssemos separados, também servisse para pensar [...] foi posto todo em uma balança [...] ponderar os fatores [...] positivos ou negativos [...] A grama do vizinho é sempre mais verde [...] Só que [...] não dei o valor para minha graminha verde, eu quis a do outro [...] Depois vendo outros gramados extremamente secos, viu-se que não. O gramado era extremamente bonito, bem cuidado e algo a ser preservado.*

**Michele Almeida:** *os meus relacionamentos foram bem curtos [...] De eu ficar com a pessoa. [...] [Relacionamento] É meio conturbado, é difícil, não é fácil [...] envolve [...] respeitar o espaço do outro, o outro tem que ter liberdade [...] não é você prender; [...] demonstrar sentimento e ser honesto [...] nunca mentir. Se eu estou com você, você está comigo; se eu estou querendo ir em um lugar ou se acontecer alguma coisa comigo, você está comigo, vou te falar, vou te contar [...] regras básicas.*

**R:** *que ela corresponda às suas expectativas. Não que ela seja submissa, mas que ela entenda o seu lado, como você entenda o lado dela. Que ela abra mão de algumas coisas na vida por você. [...] têm um grau de intimidade que lhes permite ficar nus, fisicamente, [...] [não] intimidade afetiva.*

**Sophie:** *[Ideal seria] Aquele com carinho, afeto, confiança, um filho. Perfeito nenhum é, né. [...] Significou uma forma de amar diferente, uma forma de amor sem ter, tipo assim, sem estar com a pessoa grudada no meu lado, uma forma de amar livre, espontânea [...] É, livre, porque tudo o que a gente deixa ir, até quem sabe, volta. Se está pressa ali, a gente vai matar, tipo, um passarinho, se ele ficar muito tempo preso na gaiola, em uma hora ele morre. Mas se deixar ele solto, ele pode viver muito mais tempo, então ele vai e volta [O passarinho é o amor].*

**Rhaiane** *[A relação ideal tem cumplicidade] aceitar as diferenças entre eles [...] assumir esse momento a dois [...] [A relação atual é] saudável [...] tem briga, desentendimento, a gente ri [...] brinca. Desenho 2, A felicidade entre opostos (Anexo N): relacionamento saudável, sem preconceito.*

**Pio:** *quando a gente mora longe da família a gente fica um pouco carente [...] dependente, enfim, quer se agarrar a algo para ter mais força [...] isso é um ponto positivo em um relacionamento [...] eu vivo, ele me anima, ele me proporciona [...] sentimentos bons [...] esse partilhamento de expectativas [...] sonhar junto e pensar [...] igual. Ou pelo menos entender-se [...] encontrar a sua alma gêmea, não acredito [...] acredito que as pessoas se respeitem e se encaixem, se adequam, se moldem umas às outras, mas elas tem as diferenças, ninguém é igual em tudo. Aí esse iria a ser o ideal. [...] negativa [...] é a possessividade [...] restringir seu círculo de amigos [...] viver exclusivamente para aquilo e não poder olhar para o lado [...] não me sentia confortável [...] não era bom [...] nem [...] saudável [...] me via fora [...] [Na relação atual] sou uma pessoa feliz, né, tenho momento felizes, mas eu não me sinto, não me avalio como uma pessoa completa que enxergo isso a muito longo prazo pela falta de expectativa [...] pelo não partilhamento de todos [...] os planos. Desenho 5, O par (Anexo O): par [...] divisão [...] encaixe [...] companheirismo [...] lealdade.*

Na relação ideal coexistem ideias de união entre o casal e a existência de vontades pessoais. Por exemplo, Primavera, Rhaiane, Alfa e Pio acreditam que, em uma relação, as

peças dividem, aceitam, moldam e se encaixam, mas sempre existem diferenças que deveriam ser respeitadas para evitar perder a individualidade ou depender demais. Lefey espera que uma relação a faça sentir-se firme, descrevendo que os parceiros vivem momentos de dúvida, conhecimento e curtição, atingindo o companheirismo e a solidez. Para Taty, na relação ideal não existem medos ou conflitos entre as individualidades e as vontades do casal. Rhaiane define sua relação atual como saudável, o que inclui brigas e brincadeiras. Para Pio uma relação íntima dá vida, força, animo e sentimentos bons.

Nas entrevistas, as participantes utilizam algumas metáforas para expressar seus ideais de união e liberdade. Ale reconhece que cada experiência é um aprendizado, valorizando a completude, a união e a segurança que tem no seu namoro que representa como uma casa que está sendo construída na vivência diária. Sophie utiliza um pássaro para representar o amor, explicando que quando as pessoas optam pela liberdade do ser amado, e não por prendê-lo, a relação pode durar mais tempo. Alfa pensa que os parceiros que partilham suas vidas se encaixam, acreditando que ambos poderiam ser os maestros da mesma orquestra. Para ela, algumas vezes, um dos parceiros não valoriza essa união, e busca outra pessoa, achando que “o gramado do vizinho é sempre mais verde”. No entanto, eles podem encontrar que essa nova relação se assemelha mais com um “gramado seco”, aprendendo com a separação a valorizar aquilo que tinham no antigo vínculo.

Os desenhos associados com os ideais podem ser contrastados com experiências relatadas nas entrevistas. Por exemplo, Lefey (Desenho 1: Sintonia e Desenho 4: A racionalidade, Anexo E) sempre desenha um casal de mãos dadas, representando uma relação perfeita entre dois parceiros que se bastam. Essa experiência contrasta com a experiência relatada na entrevista, na qual ela não consegue expressar seus sentimentos. Taty (Desenho 1: Simplicidade, Anexo I) utiliza os símbolos de feminino e masculino para referir-se à simplicidade que idealmente caracteriza um vínculo, embora reconhecesse que as inseguranças levam as pessoas a não se envolver afetivamente e a ocultar seus desejos. Para Rhaiane (Desenho 2: A felicidade entre opostos, Anexo N), em um vínculo saudável não existem os preconceitos, ainda que oculte os corpos no desenho sugerindo ansiedade e repressão. Pio (Desenho 5: O par, Anexo O) traz o tema do par por meio da imagem dos chinélos, mas descreve na entrevista a tristeza de não sentir afinidade nas expectativas.

As descrições das participantes sobre uma relação ideal apontaram para o reconhecimento das diferenças, da intimidade, da privacidade, sugerindo que flexibilidade, ajuste e encaixe permitem a aceitação dos desejos, das ideias diferentes e da liberdade de cada parceiro. Assim, as entrevistadas consideram que entre o casal existe um grau de separação que permite respeitar a individualidade, mas os parceiros também estão unidos, partilham projetos, abrem mão de algumas coisas pessoais, entregam-se à experiência demonstrando seus sentimentos, juntam suas ideias para construir algo novo e crescem junto. No ideal, individualidade, igualdade, afinidade e diferenças coexistem como possibilidades para definir a relação. Os aspectos negativos que se contrapõem ao ideal relacionam-se com: submissão, dúvidas, inflexibilidade, medos, “conflitos de egos”, paixões que destroem, desordem, atropelar ou prender o parceiro, dificuldade para lidar com a solidão, preconceitos, possessividade e distanciamento dos amigos.

Os relatos que exemplificaram os ideais das relações íntimas mostraram-se coerentes com alguns valores, expectativas, ganhos e mudanças, tais como: partilha de projetos, cumplicidade, segurança, parceria, ajuda, companheirismo, solidez, compromisso, liberdade, honestidade, demonstrar sentimentos, respeito, compreensão, confiança, conformar uma família e aceitação das diferenças. As experiências amorosas narradas permitiram reforçar ou questionar alguns desses elementos, e é possível relacionar os aspectos negativos do relacionamento com conflitos como a não partilha dos sonhos, a submissão, a possessividade e o isolamento das amizades. Enquanto as experiências positivas reforçam o ideal de união entre o casal, as experiências negativas podem auxiliar os parceiros no reconhecimento da individualidade e da autoestima que não podem depender do companheiro ou do sucesso do relacionamento.

Na relação amorosa e nos papéis de mulheres e homens são projetados ideais e conflitos associados com temas como união, identidade, separação, integração, liberdade, partilha, cumplicidade e poder. A imagem do parceiro e a imagem ideal do relacionamento apresentam algumas semelhanças referidas especificamente às expectativas de apoio, firmeza, partilha, compreensão e entendimento que as mulheres lhes atribuem. É interessante que no ideal as participantes reconhecem a coexistência de afinidade e diferenças nas expectativas que o casal pode ter sobre a relação, mas nas experiências delas aparecem conflitos e perdas que descrevem as dificuldades que experimentam principalmente para enfrentar e integrar as diferenças. As mulheres entrevistadas também

identificam alguns recursos para elaborar essas problemáticas, tais como partilha, comunicação, cumplicidade e respeito, mas não conseguem mostrar como os aplicam.

## **6.2 Análise individual de dois casos**

A partir da análise da entrevista e dos desenhos, apresenta-se a seguir uma leitura interpretativa de duas participantes. A análise fundamenta-se na psicologia analítica e em alguns elementos propostos por Trinca (1997) e Furth (2004).

### *6.2.1 Primavera*

Primavera é uma mulher solteira de 36 anos nascida em uma pequena cidade do Nordeste. Ela mora em república há mais de dois anos. Estudou psicologia e está realizando um curso de pós-graduação. O desenho-estória e a entrevista foram realizados em uma sessão que durou uma hora aproximadamente. Chegou pontualmente ao encontro que foi combinado em um lugar público escolhido por ela. Primavera parecia estar tranquila e seu semblante é de uma mulher que cuida da sua imagem visual, veste formal e nesse dia usava saltos. Como psicóloga e pesquisadora mostrou-se interessada no desenho-estória, técnica que conhecia, mas nunca a utilizou na clínica.

No primeiro desenho aparece um casal separado por um coração (Desenho 1: Um casal por amor, Anexo D). A história descreve um encontro entre dois adultos que se amam, respeitam e caminham junto seguindo seus objetivos, embora cada um tenha suas próprias metas. É interessante que o relato descreve positivamente o encontro, enquanto a imagem evidencia alguns conflitos. Por exemplo, os personagens são elaborados de baixo para acima, começando pela saia na figura feminina e pela calça na figura masculina. Esses elementos são os únicos pintados. A ordem pode sugerir uma importância atribuída à parte inferior que representa a sexualidade, mas o traço sugere ansiedade nessa área.

Na realização da figura feminina, Primavera passa da saia para os pés, e no caso do homem continua com a camisa, os braços e as mãos. Os pés simbolizam o contato com a terra e podem ser associados com uma necessidade de sentir firmeza. No entanto, a forma dos pés sugere infantilidade, e a omissão do chão indica que o casal se encontra no “ar”, sugerindo idealização ou desconsideração da realidade. Continuar o desenho da figura masculina com as mãos pode indicar uma ênfase no vínculo, embora a mão do homem no

bolso e a rasura no braço direito da figura feminina sugerem conflitos nessa relação. O movimento dos braços do homem em direção à mulher, quem parece estar quieta, indica que ele teria a iniciativa no contato, enquanto ela tem papéis receptivos e passivos.

Segundo Primavera, o coração representa a partilha de vontades, desejos, gostos e objetivos profissionais e pessoais que existe em um relacionamento amoroso ideal. Essa partilha aproxima o casal e lhe permite caminhar junto. No entanto, a colocação do coração entre os personagens sugere que o ideal também separa, porque as mãos dos personagens não se tocam. Assim, a relação se fundamenta na idealização de um encontro que cumpra com os valores descritos acima. Considerar que os personagens “parecem meninos” sugere que esse ideal seria um elemento infantil, e que é necessária integração de outros aspectos. A ausência de pescoço pode indicar que essa infantilidade também dificulta a comunicação e complementariedade entre os pensamentos representados pela cabeça, e os desejos, os impulsos e os sentimentos representados pelo corpo.

O olho esvaziado é uma característica que se repete em todos os personagens desenhados. Esse detalhe pode ser entendido ao ser relacionado com uma fala da entrevista. Quando Primavera é questionada pelos ganhos e perdas que existem em uma relação, ela destaca que o ganho seria a parceria, ter uma pessoa com a qual possa contar, e sobre as perdas agrega: “não consigo visualizar [...] perdas”. Assim, o olho esvaziado pode indicar uma dificuldade para “olhar” ou um “não querer ver” alguns aspectos negativos da sua experiência amorosa. Ela acredita que aquilo perdido “não vai voltar mais” ou “não se acha”. Portanto, no seu amor idealizado não existem elementos que sejam qualificados como “perdas”, mas alguns aspectos do desenho mostram que existem conflitos evitados ou negados. Primavera reforça novamente a tendência infantil que transparece no traçado e que sugere dificuldades para aceitar o sacrifício de alguns aspectos do ideal de união.

O ambiente do segundo desenho (Desenho 2: Namoro em noite estrelada, Anexo D) definido por uma noite estrelada de lua crescente, a rosa na janela e o quarto do casal, sugere um romantismo que privilegia os sentimentos e as relações íntimas. O traço do céu e do cobertor indica ansiedade, lembrando que a noite também é associada com mistério e escuridão. Considerando que os corpos são ocultados e cortados pelo cobertor e que o olho está novamente esvaziado, relaciona-se essa ansiedade com um conflito ligado à

sexualidade. A história enfatiza a conversa e os sentimentos, aparecendo neste desenho as orelhas dos personagens e reforçando a ideia do ambiente romântico e do encontro ideal.

Esse elemento romântico contrasta e complementa o título do desenho que sugere o tema da sexualidade e do prazer, um aspecto pouco tratado na história. Quando Primavera se refere à sexualidade na entrevista novamente destaca os sentimentos e os afetos, embora reconhecesse que o sexo implica o prazer e as sensações corporais. Assim, ela explica que o carinho se expressa no respeito e no toque ou proximidade física. Para ela, o “sexo é o sexo em si mesmo [...] a vontade de se amar e de fazer sexo”. Ao descrever suas expectativas, Primavera também expõe elementos da sensualidade e do contato físico que definem o relacionamento, tais como: “dormir junto [...] beijar, se abraçar, namorar”.

No terceiro desenho (Desenho 3: Noite de balada, Anexo D) continua com o destaque do seu ideal de partilha, união e alegria, e coloca o casal participando junto de atividades sociais. A história conta que os personagens gostam de se divertir e esse final de semana vão para uma balada. A dança é uma arte que permite a expressão e a comunicação de sentimentos e costumes, utilizando privilegiadamente o corpo. Assim, chama a atenção o movimento e o posicionamento dos personagens. Segundo a direção dos pés, eles estão caminhando em direção à boate. O movimento também pode ser interpretado indicando que o homem está caminhando para se encontrar com a mulher, reforçando que dentro dos papéis sexuais o homem é responsabilizado pela iniciativa para estabelecer o contato. No entanto, o braço do homem que se encontra mais próxima da mulher é muito grande, sugerindo força e talvez uma agressão ou poder que dificultaria a relação.

Alguns detalhes, como a cor preta e o traço da camisa e da gravata do personagem masculino, sugerem uma forte inibição na relação com os homens. Como um símbolo de poder feminino, o salto da mulher poderia estar compensando essa tendência agressiva ou de exercício do poder do homem nos relacionamentos amorosos. Igualmente, destaca-se que com o salto a figura feminina estabelece um leve contato com o chão, enquanto o homem parece levitar. Esse posicionamento poderia estar relacionado com o comentário que Primavera realiza, no qual explica que está sem namorar: “Nem sei há quanto tempo que não namoro”. Com essa fala, ela pode indicar a ausência de um homem na sua vida, e por isso o homem do desenho se encontra no ar, indicando uma relação com a fantasia.

Na entrevista, Primavera relata uma experiência que permite compreender os conflitos e o ideal apresentados nos desenhos. Ela conta que teve uma relação na qual compartilhava alguns desejos, viajando e participando de reuniões sociais. Nessa relação, ela diz que se sentia amada, mas insegura e confusa porque existiam projetos pessoais e profissionais diferentes e, no futuro, eles não poderiam seguir o mesmo caminho. A insegurança aumentou quando percebeu que a partilha se fundamentava na sua submissão e no ajuste dela aos desejos e exigências do parceiro. Essas permissões ultrapassavam os limites e eram incompatíveis com ela: “eram imposições da parte dele sobre coisas que queria fazer comigo, só que eu não queria [...] ele não entendia por que é que você não participaria, por exemplo, de uma determinada reunião de casais ou de uma determinada festinha”.

Essa experiência amorosa traz uma contradição entre desejo e submissão, porque estar junto implicou em aceitar e permitir as imposições do parceiro. Embora Primavera acreditasse que nessa relação ela aprendeu a legitimar os desejos e as vontades próprias, mesmo se o parceiro não gostava deles, os elementos dos desenhos sugerem ansiedades e inibições geradas pela tentativa de manter o seu ideal de união. Nesse contexto, é significativa a evolução da saia. No primeiro desenho ela é vermelha, cor que sugere vida e sentimentos, elementos relacionados com seu ideal. Porém, o traço da saia vermelha sugere conflito e é semelhante ao traço da saia preta do terceiro desenho, aspectos que reforçam a inibição experimentada por Primavera para que seus desejos fossem aceitos.

Essas são as perdas que ela não quer ou não consegue olhar. No entanto, ela precisa reconhecê-las para curar feridas e elaborar conflitos. Na entrevista ela fala: “depois dessa relação não tive mais nenhuma relação íntima nesse sentido”. Possivelmente ela esteja se protegendo de estabelecer um relacionamento semelhante a aquele que foi narrado, embora também parecesse existir um receio pela confrontação e transformação dos ideais. Como Primavera explica na entrevista, é necessário conhecer o parceiro para buscar as afinidades, mas ela diz que o casal não precisa ser igual e que as diferenças devem ser respeitadas. Para que a individualidade seja aceita, seria necessário não negar os conflitos. Ao tentar encaixar um homem e a relação com seu ideal, sua fantasia de união e partilha pode dificultar o estabelecimento de uma nova relação porque seus desejos não coincidem com aquilo que o parceiro ou um vínculo real podem lhe oferecer.

O quarto e o quinto desenho vão ampliar as contradições que confrontam esse ideal, e também vão estabelecer alguns caminhos de desenvolvimento e transformação. No quarto desenho (Desenho 4: Peça teatro, Anexo D) o tema escolhido pela entrevista é uma peça de teatro chamada “A madrinha embriagada”. O ambiente configurado pelo teatro sugere uma projeção dos ideais e dos conflitos, e o posicionamento no quadrante esquerdo reforça a relação com os conteúdos inconscientes. No desenho, o casal está assistindo a apresentação de outro relacionamento, escutando as inseguranças e medos que os personagens têm sobre o amor. Por meio da diversão e da alegria do musical, o casal se confronta com a ideia de que um casamento pode não acontecer da forma tradicional.

Neste desenho, Primavera também projeta seus conflitos na compreensão da peça. Ela transmite a ideia de que o casamento não acontece porque a madrinha embriagada atrapalha, e porque a noiva se apaixona por um “estrangeiro”. A pesquisadora também assistiu à peça. O casamento dos protagonistas não cumpre como os requisitos de uma cerimônia tradicional porque o juiz não chega. No entanto, o papel dele é assumido por uma convidada aviadora e homossexual que, como capitão de seu próprio avião, pode consagrar a união. O casamento não seria legal, mas simbolicamente acontece. A percepção de uma madrinha que “atrapalha” se fundamentaria nas contradições apresentadas por essa personagem, mas essa madrinha tem outras facetas que mostram a realidade de uma relação, incluindo dúvidas e decepções que precisam ser confrontadas.

Possivelmente Primavera não considera o humor e a perspectiva simbólica da peça, interpretando que o casamento não acontece porque falta o reconhecimento social que outorga o juiz e porque ela se identifica com os papéis e ideais tradicionais que a madrinha não assume. Primavera tem a expectativa de morar, casar e construir junto, e ela apresenta o casal compartilhando em ambientes sociais em três dos cinco desenhos. Esses aspectos mostram que para a entrevistada é fundamental que os parceiros assumam a relação diante de outras pessoas que reforçam e avaliam seu laço afetivo.

Contrariando essas expectativas, a madrinha da peça tem a ousadia e a coragem de questionar os papéis sexuais e os ideais sociais. Considerando que o casal apresentado quase desaparece no quarto desenho, interpreta-se que o elemento central se desloca para o palco e os personagens. Assim, a madrinha embriagada representa, com um pouco de comédia, a possibilidade de perguntar-se e de permitir-se dúvidas e inseguranças que

poderiam transformar os ideais. A madrinha poderia representar a sombra\* da mulher tradicional, trazendo os medos e as experiências negativas que Primavera nega ou evita. Ela revela uma verdade e permite uma percepção mais aguçada da realidade.

Primavera também transmite a ideia de que a protagonista se enamora de um estrangeiro. Considerando que o animus pode representar para a mulher aquilo desconhecido, porque ela não tem uma experiência direta dele (JUNG [1931] 2006), essa imagem do masculino pode indicar dois aspectos do animus que são projetados. O estrangeiro representa um poder ou autoridade capaz de separar, e também uma diferença e novidade que está fora da tradição e permite questionar os valores e os papéis, reconhecendo sua expressão criativa em outras experiências que complementam a realização ideal da vida amorosa.

Para Elena Liotta (1997) a expressão pessoal e criativa da mulher implica o sacrifício de alguns elementos que definem suas relações. Para facilitar esse sacrifício, o animus pode aparecer em uma forma desagradável e irritante ou como um amante estrangeiro. A identificação do parceiro com essas imagens permitiria colocar distância e limites nos apegos, na doação e na lealdade, reconhecendo que a solidão e o vazio são necessários para entrar em contato com a psique. Em uma interpretação prospectiva, a retirada do elemento “estrangeiro” projetado, e sua posterior elaboração e integração, permitiriam a ampliação da consciência e o desenvolvimento da autonomia emocional de Primavera.

Primavera descreve na sua entrevista que um relacionamento tem dois lados: o compartilhar e a individualidade. Cada um dos parceiros se ajusta para entrar em acordo com o outro, permitindo que a relação se mantenha e que esses dois lados sejam equilibrados. Se esse ajuste não acontece, o casal se separa ou um dos parceiros se submete à inflexibilidade do outro. Primavera acredita que em uma relação saudável existe uma flexibilidade e ambas as partes aceitam alguns aspectos, mas não permitem outros. A madrinha e o estrangeiro mostram os pontos nos quais essa flexibilidade poderia ser implementada, equilibrando individualidade e conjugalidade\* para construir uma alteridade que reconhece os próprios desejos e cuida da parceria.

---

\* Jung ([1948] 2011i) explica que a sombra representa, em parte, o inconsciente pessoal. Como inconsciente pessoal, os seus conteúdos são aquisições da experiência individual, constituindo aspectos obscuros ou reprimidos. Humbert (1985) acrescenta que a sombra pode ser projetada em figuras do mesmo sexo, expressando aspectos contrários à personalidade consciente, mas também abarca o que falta ou elementos que não tiveram a possibilidade de tornarem-se conscientes.

\* Comunicação oral da Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

O último desenho que coloca o casal em um restaurante jantando, também sugere a necessidade da confrontação, mas mostra os conflitos existentes. Ao considerar a sequência de produção, é interessante destacar que Primavera e seu parceiro reaparecem como protagonistas depois de assistir a peça no teatro, mas ela desenha as cabeças sem os corpos. A janta e a comida sugerem a possibilidade de um alimento psíquico que permite a nutrição. Reconhecendo o valor simbólico do quarto desenho com a madrinha e o estrangeiro, o quinto desenho representa a possibilidade de sentar-se e “digerir” aquilo novo que foi projetado e assistido no palco do teatro. Os ideais que devem ser confrontados poderiam estar simbolizados pelas cabeças. No entanto, a omissão dos corpos sugere uma dissociação. O traço azul da toalha da mesa que carrega o alimento, também sugere que existe ansiedade nesse encontro e para realizar a “digestão”.

Na mesa retangular, os assentos foram colocados horizontalmente, e os personagens se encontram face a face em uma linha reta, sugerindo um distanciamento e uma tensão, e a noite destacada como contexto traz o encontro com algo desconhecido. Nessa noite, a comemoração na história do desenho é o aumento do salário de Primavera. O dinheiro pode ser interpretado como aquilo novo reconhecido, uma energia e uma autoestima que podem ser integradas na consciência permitindo a Primavera dar-se mais valor.

A janta é uma possibilidade de comunicação e partilha entre o casal, lembrando que comer junto é criar laços. Nos três primeiros desenhos, a figura feminina aparece do lado esquerdo, mas no quarto e no quinto desenho a figura masculina é colocada na esquerda. Pode se interpretar esse posicionamento como a necessidade que Primavera tem de alimentar-se e confrontar-se com os ideais projetados no masculino e na relação. Na mesa, os primeiros elementos desenhados foram o vinho e as taças, destacando-se também as notas musicais que se encontram do lado da figura feminina. Esses aspectos podem ser associados com o musical “A madrinha embriagada” como visto acima.

O desenho final mostra uma cena representativa da situação psíquica da participante, uma situação de poder e submissão experimentada nas suas relações íntimas amorosas com os homens, mas também acena uma possibilidade de desenvolvimento. O caminho não é submeter-se a um ideal e aos papéis sexuais assumidos e atribuídos por ele, nem a revolta que busca o poder e o controle, mas amadurecer, transformando seu ideal de acordo com a realidade e valorizando-se como mulher. A comida para esse encontro psíquico ainda

não foi servida como mostra o desenho, mas a música está tocando e o vinho está servido. Nessa noite, o estrangeiro é convidado à mesa e o humor e a coragem da madrinha permitiriam receber o alimento e confrontar as fantasias inconscientes com a realidade.

### 6.2.2 *Pollyana*

Pollyana veio do Nordeste faz um ano e três meses e sempre morou em república. Ela tem 29 anos e estudo gastronomia. No primeiro contato, mostrou-se bastante interessada em compartilhar sua experiência quando soube que a pesquisa estava focalizada em mulheres que moravam em repúblicas. Combinou o encontro na sua moradia, aclarando que era uma pessoa muito pontual. A entrevista foi realizada em um quintal que tinha uma vista panorâmica do bairro. Ela achava que naquele lugar poderíamos conversar tranquilamente. Pollyana estava vestida casualmente. Parece uma mulher muito alegre e gosta de conversar. O encontro durou aproximadamente uma hora.

Os desenhos têm poucos detalhes, mas alguns elementos são significativos. No primeiro desenho (Desenho 1: O amor vem com o tempo, Anexo H), o braço da mulher que a une com o homem está reforçado, enfatizando a importância do encontro e o desejo de agradar o parceiro que Pollyana manifesta na entrevista. Os olhos representados como linhas ou pontos, parecem fechados ou esvaziados. Interpreta-se o olhar no contexto da história que relata um momento do conhecimento e descobertas. Descobrir é começar a ver, é abrir os olhos para perceber uma realidade nova. Pollyana acredita que nesse momento só se enxerga uma “parte” do outro, e cada membro do casal tenta mostrar as qualidades positivas. Assim, falta a “outra parte” configurada, segundo a participante, pelos “defeitos” que apareceram com a convivência. Nesse processo, o sentimento que surge e une o casal é a paixão, mas ele pode acabar ou transformar-se em amor.

As histórias dos desenhos descrevem algumas ideias de Pollyana sobre o amor e o desenvolvimento da relação amorosa. A colocação de todos os desenhos no quadrante superior esquerdo sugere que essas ideias podem mostrar tendências fantasiosas, enfatizando o passado e a influência das emoções e dos impulsos. Essas tendências são reforçadas pelas falas da entrevista e pelas histórias que descrevem uma experiência amorosa ideal, na qual o casal compartilha expectativas, tem os mesmos gostos e faz tudo junto. No entanto, esse desejo de encontrar fidelidade, honestidade e respeito, contrasta com conflitos identificados, tais como: insegurança, traição, medo da solidão e carência.

Assim, dificuldades como ciúme, desconfiança e possessividade definem as relações de Pollyana, encontrando parceiros com as mesmas características. Ela relata que estava muito apaixonada no seu primeiro namoro, mas terminou a relação porque ele gostava de beber. Também gostou muito do segundo parceiro, embora ele fosse doentio e ter tentado matá-la quando ela decidiu terminar. O terceiro namorado tinha um transtorno bipolar e a convivência com ele era muito difícil. Pollyana tem uma irmã com o mesmo transtorno, e achou melhor acabar. Ficou noiva do seu último namorado, que era muito ciumento. Ele conhecia o desejo que ela tinha de estudar em outra cidade, mas acreditava que com o tempo ela mudaria de ideia. Nessas experiências, seu ideal sobre o homem e as relações é contrariado por fortes conflitos, contrastando o homem honesto, carinhoso, romântico e cavaleiro que ela idealiza com parceiros impulsivos e perturbados.

Pollyana não nega completamente os conflitos experimentados, mas parece evitar olhar para eles quando termina um relacionamento e acredita que “O próximo sempre é melhor”. Ela descreve que sempre ganhou autoconhecimento nas suas experiências afetivas e que nunca teve perdas porque assume a seguinte atitude: “tento não cometer os mesmos erros, eu vou tentar melhorar [...] já me conheço e já sei o que é que eu gosto, o que é que eu não gosto, o que é que eu devo fazer e o que é que eu não devo”. Pollyana considera que encontra algo novo em cada relação, mas repete a escolha de parceiros com fortes dificuldades. Como explica na história, os “defeitos” aparecem com o tempo e a convivência, e ela se convence que, quando termina o vínculo, deixa os defeitos para trás.

Um elemento interessante para compreender essa atitude está no nome escolhido. Pollyana escolheu para a pesquisa o nome da sua irmã, aquela que, como um dos seus ex-namorados, tem um transtorno bipolar. Essa escolha pode sugerir que na participante existe um aspecto reprimido e conflituoso que projeta na sua irmã e no seu namorado. Como o próximo relacionamento será sempre melhor, ela evita compreender suas próprias dificuldades, sua carência e as escolhas de parceiros ciumentos e possessivos. Ela não compreende os motivos da separação com seus antigos companheiros, e não consegue compreender os conflitos deles porque não “olha” para os próprios.

Na imagem que Pollyana tem de si mesma, os conflitos e contradições são expressos da seguinte forma: “até brinco, que eu namoraria comigo, porque eu sou fiel [...] carinhosa [...] faço tudo para que o relacionamento dê certo. Só que assim [...] ninguém é perfeito.

Então tem esse lado de insegurança, de não confiar, e isso é muito ruim”. Ao comparar essa fala com o ideal expresso a respeito do parceiro e do relacionamento, encontram-se muitas semelhanças, como se Pollyana estivesse procurando algo que refletisse a sua imagem ideal. E ela encontra o que procura, mas o espelho não oculta nada, refletindo uma imagem com elementos positivos e negativos que lembram a compensação que o animus e a sombra trazem para a persona com os aspectos inconscientes e reprimidos.

Essa atitude também pode ser amplificada com a novela Pollyanna (PORTER, 1912, p. 103). Pollyanna é uma órfã que aprende com seu pai o “jogo do contente” que tem por objetivo buscar em toda situação ruim alguma coisa para ficar feliz. A menina nunca manifesta suas inseguranças e medos, e dedica seu tempo para ensinar a outros a brincadeira, acreditando que quando a pessoa está ocupada se esquece das coisas negativas. Depois ela sofre um acidente e não consegue mexer suas pernas nem jogar. Quando a meninas fala das experiências negativas, ela encontra na ajuda da tia Polly e de um amigo médico um possível tratamento que lhe permitiria voltar a caminhar.

A Pollyanna da novela e a Pollyana entrevistada partilham algumas tendências. Elas negaram conflitos, buscando ou olhando só os aspectos positivos das suas vivências. Um mecanismo foi instaurado para se proteger da dor, mas os sentimentos negativos gerados pelas perdas cresciam e influenciavam suas decisões. Assim, a Pollyana da sociedade moderna repete nas suas escolhas amorosas a busca de algo para melhorar, mas se esquece de olhar para as perdas e para o lado escuro de si mesma e das relações. Ela faz tudo para agradar seus parceiros, aceita os defeitos deles e perdoa as traições, mas não tenta resolver suas próprias questões. Essa atitude dificulta seu autoconhecimento e a leva a terminar uma relação quando pensa que não consegue lidar com os defeitos percebidos. Ela diz: “todos fui eu quem decidi terminar, nenhum foram eles”. Os próximos desenhos também vão a mostrar como Pollyana enfatiza os ideais e evita os aspectos negativos.

O segundo desenho (Desenho 2: Sexo com amor, Anexo H) coloca os parceiros em uma relação sexual na cama. Considerando a sequencia, o casal primeiro estava se conhecendo e criando uma intimidade, explicando que a sexualidade é uma consequência porque a união dos corpos é mais prazerosa ao integrar o amor. Nesse encontro, o homem tem uma posição dominante e a mulher um lugar receptivo, aspectos vinculados com a cultura machista nordestina que define os papéis sexuais. Além de representar a intimidade, a

cama pode ser interpretada como o lugar onde se dorme e sonha, entrando em contato com fantasias que emergiram nas relações com as pessoas de São Paulo. Essas pessoas são vistas como independente, relacionando-se sexualmente sem envolvimento afetivo, elementos que podem estar associados com a omissão dos traços da face no desenho.

Das suas relações anteriores, Pollyana acredita que ganhou autoconhecimento sobre sua sexualidade. As emoções e as sensações são muito significativas para ela, acreditando que a descoberta do corpo melhora com cada experiência afetiva. Ela explica na entrevista:

eu me conheci bastante [...] o que me excita, o que não me excita, o que eu gosto em mim, o que eu não gosto [...] sei o que é que um homem consegue, não é que ele consiga, mas o que eu consigo fazer comigo [...] namorei seis anos com esse primeiro namorado, e eu só fui ter um orgasmo, cinco anos depois [...] era muito nova [...] acho que fui me descobrindo, me conhecendo. Acho que de todas, as vantagens foi essa, foi o meu autoconhecimento.

No passado, a experiência sexual de Pollyana esteve ligada às relações amorosas. Ela sempre namorava, nunca ficava, porque acreditava que se envolvia emocionalmente muito rápido. Com seu último namorado ela queria casar, mas antes de começar o relacionamento ela já tinha decidido sair para estudar em outro lugar. Devido ao ciúme de ambos, eles brigaram e o noivado acaba. Ela nunca o traiu. Quando terminaram, ela escolheu viver uma experiência sexual nova como mulher solteira em São Paulo: “ficar [...] transar com uma pessoa que não conheço [...] estou na cidade certa, ninguém me conhece [...] vou para república e vou fazer o que eu quiser”. Assim, Pollyana se mudou para uma república onde moravam homens e mulheres e aconteciam muitas festas.

Assumindo essa escolha com coragem, ela fez algumas descobertas e aprendizados. Por exemplo, Pollyana explica que não conseguia estar só, mas percebeu que São Paulo e os homens que conheceu a estavam mudando. Ela começou a comparar seus namoros passados com os encontros casuais que caracterizam o “ficar”, contrastando as pessoas da sua região com as pessoas “frias e distantes” da nova cidade. Assim, essas experiências lhe permitiram contatar medos e fantasias que configuram seus ideais sobre as relações. Como a Pollyanna da novela, ela estava aprendendo a caminhar e precisava olhar para suas feridas como manifesta na seguinte fala: “aqui eu me senti muito só, mas hoje estou conseguindo não ficar com ninguém, não sentir falta [...] acho que São Paulo está me fazendo ficar, não ficar carente [...] eu consigo viver sem estar namorando”.

No entanto, quando começou a “ficar” também apareceram alguns conflitos. Embora desejasse muito essa experiência de ter uma relação sexual com alguém sem que existisse amor, ela explica que se sentia “estranha e incomodada”, porque ficou com um homem com quem morava, os outros os vieram se beijando, e depois ela teve que fingir que ela era somente um amigo. Comparado com homens que namoro no passado, o homem da nova cidade era diferente: ele não faz tudo para agradá-la e mimá-la. O homem carinhoso, cavaleiro, comprometido e envolvido afetivamente que a protegia e amava, mas que era ao mesmo tempo ciumento e possessivo, integra novas qualidades e conflitos que são trazidos pelo tipo de homem que Pollyana conheceu em São Paulo.

Esse homem separa sexo e amor e não é ciumento, e a seduz para viver uma nova experiência. Porém, entrar nessa nova dinâmica de “ficar” tem um preço relacionado com uma relação fugaz, com a possibilidade de não se ver mais e se separar depois do encontro sexual. Sem dúvida essas experiências a fariam refletir sobre ela própria, sobre seus desejos e vontades. Ambas as imagens dos parceiros refletem aspectos luminosos e sombrios de sua psique e das relações. Pollyana deve decidir se deixa entrar esse “homem” na sua vida, aceitando o confronto e a mudanças necessárias no seu ideal.

Com essas informações são compreensíveis os conflitos que definem suas expectativas. Pollyana mantém um desejo de conservar a relação com seu último namorado, a qual avalia como ideal: “Eu me sinto bem [estando só], mas às vezes eu sinto falta do meu namorado”. Com esse parceiro, ela pensou que poderia casar porque já estava formada e queria ter filhos. Pollyana entende que eles estão em momentos diferentes e que ela quer estudar e trabalhar. Ela poderia voltar para o nordeste e casar, mas não tem certeza ou clareza sobre esses desejos. Na entrevista explica: “Hoje em dia acho que eu conseguiria viver sem ter ninguém, trabalhando, e posso ter meu filho independente [...] não preciso de uma pessoa”. Essas contradições relacionadas com as expectativas são amplificadas nos desenhos 3 e 4 que representam o casamento, a família e os filhos.

Ao começar o terceiro desenho (Desenho 3: Aceitar das diferenças, Anexo H), Pollyana explica que é o momento do casamento, representando um ritual religioso cristão de união, ritual simbolizado pelas vestimentas da noiva e a cruz que se encontra no meio do casal. O posicionamento da cruz pode sugerir que o ideal de partilha é o mediador entre os parceiros. Na história, Pollyana relata que o casamento traz uma convivência que

permite conhecer realmente o parceiro. Assim, aparecem os defeitos e as diferenças que não são revelados nos primeiros encontros, mas que podem ser enfrentadas com aceitação. Aceitar é reconhecer que algumas coisas não vão se encaixar aquilo desejado e que algo deverá ser sacrificado. Embora o casamento seja um rito socialmente convencional, simbolicamente implica sacrifício para conseguir a união das pessoas. No entanto, a entrevistada parece ter receio dessas diferenças, possivelmente pelas experiências que teve em São Paulo, e visualiza a separação do casal em suas associações.

No desenho, o buquê que aparece na mão da noiva pode simbolizar a vida e a fertilidade, lembrando que Pollyana acredita que o casamento traz a possibilidade de ter uma família. O posicionamento dos personagens frente a frente e a descoberta do rosto da noiva podem indicar a ideia que Pollyana tem do casamento como uma fase de maior conhecimento. No entanto, os olhos desenhados como linhas parecem estar fechados e a colocação do noivo no plano esquerdo, sugerem que as ideias expressas correspondem com as fantasias e ideais. Assim, a ênfase na figura feminina poderia indicar que, para Pollyana, a mulher constrói expectativas mais fortes em relação ao casamento.

No quarto desenho (Desenho 4: Outros tempos, Anexo H) se encontra uma família dividida em dois subgrupos: os pais estão de mãos dadas e os filhos também. Esse detalhe contrasta com a história que enfatiza que o casal tem menos tempo para os dois e divide com os filhos. Também é interessante que os braços da mulher e das crianças são esticados com extensões para unir os personagens e configurar os dois subgrupos, o que pode indicar que esse laço entre os membros da família, embora seja considerado ideal, pode ser algo forçado ou existem algumas dúvidas sobre essas expectativas. Chama a atenção a dificuldade experimentada para iniciar a história e o desaparecimento dos traços da face nos personagens, aspectos que sugerem uma falta de diferenciação ou de contato com a realidade, reforçando os conflitos em relação à realização desse desejo de união.

A expectativa de Pollyana sobre formar família inclui um bom relacionamento entre as famílias do casal. Na entrevista, ela relatou que a avaliação da própria família sobre seus namorados teve uma influência significativa sobre o desenvolvimento das relações. Por exemplo, seu último namorado era um homem inteligente e carinhoso que fazia tudo o que ela queria, a tratava muito bem e gostava de conviver com a família dela. Pollyana acredita que isso se originava na educação que ele recebeu da mãe e da avó. A relação

dela com a família dele, e principalmente com a mãe dele, era muito boa. Não se via como sogra e nora, mas como duas amigas falando de vários assuntos, e como a família dela morava longe, ela se sentiu acolhida e protegida pela família de seu ex-namorado.

As contradições entre os ideais antigos e os aspectos trazidos pelas novas experiências também aparecem expressos no quinto desenho (Desenho 5: O tempo e a cumplicidade, Anexo H). Nele, o casal caminha na mesma direção – à direita – e a mulher está na frente. A história destaca que o tempo passou e que os parceiros envelheceram. O movimento indicado à direita pode estar associado com o futuro, indicando que Pollyna deseja que o casal continue junto, mas o olho fechado e o posicionamento da mulher que está de costas para o homem podem indicar a existência de conflitos para realizar esse desejo de união.

O movimento do casal à direita também está ligado com a consciência e traz um contraste significativo. No terceiro desenho, no qual o homem é colocado à esquerda, aparece a fala sobre a possibilidade da separação do casal depois dos filhos. No quinto desenho, no qual o homem novamente é colocado à esquerda, Pollyana escolhe não separá-los porque acredita que o casal possa ficar junto. No entanto, o posicionamento dos personagens sugere um conflito. Considerando que a história desse desenho descreve que uma relação se constrói com o tempo e a cumplicidade, o fato de que a figura feminina esteja de costas para a masculina sugere a possibilidade de deixar o parceiro para trás, atitude que Pollyana já assumiu em outros relacionamentos. Assim, o último desenho indicaria o que está faltando na atitude consciente da participante: olhar o ideal e o parceiro, conhecê-lo e avaliar as fantasias que precisam ser sacrificadas para aceitar as diferenças.

No quinto desenho também aparecem dois novos símbolos: o bastão e o cachimbo. Ambas as figuras tem bastão, mas só o homem tem cachimbo. O bastão é um apoio que facilita o movimento da pessoa na velhice. Considerando que o bastão da figura feminina recebe um destaque, interpreta-se que com o tempo Pollyana poderia necessitar um apoio para continuar “caminhando” e manter o relacionamento. O cachimbo interpreta-se como um poder que Pollyana atribui à figura masculina. Essa figura é colocada no quadrante associado com o inconsciente, indicando que esse poder é projetado no parceiro, e não é olhado ou reconhecido como próprio. No desenho, o cachimbo é colocado na boca do homem. A boca, entre outras coisas, permite falar, e Emma Jung ([1931], 2006) utiliza o verbo para descrever que o animus está associado com um logos que pode influenciar a

consciência feminina e suas relações por meio de julgamentos criativos ou destrutivos, e também lhe permite perguntar se ela exerce tais julgamentos e como os faz.

A Pollyanna do romance escreve o seguinte no dia que consegue caminhar: “Estou contente por tudo. Estou contente até de ter perdido minhas pernas por um tempo, pois só quem já perdeu as pernas sabe o valor que elas têm” (PORTER, 1912, p. 103). Orientada pelos desejos, emoções, vontades e impulsos, a Pollyana da pesquisa teve a coragem para arriscar-se e viver experiências novas, viajando para a grande cidade e experimentando novos tipos de relacionamento. Agora que realizou a descoberta de que suas antigas expectativas não foram cumpridas, precisa da mesma coragem para olhar para “atrás”, para suas próprias perdas e para si mesma. Assim, ela poderia compreender que existem aprendizados ocultos na insegurança, na carência, na desconfiança e no ciúme. Nesse processo, ela conseguiria reconhecer a persona que elaborou e os elementos psíquicos que, não aceitos como próprios, se constelam no complexo contrassexual formado pelo animus e são projetados nos parceiros e nos relacionamentos amorosos.

A sequência dos desenhos parece representar temas nos quais Pollyana precisa aprofundar. Ela poderia rever aquele ideal de união e partilha apresentado no primeiro desenho, conhecendo as qualidades positivas e os defeitos, e analisando suas ideias sobre a paixão e o amor. A experiência sexual ganhou novos matizes com as relações estabelecidas em São Paulo. Porém, a dinâmica vincular que caracteriza o “ficar” trouxe também uma desvalorização dos sentimentos e das relações, podendo reforçar a atitude que a leva a terminar os namoros quando percebe a emergência dos defeitos. Tal atitude dificultaria a compreensão dos conflitos pessoais que determinam suas escolhas. As expectativas de casamento e família se afirmariam ao serem confrontadas com os medos e desejos que definem seus projetos profissionais e com o desenvolvimento do vínculo. Os homens que ela conheceu em São Paulo a ajudariam a se descobrir, a aprimorar sua personalidade e a olhar para as experiências que contrastam com seu ideal.

## 7 DISCUSSÃO

O amor é sempre um problema para os seres humanos, possuindo narrativas que são compartilhadas coletivamente e relatos individuais que criam metáforas e símbolos para elucidar o encontro dos parceiros (SCHIESS, 2005). Porém, como discurso coletivo, o amor também é uma narrativa social, historicamente construída (HIME, 2008), que influencia as relações amorosas com modelos, papéis e expectativas (NEVES, 2007). O objetivo da pesquisa visou compreender os relatos de mulheres que moram em repúblicas da cidade de São Paulo a respeito desse amor nos relacionamentos íntimos com os homens, aprofundando nos valores, ganhos e conflitos que elas experimentam e nas avaliações que realizam sobre si mesmas, sobre os parceiros e sobre os vínculos afetivos. As respostas coletadas possuem esses matizes individuais e coletivos, desenhando as jornadas de mulheres que vieram de diferentes lugares e viveram seus próprios romances em uma cidade que mistura tradição com modernidade.

A análise dos relatos e desenhos dessas mulheres mostrou algumas polaridades que configuram as relações amorosas, tais como: união–separação, flexibilidade–inflexibilidade, conjugalidade–individualidade, cumplicidade–privacidade, diferenciação–projeção, afinidade–diferenças, sexo–amor, ideais–conflitos/perdas e partilha–liberdade. Esses opostos se relacionam em uma dinâmica específica, e um dos elementos que forma o par pode ser destacado para elaborar modelos que influenciam os ideais e as mitologias sobre o amor (MOORE, 1996). Embora alguns modelos sejam contrastantes, os achados mostram que eles coexistem nas entrevistadas, gerando conflitos e se apresentando como possibilidades de escolha. As narrativas das participantes podem ser abordadas mediante três modelos: o amor romântico, o “ficar” e o relacionamento psicológico.

O encontro romântico é definido pelas entrevistadas como uma relação que outorga completude e identidade, envolvendo valores como afinidade, confiança e doação. Nele predominam os papéis sexuais tradicionais, nos quais a mulher se percebe como emotiva e responsável por cuidar da família, enquanto o homem é dominador, racional e sua sexualidade é mais ativa, atribuindo-lhe a iniciativa que permite o encontro. Segundo Giddens (1992), esse amor romântico se fundamenta em uma identificação projetiva que gera uma atração entre os parceiros e permite elaborar expectativas afetivas. Para Fromm (1988) essa identificação possui alguns elementos negativos que também são

identificados pelas participantes desta pesquisa como perdas e conflitos, tais como: afastamento do mundo exterior e das amizades e a criação de um relacionamento simbiótico e de poder que gera submissão e não respeita as diferenças.

Sob o enfoque da psicologia analítica, o amor romântico é um componente arquetípico da relação que se fundamenta na projeção, na idealização, na identificação e na indiferenciação. Esses elementos possibilitam uma experiência de unidade, comunicação, aceitação e harmonia, mas apagam as diferenças e dificultam o reconhecimento da individualidade e da liberdade (SCHIESS, 2005; BENEDITO, 1996; SHARP, 1995; ALCANTARA, 2005; REIS, 2007; ALVARENGA, 2010; LÓPEZ-PEDRAZA, 2010). Nesse modelo de relacionamento, as pessoas apaixonam-se não pelo parceiro, mas “por uma ideia, uma imagem, um ideal ou [...] uma emoção” (JONHSON, 2009, p. 59).

As participantes também descrevem uma imagem romântica e idealizada do parceiro e algumas experiências amorosas positivas que integram esses valores, destacando uma avaliação do companheiro como alguém que pode ser cúmplice, cuidador, compreensivo e oferecer um apoio firme e forte. Para as entrevistadas, esse parceiro e os encontros vividos com ele trazem ganhos, tais como: conhecimento das relações, crescimento, aprimorar a expressão das emoções e redefinir algumas capacidades e gostos. Endossando os postulados dos autores citados, o ideal romântico mostra que o parceiro é a relação íntima são necessárias para o desenvolvimento individual, porque iluminam regiões desconhecidas, misteriosas e inacessíveis com as projeções e com a paixão.

Ir atrás dessa ilusão, para tentar realizá-la ou para defrontar-se com sua frustração, pode trazer crescimento. Porém, tentar encaixar a própria personalidade e o parceiro no ideal romântico pode levar a uma negação da realidade, o que explica, em parte, a dificuldade que as participantes experimentam para compreender as próprias problemáticas e compreender seus companheiros. Assim, a fantasia e a paixão do romantismo motivam o encontro amoroso, mas não sobrevivem as contradições da vida cotidiana (SANFORD, 2002) e é necessário questionar as projeções para promover a individuação, confrontando-se com as obscuridades próprias e do parceiro que antes eram desconsideradas. O resgate das diferenças e da alteridade constituídas pela sombra e o animus leva ao reconhecimento dos dilemas que as mulheres vivem em cada tipo de relacionamento.

Por exemplo, quando as mulheres jovens descreveram suas avaliações sobre os sentimentos e a sexualidade nas relações amorosas, apareceram algumas contradições que podem ser associadas com as novas experiências oferecidas pela sociedade moderna com o próximo modelo. A maioria delas acredita que a sexualidade e os sentimentos são elementos fundamentais que definem o amor. No entanto, algumas das entrevistadas atribuem mais valor aos sentimentos e outras à sexualidade. Quando a ênfase é feita sobre os sentimentos, destaca-se novamente o amor vivido ou idealizado como uma experiência única e singular que outorga crescimento. Outras valorizam o prazer, os sentidos e o corpo, experimentados na relação sexual sem envolvimento afetivo, reconhecendo o “ficar” como um vínculo que caracteriza as sociedades flexíveis e plurais.

“Ficar” é um oposto para o amor romântico. Essa polaridade lembra os conflitos identificados nas pesquisas e nas teorias sobre o poder e o amor ou a liberdade e o amor. Koltuv (1996) chama a atenção sobre essas divisões que as mulheres fazem e as relaciona com uma separação da realização individual e a realização íntima. Na pesquisa, as participantes relacionam a eleição das aspirações profissionais ou dos desejos pessoais com uma possível separação do casal, mas pensam que um amor romântico poderia implicar uma dependência que limitam a participação em outras atividades. Embora elas não acreditem que devam escolher o amor ou a liberdade, a divisão mostra as dificuldades experimentadas quando os vínculos modernos confrontam suas expectativas e ideais.

As entrevistadas falaram desse “ficar” como uma experiência que trouxe aprendizados, mas poucas manifestaram o desejo de manter ou viver novamente esse tipo de relação. Aquelas que esperavam que o “ficar” evoluísse para um namoro sério, vivenciaram conflitos como insegurança, decepção, fracasso, comodismo, orgulho, impotência, culpa, tristeza e frustração, e o não cumprimento dos papéis de entrega, cuidado e conquista do parceiro. Essas problemáticas podem ser relacionadas com alguns elementos dos desenhos como a ocultação dos corpos, a ausência ou enfraquecimento de mãos e braços dos personagens e a omissão de traços da face; e com as fragilidades, ansiedades e dores que, segundo Baumam (2004), também podem ser experimentadas nas relações líquidas.

Embora os relacionamentos modernos permitam uma avaliação dos julgamentos, das atitudes, dos valores pessoais e dos diferentes motivos para relacionar-se, Schiess (2005), em uma revisão da obra de Jung, postula que tais relações também enfatizam os desejos

egoístas e as resistências de pessoas que dificilmente direcionam sua libido para envolver-se afetivamente. Segundo Ulson (2010), a separação dos sentimentos e da sexualidade apontada na pesquisa pode ser relacionada com uma cultura tecnológica e mercantilista que coisificou o parceiro, transformando o amor e o sexo em produtos consumíveis. Essa cultura promove uma unilateralidade que enfatiza a vivência da sexualidade, dificultando o reconhecimento do amor que é o aspecto desvalorizado.

Em sintonia com as descrições dos teóricos citados, as participantes consideram que o “ficar” se caracteriza por uma fuga do compromisso e um empobrecimento do encontro afetivo, expressando desejos egoístas e superficiais que enfatizam a satisfação sexual ou a troca do companheiro quando ele não outorga o prazer esperado. Com essas perspectivas, elas criticam experiências que Baumam (2002) e Giddens (1992) descrevem com os conceitos de sexo e relacionamento puro, desejando viver outros modelos. Nas relações líquidas dificilmente se desenvolvem valores necessários para amar e manter um vínculo e, segundo Jung ([1924] 2011b), isso acontece porque sua superficialidade não permite levar a sério as vulnerabilidades, as dores, os paradoxos e os sacrifícios que implicam um relacionamento psicológico no qual coexistem amor e sexo.

Assim, pensar na integração e complementariedade entre amor e sexualidade também implica conflitos, sentimentos profundos, expectativas reais, dúvidas e liberdade, tornando-se vulnerável para conseguir expressar-se e acolher o parceiro. Embora esses elementos sejam identificados no discurso das participantes, eles não são abordados ou aplicados nas experiências narradas por elas. Na mesma perspectiva de Jung, Erikson (1987) qualifica como egoístas as pessoas que dificilmente se envolvem intimamente e que buscam só o fortalecimento da própria identidade. Para Moraes e colaboradores (2012), o egoísmo que caracteriza o “ficar” pode ser relacionado com um narcisismo que deseja ocultar as inseguranças geradas pelas mudanças e contradições que traz o amor.

Essas inseguranças podem ser identificadas nos conflitos e nas perdas descritas pelas participantes como medo de sofrer, de depender, de ser abandonada ou de questionar os ideais. Alguns desses conflitos foram associados com viver relações líquidas e com avaliações negativas dos homens que, segundo as entrevistadas, priorizam suas vidas profissionais e metas individuais, valoram mais o corpo e a beleza das mulheres e separam facilmente o sexo do amor, aceitando “ficar” sem comprometer-se. Embora essas

percepções possam corresponder aos homens modernos, as teorias psicanalíticas de Fromm (1988) e outros analistas junguianos explicam que nas relações as pessoas podem evitar os próprios problemas, projetando os conflitos no parceiro e preocupando-se com eles como se fossem defeitos e fragilidades da pessoa amada.

Assim, a mulher poderia projetar nesse homem que só “fica” suas questões não resolvidas sobre o egoísmo e o narcisismo. Como foi destacado nos papéis femininos tradicionais, à mulher é atribuída uma responsabilidade maior pela expressão dos sentimentos e o cuidado da relação, e pouco falam do amor e do conhecimento pessoal, porque sua energia e atenção são colocadas no outro e no vínculo. Sob esse ângulo, Liotta (1997), uma analista junguiana, acredita que um animus com características narcisistas, desagradáveis e introvertidas mostra para a mulher uma forma diferente de relação ou uma possibilidade de não relacionamento. Esse animus se contrapõe ao ego e aos papéis tradicionais, representando um conteúdo inconsciente associado com o gênero oposto.

Esse animus traz uma tentativa da psique para estabelecer um limite na doação e para que a mulher aceite sacrificar alguns elementos de seus ideais, questionando-se diante de experiências como: um amor impossível, uma paixão por um homem que vai embora, um desejo de viver múltiplas relações ou um vínculo com um parceiro que dificilmente expressa sentimentos. Segundo Liotta (1997), esse é um processo doloroso de introspeção, no qual a mulher se confronta com si mesma, ganhando autonomia emocional, aprendendo a sentir-se só e a reconhecer que a realização íntima não preenche todas as suas necessidades.

Às imagens idealizadas descritas pelas participantes sobre um parceiro que é um amante que atrai e inspira e de um herói que a resgata e satisfaz suas aspirações amorosas (YOUNG-EISENDRATH, 1995; NEUMANN, 2000; KOLTUV, 1996), junta-se a imagem de um “ficante”. Todas são possibilidades que as mulheres podem encontrar ao se relacionar, mas cada uma delas vai destacar um elemento que elas precisam aprofundar para que as consciências das donzelas ingênuas e inocentes despertem, cresçam e se transformem (JONHSON, 2009). Assim, à experiência romântica de amar e ser amada é compensada com uma necessidade de perceber-se como competente, criativa, com autoridade, capaz de estabelecer vínculos interdependentes e de aceitar os conflitos das relações amorosas. Como apontaram Moraes e colaboradores (2012), o narcisismo, como

retorno e confronto com a própria psique, pode ser necessário para passar do mito do amor romântico ao mito do amor na alteridade em um relacionamento psicológico.

Assumindo uma atitude que reconhece as diferenças como elementos estruturantes da dinâmica da relação amorosa, as mulheres poderiam integrar mais harmonicamente os conteúdos inconscientes. Essa integração permite identificar a resistência e o medo gerados por uma relação íntima, erótica e única com parceiros que as fascinam, atraem e seduzem, representando um oposto e conteúdos projetados (JUNG, [1948] 2011g). No entanto, as entrevistadas parecem viver esse processo de transição como um forte conflito entre a idealização da união perfeita e a frustração, precisando de coragem para beijar e fazer amizade com as feras e monstros internos e externos (JONES e MATTON, 1987).

Uma relação que integre os opostos é descrita como um relacionamento psicológico, termo utilizado por Jung ([1925], 2011c) que tem proximidade com o amor confluyente de Giddens (1992) e com a intimidade de Erikson (1987). Para as participantes, tal relação expressaria o ideal de viver um amor que conjugasse afinidade e união com o respeito da privacidade e uma necessidade de separação, trazendo autoconhecimento e um encontro entre dois indivíduos livres e iguais que expressam seus sentimentos. Analiticamente, essa experiência traz ambivalências (MENDES, 2012), envolvendo sentimentos profundos e uma responsabilidade pela própria felicidade. Este modelo contrasta com a completude que se espera viver somente quando trazida pelo parceiro no amor romântico, assim como com a falta de envolvimento afetivo e de compromisso que caracteriza o “ficar”.

Pensando no desenvolvimento do relacionamento amoroso, seria possível considerar que cada um dos modelos descritos trazem elementos significativos que precisam de uma reflexão aprofundada, compreendendo os diferentes momentos que vivencia o casal moderno. A sociedade contemporânea plural, flexível e democrática, serve como palco de reflexão para que os parceiros compreendam seus ideais e conflitos. Assim, os relatos das entrevistadas sobre os valores, ganhos e expectativas que configuram suas mitologias sobre o amor denotam os opostos que definem os modelos apresentados, tentando uma reflexão sobre suas experiências e enfatizando o relacionamento psicológico. Em relação aos valores, o ideal por uma relação psicológica se expressa por meio do desejo de conhecer-se e conhecer o parceiro, encontrando afinidades que permitiriam a partilha em um contexto de amizade, respeito e cuidado mútuo.

Alguns dos ganhos identificados também se relacionam com a experiência de um amor mútuo e da comunicação dos parceiros, aprendendo da expressão dos sentimentos, dos erros, do afastamento, da dor, dos desencontros e das diferenças. Da mesma forma, as expectativas incluem uma convivência partilhando tempo, sentimentos e metas profissionais, familiares e pessoais. A importância que as mulheres atribuem ao compromisso com a capacidade de dar e receber amor destaca-se também na imagem que elas apresentam de si mesmas. Elas se avaliam como carinhosas, sinceras, cúmplices, compreensivas, fieis e respeitadas, e acreditam que seus papéis na relação amorosa incluem ser dedicadas, atenciosas, valorizar e expressar os sentimentos, doar-se, entregar-se, cuidar dos filhos e aceitar, conquistar e agradar o parceiro.

Erikson (1987), Giddens (1992) e Hime (2008) também reconhecem alguns desses papéis, explicando que eles integram perspectivas tradicionais que conservam a ilusão romântica de união do casal e uma perspectiva moderna que traz a imagem de uma mulher heroína. À donzela que espera pelo resgate do príncipe e cuida do lar junta-se a terceira mulher (Lipovetsky, 2000), a qual possui o papel ativo e independente de uma heroína corajosa que cria sua identidade, vida e destino, e que pode escolher confrontar, conquistar e transformar o companheiro, e também experimentar sua sexualidade livremente.

Essa nova mulher também foi descrita por Jung ([1927] 2011d) no início do século XX. O autor notava que as mudanças acontecidas nos papéis sexuais mostravam uma mulher que almeja o desenvolvimento integral da sua psique e a inclusão social. Ela experimenta a própria vida com maior consciência de si mesma, independência e crítica para participar da solução dos problemas, identificar o que quer e lutar para atingir seus objetivos. Neumann (1995) também descreve uma heroína que reconhece seus sentimentos e busca sua independência, contrapondo a unidade ilusória com um desejo de diferenciação. Young-Eisendrath (1995) pensa que a mulher é soberana para criar sua vida, postulando que o ego se identifica com os novos papéis sexuais e configura uma persona que integra valores modernos como poder, decisão e afirmação com os elementos românticos e tradicionais de união, cuidado, fidelidade e o desenvolvimento das relações.

Esses elementos opostos e complementares que integram a persona podem ser interpretados como aspirações e ideais que o indivíduo precisa testar para conhecer seus desejos, suas possibilidades de realização e seus limites. Para Hopcke (1995), uma

persona mais autêntica, verdadeira e funcional no mundo externo, é configurada quando o ego reconhece conteúdos reprimidos e desvalorizados que formam a sombra e o animus. Assim, a mulher tem maior conhecimento de si mesma, das suas necessidades afetivas, das projeções, e das fantasias, dúvidas e conflitos que precisa trabalhar.

Entendendo a transição acima apontada, a jornada da heroína traz contradições e dilemas. Por exemplo, algumas participantes reconhecem que o amor também é uma experiência que cria ou pede o aprendizado de elementos novos. Tais aspectos geram mudanças que unem e reforçam as afinidades entre os parceiros, mas podem destacar as diferenças e conflitos que separam o casal. As entrevistadas acreditam que o reconhecimento da singularidade e da liberdade implica flexibilidade, partilha, cumplicidade, comunicação, ajuste, respeito e encaixe. A inclusão desses elementos no discurso e nas imagens das entrevistadas poderia indicar que o ideal das mulheres moderna não está no romantismo ou no ficar, e sim no aqui denominado de relacionamento psicológico, reconhecendo os ganhos e conflitos que lhe são inerentes e que elas não conseguem elaborar.

Embora elas idealizem esse tipo de relacionamento, as participantes não clarificam como aplicam valores que o definem, tais como: independência, autonomia, vulnerabilidade, fragilidade e sacrifício das ilusões. Jung ([1924], 2011b), Erikson (1987) e Giddens (1992) consideram que esses valores permitem uma diferenciação necessária em uma relação baseada na consciência da individualidade de cada parceiro, possibilitando a expressão dos sentimentos, a resolução das dificuldades e a aceitação das mudanças e das separações. A pouca atenção a esses elementos indicaria que as jovens estariam mais interessadas em buscar, realizar e reforçar o novo ideal, mas dificilmente identificam e compreendem as dores e as problemáticas que se repetem em suas escolhas amorosas.

As entrevistadas confirmam que esses conflitos estão relacionados com qualidades negativas e experiências passadas que poderiam separar o casal. Nos conflitos, elas destacam a submissão, as dúvidas, a inflexibilidade, os “conflitos de egos”, as paixões avassaladoras, o fato de atropelar ou prender o parceiro, a dificuldade para lidar com a solidão, os preconceitos, a possessão e a falta de valoração. Para alguns teóricos (MURARO, MUSZKAT e SEABRAL, 1985; AZEVEDO, 1993; GALIÁS, 2001; ALMEIDA e GOMEZ, 2007; NEVES, 2007; PICCOLI, 2012), esses conflitos estão associados com as contradições que as mulheres experimentam entre suas expectativas ou

ideais e as experiências negativas que os contrastam, e com o fato de ter que enfrentar o poder, a desigualdade, e o controle que caracterizam alguns modelos e papéis tradicionais.

Esses dilemas também definem as perdas que são associadas pelas participantes com relacionamentos fragilizados que trazem desgaste, estresse e decepção, ou com mudanças que implicam reformular aspectos pessoais, tais como: amizades, privacidade, uso do próprio tempo e as convicções. Na perspectiva de Reis (2007), Flaiszman (2006) e Saldívia (2013), as “feridas do amor” (LÓPEZ-PEDRAZA, 2010, p. 64), a dor, o fracasso, a fragilidade, a vulnerabilidade, os obstáculos e as perdas permitem que a consciência se amplie desenvolvendo um potencial ainda indiferenciado e inconsciente. Embora as participantes conheçam essas obscuridades e complexos que o amor e a intimidade revelam, elas não sabem como integrá-los e não compreendem suas associações com os conflitos e com as identificações com papéis sexuais e ideais.

Algumas imagens negativas de si mesmas, tais como: a mulher “grude”, “ansiosa”, “apegada”, “carente” e “ciumenta”, ou aquela “liberal” e “fácil”, podem levar a mulher a compreender melhor seus dilemas. Essas imagens podem ser associadas com os conteúdos reprimidos que configuram uma sombra que cria conflitos, mas trazem elementos que não tiveram a possibilidade de tornarem-se conscientes e que representam luz e ouro para o desenvolvimento individual e da relação (ZWEIG e WOLF, 1999).

Por exemplo, a mulher grude, ansiosa, ciumenta e carente pode estar chamando a atenção sobre a identificação com sentimentos e papéis românticos que a responsabilizam pela duração da relação e a conquista de um parceiro. Para Neumann (2000), uma mulher identificada com uma imagem feminina romântica, tem o risco de perder o direito a uma vida pessoal e individual porque se preocupa em satisfazer exigências externas. No relacionamento psicológico que a mulher busca, a entrega pode ser voluntária e baseada na consciência e não motivada por exigências ou identificações. Essa entrega também precisa da doação e da escolha do parceiro para experimentar o amor. O homem vive conflitos, projeções, sofrimentos e ideais que a pesquisa não teve o objetivo de descrever, mas que a mulher poderia reconhecer depois de aceitar e compreender os próprios, diminuindo a influência das projeções e das ilusões pessoais.

As vulnerabilidades e fragilidades que a mulher vive quando entra em contato com suas emoções e fantasias lhe permitiria questionar a fraqueza, a inferioridade e a dependência tradicionalmente atribuída a ela. Assim, ao conhecer e expressar suas necessidades, emoções e desejos, confrontando sua realização e vivendo conscientemente o amor e a dor, a mulher é iniciada em um processo de crescimento que lhe possibilita “conhecer-se e criar-se a si mesma” (LÓPEZ-PEDRAZA, 2010, p. 37) e conhecer o parceiro.

A imagem da mulher liberal e fácil pode fazer parte do processo da integração da independência que as participantes poderiam experimentar para viver uma sexualidade separada dos sentimentos. Essa integração reforça uma individualidade e uma autoestima que não depende do parceiro ou do sucesso do relacionamento, mas das escolhas da mulher. Essa possibilidade foi trazida, em parte, pelas relações líquidas e modernas, e a mulher precisa questionar-se a respeito da atitude que irá assumir no futuro, reconhecendo que ela é livre para entregar-se à experiência amorosa e para aceitar ou não o prazer sem afeto que define o sexo puro, diferenciando ambas as situações.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Jung (1916 [2011a]) é questionado pelo amor, as participantes desta pesquisa mergulharam nos seus próprios dilemas. Os relatos e imagens das entrevistas e dos desenhos evidenciam que elas também vivem experiências tecidas por conflitos e ideais. Como jovens que habitam uma cidade moderna, elas expressam suas contradições constituídas por frustrações e desejos, e pelas influências coletivas e familiares que definiram suas histórias individuais amorosas. São Paulo representa um palco que mistura tradições românticas e as possibilidades das urbes contemporâneas, mostrando que é possível sonhar com o amor ideal dos contos de fada, mas aceitando os novos personagens e papéis sexuais que entram nas cenas das relações íntimas.

A análise realizada na pesquisa permite interpretar que as fantasias e ideais das participantes estão habitadas por uma nova personagem, uma heroína disposta a viver seus sentimentos e a correr atrás da sua realização individual. O ideal amoroso dessa heroína enfatiza um relacionamento psicológico baseado no reconhecimento de opostos como união-separação, afinidade-diferenças, partilha-liberdade, e sexo-amor. As almas gêmeas não existem, diz Pio na sua entrevista, mas para ela é possível o encaixe e o modelamento de expectativas quando se deseja encontrar um “par”. No fundo, o ideal de união do amor romântico se mantém, mas a mulher moderna descobre outras formas de realizá-lo e sente que essa escolha é própria e lhe permite expressar sua singularidade.

Como responsáveis por definir o que desejam, as participantes avaliam o amor como um processo criativo, apesar de caótico e doloroso. As heroínas que desejam realizar seus novos ideais se encontram com homens que, segundo elas, podem amá-las e cuidá-las como os príncipes dos seus sonhos. No entanto, esses homens podem se transformar em vilões ou desconhecidos, quando elas percebem que eles também estão redefinindo sua história e que ambos podem escolher livremente entre amar ou “ficar”. Esta pesquisa não tem elementos para descrever as expectativas masculinas ou saber se as avaliações das participantes se encaixam com os homens reais. Porém, é possível interpretar essas novas mitologias como dilemas que vivem as mulheres contemporâneas na sua busca por compreender sua identidade as relações, o amor próprio e o amor pelo companheiro.

O encontro amoroso protagonizado pelas participantes lhes trouxe uma experiência de dissolução, perda e reencontro do ser íntimo, destacando na análise as projeções no parceiro e a identificação com os novos papéis sexuais a serem integrados. Pensando nas implicações que esses dilemas têm para a psicoterapia e a psicologia clínica, é fundamental considerar a diferenciação que as jovens poderiam estabelecer entre sua experiência real e seus ideais, reconhecendo as fantasias, as motivações e os temores que unem e separam os parceiros. Os ideais não são elementos negativos; fundamentados na projeção, eles trazem as aspirações mais profundas daquela psique, mas as jovens precisam perceber os limites desses ideais, confrontando-se com uma realidade plural, na qual existem as diferenças, as transformações e os múltiplos caminhos de realização.

Nos caminhos de redefinição do ideal, os conflitos e as perdas emergentes estão mostrando os elementos pessoais descuidados, ignorados ou reprimidos. A integração desses aspectos possibilita uma iniciação no mistério próprio, reconhecendo que a projeção revela os conteúdos sombrios e opostos que podem ser simbolizados na experiência amorosa com o parceiro. Nesse processo, ocorre uma passagem que revela essências, forças, segredos e destinos, mas que implica enfrentar provas, sacrifícios e dores que as participantes desta pesquisa identificam, embora não saibam como elaborá-las. As entrevistadas tendem a colocar ênfase no desejo de união e percebem menos claramente a necessidade de aprofundamento da individualidade que, no entanto, também aparece nas falas e desenhos. Levar em conta ambos os aspectos poderia reforçar a capacidade de amar e a liberdade criadora das mulheres, descobrindo suas identificações e os papéis sexuais para escolher conscientemente mudar sua história.

Embora as entrevistadas relatem fortes contradições entre seus ideais e as experiências nesse processo de mudança e transição, elas não querem deixar essa busca. Esse é um ganho trazido pelos papéis sexuais da terceira mulher descrita por sociólogos e da heroína: ela não desiste e não abandona seus novos caminhos. O amor tem um significado profundo para essas mulheres, porque ele se apresenta como uma possibilidade de encontro, de parceria e afinidade em um mundo em que foram enfatizadas cada vez mais as diferenças. Como explicou a participante Alfa, o amor é uma chave que abre portas fechadas e revela segredos sobre a intimidade. Esse ideal moderno do amor traz aprendizados que dificilmente podem ser vividos com outras experiências, porque ele

envolve ao mesmo tempo a possibilidade de “ser e realizar-se” separada do parceiro e a de “estar” acompanhada e acolhida pela pessoa amada.

Na sociedade dos relacionamentos puros e líquidos, as escolhas que as mulheres realizam quando se envolvem sexual e/ou afetivamente trazem aspectos diferentes e opostos. Elas podem conscientizar essas polaridades como metáforas e linguagens simbólicas que lhes permitiriam compreender e configurar suas jornadas pessoais. Na presente pesquisa, os conceitos da psicologia analítica como sombra, persona, animus e projeção, mostraram sua pertinência para construir uma compreensão da dinâmica psíquica e das relações amorosas, que é coerente com as perspectivas de psicólogos e sociólogos interessados nos vínculos humanos na modernidade. Os conteúdos associados com a sombra e com o animus confrontam a persona e o ego nesse novo ideal do encontro amoroso, que foi definido aqui pelo conceito de relacionamento psicológico. Nesse modelo afetivo, amar implica criar, desafiar e integrar os opostos, questionando os valores, os papéis sexuais e as expectativas tradicionais e modernas com as experiências pessoais.

Uma sugestão para futuras pesquisas seria a de ampliar a amostra ou incluir outras populações no Brasil, em outros países e em ambiente diversificados. Outro estudo poderia ser feito com homens que moram em repúblicas para compreender suas perspectivas sobre as mulheres e as relações íntimas. Os casais que moram em repúblicas também poderiam ser entrevistados para identificar os valores, as expectativas, os ganhos, os conflitos, os sentimentos e as imagens que definem seus vínculos. Os dados dessas pesquisas poderiam ser comparados e ampliados com os dados do presente estudo.

Questionando modelos e papéis novos e antigos, o ato heroico das mulheres entrevistadas que moram em repúblicas envolve a escolha de viver um novo ideal amoroso e os dilemas que o caracterizam. Nesse processo, as participantes se orientaram por uma fantasia de realização afetiva e individual. A república pode constituir um contexto de encontro que possibilite o conhecimento próprio, do companheiro e dos diferentes modelos de relacionamento, assim como o reconhecimento dos conteúdos sombrios e opostos da psique e o reconhecimento da alteridade vislumbrada no parceiro.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Helena. O encontro na paixão e no amor: algumas reflexões. **Junguiana**. São Paulo, n. 7, p. 123 – 144, 1989.
- ALCANTARA, Acaci. Dolls. **Cadernos Junguianos**. São Paulo, v. 1, p. 142-144, 2005.
- ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de; GOMES, Antonio Maspoli de Araújo. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. **Âncora: Revista digital de estudos em religião**. São Paulo, v. 2, Jun. 2007. Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista\\_2/01.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_2/01.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2013.
- ALVARENGA, Maria Zelia de. Paixões míticas. **Junguiana**. São Paulo, v. 28, n. 2. p. 16-22, 2010b.
- \_\_\_\_\_ A dinâmica do coração: do herói-dever, heroína-acolhimento para herói-heroína amante-amado. **Junguiana**. São Paulo, n. 18, p. 133-151, 2000.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. Paradigmas qualitativos. **O método nas ciências sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Cien. Pro.** Brasília, v. 22, n.2, Jun. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext) > Acesso em: 25 set. 2013.
- ARMELIN, Ana Maria Tytko. **Desenredo: um mito revisado (O mito de Tristão e Isolda como paradigma de leitura de um conto roseano)**. São Paulo, 1992. Dissertação [Mestrado Comunicação e Semiótica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- AZEVEDO, Lúcia. Problemas (pouco) familiares. **Junguiana**. São Paulo, v. 11, n. 11, p. 30-42, 1993.
- BARBOSA, Livia. Afinal, o que querem as mulheres? **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 23, n.1, p. 33-46, 2011. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022026003>> Acesso em: 25 set. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BENEDITO, Vanda Lucia Di Yorio. **Amor conjugal e terapia de casal: uma leitura arquetípica**. São Paulo: Summus, 1996.
- BOGADO, Ana Patricia Chagas. **Maria Madalena: de pecadora a iniciada: um estado psicológico do feminino a partir dos Evangelhos**. São Paulo, 2003. Dissertação [Mestrado em Ciências da Religião] – Faculdade de Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BONILLA-CASTRO, Elsy; RODRIGUEZ SEHK, Penelope. **Más allá del dilema de los métodos: la investigación en ciencias sociales**. Bogotá: Uniandes, 1995.
- BORBA, Daniela. **Individuação e expatriação: resiliência da esposa acompanhante**. São Paulo, 2008. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia

– Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Ternura, sexo, dignidade e amor: um estudo das funções estruturantes pela psicologia analítica. **Junguiana**. São Paulo, v. 19, n. 1. p. 79-91, 2001.

CHAVES, Leonor Ramos. **A mulher urbana no Santo Daime: entre o modelo arcaico e o moderno de feminino**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação [Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social] Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Carmen Silvia. **Mulher: um encontro com o feminino**. São Paulo, 2005. Monografia [Especialização em Abordagem Junguiana] – Cogea-PUCSP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CHILLEMI, Margaret María. **Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica**. São Paulo, 2003. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica] – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COELHO, Vera Lucia Decnop; MORI, Maria Elizabeth. Mulheres de Corpo e Alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade Feminina. **Psicologia: reflexão e crítica**. Brasil. v.17, n. 2, p. 177-187, 2004.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FLAISZMAN, Fabián. Consideraciones acerca del amor. **ADEPAC**, Bogotá, jun. 2006. Disponível em <<http://www.adepac.org/consideraciones-acerca-del-amor/>> Acesso em: 25 set. 2013.

FERNANDES, Roberto Rosa. O outro lado da paixão: Narcisismo defensivo e relações fusionais. **Junguiana**. São Paulo, v. 28, n.1, p. 18 – 24, 2010.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.

FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. São Paulo: Paulus, 2004.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petropolis: Vozes, 2004.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1992.

GARCIA, Ana Carolina Falcone. **Da relação Pai-filha: a profissional mulher**. São Paulo, 2006. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GRAUBART, Silvia. A ética do provisório. **Cadernos Junguianos**. São Paulo, v. 2, p. 61-68, 2006.

GROSS, Neil; SIMMONS, Solon. Intimacy as a Double-Edged Phenomenon? An Empirical Test of Giddens. **Social Forces**. The University of North Carolina Press, v. 81, n. 2, p. 531 – 555, December 2002.

HIME, Flavia Arantes. **A biografia feminina e a história das relações amorosas: “o vôo da fênix”**. São Paulo, 2004. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_ A biografia feminina e a história das relações amorosas. **Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, v. 8, 2008. Disponível em <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST34/Flavia\\_Arantes\\_Hime\\_34.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST34/Flavia_Arantes_Hime_34.pdf)> Acesso em: 25 set. 2013.

HIME, Flavia Arantes; ANDRADE, Gustavo Monteiro Pessoa De. Relacionamentos e individuação na sociedade pós-moderna. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 18, n.2, p. 165-187, 2009.

HOPCKE, Robert H. *Persona: where the sacred meet the profane*. Boston e London: Shambhalam, 1995.

HUMBERT, Elie G. *Figuras do outro*. In: **Jung**. Sao Paulo: Summus, 1985.

JONES, Jennette e MATTON, Mary Ann. Is the animus obsolete? **Quadrant**, v. 20, n.1, p. 5-21, 1987.

JONHSON, Robert A. **She**: A chave do entendimento da psicologia feminina. São Paulo: Novo tempo, 2009.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1964.

\_\_\_\_\_ Adaptação, individuação e coletividade [1916]. In: **A vida simbólica**. C.W. 18/2. Petrópolis: Vozes, 2011a.

\_\_\_\_\_ O problema amoroso do estudante [1924]. In: **Civilização em transição**. C.W. 10/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

\_\_\_\_\_ O casamento como relacionamento psíquico [1925]. In: **O desenvolvimento da personalidade**. C.W. 17. Petrópolis: Vozes, 2011c.

\_\_\_\_\_ A mulher na Europa [1927]. In: **Civilização em transição**. C.W. 10/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011d.

\_\_\_\_\_ Considerações gerais sobre a teoria dos complexos [1934]. C.W. 8/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_ Anima e Animus [1928]. In: **O eu e o inconsciente**, C.W. 7/2. Petropolis, RJ: Vozes, 2011e.

\_\_\_\_\_ A psicologia da transferência [1946]. In: **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. C.W. 16/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011f.

\_\_\_\_\_ O si-mesmo [1948]. In: **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. C.W. 9/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011g.

\_\_\_\_\_ A sombra [1948]. In: **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**, C.W 9/2. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011h.

\_\_\_\_\_ Sizigia: Anima e Animus [1948]. In: **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**, C.W 9/2. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011i.

JUNG, Emma. Uma contribuição ao problema do animus [1931]. In: **Anima e Animus**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KOLTUV, Barbara Black. **A tecelã**: ensaios sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana. São Paulo: Cultrix, 1996.

KONICHI, Izildinha. **Bruxas na virada do milênio**: a bruxaria Wicca no Brasil, história, símbolos, rituais, visão do mundo e resgate do feminino. São Paulo, 2001. Dissertação [Mestrado em Ciências da Religião] – Faculdade de Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **A persistência das deusas:** representações simbólicas do feminino na atualidade. São Paulo, 2011. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LAUTER, Estela; RUPPRECHT, Carol Schreier. **Feminist Archetypal Theory: A proposal.** In: **Feminist Archetypal Theory.** The University of Tennessee Press: Knoxville, 1985.

LÁZAR, André. **Amor:** do mito ao mercado. Petrópolis: Vozes, 1996.

LINDAU, Stacy Tessler; et al. (Ed.). Communication about sexuality and intimacy in couples affected by lung cancer and their clinical-care providers. **Psycho-Oncology**, Estados Unidos, n. 20, p. 179–185, 2011.

LIOTTA, Elena. Animus and creativity in psychotherapy: a position statement. In: **Journal of Analytical Psychology.** Italy, v. 42, n. 2, p. 317- 324, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher:** permanência e revolução feminina. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

LOPES, Claudio Bartolomeu. **Trabalho feminino em contexto angolano:** um possível caminho na construção de autonomia. São Paulo, 2010. Dissertação [Mestrado em Serviço Social] – Faculdade de Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Sobre eros e psique.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

MECOZZI, Beatriz. A insensatez de Medéia. **Junguiana.** São Paulo, n. 11, p. 20-29, 1993.

MENDES, André. O outro na diversidade. **Junguiana.** São Paulo, v. 30, n.1. p. 5-12, 2012.

MERONI, Fabrizio. Identidade sexual e ideologia de gênero. In: **Sexualidade, gênero e desafios bioéticos.** Amazonas: CBMA – Centro de Bioética da Amazonas, 2011.

MOORE, Thomas. **O que são almas gêmeas?** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

MORAES VICALVI, Noely Montes. **A integração do feminino e do masculino na vivência da mulher:** uma análise de depoimentos de profissionais de nível superior. São Paulo, 1987. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **“Sapos não viram príncipes”:** uma abordagem das perspectivas amorosas das mulheres contemporâneas. São Paulo, 1994. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MORAES, Noely Montes; BOCCALANDRO, Marina Pereira Rojas. **Uma relação amorosa e sua análise psicológica.** São Paulo: Editora Plêiade, 2009.

MORAES, Noely Montes et al. (Ed.). Eros e Narciso: A Ebulição das forças anímicas. **Psicologia Argumento.** Paraná, v. 30 n. 69, p. 219-227, Abr-Jun 2012. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pa?dd1=5968&dd99=view>> Acesso em: 25 set. 2013.

MORAIS, Rita de Cassia Cunha. **A mulher executiva brasileira e seus aspectos femininos inconscientes.** São Paulo, 2003. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica]

– Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOSER, Mildred E.; RUSSELL-CHAPIN, Lori A.; RYBAK; Christopher J. Jung and Theories of Gender Development. In: **Journal of Humanistic Counseling, Education And Development**. n. 38, p. 152 – 161, 2000.

MURARO, Rose Marie. **A mulher na construção do mundo futuro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

MURARO, Rose Marie; MUSZKAT, Malvina e SEABRAL, Zelita. **Identidade feminina**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NEUMANN, Erich. O medo do feminino. Paulus: São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Amor e Psiquê: Uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? **Revista Estudos Feminista**. Florianópolis, v.15, n.3, p. 609-627, set. - dez. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>> Acesso em: 09 set. 2013.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa na psicologia analítica. São Paulo, 2009. Tese [Doutorado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PORTER, Eleanor H. Pollyana. Golfinho: O portal da PNL no Brasil. Porto Alegre: Golfinho, 1912. Disponível em <<http://www.golfinho.com.br/download/pollyanna.pdf>> Acesso em: 24 maio 2014.

REIS, Marfiza Ramalho. Crises conjugais: riscos e oportunidades. **Junguiana**. São Paulo, v. 25. n.1, p. 93 – 101, 2007.

ROMERO, Maytê. Relacionamento Amoroso e o Processo de Individuação. **IJRS**, Porto Alegre. Disponível em <<http://www.ijrs.org.br/?secao=conteudo&cont=36>> Acesso em: 25 set. 2013.

RODRIGUES, Marcia Maria Marchi Agostinho. **Reencontrando o ser mulher**. São Paulo, 2003. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SALDÍVIA, Laudeci Amoêdo. Eros e a alma ferida. **IJRS**, Porto Alegre. Disponível em <<http://www.ijrs.org.br/?secao=conteudo&cont=36>> Acesso em: 25 set. 2013.

SALLA, Maria Lucia. **Desfeminilização cultural e saúde**: um estudo em mulheres executivas na ótica da psicologia analítica. São Paulo, 2005. Dissertação [Mestrado em Psicologia Clínica] – Faculdade de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SAMUELS, Andrew. Beyond the feminine principle. In: **The Plural Psyche**: Personality, Morality and the Father. London: Routledge, 1989.

SANFORD, Jhon A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulus, 2002.

SEABRAL, Zelita. O mito do amor impossível. **Junguiana**. São Paulo, v. 6, n. 1., p. 137-147, 1988.

SCHIESS, Marianne. **Sobre o amor**. Aparecida, SP: Ideias Letras, 2005.

SHARP, Daryl. **Conhecendo a si mesmo**: o avesso do relacionamento. São Paulo: Paulus, 1995.

SILVA, Reginaldo de Abreu Araujo da. **Cânticos dos Cânticos e o amor humano**: um estudo a partir da psicologia junguiana. São Paulo, 2007. Dissertação [Mestrado em Ciências da Religião] – Faculdade de Ciências da Religião – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TACEY, David. Archetypes, Gods, Men and Women. In: **Remarking Men**: Jung, Spirituality and Social Change. London: Routledge, 1997.

TANAS, Beatriz Elena Cerqueira de. **Jovens mulheres re-significando o feminino**. São Paulo, 2003. Monografia [Especialização em Abordagem Junguiana] – Cogeae-PUCSP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TRINCA, Walter. **Formas de investigação clínica em psicologia**: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenho de família com estória. São Paulo: Vetor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Investigação clínica da personalidade**: O desenho livre como estímulo de apercepção temática. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987.

ULSON, Glauco. Amor, dor e criatividade. **Cadernos Junguianos**. São Paulo, n. 6, p. 58-70, 2010.

VON KOSS, Monika. **Feminino + Masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.

WOLF, Steve e ZWEIG, Connie. Un romance con la sombra. Espanha: Plaza & Janés Editores, S.A., 1999.

YOUNG-EISENDRATH, Polly. **Bruxas e heróis**: Uma imagem feminista na terapia junguina de casais. São Paulo: Summus: 1995.

\_\_\_\_\_. Gender, Controsexuality, and Self. In: **Gender and Desire**. Texas and M. University Press: College Station, 1997.

\_\_\_\_\_. Controsexuality and the dialectic of desire. In: **Post-Jungians Today**. Routledge: London and New York, 1998.

\_\_\_\_\_. Gênero e contra-sexualidade: a contribuição de Jung e além. In: **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Armed Editora, 2002.

**ANEXOS****Anexo A****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUCSP)  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa *“Mulheres adultas que moram em repúblicas e seus relacionamentos íntimos amorosos – um enfoque junguiano”* realizada pela psicóloga *Gladys Janeth Rios Palacio*, a qual tem como objetivo investigar as relações íntimas amorosas de mulheres adultas que moram em repúblicas. A pesquisa é parte da elaboração da dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCSP.

Fui informada que as sessões poderão ser gravadas em áudio, para fins da pesquisa. Estou ciente de que as gravações só poderão ser ouvidas pela equipe da pesquisa, devendo ser mantido sigilo do seu conteúdo. Fui informada que terei acesso aos resultados da pesquisa em qualquer momento. Também estou ciente de que vou decidir se as fitas me serão devolvidas ou se serão destruídas no final da pesquisa.

Sei que minha identidade não será revelada, havendo garantia total do anonimato em quaisquer circunstâncias. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em publicações ou em eventos científicos, mas deverão ser organizado de modo a não revelar minha identidade. Fui informada sobre o meu direito de retirar o meu consentimento e de desistir da participação no estudo em qualquer momento sem prejuízo de qualquer natureza.

Foi explicado para mim que poderá ocorrer um desconforto mínimo. Minhas dúvidas iniciais quanto à proposta da pesquisa já me foram esclarecidas. Declaro que compreendendo as informações do presente termo de consentimento.

Nome do pesquisado:

Nome:

RG

Data: / /2013

Assinatura:

Testemunha:

Nome:

RG

Data: / /2013

Assinatura:

Pesquisador:

Nome:

RG

Data: / /2013

Assinatura:

Telefone (11) 86243877 – Telefone Comitê de Ética PUC-SP (11) 3670-8466

**Anexo B****TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

**Pesquisa: -“Mulheres adultas que moram em repúblicas e seus relacionamentos íntimos amorosos – Um enfoque junguiano”**

Os pesquisadores, abaixo assinados, se comprometem a:

- Atender aos deveres institucionais básicos de honestidade, sinceridade, competência e discrição;
- Pesquisar de forma adequada e independente, além de buscar aprimorar e promover o respeito a sua profissão;
- Não fazer pesquisas que possam causar riscos não justificados às pessoas envolvidas;
- Não violar as normas do termo de consentimento informado;
- Não converter os recursos públicos em benefícios pessoais;
- Não prejudicar seriamente o meio ambiente ou conter erros previsíveis ou evitáveis;
- Comunicar ao possível sujeito todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado;
- Propiciar ao possível sujeito plena oportunidade e encorajamento para fazer perguntas;
- Excluir a possibilidade de engano injustificado, influência indevida e intimidação;
- Solicitar o consentimento apenas quando o possível sujeito tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das consequências de sua participação e tenha tido oportunidade suficiente para considerar se quer participar;
- Obter de cada possível sujeito um documento assinado como evidência do consentimento informado; e
- Renovar o consentimento informado de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Pesquisador responsável

Orientador

Gladys Janeth Rios Palacio

Liliana Liviano Wahba

## Anexo C



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** MULHERES ADULTAS QUE MORAM EM REPÚBLICAS E SEUS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS AMOROSOS - UM ENFOQUE JUNGUIANO.

**Pesquisador:** Gladys Janeth Rios Palacio

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 16889813.7.0000.5482

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 381.130

**Data da Relatoria:** 03/06/2013

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Gladys Janeth Rios Palacio, sob a orientação da Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba

A proposta visa investigar as relações íntimas amorosas de mulheres adultas que moram em repúblicas, especificamente sua noção e sua vivencia da intimidade nos relacionamentos amorosos com os homens. Fundamenta-se em uma metodologia qualitativa e terá como principais instrumentos a entrevista semiestruturada individual e o Desenho Estória, os quais serão aplicados em encontros individuais com 15 mulheres adultas profissionais e/ou trabalhadoras que moram em republicas. O principal referencial teórico será a psicologia analítica, articulando também alguns sociólogos pós-modernos.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Investigar as relações íntimas amorosas de mulheres adultas que moram em repúblicas.

Objetivos específicos

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 381.130

- Descrever as noções de mulheres adultas que moram em repúblicas sobre a intimidade nas parcerias com os homens;
- Investigar a percepção dessas mulheres sobre as vivências da intimidade nos relacionamentos amorosos com os homens.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O protocolo de pesquisa em tela, oferece riscos mínimos aos participantes, sendo que qualquer eventualidade de desconforto, o pesquisador assumirá total responsabilidade de assistência aos participantes.

Há expectativa de benefícios diretos (aos participantes) e benefícios sociais, como a contribuição da pesquisa para área de estudo e melhora na qualidade dos atendimentos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e muito bem fundamentada, permitindo-se concluir que a proposta de pesquisa em tela, possui uma linha metodológica bem definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes e, portanto, válidas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados a contento, conforme o Regulamento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP campus Monte Alegre.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao voluntário (participante do estudo) compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC/SP**



Continuação do Parecer: 381.130

pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;  
e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;  
f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências ou lista de inadequações.

Pelo exposto, recomendamos a aprovação desta proposta.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

SAO PAULO, 02 de Setembro de 2013

---

**Assinador por:  
Edgard de Assis Carvalho  
(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br

**ANEXO D: PRIMAVERA**

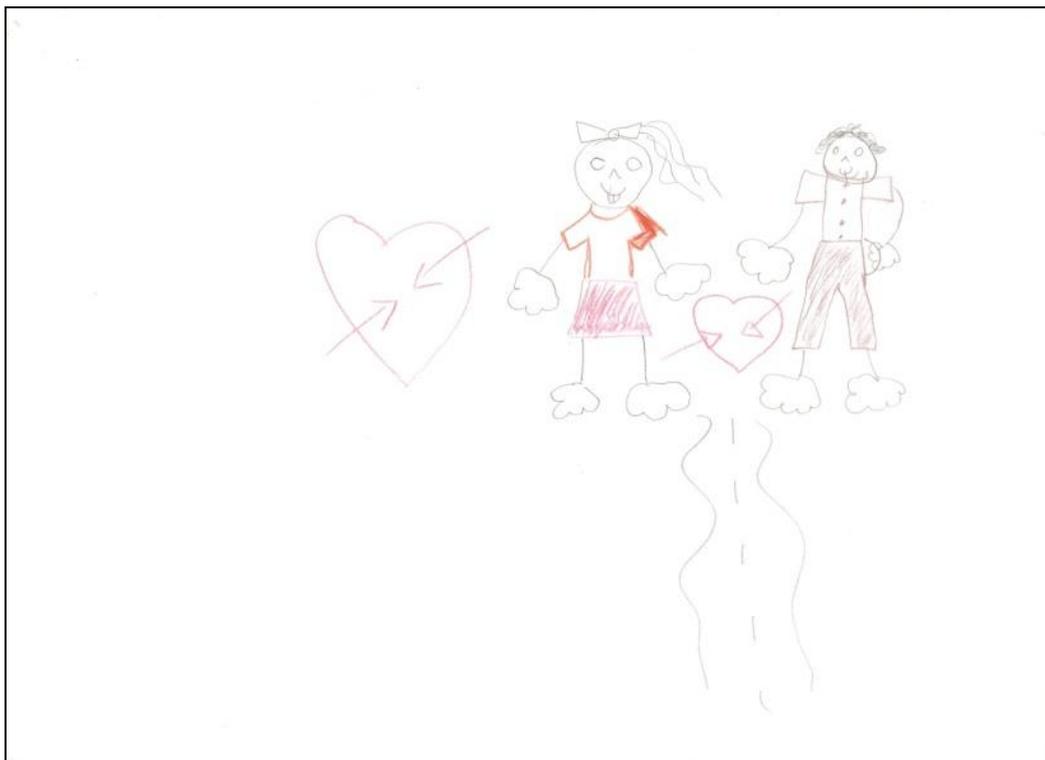
Idade: 36 anos.

Profissão – trabalho: Psicóloga.

Nível educativo: Pós-graduação.

Tempo em São Paulo: 2 anos e 8 meses.

Tempo em república: 2 anos e 6 meses

**DESENHO-ESTÓRIA**Desenho 1: Um casal por amor

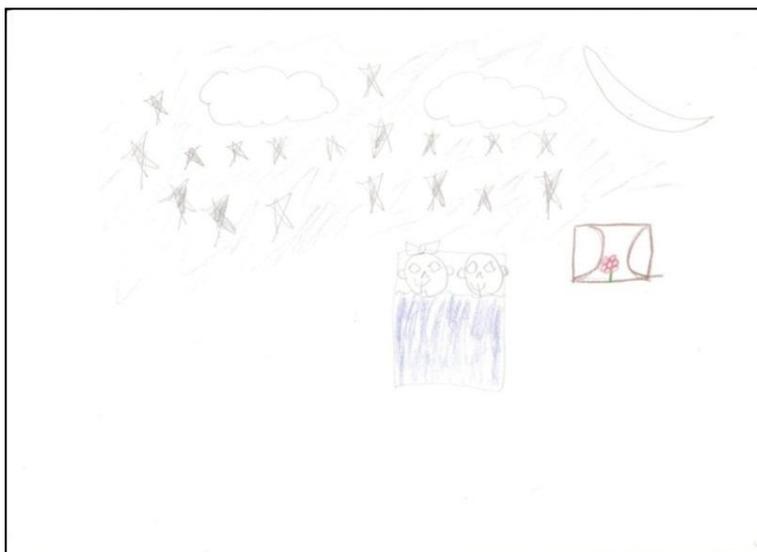
Descrição sobre a elaboração: Inicia colocando um coração vermelho no quadrante esquerdo. Depois desenha a figura feminina, começando pela saia, que também pinta com vermelho, e com os pés, continua com a blusa laranja e aparece a primeira rasura. Como ela estava utilizando o lápis de cor, não consegue apagar e realiza um sombreado no braço direito. Continua com os traços do rosto, o cabelo e o último detalhe realizado são as mãos. Depois desenha a figura masculina, começando pela calça marrom, a camisa também marrom e as mãos. Finaliza a figura com os detalhes da face, o cabelo e os pés. Desenha um caminho e coloca um segundo coração entre o casal, desenhando duas flechas no primeiro coração e depois realiza o mesmo com o segundo.

História: Um homem e uma mulher, juntos, com amor, carinho, parceria e respeito, conseguem caminhar juntos, em prol aos seus objetivos. O amor é algo que lhes une e ajudam-no a superar as dificuldades no percurso da vida. Cada um com seus objetivos próprios, mas com algo em comum, seu amor, um pelo outro, e a felicidade de estar junto.

Associações da fase de inquérito: Para Primavera, o amor é um vínculo entre duas pessoas. Ela queria desenhar dois adultos que caminham junto pelo amor. Mas, ao olhar pela primeira vez para o desenho pronto, ela fala o seguinte: “Parecem meninos. Se eu desenhasse melhor!”.

### Desenho 2: Namoro em noite estrelada

Descrição sobre a elaboração: Começa pelas nuvens e as estrelas. Apaga a primeira lua e desenha uma



segunda maior. Segue com a janela e a cama, explicando que gostaria de desenhar um quarto. Coloca uma flor na janela e aclara que é uma rosa. Apaga a cama, realiza uma maior e pinta de azul escuro uma parte dela, desenhando depois os rostos do casal, começando pela mulher e agregando no desenho das figuras as orelhas. Pinta o céu, também de azul escuro, a flor de vermelho, a janela de marrom e finalmente as estrelas.

História: O casal em noite de lua crescente, namoram, olhando a lua e o céu estrelado do seu quarto. Conversam sobre o amor, a bela noite, e o prazer e a alegria de estarem juntos. Isso acontece sempre que os dois chegam em casa e o céu está bonito.

### Desenho 3: Noite de balada



Descrição sobre a elaboração: acontece uma pausa de cinco minutos. Ela fica olhando para a folha em branco com alguns lápis na mão e explica que está pensando no tema. Apaga sua primeira tentativa. Depois ela faz um quadrado e escreve na parte superior “Casa Pub”, explicando que o tema será uma balada. Desenha algumas janelas, a porta e depois decide agregar outras janelas, pintando-as

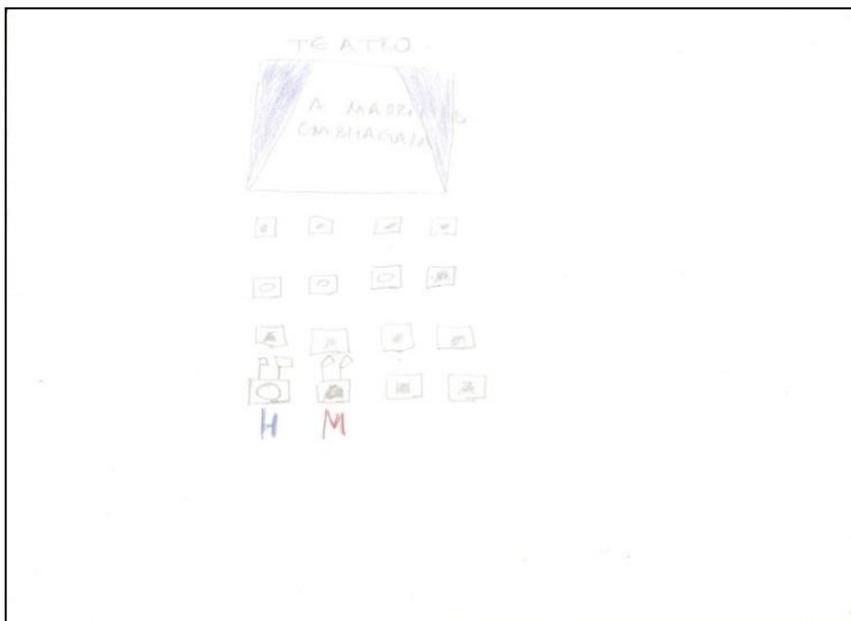
de marrom. Começa pelo vestido da figura feminina, pintando a saia de preto e a blusa de laranja. Continua com os traços do rosto, o cabelo, as pernas e os sapatos, e no final desenha as mãos. Segue com as roupas da figura masculina, a cabeça e os detalhes da face. Pinta a calça de azul e a camisa de preto, e desenha os pés e as mãos. Finaliza o desenho com o traço que se encontra acima do homem, explicando que é uma lâmpada e com o traço que representa o chão ou a calçada.

História: O casal chega ao final de semana e adora se divertir, sair à balada, geralmente vão dançarem uma boate diferente. Eles adoram sair para dançar.

Associações da fase de inquérito: quando Primavera finaliza o desenho comenta: “Estou sem namorar, nem sei a quanto que não namoro”.

#### Desenho 4: Peça teatro

Descrição sobre a elaboração: Primeiro realiza o cenário e as cortinas, construindo o palco de um teatro.



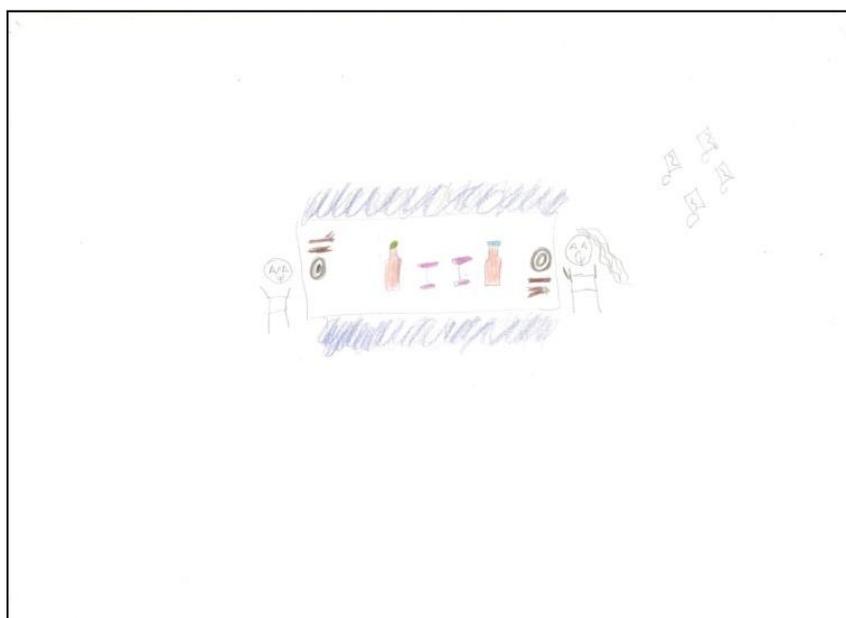
Depois desenha as cadeiras e coloca quadros nelas para representar as mulheres e círculos para os homens, agregando as letras “M” em vermelho para mulher e “H” em azul para indicar homem. Escolhe as duas cadeiras do lado esquerdo para o casal, colocando as bandeiras. Agrega o nome da peça no palco.

História: O casal adora

sair aos finais de semana para assistir a alguma peça. Resolveram ir à peça: a Madrinha Embriagada, um musical sobre um casamento que não acontece, divertidíssimo, sorri bastante e ficam encantados com o musical.

Associações da fase de inquérito: Primavera explica que o casamento não acontece porque a madrinha bêbada sempre intervém. A protagonista se apaixonou por um cara de fora, um estrangeiro, e não se casa.

#### Desenho 5: Um jantar comemorativo



Descrição sobre a elaboração: começa realizando um quadro no centro da folha, mas o apaga e realiza um quadro maior. Desenha uma botella explicando que contem vinho, as taças e depois outra botella. Ela faz os pratos, os talheres, a cabeça de uma mulher e a cabeça de um homem. Pinta os diferentes objetos da mesa e realiza aquele

traço azul que representa a toalha da mesa. No final desenha as notas musicais e uns quadrados embaixo das cabeças que são as cadeiras.

História: O casal resolve comemorar algumas conquistas juntos. Essa noite a comemoração é o aumento de salário de Primavera. Eles jantam em um restaurante com vinhos e boa música.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Eu acho que é necessário o processo de conhecimento de um e do outro para se estabelecer uma intimidade.

*Um conhecimento então* – Conhecer um pouco sobre cada um, sobre as características.

*Que tipo de características?* – As afinidades, vontades, desejos, sobre o que é que ele gosta, sobre o que é que você gosta, o que você gosta de fazer, se seus objetivos estão de acordo com os que ele também têm.

*Um conhecimento então que inclui tudo isso* – Isso que tem tudo isso, características mesmo da pessoa, desde o que você trabalha, o que você gosta de fazer

### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

O que eu considero como ganho? É a parceria, de estar junto mesmo, é mais um, é uma pessoa com quem eu posso contar, então eu considero isso como uma ganho; e como perda? Não sei se seria perda, porque eu acho que quando tem perda esse relacionamento não seria bom.

*Então você acha que não teria perda?* – Em uma relação íntima com uma pessoa?

*Sim* – Não, não consigo visualizar assim perdas. Consigo visualizar ganhos. Dependendo da relação, né, dependendo da relação você vai ter perdas, talvez da família, você vai morar longe da família e aí é uma condição para que vocês fiquem junto, é que você more longe da família, que você trabalhe longe. No meu caso, por exemplo, então, se arrumasse alguém aqui, então, ficaria longe da minha família, então seria uma perda. Lógico que não vou perder minha família. Mas, é mais a distância, né, que poderia dificultar uma aproximação física com a minha família, mas ela estaria presente na minha relação o tempo inteiro. Não acho perdas assim, não vejo.

### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Carinho, prazer, gostar, amor, sexo também.

*Como você entende cada um desses sentimentos?* – Então, o carinho eu acho que pode se manifestar de várias formas, uma delas é o respeito, né, com relação à pessoa. Outra forma é a questão do toque mesmo, a proximidade física.

O amor eu acho que é um gostar mesmo de estar junto com essa pessoa, de dividir as coisas, de gostar de conversar, gostar de sorrir, gostar de sair para dançar. Eu acho que é isso.

E o sexo é o sexo em si mesmo, né, a vontade de se amar e de fazer sexo. Então isso para mim é importante.

### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

São boas, muito boas.

*Como quais, por exemplo?* – Estar namorando, estar junto, estar saindo junto, estar podendo dormir junto, estar podendo dividir realmente, beijar, se abraçar, namorar, isso.

*No futuro, pensando no desenvolvimento do relacionamento, você tem outras expectativas?* – Sim, tenho expectativa de ficar junto, né, assim, de um casamento, quem sabe? Né, não sei, mas, de um casamento, de ficar junto, de morar junto.

### **Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

O relacionamento íntimo para mim seria aquele relacionamento onde tem respeito, onde tem compartilhamento de ideias, de desejos, de vontades, né; onde tem um bom humor que para mim é fundamental no dia a dia, na rotina, e objetivos em comum também, objetivos profissionais e objetivos

personais, de vida, em comum, não precisam ser iguais, mas alguma coisa tem que estar mais ou menos próxima para que possam caminhar junto.

*Como aquele coração do primeiro desenho?* – É! Exatamente, como aquele coração do primeiro desejo. Aquele coração significa realmente isso, o que eu penso de um relacionamento. Que deve ter algo que junte o casal.

#### **Teve algum relacionamento afetivo com parceiro?**

Já, já tive sim.

#### **Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Então, tive um relacionamento íntimo onde a gente não morava junto, mas viajava junto e saía junto, gostava das mesmas coisas, dividia algumas ideias, discutia algumas ideias e no lazer a gente se dava muito bem. Mas em questões pessoais e profissionais já não era um relacionamento tão íntimo, porque não era tão, não existiam tantas afinidades. Assim, eu ia para esquerda e tal vez ele fosse para a direita, então a gente não seguia o mesmo caminho. Mas por outro lado tinha essa intimidade de viajar junto, de gostar de viajar, de gostar de fazer outras coisas junto, sabe. Por outro, tinha pontos que não permitiam que o casal continuasse junto, porque se um vai por um lado e o outro por um outro, não tem como a gente se encontrar.

*Tinham então projetos diferentes?* – É, projetos de vida diferentes, desejos, visão de mundo, assim, mas em uma perspectiva mais longa, bem diferentes. No presente não, tinha uma afinidade bastante, mas a longo prazo eram coisas difíceis, diferentes para cada um, não que sejam difíceis, diferentes.

*Não tinham como conciliar essas diferenças?* – Não, não tinha.

#### **Como você se percebeu nessa relação?**

Então, eu me percebi como uma mulher amada durante muito tempo, mas depois me percebi um pouco muito confusa com os meus desejos e os desejos do casal e aí, isso foi um sentimento que foi significativo porque de aí me fez refletir um pouco sobre a relação, né. Ao mesmo tempo em que eu me sentia amada, eu me sentia insegura também, porque eu não podia pensar muito naquela relação como uma coisa mais duradoura, para muito tempo.

*Você queria uma coisa que fosse mais?* – Sim, queria, a minha expectativa era essa, de construir uma vida junto, mas...

*E a confusão começou quando você percebeu aquelas diferenças entre vocês?* – Isso, isso, porque aí eu deixo um pouco, em certo momento acabei me submetendo a certas coisas, permitindo outras, para que a relação se ajustasse e essas permissões e essas submissões iam muito de encontro com o meu caráter, o que eu queria mesmo para mim, sabe. Então, assim, satisfazia o outro, mas não satisfazia a mim.

*E, que tipo de permissões?* – Um exemplo básico, assim, tipo eu quero viajar para a praia e você quer viajar para montanha, e aí não gosto de frio nem de montanha, e isso era uma coisa que não era uma vez, então era frequente. Então, assim, isso era difícil para mim, e eu me permiti fazer isso para agradar a ele, né. E aí, por outro lado, eu me desagradava.

*Você fazia o que ele queria?* – É, sim, em determinado momento sim.

#### **O que significou essa relação para você?**

Significou um crescimento para mim, pessoal, muito grande.

*Como foi esse crescimento?* – Então esse crescimento em uma forma de me perceber mesmo em uma relação com um outro, onde as minhas vontades e os meus desejos, elas têm que serem legitimadas, têm que ser aceitas. Elas podem até não serem o que o outro quer, mas eu tenho que saber falar o que eu quero e na

hora que eu quero, sobre o que eu quero, né. Então isso me ajudou muito a crescer nesse lado, assim, porque eu acredito que depois dessa relação não tive mais nenhuma relação íntima nesse sentido. Mas, são coisas bem pontuais, assim, hoje para mim pensar em um novo relacionamento onde não me submeteria mais a certas coisas, nem permitiria mais certas coisas que eu me permiti.

*Você avalia algumas coisas que aconteceram com ele e não vão acontecer mais com o próximo.* – Isso, exatamente. Agora me sinto mais segura, acho que é isso, sim. Sai da relação mais segura de mim mesma, sabe, sobre o que eu quero e o que eu não quero.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

O que foi difícil foi ajustar essas imposições, né. Na verdade eram imposições da parte dele sobre coisas que ele queria fazer comigo, só que eu não queria. Então ele não me respeitava. Isso foi difícil. E o que era fácil é que a gente tinha muita... A outra questão que dava certo é que a gente gostava de participar de muitas coisas junto, se for grupos de amigos, saídas, entendeu. Então a gente sorria muito, gostava de muita coisa em comum. Tinha muita coisa em comum que a gente adorava participar juntos. Todo era pensado porque era muito bom estar com você, tipo aparecia um show, eu não sabia, então ele já comprava um ingresso porque ele sabia que eu iria e que eu iria a gostar, então não precisava nem perguntar se a Primavera ia, porque “eu sei que ela vai gostar”, entendeu. Já outras coisas não, como sempre, né, tem sempre os dois lados.

*Como você falaria desses dois lados?* – Então, tem um dos lados que unem muito, né. E tem outro que eu acho que cada um tem suas vontades e seus desejos próprios, né. Então eu acho que aí é onde você ou você alinha, ou você ajusta para entrar em um acordo nessa relação, ou então realmente cada um vai seguir por um lado, porque a partir do momento em que você não compartilha, porque o compartilhar é você aceitar umas certas coisas e às vezes não aceitar certas coisas, né, abrir, permitir algumas coisas, mas em outras coisas você não permitir. Então, acho que tem que ter uma flexibilidade, acho que essa é palavra para um relacionamento mais saudável de ambas as partes, porque se não, se um for inflexível, daí o outro acaba se submetendo a essa inflexibilidade.

*Então, as facilidades foram esse compartilhar juntos muitas coisas, e as dificuldades vieram quando você percebeu que não tinham mais em comum em alguns aspectos.* – Isso, e assim, eram em alguns aspectos, não era a maioria. Mas, assim, a forma como era pedido, ou sei lá, era uma forma muito, tipo, ou você faz ou então não vai dar mais certo, entendeu!

*Era quase uma exigência?* – Era uma exigência, isso. Era uma coisa meio isso. Então assim, não era a quantidade de aspectos que dificulto a relação, mas foi a forma como isso era solicitado para mim, né.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Então, ele tinha dificuldade de entender o limite do outro, entendeu. Saber até onde o outro pode ir. Ele tinha essa necessidade e ele ultrapassava o limite do outro. Ele não tinha muito essa fronteira, assim, eu termino aqui e ela começa aqui, entendeu. Então era sempre uma coisa dele, assim, uma exigência dele mesmo e ele não entendia porque é que você não participaria, por exemplo, de uma determinada reunião de casais, ou de uma determinada festinha. Então, assim, ele achou que tudo, para ele era ótimo, mas para mim não era, entendeu, eu não gostava de certas coisas e ele não conseguia entender isso.

*E as facilidades dele?* – Então ele era uma pessoa extremamente sociável, muito agradável, todo mundo gostava de estar junto, de estar perto, e como eu sou muito sociável também, gosto muito de sair com amigos e com tudo, então, assim, ele para mim não era um problema, pelo contrario, as pessoas gostavam de sair junto.

*Tinha uma coisa mais que unia vocês.* – É! Exatamente e que eu valorizo bastante, que é essa questão da sociabilidade.

*E compartilhar com outros* – Isso, exatamente. Não sou daqueles casais que gosta de estar só, não, eu gosto de estar no meio dos outros.

*De fazer planos com outros casais e a família também?* – Com outros e com a família.

*Quando eu perguntei pelos ganhos e pelas perdas, você falou que não consegue ver perdas em um bom relacionamento. Mas, que nome você daria para, por exemplo, a possibilidade de se afastar da sua família se você arruma alguém aqui?* – Para mim é uma condição que a situação apresenta, mas não como uma perda, porque quando você fala em perda, para mim, é como se eu perdesse e nunca mais fosse achar. Então, assim, eu não perdi minha família, né, então pega um avião. Eu tenho uma intimidade muito grande com minha família, eu gosto de estar junto. Então, assim, eu não perdi minha família, né. A condição fez com que a gente se distanciasse fisicamente, mas mentalmente, a gente está junto.

*É uma condição do relacionamento?* – É! Uma condição, não é como uma perda. Perda para mim é isso, sabe. Então perdeu um braço, aí perdeu e não volta mais.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não.

## ANEXO E: LEFEY

Idade: 24 anos.

Profissão – trabalho: jornalista.

Nível educativo: superior completo.

Tempo em São Paulo: 2 anos.

Tempo em república: 2 anos.

## DESENHO-ESTÓRIA

### Desenho 1: Sintonia

História: Ela e ele se amavam e juntos tinham projetos em comum. Entendiam-se só pelo olhar (intimidade)



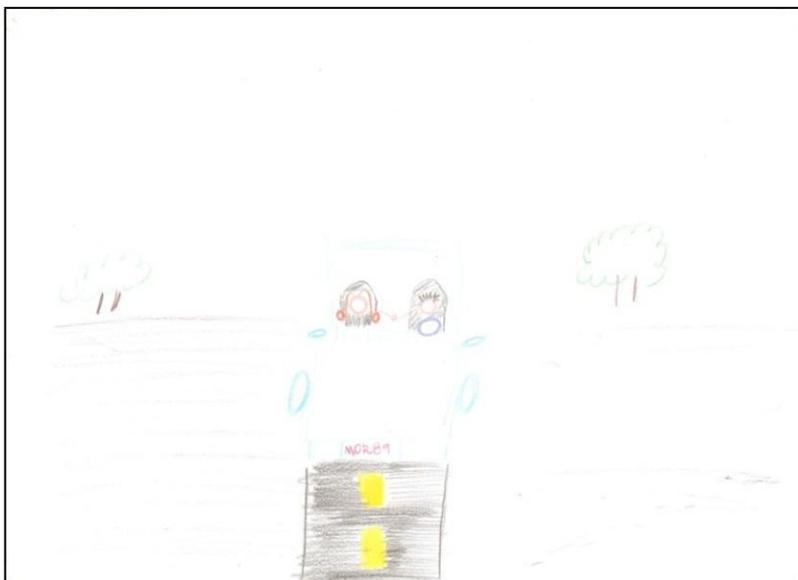
e um ao outro se bastavam.

Associações da fase de

inquérito: Lefey explica que o casal está sempre de mãos dadas. Para ela, a intimidade se expressa quando os parceiros se entendem pelo olhar: “a pessoa sabe o que pensa o outro, o que responder, como agir, te conhece, sabe o que quer fazer, se quer ou não fazer sexo, é entender à pessoa. Você está frágil e

cuida, abafa. Não é uma relação sexual, é entendimento, troca de conhecimento, aventuras, viagens, sintonia”. Para ela, a casa representa a construção de sonhos e construir as coisas junto.

### Desenho 2: O teste drive



História: Ele e ela se conheciam mais a cada viagem que faziam junto. Ele era mais centrado e ela se aventurava em provar o melhor de cada lugar.

Associações da fase de

inquérito: Agrega o seguinte sobre a figura masculina: “Ele é mais centrado, contido, tímido, é o tipo de homem que ela quer”.

### Desenho 3: Sendo um só



História: Mesmo quando não tinham grandes planos, como uma viagem, por exemplo, sabiam aproveitar os momentos por mais simples que eles fossem.

Associações da fase de inquérito: Lefey queria desenhar os dois em qualquer lugar. Ela explica que a fotografia representa o registro dos momentos junto: “Eles se amam e querem guardar os momentos”. Acrescenta que no primeiro desenho ela falou do conhecimento e no terceiro eles se aventuram e estão gostando mais do outro: “Quando se aventura você conhece mais a pessoa, quais os limites. Em uma viagem você conhece bastante, estão em um ambiente diferente que conhecem junto. As necessidades dos dois vão ser divididas”. O coração maior deste desenho representa um amor mais forte, mais verdadeiro.

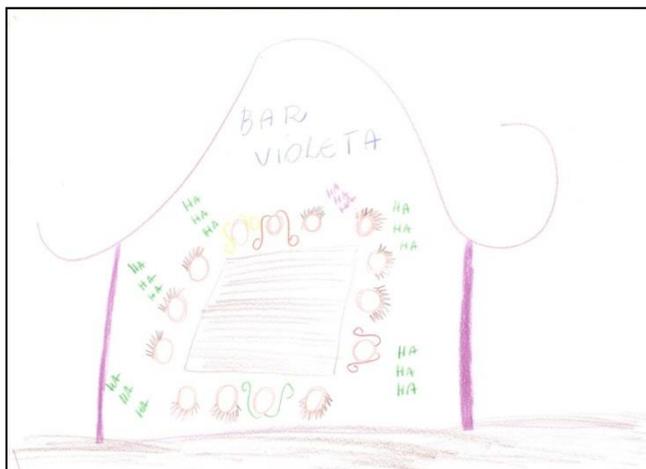
### Desenho 4: A racionalidade



História: Quando as dificuldades batiam à porta, o jeito era se acalmar para enxergar a solução com mais clareza.

Associações da fase de inquérito: Lefey agrega: “É o relacionamento perfeito, sempre de mãos dadas. Eles estão vendo o céu de noite. Quando aparecem as dificuldades os indivíduos compartilham”.

### Desenho 5: Amizade



História: Apesar de se bastarem no relacionamento, nunca deixavam de ter amigos e quando podiam sempre dividiam a mesa em um bar com seus companheiros de jornada.

Associações da fase de inquérito: Lefey diz: “É de noite também. Todo mundo está feliz, dando risadas. A vida é uma jornada”.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Entendimento.

*O que é entendimento para você?* – Entendimento é quando a pessoa conhece, as pessoas se conhecem e sabem agir da maneira mais conveniente possível. Do tipo, ela está triste ou ele está triste não é o momento de, por exemplo, fazer provocaçõeszinhas ou insinuações. É você compreender o momento do outro, saber lidar com esse momento que o outro está vivendo. Ser solidário no sentido de ser conveniente mesmo, de não atacar, de não agir de má fé no momento mais frágil, entendeu; ou de, por exemplo, no momento que está mais romântico ser um pouco mais, de ter sintonia, entendimento mesmo.

*Tem algum outro aspecto?* – Acima de tudo entendimento.

### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Eu vejo assim, se for um relacionamento saudável acho que um tanto outro tem a ganhar, né. Acho que perder não, desde que seja saudável, perder nunca. Mas, do contrário, se o relacionamento for mais fragilizado, vamos dizer assim, o que se ganha é experiência, e o que se perde é o desgaste mesmo, essa coisa da vitalidade, você se estressar muito com discussões bobas ou com diferenças de pensamento e isso acaba desgastando o físico e o mental, né.

*Nesses casos tem perda para você?* – É uma perda grande. Mas, se for saudável, acho que não perde nada. Só tem a ganhar.

*Quais os ganhos?* – De uma relação saudável?

*Sim* – Acho que autoconhecimento, porque a partir do momento em que você divide o teu tempo, principalmente o tempo, hoje é tão valioso. O tempo tem essa coisa de estar ligado sempre à produtividade, sempre essa coisa de conquista, o tempo está ligado muito à conquista. Eu acho que você ceder teu tempo para amar alguém, para estar junto com alguém, dividir os teus momentos: “Eu quero viajar para tal lugar, você topa ir comigo?”.

Eu acho que de um autoconhecimento muito grande, além, de novo, como eu disse no começo, de ser solidário mesmo, né, aquela coisa de: “Eu preciso, estou com cólica”, né, por exemplo, estou sofrendo, estou sem condições de ir. Mas de repente você fala, você é meio orgulhosa, né, e fala: “Não eu vou”. Mas

antes, né, de você pensar em ir, o cara já foi, por exemplo, já voltou, já te trouxe, trouxe um chocolate junto, ou te fez um café da tarde e trouxe na cama.

Então eu acho que, primeiro essa coisa do autoconhecimento, da solidariedade, e acho que, de novo, essa coisa de ser conveniente, agir no momento certo.

Que mais? Que mais de ganho? Você tem um parceiro para dizer para você: “Eu te apoio! Vai! Tenha coragem!”, né. Às vezes a gente esquece o tamanho da coragem que a gente tem dentro da gente e teu amigo dizer para você: “Você é capaz!”, é diferente de um companheiro dizer: “Não, você consegue! Você é capaz! Para qualquer coisa que dei errado eu vou estar aqui”, entendeu, ou: “Posso te segurar, posso estar junto com você”, de uma maneira que não seja só amizade, que é aquele contato um pouco distante né. Mas, no contrário da amizade, mais próximo, de poder estar junto, de poder te abraçar, né, de poder dividir com você a cama, dividir com você os sonhos, sonhos que você tem durante a noite ou sonhos que são os projetos. E são alguns ganhos assim.

### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Dúvida

*Dúvida?* – Quando o relacionamento está no início, né, vamos pensar assim, ou quando ele não é sólido, a dúvida é aquela coisa de: “será que o momento de eu dividir o meu tempo com alguém? Será que, talvez, a energia que eu gastei pensando ou alimentando um sentimento, não deveria focar em outra coisa? Em outro objetivo?”.

Sentimentos foi que você falou, né?

*Sim* – Sentimentos de dúvida, depois o sentimento de amizade, né, essa coisa de você poder contar, né, de poder dividir teu dia, contar as coisas boas e as coisas ruins. Acho que depois, pensando em níveis, em um relacionamento no seu início, em um relacionamento no desenvolvimento, aquela coisa de você poder ligar à hora que você quer, entendeu: “Estou tranquilo aqui, vou ligar para o meu namorado para contar isso para ele” e ter certeza que ele vai ser sincero, né, de dizer: “Olha, eu não posso te ouvir agora, estou um pouco ocupado, mas se for rapidinho diga que...”, aí você conta, vocês dois conversam.

Depois eu acho que evolui para uma coisa mais de companheirismo mesmo, não, de solidez ainda não, mas companheirismo do tipo: Estão juntos assistindo um filme e de repente bate a vontade em um dos dois de sair, “vamos acampar! Vamos pegar a estrada e vamos descer para a praia amanhã!”, “Vamos!” ou “Não quero, vamos fazer uma trilha então?”, “Pode ser!”, entendeu. Do tipo de topar, né, “Tá, tudo bem, não é o que eu mais gosto, mas por que não?”.

Então acho que são mais ou menos esses sentimentos. O que mais que eu sinto muito a falta é principalmente nessa fase, o companheirismo, quando o sentimento evolui, o sentimento de amor mesmo, essa coisa de gostar de alguém, evolui, só que às vezes não está, o cara ou a mulher, enfim, não está na mesma sintonia que você, ou não tem a mesma pegada que você e aí as individualidades vão na frente. “Não posso ir porque eu tenho alergia em insetos”, “Não, mas leva um repelente”, do tipo, esquecer que tudo tem uma solução, que tudo tem um remédio, né. Enfim, acho que é isso.

### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

As melhores, apesar de ser, né, meio calejada assim, e não ter tido tanta, tive só da última vez, as outras não tive tanta sorte, de ter encontrado a pessoa, assim, que eu idealizo para a minha vida. Mas, as expectativas são as melhores.

*Quais as expectativas?* – Essa coisa de, quando você estiver junto de mão dada, se sentir firme, sentir o chão, e não se sentir solto, voando, sozinho, né. Sempre sentir o chão, sentir a firmeza, não só no relacionamento, mas nessa coisa de poder dividir os sonhos, de poder construir junto. Mas acho que, acho que principalmente a firmeza, aquela coisa de poder contar com alguém, né, não só na hora da dificuldade, mas na hora da alegria, enfim.

**Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Eu tenho um exemplo na minha casa, que é muito forte para mim, né, meu pai e minha mãe. A minha mãe, apesar do meu pai ser meio autoritário, mal humorado e muito sério, né, às vezes, e a minha mãe é um poço de amor, né, minha mãe é um poço de amor assim, com o universo, não só comigo e com meu irmão, mas com qualquer pessoa que ela cruza na rua é. Então assim, eu vejo que além de... Como é que é a pergunta mesmo? Eu me perdi! Como seria o homem ideal? O relacionamento íntimo ideal!

*Sim* – Além de ter essa coisa do companheirismo, do tipo, por exemplo, meu pai e minha mãe, eles viajam juntos de mula, entendeu, fazem cavalgadas juntos de mula, e dividem depois as dores, entendeu: “Bem me ajuda que eu estou com dor nas costas”, ou minha mãe grita: “Bem pega um comprimido para mim porque eu estou com dor de cabeça de tanto sol que eu tomei nesta cavalgada”. Então, de se ajudar, né, e às vezes até se despir mesmo de quem você é para ser, para ser um só mesmo. Essa coisa de, desde o começo que eu falo, de entregar, de ser companheiro, de não ter medo de se jogar por mais que aquilo não dure, ou dure pouco tempo.

Mas assim, o ideal mesmo é o companheirismo, firmeza, no olhar, nas atitudes, saber o que falar na hora certa, no momento certo, ter o discernimento de que vai haver alguns momentos meio trágicos, assim, mas acima de tudo tem que haver a paciência, a racionalidade para tentar resolver, e aquela coisa do sentimento para, como é que eu vou explicar isso? Para afagar mesmo, para acalantar, né, que esse meio para reorganizar as energias, assim.

**Teve algum relacionamento afetivo com parceiro?**

Tive

**Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Pode ser. Então, eu tive um relacionamento meio conturbado, né, mas que eu ainda me pergunto por que é que foi tão marcante. Ele começou muito bem, foi um relacionamento que começou de entrega total, apesar de todas as dificuldades que tinha em questões morais e éticas, porque ele era o professor, né, professor na universidade, e eu era, né, além de ser aluna, trabalhava junto com ele, e ele era meu amigo também, além a gente também tinha alguns amigos em comum nessa história toda. Então, além disso, ele tinha uma namorada, né, só um mero detalhe, a namorada. Então tinha, no começo, era aquela coisa de a gente está se conhecendo, vamos curtir o momento mesmo, e eu achava, com toda a certeza do mundo, saiba que eu estava andando na corda bamba, mas mesmo assim me entreguei.

Aí ele quis fugir, né, dessa situação, e eu mesmo assim estava me sentindo insaciada de sentimento, né, porque eu estava com tudo aquilo guardado dentro de mim e eu já não podia dividir mais isso com ele, porque ele estava querendo pular fora. Mas eu corria atrás, buscava sempre uma estratégia para tentar encontrar ele, para tentar dizer para ele, tentar ficar junto com ele. Então no começo foi a dúvida, mas, mesmo assim, meu sentimento era muito mais, apesar dele se sentir acuado, querer fugir.

Depois disso, eu ainda continuei indo atrás, sempre atrás, sempre tentando criar situações para que a gente ficasse junto, insistindo na história. Até que teve um dia, um momento em que eu cansei, estava muito

triste, estava a ponto de explodir de sentimento, de agonia, de vontade de estar junto, mas ao mesmo tempo de ser orgulhosa e queria negar para mim mesma que eu gostava dele, sempre reafirmando que tinha todas as questões morais por trás que eu deveria levar em conta. Mas, na verdade não eram, eram meros detalhes, mais importante para mim era meu orgulho, né, do tipo: “Não, não vou, tudo bem, agora ele está fugindo, então eu vou ficar quieta, então eu não vou correr atrás”. Mas nisso sofria muito, porque o que eu mais queria era estar com ele.

Até que um dia eu explodi, estava muito triste e ele viu, e ele disse que gostava de mim, queria ficar comigo, mas que estava em um momento difícil, em uma situação difícil, e que eu teria que compreender aquilo, né, mas que ele gostava, assim, de mim. E vasto isso para que de novo voltasse todo aquele sentimento que eu tinha de entrega, de ser forte, de, enfim. Aí depois a gente foi se distanciando, apesar de ser ver praticamente todo o dia por causa do trabalho, a gente acabou se distanciando e eu dei um “basta” para mim mesma e tive a sorte de fugir para outro lugar, aí quem fugiu no final fui eu, e acabou.

Mas o mais interessante de tudo isso foi que eu me coloquei a prova, né, do tipo, fui posta a prova, né, de saber o que eu posso sentir por alguém, até que ponto eu posso ir, até que ponto é melhor eu não ultrapassar; essa coisa de lidar com orgulho, será que às vezes vale colocar o orgulho na frente de tudo? Será que é bom? Mas também é bom às vezes você colocar para não esquecer de que você tem, sim, o teu valor, para si mesmas e para os outros. Enfim, foi muito interessante, marcante mesmo, eu amadureci bastante nesse relacionamento. Mas enfim, hoje a gente tem pouca coisa, ainda tem um fio solto, mas é bem menor do que era antes.

#### **Como você se percebeu nessa relação?**

Trancada – *Trancada, como assim?* – Trancada porque eu me senti meio claustrofóbica, porque eu queria dar vasão a tudo o que eu estava sentindo e eu não tinha por onde, estava toda tapada pelo orgulho, pela parte também dele não ser solidário com o que eu estava sentindo, não sentir o mesmo que eu, nem na mesma intensidade que eu, e de ter todos esses outros, primeiro orgulho e depois essa coisa de ele não sentir a mesma coisa que eu, e por ultimo essa coisa de sociedade, de moral e ética, que a gente não podia assumir, né, o relacionamento. Então, sempre, sempre me senti sufocada, trancada.

#### **O que ela significou para você?**

Significou muito porque me ensinou a dar valor a mim mesma como mulher, uma mulher que pensa, uma mulher que sente, né, que gosta demais, que quer estar junto, mas que ao mesmo tempo racionaliza demais, pensa demais. Aí às vezes acaba jogando primeiro o racional e depois o sentimento, meio que nessa coisa de desequilíbrio. Então acho que esse relacionamento me ensinou a dosar melhor os sentimentos, do sentimento e da racionalidade.

*Que relação tem sentimento e racionalidade?* – Nesse caso específico tem por conta, sei lá, da moral e da ética, de estar, né, os dois inseridos em uma hierarquia de uma instituição de ensino, né, onde eu poderia ser prejudicada caso a comissão de ética da universidade soubesse alguma coisa e ele poderia ter sido expulso e eu teria sido reprovada nas disciplinas que ele me dava. Então essa coisa de correr risco o tempo inteiro, a racionalidade vem nessa parte de correr risco, mas também nessa coisa de pensar melhor sobre os valores como mulher e como ser humano, né, nessa coisa de você não mendigar sentimentos, né, enfim.

*Eu percebo que é um equilíbrio entre eles, está o sentimento que você fala que é forte, mas aí vem a racionalidade para dosar a quantidade de sentimento que vai sair, é isso?* – Hoje, vejo que foi isso o que eu aprendi, antes eu não sabia.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

A dificuldade foi essa coisa de ele ser o meu professor. Ele era três coisas diferentes: ele era meu professor, ele era meu amigo, era também minha autoridade no meu trabalho, era o meu chefe, e era meu amante, né, era a pessoa com que eu queria me relacionar. Além da namorada, de ele ter um relacionamento assumido socialmente, onde a sociedade aceitava, né, que era um relacionamento normal, saiam juntos de mão dada, tinha essa coisa rotulada, que a gente espera tanto, de namoro, e eu não tinha, né, não tinha nada na verdade. Essas foram a dificuldades.

Você perguntou dificuldades e?

*E facilidades* – Fora essa coisa de eu sempre me questionar enquanto aos meus sentimentos e em relação ao meu orgulho, né, que eu acho que essa parte do meu, de tipo assim, a gente ficava junto, depois de que eu ficava junto eu me questionava: “por que é que eu estou aqui? Não deveria ter vindo. Por que é que você veio a sua idiota?”, entendeu.

A facilidade é, que quando eu queria estar junto com ele, eu dava o meu jeito de estar junto com ele, entendeu, eu insistia, eu era chata, eu, mas eu conseguia, dava um jeito e conseguia o que eu queria, conseguia estar junto com ele, conseguia passar a noite com ele, eu conseguia. No outro dia ficava aquela coisa: “eu acabei passando a noite com ele”, para mim foi um ganho. Então eu corria atrás do que eu sentia, corria atrás mesmo.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

A dificuldade foi, novamente, essa coisa de ética e moral, o relacionamento dele, essa coisa de status, né, ser professor de uma universidade pública, fora isso de estar começando a carreira acadêmica, porque eu era aluna da primeira sala que ele deu aula, né, como professor, minha sala foi a primeira que ele entrou para lecionar, e entrou muito assustado, entrou cheio de vontade, de querer passar o que sabia, super novo também, inexperiente. Então, a necessidade de construir uma carreira acadêmica, né, sólida, que ele tanto queria. Então essa coisa de deixar um pouco o projeto pessoal dele de lado para também dar vazão ao que ele estava sentindo ou a dúvida que ele tinha em relação: se gostava da namorada dele? ou se gostava de mim? ou se gostava das duas? Ou se queria estar mais com uma e não com outra. Então essas foram dúvidas, dúvidas o tempo todo. Dúvida, incerteza, medo, medo de perder essa coisa de status, né.

E a facilidade que ele tinha é que ele tinha certeza que eu gostava dele. Então quando ele também queria me ver, era muito confortável para ele, porque eu ia, eu ia, eu dava um jeito, eu deixava as minhas coisas de lado, eu deixava de fazer trabalho, eu deixava de, às vezes, de dormir no horário correto, né, para ter um sonho tranquilo, ficava esperando ele durante a madrugada para poder me buscar. Ele tinha certeza de que iria estar lá. Eu era meio que um ponto forte dele ou um canal, uma válvula de escape, talvez, para fugir dessa, toda essa novidade, entendeu. Então acho que foram mais ou menos essas.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não, queria dizer que apesar de toda essa loucura, essa incerteza, esse orgulho, enfim, essas coisas que eu aprendi, que eu viveria, assim, tudo de novo, talvez com ele, talvez com outra pessoa mais próxima de mim. Mas, seria assim, agora, claro, com mais amadurecimento, mas seria capaz de fazer virar esse sentimento de novo, né, dentro de mim, do mesmo tamanho que era, enfim, do mesmo poder que tinha igual.

## ANEXO F: LANLAN

Idade: 32 anos.

Profissão – trabalho: Química.

Nível educativo: Pós-graduação.

Tempo em São Paulo: 5 anos.

Tempo em república: 5 anos.

### Observações:

Durante a entrevista Lanlan se sentiu triste quando falou do seu último relacionamento. Ela estava ficando com um homem há alguns meses e estava gostando muito dele, mas terminaram porque ela desejava estabelecer um relacionamento serio e ele não. Ela pensava que era melhor sofrer agora que manter um relacionamento nessas condições. Lanlan quer um homem para ela, que esteja perto.

A entrevistada pensa que era melhor terminar dessa forma, em um acordo mutuo, porque no futuro poderia existir a possibilidade de voltar ou de se encontrar com ele: “Se é para acontecer, acontece”.

Ao mesmo tempo ela se sente feliz pelo encontro, porque pensa que, com tantas pessoas morando em São Paulo, ela achou um homem muito legal, embora não deu certo do jeito que ela esperava.

## DESENHO–ESTÓRIA

Desenho 1: Afinidades



História: A parte mais importante de um relacionamento é a sintonia entre o casal, tanto na parte de conversar, pensamentos, afinidades, cumplicidade e também na parte sexual.

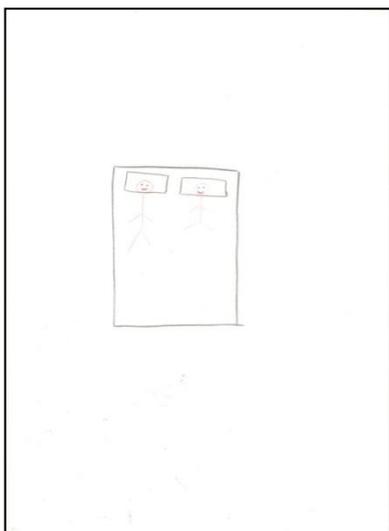
### Desenho 2: Cumplicidade



História: A cumplicidade entre o casal é fundamental, um estar sempre disposto a ajudar o outro, a participar da vida do outro, mas não deixar de cada um ter o seu espaço e seu tempo.

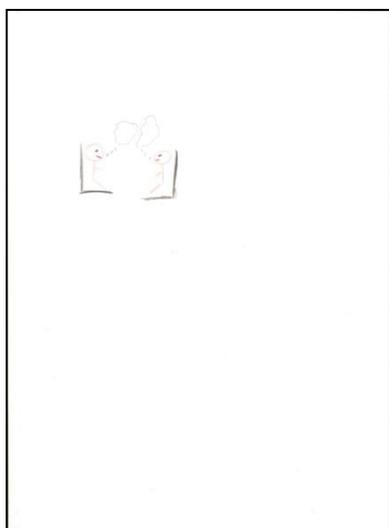
Associações da fase de inquérito: Lanlan diz: “A mulher do desenho está triste e ele está disposto a estar com ela mesmo assim”.

### Desenho 3: Sexo



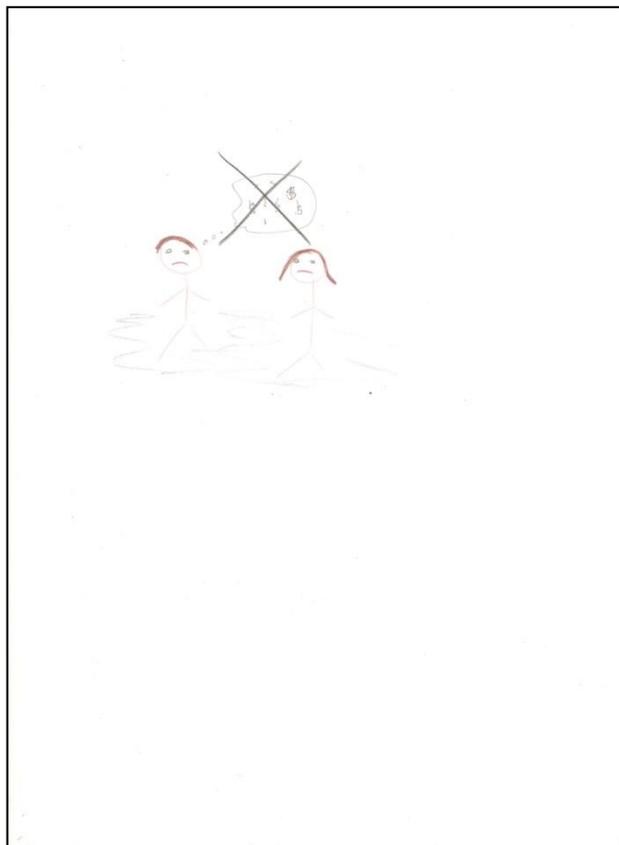
História: O sexo é muito importante em um relacionamento. Os dois tem que ter vontade e desejos semelhantes. Um relacionamento não sobrevive sem química entre o casal.

### Desenho 4: Diálogos



História: É muito importante o casal ter conversas diárias sobre temas variados. Cada um precisa conhecer intimamente seu parceiro para que a relação se consolide e fortaleça.

### Desenho 5: Respeito



História: Para mim o respeito é o principal, se não houver respeito, não há amor, não há cumplicidade, não há sexo e não há relação. O casal tem que se respeitar tanto em atitudes, como em palavras.

Associações da fase de inquérito: Lanlan diz: “É o mais fundamental e o esqueci”. O homem está xingando. A mulher sempre é boazinha.

### ENTREVISTA

#### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

A primeira coisa que eu acho é respeito. Eu acho que, foi o que eu escrevi nos desenhos, se não tiver respeito, para mim não tem como ter outra coisa. Acho que respeito, cumplicidade. Não se tem o amor nos meus desenhos, porque eu acho que o amor é conjunto de tudo isso. Eu acho que não basta simplesmente amar e não respeitar, não ser parceiro, e não ter as mesmas vontades tanto na cama como fora da cama. Não adianta um querer ir para a Espanha e outro querer ir para o Chile. Eu acho que tem que ter parceria entre o casal, respeito. Acho que isso.

*Como é esse respeito?* – Respeito eu acho que é não se ofender, homem não agredir a mulher fisicamente. Eu acho que é o casal não se trair. Não se trair, não quer dizer que uma pessoa vai simplesmente ficar, seja só fisicamente, mas não trair emocionalmente a outra pessoa. Eu acho que isso é o respeito.

#### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Ganho eu acho que é o que o casal consegue fazer junto. Acho que é quando o casal consegue se divertir junto, o casal consegue conversar junto. Eu acho que ganho é sempre eles estarem junto.

Acho que perda é briga, é decepção. Acho que é isso.

#### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Eu acho que quando você está dentro de um relacionamento você tem que se jogar de cabeça, você tem que experimentar todos os tipos de sentimentos. Acho que, quando você está em um relacionamento, você experimenta tanto o sentimento do amor, do prazer, da decepção. Eu acho que quando você está em uma

relação, você tem que se entregar de corpo e alma para você conseguir sentir tudo isso, para você conseguir definir o que é bom e o que não é para você dentro da relação.

*Como é a decepção dentro de um relacionamento?* – Acho que decepção é você esperar de uma pessoa uma atitude que ela não tem. Acho que é isso, é você esperar uma atitude que a pessoa não teve, é a pessoa não ter consideração por você em alguns momentos.

*Quando a decepção aparece, o que é que pode fazer o casal?* – Eu acho que conversar, um casal conversar é muito importante. Eu terminei há uma semana um relacionamento de cinco meses e a gente terminou justamente por isso, a gente não conseguia conversar. A gente conseguia se entender muito sexualmente, mas a gente não conseguia conversar, a gente não conseguia ser parceiro um do outro e isso para mim é uma coisa fundamental.

#### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Acho que ser feliz, assim. Acho que é você conseguir construir sonhos com a pessoa, é você conseguir sonhar, estar na mesma sintonia da pessoa, é você conseguir sonhar junto com ela. É você conseguir dividir teus sentimentos com a pessoa. É você poder conseguir dividir as despesas com a pessoa. Acho que um relacionamento é divisão, você poder conseguir dividir tudo com o teu parceiro.

#### **Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

É onde tivesse muita conversa, muita sintonia, muita afinidade. Que você consiga se divertir com a pessoa. Que você consiga ter prazer com a pessoa. Você consiga viajar, ter planos iguais. Acho que é isso.

#### **Teve algum relacionamento afetivo com parceiro?**

Tive sim.

#### **Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Eu vou contar o último, então, que eu tive. A gente se conheceu em uma festa. A gente se conheceu, ele veio conversar comigo. A gente não ficou no primeiro momento. A gente ficou durante quinze dias conversando. Daí a gente se encontrou um fim de semana, passamos a sexta e o sábado, a gente se encontrou e ficou junto, a gente não teve sexo. A gente continuou se falando durante a próxima semana, todos os dias. Na outra semana a gente saiu de novo, daí foi o sexo.

A gente ficou durante cinco meses em uma relação de se falar todos os dias, mas eu acho que nem eu nem ele, a gente não estava prontos para assumir um relacionamento... Acho que começou a ficar muito sério e nem eu nem ele, a gente não estava... A verdade os dois procuravam, a gente procurava a mesma coisa que era um relacionamento sério, só que não teve afinidade suficiente para a gente ficar junto. Acho que faltou conversa, falta disponibilidade de cada um de falar: “Não, vou disponibilizar um tempo a mais para a gente”.

Foi um relacionamento onde a gente, por um lado foi muito bom, era um relacionamento onde a gente tinha uma química muito forte, a gente conseguia se relacionar muito bem sexualmente, mas a gente não conseguia se relacionar muito bem fora disso. A gente não conseguia sentar em um bar, conversar, se divertir a noite inteira. Então há uma, duas semanas atrás eu decidi que se fosse para ficar, ficar, ficar, eu não queria e que ou era para ser um relacionamento sério ou não. Então a gente decidiu terminar.

#### **Como você se percebeu nessa relação?**

Eu me percebi desejada, eu me senti desejada, eu me senti cuidada de alguma forma. Ele era um cara que sempre me respeito muito, sempre cuidou muito bem de mim enquanto a gente estava junto. Só que, foi o

que eu falei, faltou algo a mais, faltou, eu acho que faltou mais dele se dedicar, de realmente querer. De realmente falar: “Não, eu vou investir em uma relação”. Acho que é isso.

**O que ela significou para você?**

Muito, acho que muito. Significou para ver que eu não estou pronta ainda para um relacionamento sério, que eu preciso evoluir em algumas coisas, eu preciso me entregar mais em um relacionamento. Eu preciso curar algumas coisas dentro de mim para depois eu conseguir me entregar realmente para uma outra pessoa. Eu acho que eu não estou bem comigo ainda para fazer suficiente bem para uma outra pessoa.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Eu acho que a dificuldade foi eu me abrir mais, eu querer expor minha vida para ele.

*Você não conseguiu fazer isso?* – Não. Eu não consegui expor tudo o que eu pensava, não conseguir falar tudo de mim. Acho que a facilidade é que a gente se dava tão bem sexualmente que muitas outras coisas fluíam, assim.

*A parte sexual ajudou muito?* – Ajudou, muito, muito. Acho que foi o que manteve a gente junto durante os cinco meses. Mas acho que a dificuldade foi eu não me conseguir abrir totalmente para ele.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Eu acho que para ele foi a mesma coisa. Eu acho que a gente vive o mesmo momento, a gente quer muito uma pessoa, só que a gente não está pronta. Ele é uma pessoa que também não consegue se abrir. Então acho que foi isso que dificultou a relação. Porque eu não só uma pessoa que me abro muito e ele também é uma pessoa ainda mais fechada do que eu. Então acho que por isso a gente não conseguiu evoluir. Por estarem os dois muito trancados dentro de si, sabe.

*Eu percebo que tinham muito desejo, uma vontade de estar junto, mas faltou algo segundo o que você falou.*

– Sim. Isso, isso mesmo. Tanto que, por ele, ele falou para mim: “Por mim a gente continuaria junto”. Eu, no fundo, eu continuaria junto também, mas me faz mal, me fazia mal o fato de não ter ele cem por cento comigo, o fato de saber que era uma relação que não tinha futuro. A gente iria continuar ali, se vendo, com menos frequência como a gente estava se vendo já nos últimos meses; assim, a gente estava se vendo com menos frequência, eu acho que isso iria a piorar cada vez mais. A gente iria acabar ele conhecendo um outra pessoa ou eu conhecendo uma outra pessoa e acabar de uma forma mais dolorosa. Então eu achei melhor a gente terminar agora que, por mais que esteja doendo em mim, pelo menos eu acho que vai ser menos doloroso do que de repente de aqui um mês ele encontrar uma outra pessoa e aí a gente, sabe, terminar dessa forma.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não

**ANEXO G: ALE**

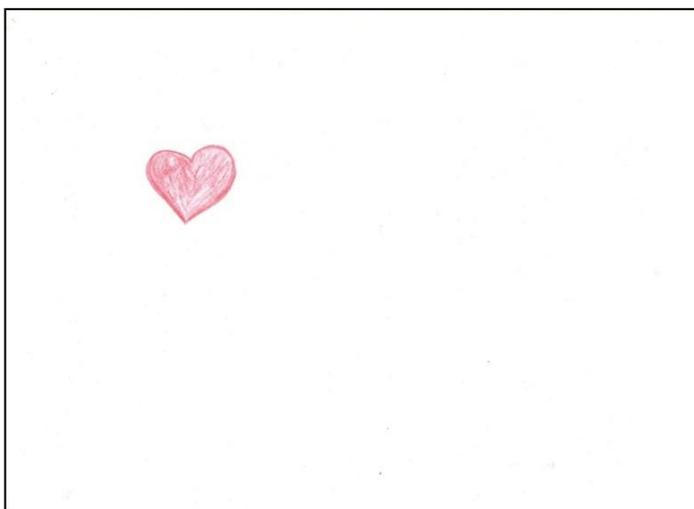
Idade: 27 anos.

Profissão – trabalho: Analista de departamento de pessoal.

Nível educativo: cursando estudo superior.

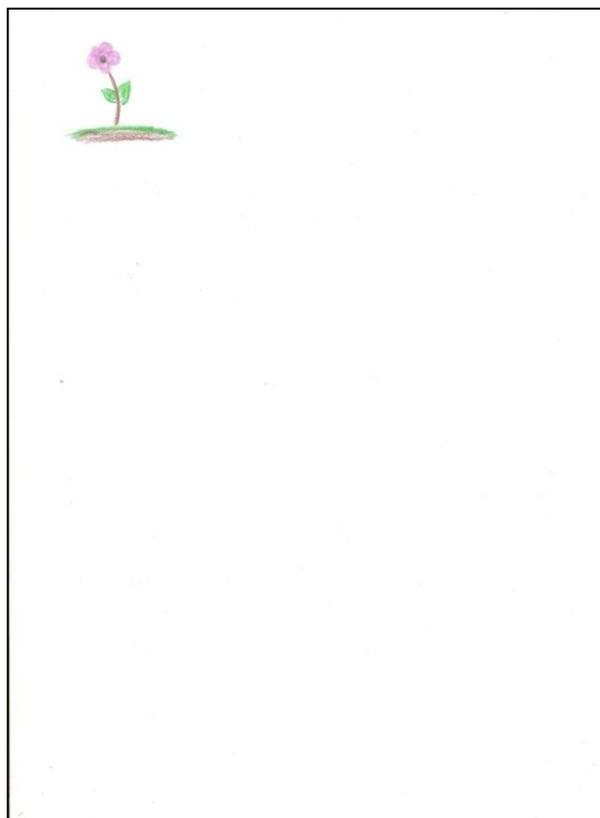
Tempo em São Paulo: 1 ano e 9 meses.

Tempo em república: 1 ano e 9 meses.

**DESENHO-ESTÓRIA DE ALE**Desenho 1: Amar e ser amado

História: Quando estamos em um relacionamento, e gostamos da pessoa que está ao nosso lado, se tem o amor, tem a cumplicidade, respeito, afeto, querer bem, e nada melhor para ilustrar essa intimidade do que o coração que ao meu entender significa amar e ser amado.

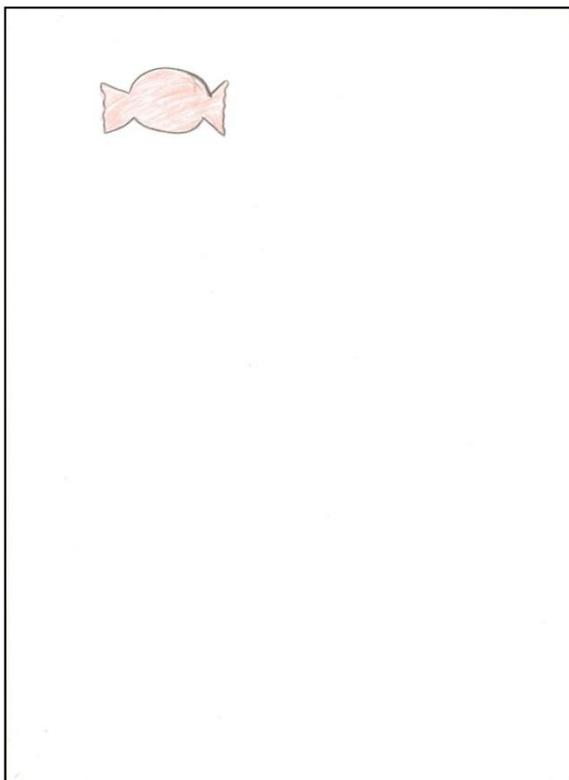
Associações da fase de inquérito: Ale diz “Só com amor se consegue ter a intimidade. Eu sou muito carente, comigo vai ter muito para falar”.

Desenho 2: Respeito, a base para o relacionamento

História: Em um relacionamento quando se tem o respeito e a cumplicidade, logo se constrói uma relação forte onde as dificuldades do dia a dia são passadas juntos. Ao desenhar a flor procurei mostrar que em qualquer relacionamento temos que ter o respeito ao outros, pois assim como uma flor, se não cuidamos dela, regando e adubando, ela morre e no relacionamento é assim, se não cuidamos ele acaba.

Associações da fase de inquérito: Ela explica que a flor é romantismo, respeito: “Se o homem respeita a natureza, respeita as mulheres. Dar uma flor é um ato muito bonito”.

### Desenho 3: Carinho e afeto

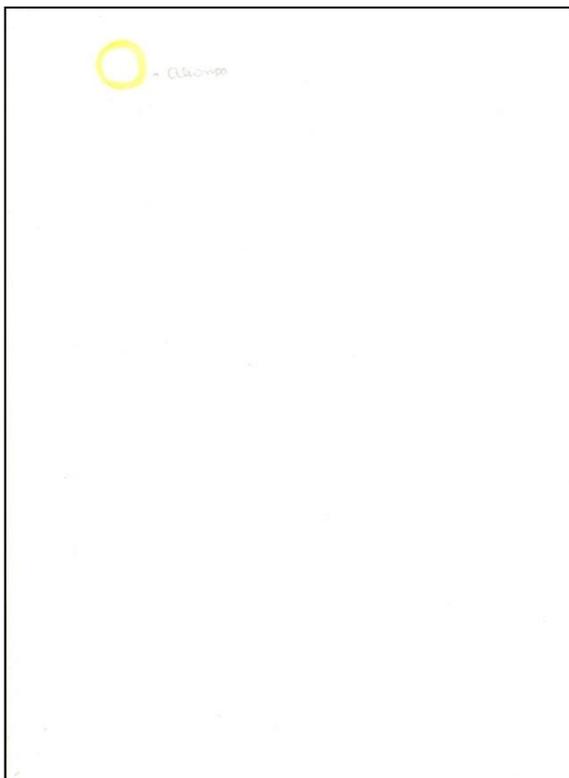


História: Ao retratar a imagem de um doce como base para um relacionamento íntimo, procurei mostrar a parte do carinho, afeto, amor, o romantismo. A sociedade tem deixado de lado esses sentimentos que são essências em qualquer relacionamento, são tantos casos de relacionamentos que fracassam pelo fato de que o parceiro ou parceira não sabem dar e nem demonstrar o sentimento que tem pelo companheiro(a).

Associações da fase do inquérito: Ale diz: “Um relacionamento tem que ser doce como um bombom. As pessoas não se importam pelo outro, a sociedade perdeu os valores, se relacionam para ficar junto, para não estar sozinhos, mas não por amor. As pessoas são muito individualistas com o capitalismo que foi crescendo. Um dia ninguém vai conhecer ninguém”. Ela explica que conhece pesquisas que falam que os casais não se olham

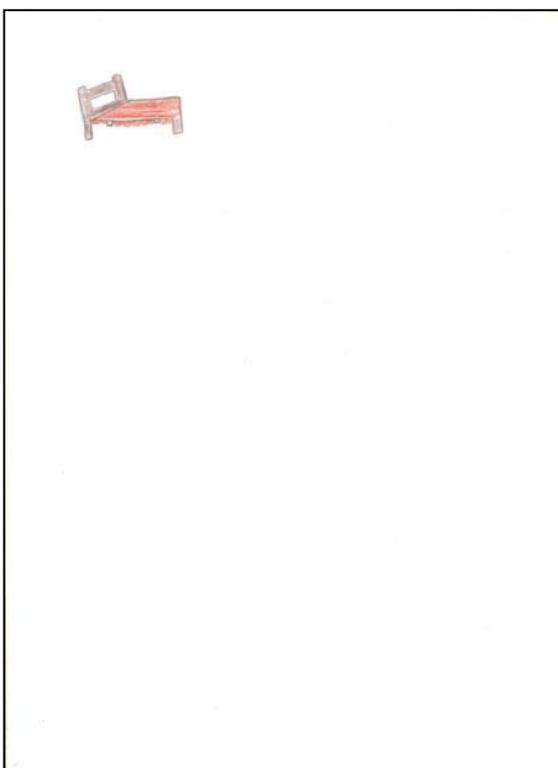
mais e as pessoas reclamam porque seus companheiros não os abraçam. Ale prefere o contato e o olhar, não se acostuma com a modernidade e pensa que era para ela nascer em outra época, mais antiga.

### Desenho 4: Compromisso com o parceiro e com se mesmo



História: Ao retratar a aliança, como intimidade em um relacionamento, busquei mostrar o compromisso que assumimos com a pessoa e com os sentimentos da mesma. Assumir compromisso com alguém é algo sério e que tem que ser algo bem pensando e planejado. Um namoro nos dias atuais tem sido banalizado, as pessoas não respeitam mais aos outros e assumem relacionamentos muitas vezes só pelo status, sem se preocupar com o sentimento. Na minha opinião, compromisso é algo que tem que ser duradouro.

### Desenho 5: Intimidade no relacionamento



História: Um relacionamento para ser bem sucedido, o casal além de se gostarem, respeitarem, ter carinho, etc., tem que se completar também na relação sexual. Ao desenhar a cama, busquei mostrar que além ter sentimentos, tem que ter uma vida sexual que satisfaça a ambos, um tem que procurar satisfazer ao outro.

Associações da fase de inquérito: Ale explica que um relacionamento também tem sofrimento: “A ostra para dar uma perola precisa de sofrimento”.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Eu acho que além do sentimento, tem que ter o respeito, né, porque se você não respeita, e o companheirismo, se você não tem respeito pela pessoa que está do seu lado e também não é companheiro, você não vai conseguir manter um relacionamento com uma pessoa. Tem que respeitar as opiniões, respeitar o espaço do seu parceiro; você tem que ser companheira da pessoa, apoiar os projetos da pessoa que está do seu lado. E o sentimento também, você tem que gostar da pessoa, né, se não tiver sentimento, você não está com a pessoa, você está enganando ele e a si mesmo, e isso é feio.

*O mais importante são os sentimentos e o respeito. Quais são esses sentimentos?* – Acho que o amor é o principal, acho que o carinho também, esse afeto que tem que ter. Acho que os principais seriam esses: o afeto mesmo e o amor.

### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Perda, infelizmente, quando você está se relacionando com as pessoas, você acaba perdendo um pouco, pode não ser perdendo, mas você acaba meio que passando de ter uma vida que era só sua, para ter uma vida a dois. Então, você, tipo, acaba deixando algumas coisas para atrás e isso, dependendo de como for esse relacionamento, você pode perder algumas coisas. Eu já vi casos desses, muito amigos meus, começaram a namorar e aí não sai mais com os amigos, não ligavam, então acabou meio que afastando dos amigos. Eu acho que isso é uma perda muito grande, errado, mas, infelizmente, acontece.

E ganho acho que, tipo, é a história, a vivência que você está tendo ali. Porque assim, quando você está com uma pessoa é uma vida nova o que você está vivendo, é uma experiência nova, cada relacionamento é de um jeito, cada pessoa é de um jeito. Então assim, você junta às suas ideias com as ideias de outra pessoa e

junto você forma uma nova ideia, eu acho que isso é o bacana de um relacionamento. É isso, é você, é algo novo, sabe, é uma vida nova que você vai ter com uma outra pessoa.

**Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Nossa! Assim, eu me sinto completa. Hoje mesmo, no relacionamento que eu tenho, me sinto completa. Você se sente completa, você se sente segura, acho que é segurança, é a segurança que o relacionamento te dá, acho que segurança é o principal. Você se sente completa, você não sente aquela tristeza, aquela coisa assim, meio: “Nossa! Estou sozinha, sozinha”. Você se sente completa, assim, a segurança de ter uma pessoa do seu lado que vai te ajudar no que você precisar. A parceria, acho isso muito bacana no relacionamento.

**Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Olha, assim, hoje em dia é tão banalizado essa questão do relacionamento que eu sempre defini assim, eu falo que eu sou meio, como é que eu vou dizer? Eu sou de uma geração muito antiga, sabe, eu falo que eu nasci na época errada. Eu acho que você começa a namorar com uma pessoa, você não tem que namorar com uma hoje, com uma outra amanhã, com uma outra depois. Você tem que começar um relacionamento com uma pessoa, mas, sabe, tipo, pensar a longo prazo, em casar com essa pessoa, em ter filhos, em construir família. Acho que hoje, no começo de um relacionamento, acho que é isso o que eu espero, sabe, tipo, é que dei certo! É que seja aquela a pessoa com quem você vai ter um futuro bacana. Acho que é isso.

**Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Não tenho um ideal, não tenho o ideal porque assim, cada dia é um dia diferente. Tem dia que você está mais estressado, aí seu parceiro não está ou vice-versa. Mas, eu acho que assim, acho que para chegar próximo do ideal, acho que acima de tudo você tem que ter paciência. Então assim, eu acho que um relacionamento ideal, poderia dizer assim, é aquele relacionamento paciente, sabe, calmo, tranquilo; não aquela coisa de paixão avassaladora e esse negocio, mas aquela coisa de amor mesmo, que é mais tranquilo, que é mais sossegado, que é mais paciente, que sabe escutar, sabe, baixar a cabeça. Eu acho que esse seria um relacionamento ideal.

**Teve algum relacionamento afetivo?**

Sim

**Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Nossa! Meus relacionamentos passados não foram dos melhores. Eu acho, na minha opinião, eu sempre me doeí demais, sempre quis demais e o meu parceiro, eu acho que, eram duas ideias que não se juntavam muito. Eu já queria algo a mais e acho que o meu parceiro não queria, quem estava comigo ou os demais que estavam comigo na época, assim, não queriam o que eu queria, entendeu. Eu queria arranjar um namoro mesmo, e a pessoa que estava comigo queria só mais, tipo, curtir mesmo, aquela coisa sem compromisso. De aí assim, eu acho que perdi o foco da sua pergunta...

*Não, você está falando que os seus relacionamentos anteriores não eram aquilo que queria.* – É! Não era. Mas tem idade para tudo, você tem idade de curtidão, como a gente hoje, com vinte e sete anos, eu acho que desde os meus vinte e cinco para aca, eu não estava mais procurando uma curtidão, eu já tinha curtido, eu já tinha aproveitado bastante todo. Estava mais com o pé no chão, querendo um relacionamento sério, ficar com alguém, tranquilo, namorar mesmo. E os meus relacionamentos anteriores não, não era isso o que eles pretendiam. Então, assim, não tinha muito, tinha aquele carinho de estar aí na hora, mas depois pronto, acabou, cada um seguia a sua vida, pronto.

No meu último relacionamento mesmo, na minha opinião, eu me dedicava, demonstrava afeto, demonstrava sentimento, mas a pessoa tinha cobranças que, na minha opinião, não eram necessárias, tipo, que não tinha o motivo para isso. Então, sabia que a gente estava em níveis diferentes, completamente diferentes. Então, não vou falar que foi ruim, porque eu aprendi muito, também não vou falar que foi bom porque eu sofri muito, porque você deposita expectativas em um relacionamento, né, você pensa, assim: “Nossa! Esse vai ser vai dar certo”, você começa a ter afeto, você começa a criar, nutrir um sentimento pela pessoa, e aí no final você vê que é apenas mais um relacionamento que falho, que não deu certo, né, você meio que se sente impotente diante disso, e fala assim: “Nossa! Mais um relacionamento que eu tentei que não deu certo”.

É estranho isso, sabe, esse sentimento meio que fracassa, sabe, que não consegui fazer com que esse relacionamento dei certo. Mas eu aprendi muito com isso. Ele falava que eu não demonstrava muito sentimento. Com quem eu estou tendo hoje, eu já demonstro mais, sabe, assim. Eu sou muito presente, muito carinhosa, muito atenciosa, eu procuro me doar um pouco mais para evitar o que eu já tive no passado.

*O relacionamento que você tem hoje é diferente?* – É diferente, foi diferente desde o primeiro dia que a gente se conheceu. Toda a história. Assim, eu sempre tinha na mente assim: “Eu preciso arrumar um namorado! Quero arrumar um namorado! Eu não aguento mais ficar sozinha”. Aí, quando eu falei assim, porque eu cansei do último, eu falei assim: “Não quero mais! Vou ficar sozinha! Já era! Desisto!”.

Aí foi quando apareceu a pessoa que está comigo hoje. Foi assim, no lugar que eu nunca imaginei que eu iria a conhecer uma pessoa, em uma balada. A gente nunca imaginou: “conhecer uma pessoa na balada? Vai dar certo?”. Então assim, foi algo muito estranho, porque a gente se conheceu no dia do aniversário dele, tem todo o passado dele também, tudo o que aconteceu com ele, desse relacionamento dele que, no dia que ele, tipo, encerrou de vez o antigo relacionamento, foi quando a gente se conheceu, que a gente começou a ficar. Isso foi no sábado à noite, na balada. Aí, a gente ficou até o domingo às 8h da manhã junto, conversando. Aí no domingo na tarde, ele me ligou, a gente ficou uma hora e vinte e cinco minutos no telefone, então você imagina. Aí, essa semana eu estava de férias na faculdade, a gente se via todos os dias, trocava mensagem o dia inteiro. E, até hoje é assim, a gente conversa todos os dias, no final de semana eu sempre vou para a casa dele.

Então assim, é diferente, igual como eu falei com ele, nosso, hoje, o nosso relacionamento não é aquela paixão, aquela coisa avassaladora que é, tipo, igual um tsunami, passa estraga tudo e só deixa uma destruição. Falei com ele que o nosso está sendo construído na vivência, cada dia a gente constrói, coloca um tijolinho novo na nossa casinha que seja o nosso namoro.

*Como você vê a intimidade nesse relacionamento que tem?* – Nossa! Hoje, assim, a intimidade que eu tenho com o meu namorado é algo surpreendente, que eu nunca imaginaria ter com nenhuma pessoa, sabe. Tipo, ele me conhece, ele só, tipo, de me ouvir no telefone, ele já sabe se eu estou bem, se não estou. E, tipo, assim, tem três meses que a gente está junto. Então, é uma coisa assim, surpreendente. Hoje eu me sinto completa com quem eu estou hoje, com ele. Ele é o cara com quem, tipo, assim, eu me planejei, que eu fiz planos: “Eu não quero ficar sozinha, eu quero alguém que me complete, que cuide de mim”. E ele cuida de mim, sabe.

#### **Como você se percebeu nessas relações?**

Acho que você vai amadurecendo, né, em cada situação você vai pegando os pontos positivos e os negativos, vai aprimorando os negativos e também aprimorando os positivos. Hoje eu me sinto mais madura, sabe, de conduzir um relacionamento. Tem briga hoje, por que nós temos. Mas hoje eu consigo me

controlar um pouco mais, sabe, demonstrar mais sentimentos. Como no meu último relacionamento me cobrou muito isso, que eu não demonstro sentimento, mas que eu achasse que demonstrava, mas não era o suficiente, hoje eu procuro, sabe, me doar mais, estar mais presente, demonstrar mais sentimento.

E assim, tem questões de segurança também, de ter um companheiro, de ter um parceiro. Segurança, tipo, assim: “Nossa, será que ele quer mais estar comigo? Será que ele, tipo, está satisfeito ou ele não está?”. Eu acho que eu tenho mais confiança em mim mesma, hoje, sabe, eu acho que eu me enxergo como mais mulher também. Eu acho que a partir desse relacionamento que eu estou tendo agora, de me conhecer o meu corpo também, de me sentir segura referente às minhas atitudes. De situações, tipo, de briga, se fosse outra situação eu já perderia a cabeça, já falaria coisas indevidas. E hoje não, hoje eu já consigo me controlar mais com o relacionamento que eu tenho. Aí eu respiro fundo, dou uma volta, acalmo, volto, converso. E tipo, tem dias que a gente briga, aí, tipo, meio que briga, aí, depois, tipo, do nada, estamos os dois falando bem, a gente conversa, se entende, e como se nunca tivesse brigado, sabe. Eu fui aperfeiçoando isso ao longo dos meus antigos relacionamentos que não deram certo, mas eu acabei pegando alguma coisa deles.

### **O que significaram para você esses relacionamentos?**

O que eu tenho hoje para mim é, igual eu falei, ele é o meu namorado, ele é o meu homem, é o meu futuro esposo, é o cara que eu quero para mim. Assim, eu nunca imaginava encontrar uma pessoa como ele, que me completasse tanto, sempre agradeço a Deus por ter ele na minha vida, por cuidar de mim como ele cuida. Então, assim, o que ele significa para mim hoje, eu falou, é, tipo, é o homem com quem eu quero, ele não é só o meu namorado, não é só um caso que eu tenho, ele é o homem com quem eu quero passar o resto dos meus dias.

E os anteriores, foi bacana o que teve, mas que hoje, com o que eu tenho hoje, para mim já não, não tem tanto significado, não tem tanta força.

*Quais os significados que tinham os antigos relacionamentos?* – No início, sabe, tipo assim, acho meio que, tipo, de frustração por não dar certo, né, eu sempre achava que a culpa era minha, tipo, de não conseguir fazer com que desse certo esse relacionamento, sempre me culpava por isso, sempre achava que eu era a estranha da história, que eu era surtada, que homem nenhum me queria, que eu era muito, sei lá. E, assim, sabe, eu sempre tinha essa frustração de não conseguir namorar, eu via todas, tipo, as minhas primas, todas namorando, casando, tendo filhos.

Minhas colegas, tipo, de escolas todas namorando, sabe, quem estudo comigo no terceiro ano, o noventa por cento é casada, tem filho, ou então se está encaminhando para casar e, tipo, eu ficando. Tipo: “E aí, está namorando?”. Aí eu falava: “não, não estou namorando”. E, de aí, sabe, então, falava assim: “gente, mas algo errado acontece comigo, por que é que eu não consigo?” Ai eu sentia frustração mesmo.

Mas, tipo, de aprendizado também, lógico, você não pode falar que você não aprendeu, sempre aprendeu. Então, assim, você sempre aprende, né, não tem jeito, cada relacionamento é um aprendizado novo para você. Mas, eu não reclamo por não ter dado certo. Sempre falou assim: “que se não deu certo, não era a hora certa ainda para dar”, né, e assim, não adianta você insistir em uma coisa que não vai dar certo e valeu a pena esperar, pelo que eu tenho hoje, por quem eu estou hoje do meu lado.

### **Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Eu acho que, para mim, a principal facilidade que eu achei é que eu gosto muito de cuidar das pessoas, eu não sei se isso tenha a ver. Eu não sou muito de acreditar em signos e esses negócios, mas de perfil, assim,

sabe, aquele traço, aquele negocio assim, bate muito comigo, acho de querer cuidar muito das pessoas. Então, nisso, eu sinto uma facilidade muito grande, tipo, de cuidar. Hoje mesmo, meu namorado, ele gosta muito de carinho, tipo, acho que pelo histórico dele, assim, ele gosta muito de afeto, ele é um pouco carente nesse caso. Então, para mim é mais fácil porque já é natural querer cuidar das pessoas.

Só que ao mesmo tempo, assim, eu tenho, eu sou muito cabeça dura, eu gosto das coisas do meu jeito. Então assim, eu tenho que sair, eu tenho que respirar fundo, sabe, eu tenho que contar até mil se for possível, até tentar aprender, tipo, a ceder um pouco, sabe. A pessoa fala assim; “eu quero desse jeito”, e eu falou: “mas eu quero deste”. Algo assim, se algo sair ao contrario do que eu gosto, tipo, essa parte de você ceder para outra pessoa, isso ainda é um pouco difícil para mim. Mas, assim, é algo que a gente vai lapidando no percorrer dos anos.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Acho que a principal facilidade que tem, acho que com todos em relação comigo, é porque eu sou muito aberta, sabe, para qualquer tipo de situação, assim, eu sou, eu estou pronta para qualquer tipo de situação. Então, acho que esse seria um ponto, uma facilidade que eles tiveram comigo. Independente do que for, eu estava pronta para ajudar, fazer o que fosse.

E, tipo, dificuldade, acho que é essa parte meio que, tipo, era o medo que eu tinha de me entregar sabe, de mostrar sentimento, porque, querendo ou não, sempre ficava em aquela: “Mas no meu relacionamento passado eu me entreguei um pouquinho a mais, daí eu acabei, não deu certo, sai machucada, eu chorei, eu sofri. Então, nesse agora, eu demonstro que eu gosto? demonstro que não eu gosto?” Aí nessa, do medo de demonstrar, aí, meio que eu ficava, meio que no meu mundo, sabe: “O fantástico mundo de Boby”, então estava meio que no meu mundo. Já foi me cobrado isso algumas vezes, anteriormente em alguns relacionamentos passados, que não conseguia chegar até mim de verdade. Acho que isso era uma dificuldade que as pessoas tinham muito, eu era muito fechada.

*Mas era algo teu? - É!* Tipo, uma autodefesa, sabe, era meio que uma autodefesa minha de, com medo de sofrer depois, então meio que me fechava. Era uma forma de autodefesa, mas acabou, eu creio que me prejudicou muito nos relacionamentos que eu tive. Mas era algo que eu não conseguia controlar, não tinha como controlar. Acho também que os meus companheiros passados não me demonstravam tanta segurança, assim, ao ponto de quebrar essa autodefesa que eu tinha.

*Era uma dificuldade deles, eles não mostravam a segurança que você estava precisando* – Isso, pode ser também, aí, pelo fato de não sentir essa segurança, aí eu meio que me fechava, ficava mais no meu mundo, mais retraída nesse ponto de sentimento mesmo. Agora na parceria, de companheirismo, nessa parte, eu sempre fui muito parceira, muito companheira, assim, de cuidar, de estar pronta para tudo.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Acho que não, falou demais.

## ANEXO H: POLLYANA

Idade: 29 anos.

Profissão – trabalho: Gastrônoma.

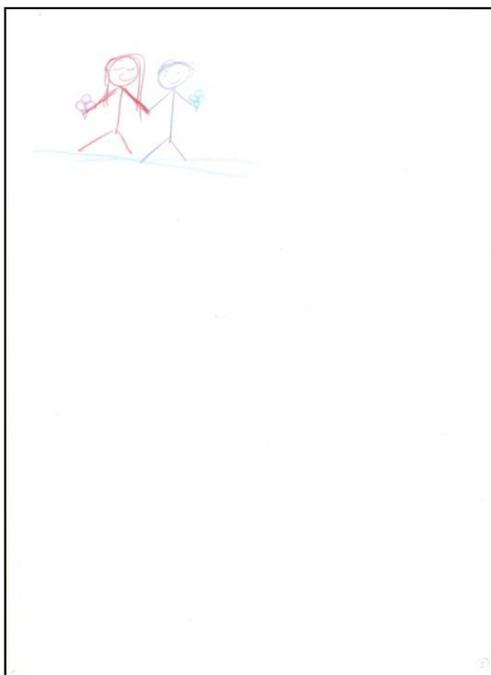
Nível educativo: superior completo.

Tempo em São Paulo: 1 ano e 3 meses.

Tempo em república: 1 ano e 3 meses

### DESENHO-ESTÓRIA

#### Desenho 1: O amor vem com o tempo



Descrição sobre a elaboração: começa realizando uma figura feminina de vermelho e uma masculina de azul. Depois desenha os traços da face de ambos e os sorvetes que cada um tem na mão. No final desenha a linha que se encontra embaixo, representando o chão.

História: O momento em que as pessoas começam a se conhecer, começam as descobertas, os encantamentos, a paixão. No primeiro momento tudo é novidade, você tenta mostrar o seu melhor, os defeitos vem com o tempo, com a convivência. Dizem que a paixão dura cerca de 2 anos, depois vem o amor, ou acaba.

Associações da fase de inquérito: Pollyana diz: “O encantamento ou junta o casal ou o afasta de vez”.

#### Desenho 2: Sexo com amor

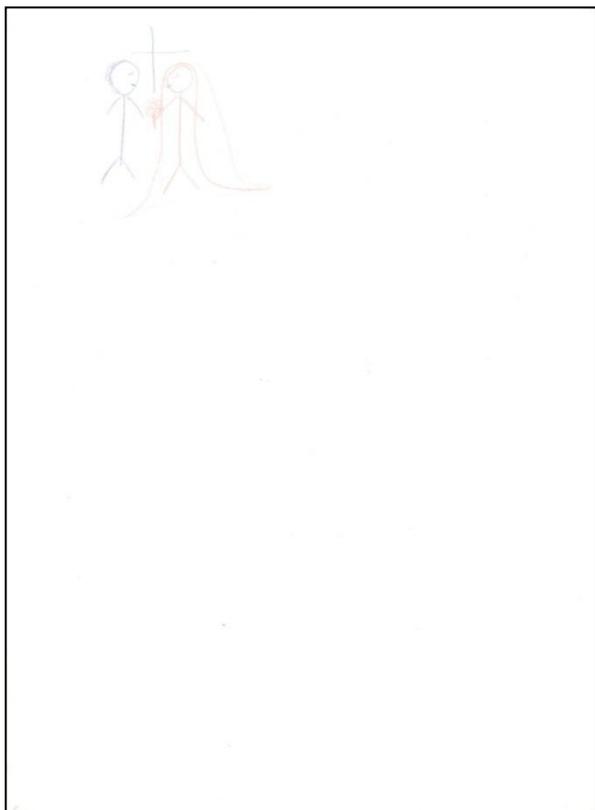


Descrição sobre a elaboração: desenha uma cama azul, uma figura feminina deitada e uma figura masculina acima dela.

História: Acredito que com o tempo você cria uma intimidade, e o sexo é uma consequência. Feito com amor é muito mais prazeroso e satisfatório. Hoje em dia as pessoas não precisam se relacionar, criar um vínculo para se ter sexo. Hoje parece muito mais fácil ter sexo sem relacionamento, as pessoas estão mais independentes e não querem envolvimento afetivo.

Associações da fase de inquérito: Para Pollyana, hoje é possível ter sexo sem ter um relacionamento pela facilidade da sociedade e das pessoas: “Hoje você transa e acaba. Antes você namorava, mas hoje você pode ficar com alguém, é tão fácil”. Quando ela está começando a escrever a história fala: “Aí meu Deus! Não está saindo nada aqui”.

### Desenho 3: Aceitar as diferenças



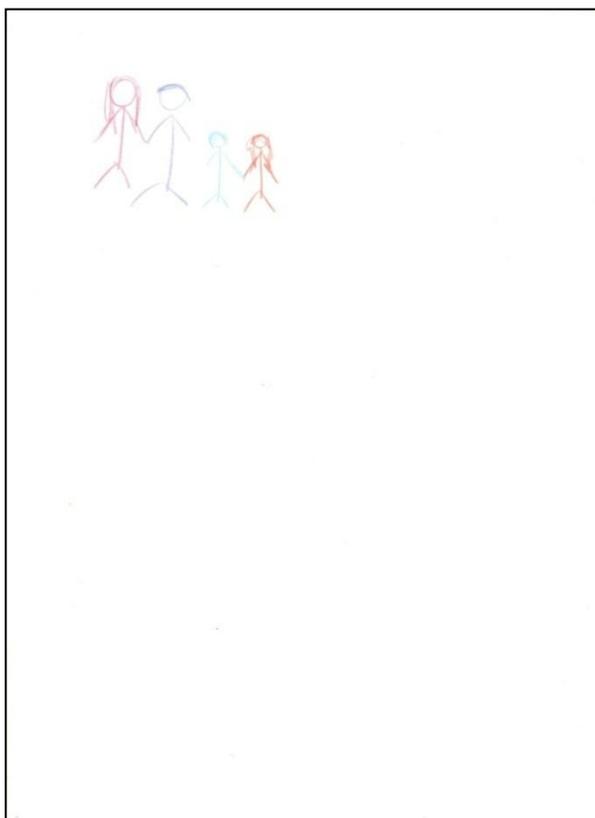
separação, não é assim que acontece hoje??"

Descrição sobre a elaboração: começa pela figura masculina em cor azul e depois a figura feminina em cor rosa com um véu cumprido e com seu buquê na mão. No final realiza a cruz entre o casal.

História: O passo mais importante do relacionamento é o casamento, onde você passa a ter uma família, e conseqüentemente os filhos. É outra fase da vida onde não é mais só você, existe uma outra pessoa. É a fase do relacionamento onde você realmente conhece a outra pessoa, onde você vai conviver. Acho que é a grande dificuldade de qualquer relacionamento, a convivência, você ter que não só conviver e sim aceitar as diferenças.

Associações da fase de inquérito: Para Pollyana o casamento acontece mais ou menos depois de três anos. Ao terminar o desenho ela comenta: "Se tem mais dois desenhos dá para fazer os filhos e a

### Desenho 4: Outros tempos



Descrição sobre a elaboração: começa por uma figura feminina vermelha, depois uma figura masculina azul escura maior e outra azul mais clara menor, finalizando com figura feminina pequena laranja.

História: Acho que os filhos no relacionamento muda toda a rotina do casal, onde o foco muda completamente, onde o casal passa a ter menos tempo para os dois, mas esse tempo é dividido com os filhos. É outra fase onde se vivia a dois e passa a viver a vida dos filhos.

Associações da fase de inquérito: Quando começando a escrever a história ela manifesta que está sendo difícil iniciar.

### Desenho 5: O tempo e a cumplicidade



Descrição sobre a elaboração: Inicia com a cabeça e o corpo da figura masculina e agrega o bastão e o cachimbo. Depois desenha uma figura feminina também com bastão.

História: Com o passo dos anos, depois de todas as fases vividas no relacionamento, chega a velhice onde é a fase da cumplicidade, não que durante todo o relacionamento você não seja cúmplice do seu parceiro, mas nessa fase do relacionamento o respeito e a cumplicidade são primordiais.

Acho que é a fase que você mais cuida do outro e se conhece de verdade.

Associações da fase de inquérito: Comentário realizado antes de começar a desenhar: “Não vai ter separação, vou fazer uma coisa menos negativa, menos triste. Acredito que possa acontecer”.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Primeiro eu acho que você tem que ter confiança, respeito. Acho que é isso, você tem que conhecer, ter respeito, confiança e acho que para eu ter um relacionamento primeiro eu tenho que confiar na pessoa, e daí com tempo vem a qualidades.

*Quais essas qualidades?* – Acho que a pessoa tem que ser honesta, tem que ser carinhosa, tem que ter uma boa índole, tem que ser romântico, depende, tem um lado romântico, eu gosto de pessoas românticas, de homens cavaleiros, entendeu. É isso.

*Como é esse respeito? Como você sabe que o parceiro respeita você?* – Eu acho que quando ele é honesto, que hoje em dia está bem difícil a honestidade. Eu acho que é isso, acho que você ser sincera com a pessoa, mesmo, sei lá, porque, como eu te falei, acho que a facilidade de você ficar com outra pessoa, que está muito fácil hoje em dia, e eu acho que se você se propõe a ficar com a pessoa, acho que você tem que ser honesto e fiel a ela. Acho que quando você não quer, quer ficar com outra pessoa, acho que você tem que chegar para a pessoa e dizer: “Olha não quero mais”, e não trair. Eu acho que traição é uma coisa que tem. Eu já até perdoe traição, mas eu acho que você realmente tem que ser honesto.

*E a confiança?* – Então, é isso, eu acho que se você for honesto, você sempre for honesto, eu acho que a pessoa confia em você, entendeu, e, é isso, eu acho que a honestidade vem da confiança.

*Entendi, elas estão relacionadas, se a uma está a outra também.* – Sim.

**Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Assim, dos meus relacionamentos tive ganhos porque você se conhece, hoje em dia eu me conheço bem, o que eu gosto, o que eu não gosto em um relacionamento. Mas, às vezes, eu não acredito que eu tive perda, porque eu acho que tudo o que eu ganhei de conhecimento, de convivência com eles, eu acho que só foi ganho para mim, eu acho que eu não perdi nada, não, nem o tempo com eles.

**Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Então, assim, eu sempre namorei muito, eu nunca fui de ficar, de ficar com um, de ficar com outro, nunca fui, porque eu sempre fiquei com uma pessoa e sempre namorei com essa pessoa, porque eu me envolvo muito rápido, então eu não sei se é carência, se eu sou carente, mas eu sempre estou. Eu estou há alguns meses solteira, aqui em São Paulo, mas por opção, porque eu realmente decidi, eu falei: “Eu vou viver uma vida de solteira”, porque eu sempre namorei muito, e eu falei: “Não, eu vou viver São Paulo solteira”. É tanto que eu decidi morar em república por isso, para conhecer outras pessoas.

E, do relacionamento, já vivi de tudo. Como eu descrevi, de conhecer, de se apaixonar, de amar. E assim, eu vi em todos os meus relacionamentos, que os próximos relacionamentos sempre são melhores, porque eu acho que eu tento não cometer os mesmos erros, e vou tentar melhorar no próximo, então sempre, eu sempre digo para os meus amigos: “O próximo sempre é melhor”, porque eu já me conheço e já sei o que é que eu gosto, o que é que eu não gosto, o que é que eu devo fazer e o que eu não devo.

*Por que você fez a escolha de ficar solteira?* – Eu vim namorando para São Paulo, e eu iria a casar, e era assim: eu passaria um ano em São Paulo, que era o tempo do meu curso e voltaria, e noivaria em julho e casaria agora em dezembro, e a gente terminou em Abril. Ele é muito ciumento, e eu também sou muito ciumenta, e eu fui para lá em abril e a gente acabou terminando, e eu decidi, e durante oito meses, sei lá, que eu passei namorando com ele, eu não fiquei com ninguém em São Paulo, não trai. E quando a gente terminou, eu falei: “Agora eu vou ficar em São Paulo”, porque eu nunca fui de ficar, e eu falei: “Eu vou ficar, eu vou transar com uma pessoa que eu não conheço”, porque eu nunca fiz isso, eu sempre tranchei com os meus namorados, nunca tive um relacionamento, assim, de ficar, nunca. Eu falei: “Eu acho que estou na cidade certa, ninguém me conhece, não vim para ficar, então eu vou fazer o que me dei vontade”. E aí, eu estava em outra república, que só eram meninas, e eu vou passar mais três, sei lá, três ou quatro meses em São Paulo, eu falei: “Eu vou mudar para essa república porque tinha muitas festas”. Eu vim aqui, gostei, já conhecia algumas pessoas, e eu falei: “Eu vou para a república e vou fazer o que eu quiser, vou ficar, vou fazer o que eu quiser”. E aí eu vim para aca. E eu decidi isso para viver uma experiência que eu nunca vivi.

*Você falou da carência, por que você acha que...? – Que eu sou carente?*

*Sim – Eu não sei por que eu não consigo ficar só, quer dizer agora eu estou conseguindo, mas eu mudei muito, não sei se São Paulo me mudou, não sei se porque as pessoas aqui são diferentes da minha cidade, as pessoas são mais frias, mais distantes, assim, as pessoas aqui namoram e se vem uma vez por semana. Lá, na minha cidade, como todo é muito pequeno, vocês se vêm todo o dia, todo o dia você está com seu namorado. E aqui eu me senti muito só, mas hoje já estou conseguindo não ficar com ninguém, não sentir falta, entendeu. Eu acho que São Paulo está me fazendo ficar, não ficar carente.*

*Você está aprendendo, então você é carente mesmo? – Eu pensei que eu fosse, mas eu consigo viver sem estar namorando.*

*Como você se sente com essa escolha de estar só? – Eu me sinto bem, mas às vezes eu sinto falta do meu namorado, não de outra pessoa aqui em São Paulo, porque se eu quisesse já teria namorado, mas eu sinto falta dele, mas não de ter um relacionamento aqui em São Paulo, não tenho vontade de ter.*

### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Eu nunca namorei para casar, na verdade, eu sempre namorei por namorar, por estar com alguém. E o último sim, foi o único que eu pensei, porque falei: “já estou formada, ele também, a gente acho que poderia casar”. E a idade, né, já vou fazer trinta anos, eu quero ter filhos, e é isso. O relacionamento com ele foi diferente porque eu pensei em casamento, mas os outros não, namorava só por estar com alguém.

*Essas expectativas se mantem ou mudaram? – Então, ele me propôs, agora, casar de novo, pediu para eu voltar para casar. Mas eu estou em outra face, eu vim para aca para estudar, para trabalhar, e a gente está em momentos diferentes. Eu falei para ele: “Se for para a gente ficar junto, a gente vai ficar junto quando eu voltar”. Se não, eu não sei o que vai ser. Hoje em dia eu acho que eu conseguiria viver sem ter ninguém, trabalhando e posso ter meu filho independente, eu acho que não preciso de uma pessoa para ter filhos.*

*Então mudaram as suas expectativas? – Sim, mudaram.*

### **Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Eu acho que o meu relacionamento passado era um relacionamento ideal, porque a gente se dava muito bem, a gente gostava de fazer as mesmas coisas, a gente pensava em ter filhos, a gente gostava de viajar, a gente gostava de fazer tudo junto, a gente sempre fazia tudo junto.

E as famílias, eu gostava muito da família dele, me dava muito bem, e tinha um bom relacionamento, tanto ele com a minha família, como eu com a família dele.

Então, era todo muito bom. Só que eu, realmente, decidi procurar estudar em outro lugar que foi aqui, e acabou mudando as coisas, o tempo, a distancia, não sei se mudou dele, da minha parte está tudo do mesmo jeito, quer dizer, ele diz que não mudou, que era para eu voltar que a gente casava.

Mas acho que o relacionamento ideal é isso, é você se relacionar bem, gostar das mesmas coisas, ter os mesmo ideais, acho que crescer junto, família, acho que é isso.

### **Teve alguns relacionamentos afetivos com parceiro?**

Sempre namorei.

### **Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Eu acho que todos tiveram, não tudo, mas um pouco de cada. O meu primeiro, eu era muito nova, namorei seis anos, de catorze aos vinte. E aí eu gostei muito, eu achava que: “eu não vou conseguir amar outra pessoa, não sei o que, não sei o que”. Namorei com outro. Assim, o relacionamento não deu certo porque a

gente era muito nova, ele também gostava de beber, sair, aí acabei que eu terminei, aí eu fui para outro relacionamento.

Esse eu gostei muito, mas ele era doentio, ele gostava muito de mim, e quando eu resolvi terminar, ele tentou me matar, foi horrível, eu tive que mudar de cidade, porque ele era bem doentio, sabe, ele era louco, alucinado, mas acho que era doença mesmo, não era amor, não. Mas ele era uma pessoa muito boa, assim, durante dois anos e meio namorei com ele, foi tudo ótimo, só o final que ele não aceito, porque minha mãe não gostava dele, minha família não gostava, eu namorava meio que sem minha família querer, e aí realmente eu decidi acabar e ele não aceito.

Daí eu fui para um terceiro relacionamento, namorei um ano, que foi meu primeiro beijo, depois de dez anos a gente se reencontro, ele estava separado, a gente decidiu namorar. Só que a gente era muito diferente, ele tinha problemas, tinha um transtorno bipolar, não sei o que, e eu tenho uma irmã assim, aí eu falei: “eu não quero conviver, já basta uma pessoa que eu convivo assim”. E era muito difícil conviver com ele, uma hora ele estava bem, uma hora não estava, aí eu falei: “Não quero isso para mim” e acabei. Mas também foi muito bom.

Mas todos foi eu quem decidi terminar, nenhum foram eles.

Então foi quando eu conheci o Marcus. Assim, eu acho que foi meio que destino, porque eu conhecia todo mundo da turma dele, e não o conhecia. Ele tinha também saído de um relacionamento, de um casamento, assim, morou com a pessoa e tal, e estava meio depressivo e não sai com os amigos, e eu conhecia todo mundo, e comecei a estudar com o melhor amigo dele.

E daí a gente viajou, eu era, a minha melhor amiga era a namorada do melhor amigo dele, e eu viajei com ela e a gente encontrou com eles lá. E eu namorava com outra pessoa, tipo namorava não, estava de olho com outra pessoa. E não queria ficar com Marcus, e ele era gordinho, completamente diferente ao homem que eu gosto. Eu gosto de homens magrinhos e ele era gordinho e eu falei: “Não vou ficar com esse gordinho, não”, e todo mundo: “Não, fica com Marcus”, e eu falei: “Não, vou ficar não”.

Daí a gente foi, antes da rebelião eu acabei ficando com ele e já, sabe, já amei, só que eu tinha terminado com meu, dois dias antes eu tinha terminado com meu ex, eu falei: “Não dá mais para a gente ficar, não sei o que”. Só que ele morava em outra cidade, eu acabei ficando com Marcus. Daí, a gente não se desgrudou mais, fico, fico, fico. Aí ele teve que voltar para, a gente estava na praia, aí ele teve que voltar para a cidade dele, ele tinha que fazer uma entrevista de emprego e dez dias depois eu fui, eu morava também na capital. E aí tinha a formatura do irmão dele, ele me convidou, me pediu em namoro, meio que aceite.

Mas assim, a gente já começou sabendo que eu iria a viajar, porque eu sempre falei: “Quando me formar”, faltava um ano e meio, “quando me formar eu vou ou para São Paulo ou para a França”, porque eu estava meio em dúvida: “para São Paulo ou para a França?”. E ele: “Não”, ele pensou que durante esse ano e meio ele fosse mudar minha cabeça, só que eu falei: “Não, não vou”. E a gente já namorou meio que sabendo. E aí tanto que ele falou: “Então um ano é o prazo que tu vai ficar em São Paulo, a gente noiva quando tu voltar, e casa”. Aí foi isso. Aí acabou antes do noivado.

E ele, foi assim, foi o namoro que eu mais gostei porque foi uma pessoa que, sabe, nada a ver com o estilo de pessoa que eu gosto, tipo, tinha outras qualidades, eu acho que físico não tem nada ver, por isso é que eu digo: “Não fico mais com gordinho”.

*Quais as qualidades que você acha em ele?* – Ele é muito educado, inteligente, família, gosto muito de, assim, de namorados que gostam da família, de poder conviver com a família, sempre fui muito família,

tanto eu gosto de conviver com a família deles, como eu gosto que eles convivam com a minha. E a família dele, a mãe dele me chamou de filha.

Mesmo a gente terminando, a mãe dele me liga, a gente é amiga, ela é solteira, ela fala de namorados, não é sogra, entendeu, a gente era como se fosse amiga. Então, eu até brincava, que a gente namorava por ela, era por a mãe dele.

E, assim, ele era, foi criado muito pela avó, pela mãe e, não sei, ele era muito carinhoso, fazia tudo o que eu queria, e me tratava muito bem. E, como eu morava só, minha família morava, morava no interior, e eu fui para estudar na capital. Então meio que quando eu cheguei, eu tinha muitos amigos, né, mas não tinha ninguém, tinha terminado o relacionamento com o anterior, que era esse que namorei de infância, e fui na verdade para a capital por conta dele, só que quando eu mudei, quando transferi meu curso para lá, a gente acabou. Aí foi na época que eu conheci o amigo que conhecia ele, acabei namorando e fiquei muito, assim, sabe, a gente praticamente morava junto.

### **Como você se percebeu nessa relação?**

Então, eu sou muito ciumenta, muito, e eu acho que ciúme é insegurança. Eu sou muito segura para muitas coisas, mas muito insegura no relacionamento, eu não sei por que, acho que todos os meus namorados já me traíram, então não confio, sou muito desconfiada, muito, muito desconfiada. Às vezes eu acho que até é coisa da minha cabeça, que eu crio algumas coisas. Mas, assim, eu tento não ser ciumenta.

Mas, assim, eu acho que eu sou, eu até brinco, que eu namoraria comigo, porque eu sou fiel, eu sou carinhosa, eu faço tudo para que o relacionamento dei certo. Só que assim, tento, claro que ninguém é perfeito, então tem esse meu lado de insegurança, de não confiar, e isso é muito ruim no relacionamento, todo o que você fala, eu falo: “Eu não acredito, é mentira”, entendeu. Então eu sempre briguei com todos os meus namorados por essa insegurança, apesar de que também todos são bem ciumentos.

E o Marcus meio que no começo, a gente vivia só nós dois, tipo, ele tinha ciúme dos amigos dele, eu tinha ciúme das minhas amigas, então a gente não convivia com mais ninguém, só era a mãe dele, a família dele ou a minha família, sem amigos. E depois a gente foi vendo que não tinha nada a ver, que tinha que confiar, e aí foi melhorando um pouco. Mas a gente era bem ciumenta. Do resto, eu acho que sou tranquila. Agora o ciúme é muito difícil.

*Você acha que tem alguma relação com aquela carência que você percebe que tem?* – Então, eu não sei, exatamente, pode ser, pode ser que, tipo eu tenha medo de ficar sozinha, mas que hoje eu acho que estou mudando.

### **O que significaram para você essas relações?**

Olha, de tudo, de todos os relacionamentos, assim, como eu te falei, eu me conheci melhor, tanto de relacionamento, como fisicamente, tipo, em relação a sexo. Que eu me conheci bastante, tipo, o que eu gosto, o que me excita, o que não me excita, o que eu gosto em mim, o que eu não gosto. Então isso, um relacionamento me trouxe isso. Tipo, hoje eu sei o que é que um homem consegue, não é que ele consiga, mas o que eu consigo fazer comigo, entendeu. É tanto que eu namorei seis anos com esse primeiro namorado, e eu só fui ter um orgasmo, cinco anos depois, eu não sabia o que era, tipo, ele pergunta e eu: “Sim”, mas eu não sabia o que era, eu era muito nova e, aí quando aconteceu eu falei: “Agora eu sei”, entendeu.

Então, eu acho que fui me descobrindo, me conhecendo. Acho que de todas as vantagens foi essa, foi o meu autoconhecimento.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Então, eu acho que sou super, quer dizer, eu sou, eu acho que o ciúme é o que atrapalha, eu acho que o resto eu sou super tranquila. Mas eu acho que o ciúme. Como eu te falei, eu não sou de ficar, eu já fiquei como uma pessoa aqui, e eu achei, eu estou achando muito estranho porque você está morando com a pessoa, você ter ficado com essa pessoa e, tipo, fingir que, sabe, que é um amigo é muito estranho para mim. Até estava conversando ontem: “R, me arrependi de ter ficado com ele”, porque é muito estranho, você beija uma pessoa e no outro dia, e no outro finge que nem conhece, finge que nem conhece, não, tipo cumprimenta, é muito estranho para mim. Mas é uma coisa que eu decidi viver, né, é estranho, mas.

*Você falou que a dificuldade que tem é ser ciumenta, e as facilidades?* – Eu acho que eu sou amiga, às vezes eu sou até boba, porque eu faço tudo, sabe, tudo para agradar, para que as coisas aconteçam bem, tipo, eu não sou, eu não fico brigando por qualquer coisa, eu aceito, eu já perdoei traição, eu acho que, como eu te falei, tem que ser honesta. Mas eu acho, é isso, eu sou tranquila, sabe, eu não tenho preconceito com nada, eu sou bem tranquila, só o problema do ciúme que atrapalha muita coisa. É só um problema, mas que atrapalha muita coisa.

Ele vivia dizendo para a gente fazer uma terapia de casal

*O Marcus?* – O Marcus. Ele disse agora: “Olha, quando tu voltar a gente vai ter que fazer uma terapia porque a gente é muito ciumenta”. Porque assim, como ele é muito bonzinho, eu também sou muito boazinha, então a gente não quer perder. Mas eu acho que a gente tem que confiar mais. Mas assim, durante o relacionamento todo, eu nunca fiz nada para que ele desconfiasse, ou que ele sentisse ciúme realmente. Eu não sei se é por que, assim, eu tenho mais amigos homens do que mulheres, e ele não gosta, eu falei: “Eu não tenho culpa se eu me relaciono melhor com os meninos”. E ele não, ele, o meu ciúme com ele, eu não sei, porque ele trata todo mundo muito bem, sabe, tem as amigas, e aí eu me sinto insegura.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

De todos os relacionamentos, menos, não o Marcus também me traiu, todos me traíram, e eu acho que essa foi a grande dificuldade que eu tive em todos; perdoei alguns, outros não, mentira, eu não suporto, eu acho que você tem que falar a verdade, independente do que seja e todo mundo mente. Mas eu acho que tem coisas que não tem condição de aceitar. Mentiras, traições, essas são as dificuldades, e quais são?

*Quais são as facilidades deles para se relacionar contigo?* – Todos eram bonzinhos comigo, faziam tudo o que eu queria, faziam para me agradar. Eu sempre tive, eu até brinco, que eu sempre, todos os meus namorados sempre fizeram tudo para me agradar. Eu tive um pequeno relacionamento aqui em São Paulo, de três meses com uma pessoa. Ele era diferente, ele não fazia tudo para me agradar, sabe, ele era super na dele, e aí todo mundo falava: “Pollyana tu está acostumada, todos teus namorados estão sempre fazendo tudo”, tipo, eu fico com raiva, eles vão lá, compram chocolates, compram flores, não sei o que, eu sempre tive isso, todos eles sempre me mimaram muito, sempre fizeram tudo por mim. E, é isso.

*Com a experiência que você deseja ter, aquela de ficar, percebe alguma mudança em você?* – Sim, muita.

*Como é essa mudança?* – Antes eu achava que não existia separação de sexo e de amor, e hoje eu acredito que existe. Assim, quando meu namorado ficava com alguém ou transava com alguém, aí eu achava: “ele não me ama mais, ele não me quer”, e isso não tem nada a ver porque eu transei com uma pessoa que eu tinha vontade, assim, de, de ter essa relação que não existisse amor, porque eu nunca tinha tido, e eu não

deixe de amar menos o Marcus, entendeu. Eu acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra. E era uma coisa da minha cabeça, que eu achava que não podia existir. Porque homem geralmente consegue, né, separar uma coisa da outra, e eu vivi, estou vivendo isso, e é completamente diferente, que você ama uma pessoa e tem relação com outra, não tem nada a ver, é só sexo e pronto.

*Você falou também que é um pouco estranho, o que é isso estranho que você sente?* – Porque assim, eu fiquei com ele no sábado à noite, foi ótimo, aí nos dormimos juntos e tal. No domingo, ele veio, me abraço, a gente ficou na frente de todo mundo, na cozinha, cozinhando, não sei o que. Mas quando foi segunda ele só me deu boa noite, sabe, nem falou. Aí eu acho assim: eu tinha um cinquenta por cento de chance dele ficar comigo outras vezes, como cinquenta por cento de chance de não ficar, era um risco que eu estava correndo, e que eu já sabia disso, e não, eu não sei se a gente vai ficar novamente, mas eu me senti incomodada, entendeu, das pessoas terem me visto com ele dois dias, e no outro dia ele fingir que não me conhece também, é meio estranho. Mas.

*O que você vai fazer com essa situação, esse ficar?* Eu não sei se eu vou querer de novo com alguém da casa, eu acho que é muito ruim você se relacionar com uma pessoa e ter que conviver com ela como se fosse amigo, isso eu não quero, daqui da casa não. E nem sem seu eu quero mais, eu acho que é uma experiência que eu queria viver, que eu já vivi, e que para mim foi interessante, mas que não me deu vontade de novo. É como ficar com uma mulher, eu sempre tive vontade de beijar outra mulher, não sempre tive vontade, mas sempre tive curiosidade. Eu já beijei, e, tipo, não senti vontade de novo, foi só uma experiência que eu queria ter vivido, e passou. É como essa.

*Então é assim: você quer algo, você vai atrás.* – Eu consigo, aprendo e pronto, se gostar repito, se não, não.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não.

## ANEXO I: TATY

Idade: 32 anos.

Profissão – trabalho: Assistente internacional médico.

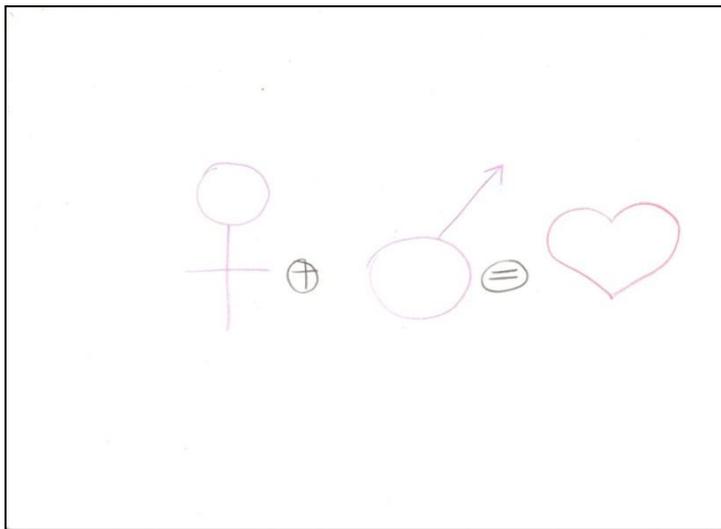
Nível educativo: Superior completo.

Tempo em São Paulo: 32 anos.

Tempo em república: 7 meses.

## DESENHO-ESTÓRIA

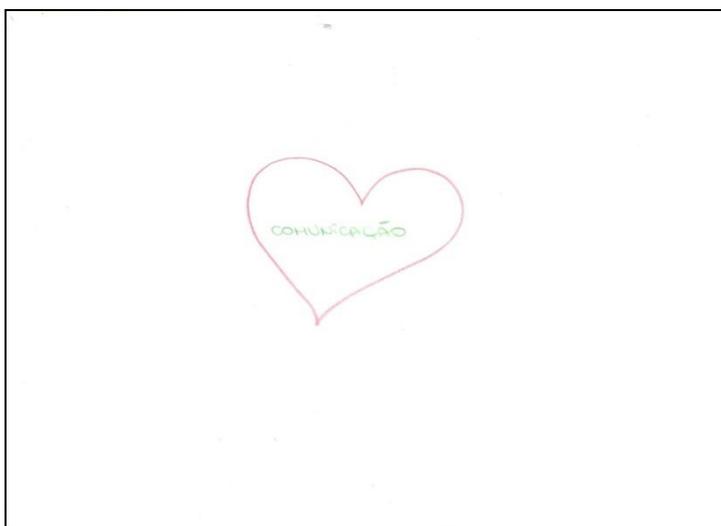
### Desenho 1: Simplicidade



História: Os relacionamentos amorosos deveriam ser simples, sem disputas de egos e/ou jogos, a fim de obter amor e felicidade plena.

Associações da fase de inquérito: Taty explica que, às vezes, as pessoas escondem os sentimentos, não falam a real vontade.

### Desenho 2: Cumplicidade



História: Se o casal comunicar-se sempre sobre tudo o que incomoda, os feedbacks positivos e negativos, há maior chance do relacionamento dar certo.

### Desenho 3: Sexo – A carne



História: Nenhum relacionamento dura se não houver atração física, tesão, sexo...

Associações da fase de inquérito: Taty explica a tesão como uma vontade, um querer, desejar o outro.

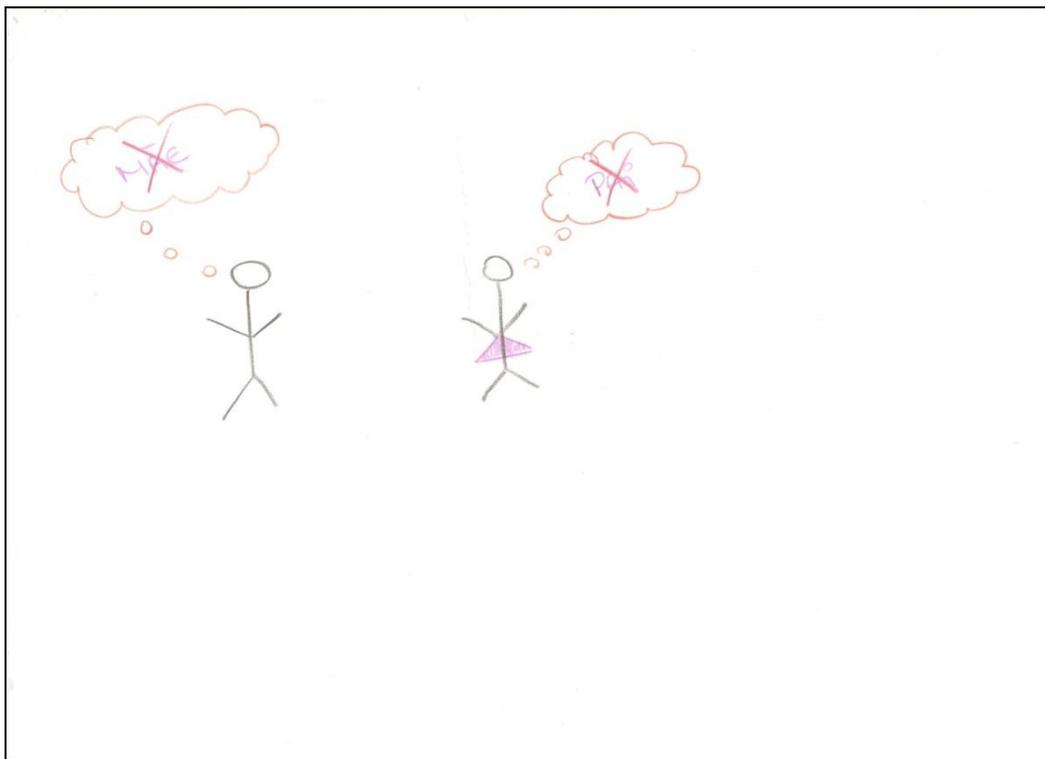
### Desenho 4: A genitália



História: A parte mais linda da figura masculina

Associações da fase de inquérito: Palavras da entrevistada para explicar o desenho: “É um pinto”.

### Desenho 5: O “ver”



História: Devemos enxergar os nossos parceiros como namorados, maridos, etc... e não como nossa figura paterna e vice versa.

Associações da fase de inquérito: Taty acredita que um noventa e oito da por cento das pessoas fazem isso, colocam no parceiro as experiências acontecidas com os pais ou enxergam neles o pai ou a mãe, jogando no parceiro uma carência que não é deles.

## ENTREVISTA

**O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Para estabelecer?

*Sim* – De primeira assim?

*Sim* - Atração.

*Depois da atração vem o que?* – Atração física, depois inteligência, depois de inteligência sintonia, encaixe.

*Encaixe?* – Encaixe físico. Encaixe físico, carnal, né. Eu acho que só. Cumplicidade e aí vem as consequências, a cumplicidade.

*Quais essas consequências? Cumplicidade?* – É, porque a gente está falando de um relacionamento amoroso ou de um namoro. Quando você namora vem as outras consequências, cumplicidade, interesse, e tudo mais.

**Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Um ganho?

*Sim* – Bom, a partir do momento em que você está namorando com alguém, você ganha muitas coisas, primeiro você divide experiências, então você aprende também com a pessoa, seja com as coisas ruins ou com as coisas boas.

E perda, dependendo do relacionamento, você pode perder um pouquinho da sua individualidade, da sua privacidade. Acho que só.

**Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

A gente está falando de um relacionamento ideal?

*Por enquanto não.* – Tá. Insegurança, medo, alegria, tesão, vontade, felicidade também, e amizade.

***E no relacionamento ideal?***

No relacionamento ideal não existe insegurança, não existe medo, não existe invasão de privacidade, não existe disputa, não existe conflito de ego. Acho que só.

**Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Estabilidade.

*Estabilidade enquanto ao que?* – Ficar juntos muito tempo. Acho que, por exemplo, casamento é uma coisa que, é um objetivo que toda mulher, a maioria pelo menos, busca, mas hoje em dia eu ficaria feliz se eu tivesse um relacionamento estável.

*Por que? O que acontece hoje em dia?* – Porque hoje em dia ninguém quer nada com nada, ninguém quer um relacionamento sério.

*E a expectativa do casamento pode ficar fora para você?* – Se eu gostar da pessoa, sim. Se eu gostar da pessoa e a pessoa fala: “A gente está junto, mas eu não quero casar”, tudo bem, não tem problema.

**Teve algum relacionamento afetivo com parceiro?**

Sim.

**Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Eu tive um relacionamento que eu acho que foi o mais especial para mim, assim, que a gente dividiu um teto, a gente chegou a morar junto e realmente foi muito bom, foi muito bom. Como qualquer relacionamento teve seus pontos negativos, acabou não dando certo. Mas de um modo geral foi muito bom.

*Como foi a parte boa do relacionamento?* – A gente era muito cúmplice um do outro, a gente não mentia um para o outro, a gente era muito sincero: “Não gostei disso, gostei disso”. A gente se conquistava no relacionamento. Então, de uma forma geral, era bem próximo do que eu buscava.

*E os aspectos negativos?* – Ele era extremamente ciumento, ele era extremamente possessivo e os dois éramos muito imaturos.

**Dentro dessa relação, como você se percebeu?**

Naquela época? Como é que eu me percebi?

*Sim* – Eu era muito nova, mas o fato de ele ser possessivo, é, o fato de ele ser possessivo, eu me achava no direito de ser também. Então a gente tinha esse conflito. É a única percepção que eu consigo ter, assim.

**O que significou para você essa relação?**

Amadurecimento. Se fosse hoje eu não terminaria, eu amadureceria junto com ele.

*O que você faria para amadurecer?* – Conversa, conversa e conversa e conversa. Hoje não seria um motivo para terminar, porque não época eu não soube lidar com a limitação dele.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

A minha dificuldade, que eu acho que é a maior, é que a partir do momento que o homem me deixa insegura, eu começo a ser muito insegura, então começo a ter medo. Mas eu sempre começo um relacionamento tranquila, converso, sempre buscando alguma coisa nova, sempre conquistando muito a pessoa que está comigo, cuidando da pessoa que está comigo. Mas a partir do momento que ele deixa uma lacuna de dúvida, ou de desrespeito, ou de mentira, aí eu já mudo completamente.

*E como é essa mudança que você tem?* – Eu fico insegura, eu começo a ter ciúme, todas essas feridas mortais.

*E as facilidades que você tem?* – Eu sou muito compreensiva, eu sou muito carinhosa, eu cuido bastante da pessoa. Sou cúmplice, amiga, e isso é a base, né. E muito sincera também. Então, mesmo que a pessoa não goste, seu eu não gostar de alguma coisa, eu vou, eu vou falar para ela.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Desse relacionamento específico?

*Sim* – As dificuldades, eu acho que ele tinha dificuldade em lidar com a minha independência. Então, o fato, sei lá, o fato de eu querer às vezes estar com as minhas amigas, ou às vezes querer ficar na minha casa, fazendo, sei lá, unha, então ele não tinha muita dificuldade para lidar com isso.

E a facilidade, ele era igualzinho a mim em esse aspecto, sincero, meu amigo, parceiro, cúmplice, a gente se dava muito bem por causa disso.

*Essas feridas que você falou, como foram geradas?* – Sim. Na verdade, vieram dos meus pais. Meu pai traiu minha mãe e eu quem peguei, eu quem peguei traindo ela, então isso gerou as feridas ao longo da vida.

*Por isso você falou no desenho daquela questão?* – Exato, de você enxergar seu parceiro como figura paterna ou materna.

*E aconteceu com você?* – Muito. Ainda acontece, né.

*Mas, como você lida com isso?* – Eu me autoanaliso, sempre. Agora não, porque eu não tenho me envolvido, mas eu sempre estou auto me analisando, sempre. Quando gera, quando tenho um desconforto ou quando tenho algum sentimento que eu não gosto, eu sempre me autoanaliso.

*O fato de uma pessoa colocar no parceiro a figura do pai ou da mãe, você acha que faz parte do relacionamento, de construir o relacionamento, o é mesmo uma coisa negativa?* – Eu não vejo como negativa, eu acho que faz parte, porque todo mundo tem ferida, todo mundo tem passado, todo mundo tem sentimentos. Não era para fazer parte, mas como a gente é humano acaba fazendo parte. O que a gente já viveu atrás reflete no hoje.

*Você falou que hoje quase ninguém quer se envolver com outra pessoa, por que você acha que acontece isso nesta sociedade?* – Não sei. Eu acho que tem muita competição de ego, muita insegurança, acho que as pessoas estão se machucando tanto, que elas acabam se defendendo, e aí, acho que elas acabam achando que é melhor não se envolver ou então ter uma não obrigação, e que aí isso vai privar as pessoas de não se magoar, entendeu.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não

## ANEXO J: ALFA

Idade: 25 anos.

Profissão – trabalho: Advogada.

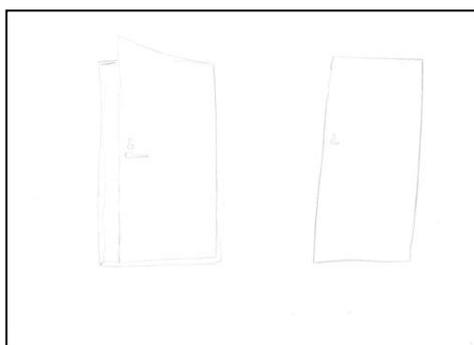
Nível educativo: Pós-graduação.

Tempo em São Paulo: 6 anos.

Tempo em república: 3 anos.

### DESENHO-ESTÓRIA DE ALFA

#### Desenho 1: O significado da intimidade através de portas

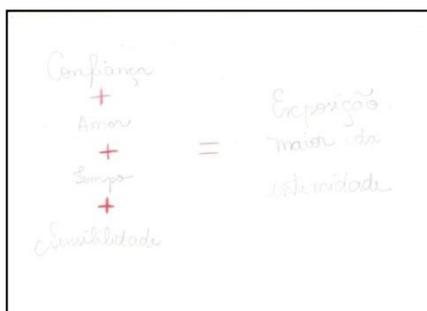


**História:** A intimidade no relacionamento amoroso com homens significa para minha pessoa portas que podem ser abertas ou não. Alguns aspectos desta poderão ser “abertos”, descobertas pelo parceiro, a partir do momento em que estes possuem certo grau de intimidade e serão abertas na mesma medida em que esta crescer entre eles. Todavia, há “portas” que permaneceram fechadas por não poderem ser abertas. Isso porque há vários

sentimentos/perspectivas que devem ser preservadas a fim de que seja mantida a identidade da pessoa ou para que caso uma ruptura, isto seja menos gravosa. A preservação de certos graus de intimidade de cada um, importa em uma formada proteção para ambos.

**Associações da fase de inquérito:** Alfa explica: “As portas são algo que você abre o fecha dentro do relacionamento. Se você abre tudo não tem uma proteção. Abrir a porta depende da confiança ou da convivência. As pessoas também descobrem algumas coisas sem falar nada”.

#### Desenho 2: Requisitos para a revelação da intimidade



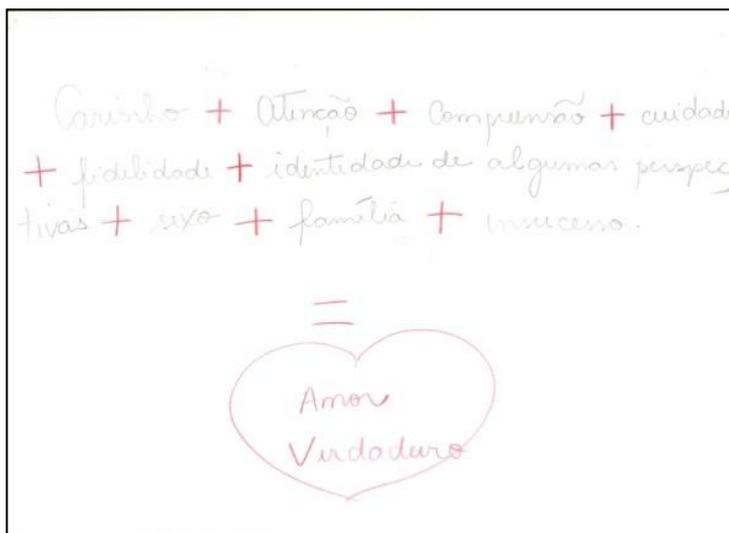
**História:** A exposição da intimidade entre o casal depende de alguns fatores, que considero imprescindíveis:

- Confiança
- Amor
- Tempo
- Sensibilidade

Acredito que, sem que haja confiança, uma pessoa não revela aquilo que sente, almeja, etc. O amor muitas vezes traz consigo a confiança, mas isto nem sempre ocorre. Podemos amar muito uma pessoa, mas não ao ponto de revelar certos aspectos da intimidade. Bem como porque existem diversas formas de amar e de amor. O tempo pode trazer maior confiança e amor ao casal, mas apenas eles, por si só, não é suficiente para que a intimidade possa ser revelada, tudo depende do que o relacionamento significa para cada um. A sensibilidade constitui fatos relevantes, uma vez que a pessoa deve sentir que o seu/sua parceiro (a) deve aceita-lo e tentar compreender.

**Associações da fase de inquérito:** Taty acredita que algumas pessoas têm só um relacionamento sem intimidade.

### Desenho 3: Tipos de amor

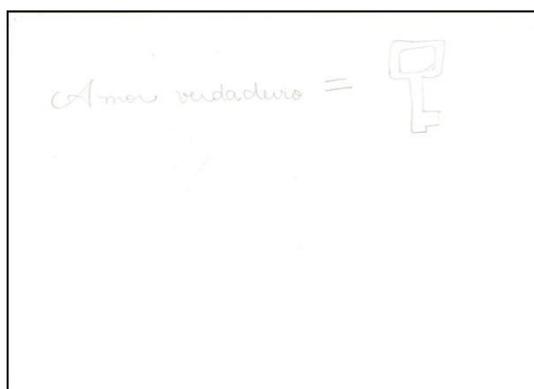


História: Um relacionamento pode existir e perdurar por diversos tipos de amor que decorrem ora pelo sexo, comodismo, influência da família, afeto, ou insucesso com outras pessoas. O amor que se mantém pelo sexo existe e perdura em relação do sexo. Amor este extremamente frágil, uma vez que diversos relacionamentos, inclusive casamentos, vão à ruína pela busca do parceiro(a) de outro que possa lhe

oferecer maior prazer. Outro amor extremamente frágil é aquele em que perdura o comodismo. Diversos casais mantem um relacionamento ou por terem o sexo fácil decorrente deste ou até mesmo por ter algo estável e não querer sair dela tão somente por conta disso. Alguns casais por sua vez alimentam um sentimento pelo outro, das sogras/sogros/família, etc. e neste caso e nos anteriores há por obvio um resquício do autentico amor. O amor pelo afeto existe uma fusão do apego da pessoa a algumas características do parceiro, dentre as quais: carinho, atenção, compreensão, cuidado, fidelidade, etc. É uma forma de amor que muito se assemelha ao amor verdadeiro. No que tange ao amor pelo insucesso, por diversas vezes uma pessoa encontra no(a) parceiro um porto seguro para depositar seu amor, por não ter encontrado até então uma pessoa pela qual pudesse fazer isso. Há ainda vários outros tipos de amor, que dependem daquilo que cada pessoa espera do amor e de um relacionamento.

Associações da fase de inquérito: Alfa acredita que os elementos ou valores destacados na história são fatores que ajudam a manter o relacionamento.

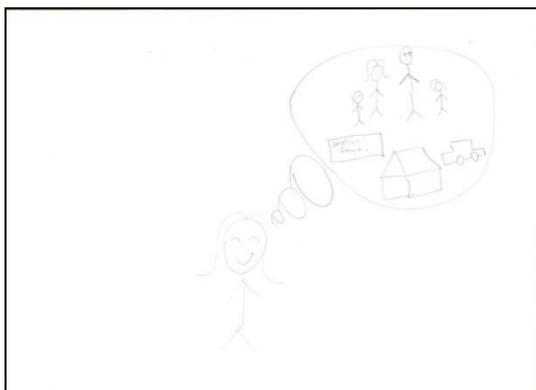
### Desenho 4: O verdadeiro amor como a chave para a intimidade



História: O verdadeiro amor importa na chave que pode abrir a porta para a intimidade, mas também é aquilo que impedira que determinados aspectos de intimidade sejam “libertados”. Há sonhos e sentimentos que muitas vezes não podem e não são revelados por conta do amor verdadeiro, por estes poderem machucar demasiadamente o(a) parceira. Para citar como exemplo, uma lembrança ou algo que foi sentido em um relacionamento anterior ou até mesmo

um sonho em que aparece uma outra pessoa como o seu parceiro. Conforme dito no segundo desenho o amor abre a porta da intimidade, pois este aproxima o casal a tão ponto que a pessoa se entrega de corpo e alma para o outro, contudo aquilo que lhe é mais íntimo.

## Desenho 5: O Significado da intimidade



História: Intimidade para mim é o conjunto formado pelos:

- Sentimentos
- Sonhos
- Emoções
- Fatos relevantes ao passado

Sentimentos, sonhos, emoções e fatos do passado estes que influenciam a forma em que pensamos e agimos.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Para que se crie um vínculo eu acredito que seja necessária a somatória de vários fatores, dentre os quais: o amor, o afeto, a confiança, a fidelidade, a compreensão, o carinho.

*Você pode falar um pouco da cada um deles?* – Acredito que o amor e a confiança eles se entrelaçam em muitos aspectos. Normalmente quando se tem o amor, a confiança, ela é abarcada no amor.

O amor, ele depende muito de cada pessoa, cada um tem uma forma de ver o amor. Alguns o resumem apenas ao sexo; outras a, sei lá, a uma estabilidade; à criação de uma pessoa pela qual você possa contar os seus problemas, confiar e etcetera. Só que o amor não é apenas isso. Na verdade o amor é uma somatória de vários aspectos.

### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Eu acredito que, como todo relacionamento, não apenas em um relacionamento amoroso, mas em todos os relacionamentos, você agrega alguma coisa da outra pessoa. Você agrega por exemplo, talvez, o desapego ao egoísmo, ou ao materialismo, ou, até mesmo, a criação de vínculos diferentes daqueles que você tem com a sua família e com os seus amigos. A criação de novos valores também, porque cada pessoa tem um valor, uma cultura que, na verdade, ela foi construída com o decorrer dos anos. Então você tem toda uma bagagem, e essas bagagens acabam sendo acrescidas tanto a uma quando a outra pessoa, ambos crescem, ambos agregam muito coisa do outro naquilo que o outro aprendeu.

A perda, talvez você perde um pouco da sua intimidade, você perde também um pouco do tempo que você poderia dispendir para si, você dispende para o outro. Você perde algumas convicções que você tinha por meio da observação e por meio de você escutar a uma outra pessoa que tem uma visão, talvez, totalmente diferente da sua.

### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Eu acho que com cada homem você pode ter um sentimento diferente, você pode ter uma perspectiva diferente. Isso pode ocorrer, também, em virtude de você já ter toda uma vagagem com outros homens. Você acaba, talvez, esperando que aquilo que aconteceu com um, não aconteça dessa vez. Ou, até mesmo, “aquilo foi muito bom”, então eu quero que isso também aconteça. Essas são as perspectivas que você está trazendo para o seu novo relacionamento.

Os sentimentos, como eu disse, podem variar, eles podem restringir; por exemplo, se eu tive péssimas experiências e os meus antigos namorados, ou homens com que eu me relacionei, apenas desejavam sexo, pode ser que eu apenas deseje isso também no próximo, pode ser que não, pode ser que, por exemplo, eu o espelhe como algo negativo e queira algo que seja muito maior do que o sexo.

A depender como eu disse das pessoas, às vezes, por exemplo, você reencontra uma pessoa que você já amou e carrega aquela pessoa por muito tempo na sua vida. Se você a reencontra, você vai tentar fazer diferente aquilo que deu errado na outra tentativa. Então, seus sentimentos também vão variar, podem ser de querer mudar os seus sentimentos, querer, por exemplo, corrigir os seus erros ou poderá tentar manter aquilo que foi bom ou até mesmo não conseguir corrigir os seus erros.

*Você acha que tem algum fator que defina se a pessoa conseguiria mudar aquilo que ela traz do relacionamento antigo?* – Eu acredito que depende muito daquilo que a pessoa quer com a nova pessoa. Se ela realmente acredita que aquela pessoa só vai lhe proporcionar aquilo que os demais fizeram e que essa pessoa é a mesma coisa que os demais, só queriam, por exemplo, sexo ou alguma coisa nesse sentido, ou pelo menos só tinha uma questão de um relacionamento estável ou algo parecido com isso, ela vai trazer aquilo consigo e vai desejar aquilo também. Só que se ela percebe que aquela pessoa, talvez com o tempo, ela perceba que aquela pessoa é diferente, ela tem uma perspectiva e vê o relacionamento como algo diferente das demais pessoas, ela assim o fará. Isso pode ser que faça a pessoa mudar ou não.

A pessoa também, às vezes, pode demonstrar ou fazer com que a pessoa tente mudar e fala: “Olha, isso que você pensava que o amor era apenas isso, está errado”. Só que a pessoa pode, mesmo assim, não mudar. Tudo depende dela também. Não depende apenas do outro, depende dela, se ela quer mudar, se ela quer fazer com que aquele relacionamento seja diferente.

### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Eu espero de um relacionamento amoroso muito mais do que apenas um companheiro, apenas um companheiro de viagem, apenas um companheiro para sexo e etcetera, mas para muitas outras coisas, uma pessoa pela qual você confia, uma pessoa pela qual você consegue revelar aquilo que lhe é mais íntimo, coisas que, por exemplo, você não pode falar para a sua família, para seus irmãos ou até para suas amigas. Porque os assuntos que você tem com o seu companheiro ou seu parceiro são totalmente diferentes daqueles que você fala com uma amiga ou até mesmo com sua irmã, com seus pais, e assim sucessivamente. A depender, você também pode compartilhar os seus sonhos, talvez aquilo que você almejava, não apenas no seu âmbito profissional, mas também na sua vida pessoal, no que tange a sua família, na constituição de uma nova família, uma casa, viajar e assim sucessivamente.

### **Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Acredito que um relacionamento íntimo ideal seria aquele em que, apesar das partes compartilharem aquilo que pensam, sonham, desejam, que elas também possam ter os seus espaços, elas preservem também a sua intimidade, o indivíduo, aquilo que ela é como pessoa. Porque, tudo bem, serão duas pessoas que formam o

casal, só que isso não impede que existam duas pessoas que pensem também de forma diferente, que desejem coisas diferentes, e que queiram coisas diferentes também no relacionamento.

Talvez, quando há uma identidade de objetivos no relacionamento em que as partes desejam a mesma coisa com aquele relacionamento, o torna mais duradouro, o torna mais forte e torna realmente um amor, não apenas algo momentâneo, uma amizade, ou até mesmo um sentimento diverso do amor.

**Você teve relacionamentos afetivos com parceiros?**

Sim.

**Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Sim. Eu acredito que justamente o parceiro com quem eu tive uma maior convivência no que tange ao tempo, ou seja, fiquei três anos com ele, é o parceiro pelo qual eu mantenho uma maior intimidade. Os demais eu tive uma certa intimidade, eu compartilhava algumas coisas, mas não todas. Eu não me sentia a vontade para fazer isso, e eu acreditava também que havia uma diversidade muito grande de interesses entre a minha pessoa e o parceiro, e isso tornava ainda mais difícil o compartilhamento da minha intimidade. Eu não conseguia compartilhar com uma pessoa pela qual eu não tinha uma estabilidade emocional também, algo que me era tão importante, por exemplo, um sonho, um desejo, alguma coisa, algo da minha infância, por exemplo, que me marcou. Eu acreditava que isso não era relevante.

E também acreditava que a depender da pessoa, aquilo não era realmente um vínculo, não formava um vínculo, era uma amizade, era um caso, não um relacionamento. Relacionamento não é apenas ficar com uma pessoa em algumas vezes, encontrar a pessoa algumas vezes, compartilhar algumas coisas. Eu acho que é compartilhar grande parte da sua vida.

O relacionamento que eu mantive e eu acredito que eu tenha um vínculo, é o atual. Eu acredito que há uma total identidade entre as pessoas, de forma que tanto eu quanto ele, nós acabamos compartilhando muito as nossas vidas, tanto aquilo que nós estamos presenciando, aquilo que nós fazemos em nosso dia a dia, mas também aquilo que nós aspiramos. Estamos em um ritmo, entende, e não em um local totalmente desordenado em que cada um fala uma coisa, pensa uma coisa, um atropela o outro; não, você está em um ritmo ordenado, em uma orquestra em que os maestros são os dois.

**Como você se percebe dentro dessa relação?**

Eu creio que como uma parte, dentro de um relacionamento sou uma parte. Fora dele, eu sou inteira, eu tenho que permanecer como inteira, porque se eu não preservo uma parte, a minha parte, umas certas questões da minha intimidade, eu acredito que eu perco aquilo que eu sou. Eu viro apenas “a namorada de X” ou “a namorada de Y”, eu não virou o que eu sou.

**O que ela significou para você?**

Eu acredito que é uma relação baseada no amor, que se tornou estável por conta disso. Em que há uma mútua confiança.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Eu acredito que as dificuldades encontram-se cada vez que você encontra uma pessoa, cada vez que você vai se relacionar com uma pessoa, não apenas em um relacionamento amoroso, você tem dificuldades. As iniciais são as de identidade, muitas das vezes, um quer prevalecer a identidade sobre o outro. Não há uma quebra de paradigmas, na verdade, um quer sobrepor o seu paradigma em relação ao outro. Um quer falar: “Olha, você está errado nisso, você tem que arrumar isso porque eu acredito que isso é errado”, sem, na

verdade, respeitar que aquilo pode ser uma verdade para a outra pessoa, pode ser algo muito além àquilo que você imagina que significa para ela.

Acredito que essa seja uma grande dificuldade, não apenas inicial, ela, realmente, ela prepondera no início e vai se disseminando, na verdade, se dissipando no decorrer do relacionamento, ela vai diminuindo à medida que ambos confiam mais no outro, na verdade, compreendem um ao outro, à medida também de que eles acabam conversando mais. Então eles acabam entendendo mais a outra pessoa, fazendo que aquilo não seja mais algo a ser posto na outra pessoa, mas aceito.

*E as facilidades?* – Facilidades. Eu acredito que no decorrer dos seus relacionamentos você aprende um pouco em cada um. Porque cada pessoa é diferente. Então você acaba aprendendo um pouco em cada um. Com alguns, você aprende que sexo não deve, nunca, ser o fator preponderante de um relacionamento; a família nunca vai poder ser um fator preponderante, que você não vai poder separar o seu namorado da família dele ou querer ficar só com ele, entende, como se ele fosse seu, uma propriedade sua e que você tem todos os direitos em relação a ele. Não. Na verdade, ele teve toda uma vida, ele tem uma família e você tem que respeita esse espaço, você tem que respeitar a vida dele também.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconhece no seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Pode ser uma dificuldade que ambos criam?

*Pode* – Eu acredito que, justamente, a quebra de paradigmas é algo muito difícil de ser quebrado e tanto eu quanto ele somos extremamente teimosos e acreditamos, cada um com sua visão, que nossas verdades são absolutas. Isso acaba tornando frequente, vamos dizer, dissídios entre os dois, conflitos, a existência de conflitos justamente por causa disso, por conta da discrepância, da divergência de entendimento sobre um determinado assunto, por exemplo. Essa é uma dificuldade que se estabelece. Acredito que é uma dificuldade que se tem na maioria dos seus relacionamentos. Você sempre vai ter, talvez, não apenas a questão da teimosia, mas também a questão de você querer apenas mandar, sabe, se tornar dono de uma outra pessoa.

A questão da teimosia implica, muita das vezes, e as brigas, fazem com que um acabe imputando a culpa da briga, ou até mesmo o termino, ou até mesmo a questão de “dar um tempo”. Justamente faz isso, ela implica: “Olha você é o responsável da briga, então nós iremos terminar ou dar um tempo por sua culpa. Porque eu não tenho culpa”. Faz essa questão de você ficar muito teimoso, fala: “Olha, não, está dando errado por você, não por mim, eu estou certa”. Mas não é assim, na verdade, tem que se aprender, o que é muito difícil, a ceder, a, de vez em quando, falar assim: “Olha, desculpa, eu realmente errei, pisei na abacaxi e não vou fazer mais isso, vou tentar melhorar”.

Essa também é uma questão que faz, talvez, um relacionamento ser duradouro, faz com que ache menos brigas e, conseqüentemente, durei mais tempo o relacionamento. Não que as brigas, necessariamente, impliquem o termino de um relacionamento, mas elas desgastam, como se fosse uma corda, você está puxando, puxando, puxando, puxando e, em uma hora, ela vai ceder. E, justamente o relacionamento em que ambos são muito teimosos, parece que cada um está puxando um lado da corda e a corda é o relacionamento, em uma hora ela estoura.

As facilidades eu acredito que em grande parte decorrem pelo fato de nós termos nos separado, ele ter convivido com outras pessoas, com outras mulheres, sentido falta e etcetera, feito com que aquilo que ele aprendeu durante esse período que ele procurou em outras pessoas, aquilo que nós tínhamos em nosso

relacionamento, ele aprendesse e desse valor agora. E isso tornou mais fácil o nosso relacionamento. E, ademais, nós já nos conhecíamos, já tínhamos uma trajetória. Então isso facilitou o retorno e também a manutenção do nosso relacionamento.

Fez com que, o período que nos estivéssemos separados, também servisse para pensar. “Olha, nos fizemos isso de errado, eu fiz isso errado, ela fez isso errado”. Aí foi posto todo em uma balança, por obvio, porque ninguém toma uma decisão sem ponderar os fatores, sejam eles positivos ou negativos, ele ponderou e nós voltamos a ter um relacionamento estável por conta disso também.

Da minha parte, eu acredito que também a facilidade era já o conhecer, já saber quais eram as qualidades e os defeitos, e também, justamente, ponderar as qualidades e os defeitos, por também ter conhecido outras pessoas. Eu acredito que é como sempre disse: “A grama do vizinho é sempre mais verde que a sua”. Só que você: “Olha, poxa, a minha grama era tão verde e não dei o valor para minha graminha verde, eu quis a do outro. Eu achava que aquilo que eu tinha no meu gramado era horrível, mas não era. Era algo extremamente bom, só que eu não dava valor”. Ou, até mesmo, ele não dava valor. Depois vendo outros gramados extremamente secos, viu-se que não. O gramado era extremamente bonito, bem cuidado e algo a ser preservado.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não.

**ANEXO K: MICHELE ALMEIDA**

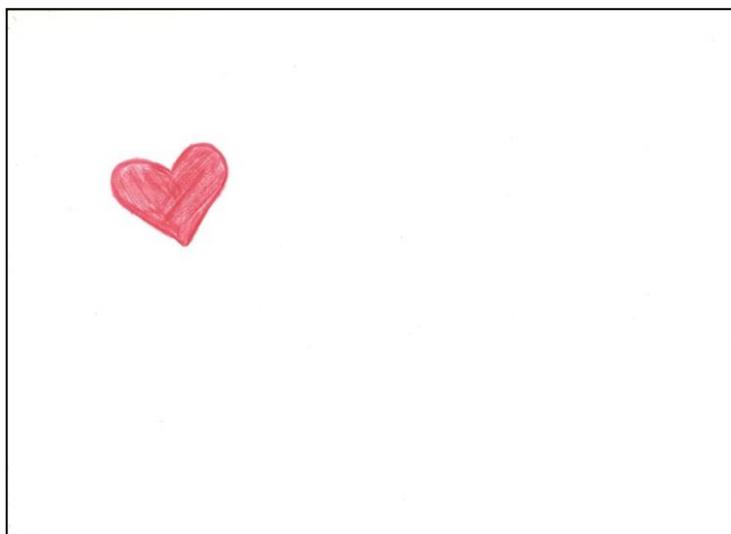
Idade: 27 anos.

Profissão – trabalho: Atriz.

Nível educativo: Ensino superior.

Tempo em São Paulo: 1 ano e 7 meses.

Tempo em república: 1 ano e 7 meses

**DESENHO-ESTÓRIA**Desenho 1: O amor de uma mulher

História: Era uma vez uma moça chamada Michele, ela era uma moça muito meiga, carinhosa, amável, extrovertida. Todos gostavam muito dela. Era uma moça que fazia a alegria da casa. Um certo dia Michele conheceu um lindo rapaz e assim se apaixonou, ela ficou perdidamente apaixonada e não sabia como dizer isso a ele. Eles começaram a sair, ele vinha sempre vê-la, fazia de tudo para agradá-la, estavam vivendo um lindo namoro

até esse lindo rapaz desaparecer.

Desenho 2: Uma moça sonhadora

História: Era uma vez uma moça que tinha um sonho lindo, ela queria muito realizar esse sonho de ser atriz. Ela saiu da sua pequena cidade para realizar esse seu sonho, então ela passou a lutar, correr atrás, ela precisava viver, sobreviver na cidade grande, precisava se manter. Mas um dia parecia que estava dando tudo certo, mas não, ela se encontrou sozinha, sem ninguém, andava triste na chuva, com medo de tudo e de

todos, ela entrou em uma depressão, então ela fugiu para um lugar onde ninguém podia encontrá-la.

Associações da fase de inquérito: Comentário realizado enquanto desenha: “Eu quero expressar o medo e a chuva tem que pegar nela”. Michele fala da tristeza que sente atualmente pelas dificuldades económicas que vive.

Desenho 3: E de repente sem nada.



História: Era uma vez uma moça alegre que amava trabalhar, se divertir, passear, ela ganhava muito pouco, mas o que ela ganhava ela tentava ao máximo economizar para nunca lhe faltar nada, ela sempre era segura de si, nunca imaginava que algo de ruim iria lhe acontecer. Até que um dia voltando para casa tarde da noite, trazia consigo uma bolsa onde ali se encontrava um pouco do dinheiro que havia recebido do seu trabalho, de repente um rapaz a para e diz que é um assalto, a rouba e a deixa sem um real. Então ela volta para a casa desesperada e se encontra sem chão e sua única forma de se expressar é chorar, ela então adormece profundamente para esquecer.

Desenho 4: Tem sempre uma primeira vez para tudo



História: Era uma vez uma moça que adorava sair, passear, ir a festas, baladas. Ela era uma moça muito meiga, amorosa, carinhosa, simpática. Em uma dessas festas ela conhece um lindo rapaz que um dia começou a lhe dar atenção. Eles começaram a sair, a ficar, estavam se dando bem, não era namoro, era apenas um romance, até que um dia ele não deu mais notícia, inventava muitas desculpas para vê-la, e então ela resolveu sair para se divertir. Chegando na festa ela encontra esse lindo rapaz com outra mulher, sua reação é apenas chorar, pois seu coração havia sido partido naquele momento. Ela simplesmente deu a volta e foi para casa.

Desenho 5: O amor está no ar



História: Era uma vez uma moça sonhadora, sempre teve vontade de casar, ter filhos, construir uma linda família. Seus relacionamentos nunca deram certo. Quando ela achava que iria dar certo ela era abandonada, era traída, era humilhada. Todos eles, os homens ao qual ela se relacionava, só enxergavam corpo e não coração, até mesmo dinheiro e nada de humildade. Ela sempre acredita no amor e mesmo sofrendo por tantas decepções amorosas, ela ainda acreditava. Então ela conheceu um lindo rapaz que um dia a leva para jantar, ele queria conhecer ela cada vez mais, até que ele a pediu em namoro, e anos depois eles se casaram, tiveram um lindo filho e viveram felizes para sempre.

Associações da fase de inquérito: Michele acredita que algumas pessoas, principalmente homens, só enxergam corpo, e um relacionamento para eles é só curtidão. Segundo ela, os homens mentem muito porque não querem magoar: “Ficam, depois não estão mais afins, inventam desculpas. Eles são medrosos de falar a verdade, eles não querem ficar e buscam outra, não estão nem aí, inventam desculpas para te manter”.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Eu acho que a gente tem que ter segurança. Acho que a gente também tem que ter cumplicidade um com o outro. Também acho que a gente tem que ter honestidade um com o outro. E, que mais?... Respeito.

*Como é essa cumplicidade?* – Cumplicidade seria os dois fazerem tudo juntos. É um nunca mentir para o outro. Um ser sincero para o outro. Acho que isso resume a cumplicidade.

*E a segurança?* – Eu confiar no homem, na pessoa que eu estou junto.

*E respeito?* – Respeito é mais a questão de traição mesmo. Se eu estou com uma pessoa, se eu gosto daquela pessoa, vou fazer de tudo para respeitar ela, entendeu. Então não vou magoar, não vou trair e não vou mentir, mais ou menos isso.

**Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Ganho eu digo que é a honestidade de um homem com a mulher, isso eu acho que é um ganho, e sinceridade. Se um homem for honesto com uma mulher, se ele amar ela, se ele gostar dela, ele vai estar com ela e não vai fazer nada de errado, não vai trair ela, entendeu, tipo vai respeitar ela. Agora, acho que a maior perda é quando um homem trai uma mulher, acho que isso é uma grande perda.

*Por que você acha que acontece a traição?* – Então, no mundo que a gente vive hoje, tipo, muita gente só enxerga corpo da pessoa, tipo: “vou ficar com aquela mulher porque ela é muito linda, ela é gostosona, ela tem peitão, ela tem bundona”, entendeu. Muitos homens se relacionam com mulheres por corpo, vou ser bem sincera, por corpo; e alguns, claro tem exceções, que se relacionam com mulheres pelo coração dela, entendeu, que gostou do jeito dela, que gosto da forma como ela trata ele e essas coisas.

Acho que o mundo que a gente vive está muito liberal, sabe, não tem mais aquela coisa de “vou namorar”, tipo: “ficar com você, aí vou namorar você, vou começar a namorar você” e assim vai. Hoje está muito liberal, tipo, um fica com uma e depois fica com outra e vai ficando, ficando. E as mulheres estão muito fáceis também e por isso, é isso o que está acontecendo.

*Nos desenhos, você falou que, algumas vezes, o homem mente para não magoar, pode falar disso novamente?* – Sim, então, alguns homens, eles mentem para não magoar porque, assim, se eu estou gostando de você, estou ficando com um homem, por exemplo, estou gostando de um homem, aí eu tenho que demonstrar que eu estou gostando dele, porque mulher é super fácil demonstrar que está gostando da pessoa, né, mulher é mais coração, homem não, homem já é mais durão, a mulher demonstra mais. Então, quando eu começo a me relacionar com uma pessoa eu tento demonstrar, então, quando você começa a demonstrar e ele vê que você está meio apegada a ele e tal.

Aí quando ele não quer mais, alguns homens, para não magoar a pessoa, eles costumam mentir, aí começam a inventar desculpas. Aí você pergunta: “por que você não está vendo a me ver?”, Aí: “por que eu estou trabalhado muito, está corrido para mim”. Assim eles não falam o real, eles não chegam para você e falam: “Eu não quero mais ficar com você”. A maioria dos homens, eles são cobardes, essa é a palavra que eu queria dizer, cobardia, eles não tem coragem de assumir que não querem mais.

Ou até alguns mesmo mentem para segurar a mulher, porque, assim, eles não sabem qual é que seria a certa, por exemplo, aí começam, começam a ficar com uma, aí para segurar aquela e ficar com as outras, para ver qual que seria a melhor opção, eles mentem para segurar você, entendeu. É mais ou menos isso.

*Você falou que homem é mais durão e mulher é mais coração, como é que você percebe isso?* – Eu acho que a forma de levar a vida, às vezes; ou relacionamentos, às vezes. É mais durão porque, tipo, eles não assumem certas coisas, a maioria dos homens eles, quando eles gostam, eles não demonstram tanto. Só demonstram, às vezes, quando já te perdeu. A maioria dos meus relacionamentos, tipo, meu ex-namorado veio demonstrar que gostava de mim depois de que eu já tinha terminado, entendeu. Então, assim, por que é que não demonstram antes, então? Demonstrou assim, tipo, depois que perdeu, por que é que demonstrou depois que perdeu? É por isso que não entendo, o lado deles, assim.

*Por isso é que você acha que eles são durões. Eles sabem que perdem e aí vem o sentimento.* – Exatamente, com sentimentos, eles sabem que perdem e aí vem o sentimento, exatamente isso.

*Você também falou que eles não falam direito quando não gostam ou não querem mais. Você prefere que eles falem, assim, diretamente para você que não querem mais?* – Na maturidade que eu estou hoje, com vinte e sete anos, eu prefiro! Eu prefiro honestidade. Porque assim, claro que às vezes se você gosta de uma pessoa e a pessoa vira para você e fala: “não gosto mais de você!”, lógico que eu vou sofrer, obvio, como todo mundo sofre. Só que eu prefiro a verdade do que a mentira, do que a pessoa fingir. Às vezes a pessoa se afasta, por que é que se afasta, então? Tipo, fala real, fala que não quer mais do que, tipo, ficar fingindo, entendeu. Mais ou menos isso.

#### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Sentimentos de amor, de respeito, de carinho, de atenção, são esses os sentimentos, assim.

*Como é que é esse amor?* – Então, quando eu gosto de alguém, quando eu começo a gostar de alguém, na realidade, eu me apaixono, eu fico perdidamente apaixonada, eu fico besta mesmo, fico boba mesmo, e não escondo quando eu gosto de alguém, quando eu gosto de alguém eu tento demonstrar ao máximo que eu gosto da pessoa, e é isso...

#### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Então, eu sempre procuro, na realidade, nunca deixe de, tipo, procurar alguém na minha vida, para mim dar certo e tal, tanto que eu realmente tenho o sonho de casar, eu quero casar, eu quero ter filho. Muita gente fala que: “ter filho para que?” Gente! Eu quero casar e construir uma família. Eu mesmo por tantas decepções que eu passei, tipo, amorosas, eu ainda acredito no amor, mais ou menos isso, eu acredito firmemente nisso, e, eu quero encontrar uma pessoa, tipo, bacana, uma pessoa que me respeite. Para mim, se a pessoa demonstrar que gosta de mim, me respeitar e ser honesto comigo, para mim não precisa de mais nada, entendeu. É só isso, essas coisas básicas para um relacionamento: honestidade, tipo, demonstrar amor e respeito. Três coisas básicas para um relacionamento dar certo.

#### **Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Ideal, igual o que eu te falei, tem um amor mutuo entre os dois, que eu acho que se um gostar do outro já é um primeiro passo importante, é um gostar do outro, e um aceitar o defeito do outro e, como eu te falei, a honestidade e o respeito. Honestidade é o que? Você nunca mentir para mim, falar a verdade. E respeito é você nunca me trair. E a partir do momento que você não gostar mais de mim, você chegar e falar para mim a real.

#### **Teve alguns relacionamentos afetivos com parceiros?**

Sim

#### **Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Como os meus relacionamentos foram bem curtos, né, eu vou falar um pouquinho de cada.

Meu primeiro namorado, na realidade, eu não cheguei a assumir ele para minha família. Eu tinha conhecido ele em uma festa junina e aí eu fui, e aí a gente começa a se conhecer, aí teve beijo. Aí ele começou a ir, tipo, ele ia à porta da minha casa, às vezes me ligava e, às vezes, me levava para a casa dele. Aí começou assim. Durou duas semanas, mas na realidade não foi namoro, né, porque não chegou a me pedir, pedir mesmo, assim, tipo, não apresente para minha família. A gente morava muito, assim, tipo, era quase a rua colada uma da outra. E aí eu comecei, tipo, gostar dele, gostar dele mesmo, de verdade.

Até que um dia ele falou que iria embora para outra cidade. O dia que ele falou para mim que ele iria embora para outra cidade, eu comecei a chorar na frente dele. Eu tinha o que? Acho que eu tinha uns dezenove anos na época. Aí eu comecei a chorar, chorar, chorar, e ele falava para mim não me sentir culpada e, aí ficou nessa, fui embora para minha casa.

Só que meu relacionamento com ele é meio conturbado porque, passo um tempo, tipo, alguns meses depois eu encontrei com ele de novo e a gente ficou de novo. Só que eu descobri que ele tinha um filho já, que tinha ficado com uma menina e tinha tido um filho, que ele não estava mais com a menina. Mas eu fiquei chateada, porque ele não tinha me falado, e depois falou. Aí depois ele falou que queria só ser meu amigo, e eu ainda gostava dele, que ele queria só ser meu amigo, que não dava certo a gente namorar e tal, ele tinha esse filho e tudo mais.

Aí, tipo, aí ficava nessa. Aí passavam meses, eu ficava sem ver ele. Aí, depois de meses, tipo, às vezes, ele ia lá a casa a me procurar para a gente conversar, mas era só tipo amizade. Aí, teve varias épocas que a gente, tipo, se encontrava na rua, se falava. Aí, às vezes, ele vinha a querer, tipo, ficar comigo. Aí, nessa época, eu já não queria mais, era só amizade. Aí ele teve outros relacionamentos, na época eu estava namorando e estava, tipo, curtindo a minha vida. Até passar, tipo, um ano, um ano e pouco, aí ele foi lá em casa a me procurar, ele me ligava sempre, ia lá à minha casa. Aí ele falou que se sentia saudade e tudo mais. Aí teve uma época que a gente começou a ficar de novo. Nessa de ficar ele veio me pedir namoro, anos depois.

Mas isso, eu não contei a história de que ele já estava noivo de uma menina, aí engravidou a menina e teve filho com essa outra menina. Hoje ele tem dois filhos. Ele me perguntava, tipo, seu eu aceitaria namorar com ele mesmo sabendo que ele tinha dois filhos com mulheres diferentes. Virei para ele a falei assim: “A gente é muito amigo, eu confio em você e eu acho que a gente pode dar certo, não sei”. Aí a gente começou a namorar.

Só que, nisso, a gente ficou uns três meses juntos. Porque assim, ele me deixava, às vezes, em casa sozinha. Às vezes, ele falava que ia lá em casa e não ia. Aí eu ficava com raiva, porque ele falava que ia me ver e não ia. Aí, teve dias que eu fui na casa dele, e ele não estava na casa dele, descobri que ele estava indo em festas, essas coisas. Eu fiquei muito chateada, que eu gostava, estava gostando dele de novo, entendeu. Porque eu já gostei dele uma vez, não estava gostando mais, e voltei e passei a gostar dele, eu achava que não ia a gostar dele mais, que era só amizade, aí eu passei a gostar dele de novo.

Aí, só durou três meses o namoro. Aí não deu certo. Até esses tempos atrás, há mais ou menos um mês, ele veio a falar para mim que eu fui a única mulher que ele amo na vida.

*Por isso você falou aquilo de que tempo depois eles falam dos sentimentos.* – Exatamente. Aí ele veio a falar para mim que me amava. Teve um dia que ele me ligou, quando eu tinha chegado aqui em São Paulo, falando que ia entrar em depressão porque eu tinha ido embora, que: “como é que eu faço isso com ele?”. Eu falei: “você vai encontrar uma mulher linda para você, perfeita, você sabe que a gente não deu certo, deu certo como amigos, mas como namorados nunca a gente deu certo”. Aí veio nesses tempos falar que, tipo, me amava, que faria de tudo, que me esperaria, ele falou para mim que ia me esperar. Eu falei assim: “mas agora não dá mais, agora eu não gosto mais de você, é só amizade”. Aí ele: “Tá, beleza! Mas eu vou continuar lembrando de você como eu sempre lembro, alguém que eu gostei muito”. Eu: “Tá bom”. Foi assim o meu primeiro relacionamento.

Mas assim, claro que eu me relacionei nesse meio termo aí de vindas e idas, eu me relacionei com outra pessoa. Meu relacionamento durou um mês com esse. Eu conheci ele em um, tipo, em um barzinho. Aí conheci ele, fiz amizade com ele, a gente ficou saindo e se conhecendo durante um mês. Aí depois desse mês, eu perguntei assim: “você quer namorar comigo?”. Eu perguntei por que ele estava com vergonha de falar. Aí teve um dia que eu falei assim: “você quer namorar comigo?”, eu perguntei para ele. Aí: “Eu quero sim”. Eu falei: “Então me pede”. Aí, ele foi e me pede: “Você quer namorar comigo”. Aí: “Tá, quero”.

A gente começou a namorar. Ele ia lá, na casa da minha avó, que eu estava ficando uma temporada na casa da minha avó. Ele ia sempre a me ver e tal. Só que aí eu peguei uma mentira dele. Teve um dia que eu queria muito ver ele, era o dia da folga dele. Aí ele falou que não ia porque estava cansado, queria assistir o jogo e ia dormir. Aí, tá. Eu tinha acabado de chegar da faculdade, aí encontrei com as minhas amigas em um barzinho, aí fiquei lá comendo alguma coisa. Os amigos delas, assim, me chamaram, eu e mais elas, me chamaram para a gente ir em outro lanchonete que a gente ia comer, tipo, sanduíche. Tá, beleza, eu vou. Aí tinha acabado de falar com ele no telefone, ele falou que depois do jogo ia para casa, ia dormir e tal, que não dava para me ver.

Aí, quando fui para esse lugar, ele estava lá. Estava lá ele, um ex-cunhado dele, ex-cunhado? Não, era um ex da prima dele, mais duas moças. Aí eu cheguei, estranhei, olhei, assim, de longe, ele me viu e olho, assim, meio assustado para mim. Pensei: “como assim? Falou que estava em casa assistindo o jogo e está aqui na lanchonete, bebendo e conversando com duas mulheres, tipo, como assim? É casalzinho?”, eu pensei, tipo, “casalzinho, né, Beleza!”. Entrei e passei na frente dele, só olhei, assim, para ele, e passei na frente dele e fui no banheiro, e fingi que estava indo no banheiro. Depois voltei de novo.

Aí ele ficou o tempo todo me ligando no celular, querendo falar comigo. E eu não atendi. Minhas amigas falavam: “Não atende, não atende, não atende”. Eu não atendi. Quando eu estava indo em um outro lugar eu topei com a amiga dele. Topei com a amiga dele que eu já tinha conhecido quando eu estava com ele, mas foi em outra festa, que a gente tinha saído. Aí, eu fui falar para ela que eu tinha visto ele com uma mulher, que não se que, fui desabafar para ela. Aí não quis atender ele. Depois atendi e falei assim: “Hoje eu não estou afim de conversar, tá!, depois a gente conversa, beleza, tchau”. Desliguei o telefone.

E estava desabafando com essa amiga dele, e fui desabafar. O que que adianto desabafar? Porque no outro dia ela vem contar tudo para ele, e além de contar tudo para ele, ela falou que eu estava com um rapaz. Só que o rapaz era amigo das meninas. Eu estava com duas amigas minhas e só tinha esse rapaz. Aí eu falei assim, tipo: “Como assim?”. No outro dia ele veio a falar comigo, conversar comigo e tal. Aí passo, eu acho que, uma semana, e eu resolvi dar uma chance para ele.

Só que não era a mesma coisa. Toda vez que a gente brigava, aí eu tinha que falar: “mas, aquele dia você mentiu para mim. Eu não confio tanto mais em você”. Teve um dia que eu resolvi terminar. Eu liguei para ele por telefone e terminei pelo telefone. Falei: “Então, é o seguinte, eu não quero mais namorar você, não está dando certo, uma vez que mentiu acabou, não tenho mais confiança em você, entendeu. Então acabou”. Aí eu fiquei sabendo que ele chorou horrores. Diz que chorou horrores, horrores, horrores, e como ele fuma, ele estava fumando muito. Me contaram, né.

Depois que eu terminei ele, ele começava a me ligar sempre, também atrás de mim, querendo voltar, dizendo que gosta de mim. E eu falando que não gostava mais, que não tinha jeito. Nossa! Era muito, assim, tipo, muito engraçado, sabe. Que ele ficava me ligando e eu falei assim: “você não deu valor, vai dar valor agora? Será?”. Aí esse também teve um filho com uma moça. Aí virou para mim e falou que ia terminar

com a menina que ele estava para ficar comigo. Aí eu falei assim: “De jeito nenhum que vou deixar você largar seu filho, a menina que deve te amar, para ficar comigo, sendo que eu não gosto mais de você. Não, não dá não, meu”. E aí ele falou que tinha terminado com ela. Eu falei assim: “pois é para tratar de voltar com ela e dar valor nela”. Hoje em dia, ele é casado com ela e tem dois filhos com ela. Mas, esse é o lado bom para ele, né, que esta dando certo com ela. Mas eu falei para ele voltar com ela. Esse foi meu outro relacionamento.

E eu tive um relacionamento, que não foi relacionamento, com uma pessoa que eu me envolvi durante muito tempo. Uma pessoa que parecia que gostava de mim. Até que ele começou a namorar uma mulher e ainda continuava ficando comigo. Eu falei: “Não, não dá, você me assume ou você assume ela”. A gente teve uma serie de problemas, de ficar no relacionamento e eu resolvi não, tipo, não dar importância para ele. Comecei a gostar muito dele, mas ele não me deu valor e eu não quis saber dele de jeito nenhum.

Tanto que teve um dia que eu realmente me encontrei com ele aqui em São Paulo, minha mãe não sabe disso, minha mãe tem ódio dele, minha mãe morre de raiva dele. Encontrei com ele aqui, em São Paulo, ele veio só para me ver. Ele saiu da minha cidade, para vir aqui em São Paulo só para me ver. Eu falei assim: “Gente, eu não acredito em uma coisa dessas”. Aí, ele ficava me ligando direto, sabe, eu não quis saber mais dele, não. Aí, eu cortei de vez, assim, não quero mais.

Meus outros relacionamentos foram, tipo, curtos. De eu ficar com a pessoa, começar a ficar...

Essa última pessoa, que eu comecei a ficar mesmo, conheci ele em uma figuração de um comercial, ele trabalha como modelo também. As mulheres devem tipo, ficar querendo ir encima mesmo, porque ele é muito bonito, tem olho verde, tem um corpão, tem uma tatuagem linda, ele é lindo. Na realidade, eu gostei dele porque ele é uma pessoa simples, ele é simples e humilde, isso eu não posso negar. Só que ele se afastou um pouco de mim. Aí ele fala que é porque não tem tempo para me ver, porque ele mora fora de São Paulo, e eu moro aqui em São Paulo, e ele tem moto, só moto. E ele tentou, às vezes vinha a me ver. E agora já tem um mês que eu não vejo ele.

Aí, nesses dias eu fui falar com ele no face, que, tipo, se ele não queria mais ficar comigo, eu falei mesmo, eu fui sincera, falei assim: “Então, você não quer mais ficar comigo? É isso? Porque se você não quiser, tudo bem, eu vou aceitar, entendeu, eu só não quero que você fique longe de mim”. Ele: “Mas, você sabe, está muito corrido para mim, não está dando. Mas o dia que eu tiver tempo eu vou te ver”. Mas, tipo assim, é meio ruim, né. Mas, então, que é que eu pensei para mim: Não vou cobrar, porque eu não tenho que cobrar, porque ele não é o meu namorado, e vou viver minha vida e o que tiver que ser, vai ser. Mas o menos isso.

Então, tipo, meus namoros, eles nunca duraram e não por mim, porque eu respeitava a pessoa com que eu estava, eu estava só com aquela pessoa, evitava sair sozinha com amigas, se tivesse que sair eu saía com ele e, tipo, demonstrava gostar da pessoa, tentava agradar. Eu sou mais ou menos isso, se eu estou com a pessoa, eu estou com aquela pessoa e eu respeito. Aí, quem falhava eram eles, nunca foi falha da minha parte, nunca, nunca, nunca. Nunca trai, nunca pensei em trair e nunca trairia alguém.

### **Como você se percebeu nessas relações?**

Então, igual eu te falei. Eu sou uma pessoa amável, sou uma pessoa doce, tipo, quando eu gosto, eu gosto, e eu fazia de tudo para demonstrar que eu gostava e dava valor nessas pessoas. Então, tipo assim, eu ficava, eu me sentia frustrada porque acontecia de eu, tipo, de eu terminar, tipo, ficar só duas semanas com uma

pessoa e, tipo, terminar de vez, aí ficava só um mês com uma pessoa e terminar. Assim, outro com que eu fiquei duas semanas, eu namorei com ele de novo, aí fiquei três meses com ele, mas também não durou.

Então, assim, eu me sinto, às vezes, frustrada. Mas não porque a culpa vai ser minha, porque a minha consciência é tranquila de que não era culpa minha, eles que falhavam, eles que mentiam. Agora, por que é que acontecia isso? Eu não sei te explicar por que é que eles faziam isso. Porque, até porque eu não sei por que é que eles faziam isso. Porque depois de que eu terminei com todos eles, tipo, parei, não quis mais saber, eles vieram atrás de mim, entendeu. Assim, três que vieram atrás de mim falando que gostavam de mim depois que eu já não queria mais. Então, como é que você vai entender um homem? Tipo, só vai dar valor depois que perde? Porque essa é a melhor frase que poderiam ter inventado. A maioria dos homens só dão valor quando perdem, e eu tenho uma prova vida disso, varias provas disso.

### **O que eles significaram para você?**

Então, meus relacionamentos, eles foram muito importantes, porque eu gostei de cada um do jeito que eles eram, assim, eu não vou dizer que eu não gostei de nenhum, porque eu gostei, e eu gostei muito, que eu sofri, eu chorava, chorava horrores. Meu primeiro foi o mais tumultuado, que foi o que eu mais gostei mesmo, assim, tanto que foram anos, tipo, estranho, porque a gente ficava amigos, aí, de aqui a pouco a gente seguia namorando, assim, depois de muito, depois de muitos meses assim.

E, sei lá! Eu sofri muito, mas eu levo coisas boas de cada um, sabe. Eu acho que eu tive experiência, tipo, em questão de aceitar defeito, que eu sempre aceite defeito de todos, assim. Eu nunca, eu nunca, eu nunca questionei, sabe, tipo, eu aceitava eles como eles eram. Eu acho que esses relacionamentos me deram maturidade também, para mim estar vivendo e vendo o que é que poderia ser melhor em um próximo relacionamento, assim, que é que eu devo fazer, assim, ou que é que eu não devo fazer. Porque eu sou muito ansiosa e sou muito, como diz aquela palavra? De tipo ficar ligando. Aí, tipo, eu ficava com raiva porque eu não queria ficar ligando muito, porque parecia que eu estava incomodando a pessoa, sabe, aí a pessoa não me ligava e não vinha a me ver, e aí eu ficava: “e aí, você vai vir a me ver?”, não sei o que, e tal.

Ou às vezes de chorar, demonstrar, choro, assim, na frente. Eu acho que a gente não deve demonstrar muito isso para os homens.

*Por que você acha que não deve?* – Porque alguns começam a se sentir culpados por isso.

*Eles?* – Sim, eles, por estar fazendo você chorar, por estar fazendo uma mulher chorar, na realidade. Eu acho que a gente não deve demonstrar, chorar em si. Não, não demonstrar sentimentos, porque a gente deve demonstrar sentimento, independente de se você está pagando um mico, se a pessoa gosta de você ou não, o importante é demonstrar, só não chorar.

*Você acha que faz mal para eles?* – Faz mal, faz. Ou para a pessoa não sentir pena de você. Porque alguns homens, se você começa a chorar na frente deles, eles começam a sentir pena de você. E, às vezes, ou não termina com você, ou não fala a verdade porque está com pena de você. Isso não é legal! Mais ou menos isso.

### **Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Então, facilidade é que eu sou legal, sou extrovertida, gosto de, tipo, animar a pessoa para fazer gracinha; eu gosto de sair também, porque muitos homens gostam de sair, né, não gostam daquela mulher só caseira, gosto também de ficar em casa também se preciso; se precisar, tipo, fazer uma comidinha, eu não sei fazer

muito bem comida, mas se precisar para mim agradar a pessoa, eu vou fazer, entendeu, eu faço de tudo, tipo, para agradar a quem eu gosto.

Eu acho que dificuldade, talvez a minha ansiedade, em estar querendo ver a pessoa, ficar mandando mensagem. Eu tenho melhorado isso bastante, viu. Porque homem gosta de tempo, homem gosta de espaço, eu descobri isso nos meus relacionamentos. Homem gosta de espaço, homem não gosta daquela mulher que fica, tipo, pegando no pé: “Chiclete”. A maioria dos homens odeiam mulheres chicletes, grudentas. Porque tem umas mulheres que, nossa, é grude, que Deus me livre! Eu não sou grude, mas eu já fui, tipo, de querer estar apegada, muito apegada, de ficar lingando muito. Isso eu já melhorei, já. Mas, ainda porque a gente sente falta, quando a gente gosta da pessoa a gente sente falta, então quer ligar, quer conversar. E os homens não, os homens são mais, tipo, ligou uma vez ou outra, falam com você uma vez ou outra, não precisam estar te ligando trezentas vezes em um dia para dizer as mesmas coisas, sem ter, tipo, assunto. Acho que a minha dificuldade é mais ou menos isso, é ansiedade, sei lá!

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Então, dificuldade, acho que todos costumavam mentir, isso para um relacionamento é, tipo, acabar com o relacionamento. A mentira destrói muita coisa. E, tipo, a maioria mentia para mim. Por que? O motivo de mentir eu não sei, talvez para não me magoar ou para não dizer a verdade, sei lá. Mas a mentira, mentira tem perna curta, né. Tipo, um dia você descobre. Não importa, pode ser no dia da mentira ou anos depois. Um dia você descobre que a pessoa mentiu. Eu acho que a maioria deles tinham esse defeito de mentir.

Não vou dizer traição porque eu não cheguei, eu creio que eu nunca fui traída, ou quase traída. Posso dizer que eu fui quase traída, por que? Eu não sei. Ele falava, no meu relacionamento lá que eu tinha encontrado ele lá no bar, ele falava que era amiga. Mas, se era amiga por que é que ele mentiu falando que estava em casa? E estava no bar com a amiga, ou seja, é uma quase traição? Digamos assim, não sei? Pode ser. Acho que é isso de dificuldade.

*E facilidades deles?* – Facilidades... Me tratavam bem, eu não posso negar, todos, todos, todos com os que eu me relacionei, eles me tratavam super bem, tipo, meu namorado me levava para sair, tipo, todo o que eu queria. Ele: “você quer alguma coisa?” Eu falava: “Quero! Já que você está insistindo eu quero isso”. Eles eram bonzinhos comigo, assim, nesse sentido. Tudo o que eu queria eles me davam. Tudo o que eu queria eles me davam.

E eram muitos carinhosos comigo também. Então, não posso deixar de falar, não.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Relacionamento é isso, né.

*É o que?*- É meio conturbado, é difícil, não é fácil. Igual o que eu te falei, relacionamento envolve essas coisas que eu te falei. Você tem que respeitar o espaço do outro, o outro tem que ter liberdade para alguma coisa, não é você prender; você tem que respeitar o outro, demonstrar sentimento e ser honesto, honestidade que é, tipo, nunca mentir. Se eu estou com você, você está comigo; se eu estou querendo ir em um lugar ou se acontecer alguma coisa comigo, você está comigo, vou te falar, vou te contar, entendeu, é mais ou menos isso. Acho que relacionamento tem que ter essas coisas básicas, regras básicas.

**ANEXO L: R**

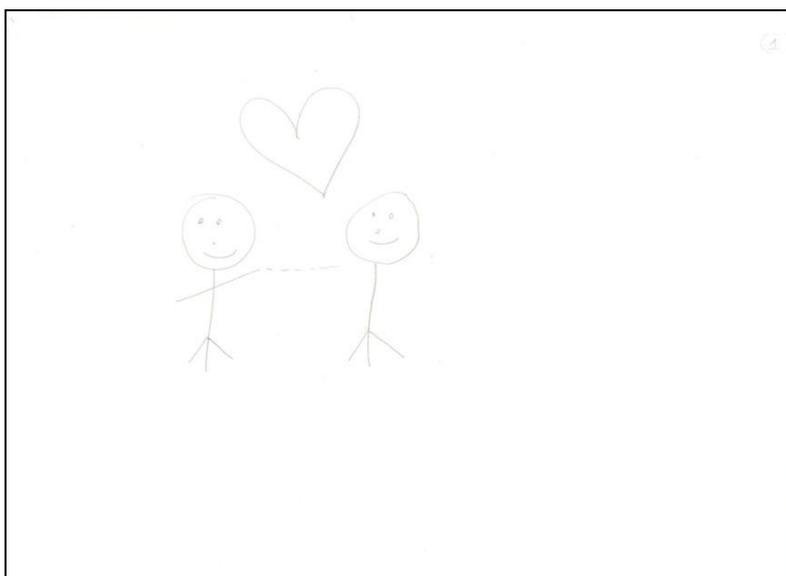
Idade: 21 anos.

Profissão – trabalho: Estudante de fonoaudiologia – estagio.

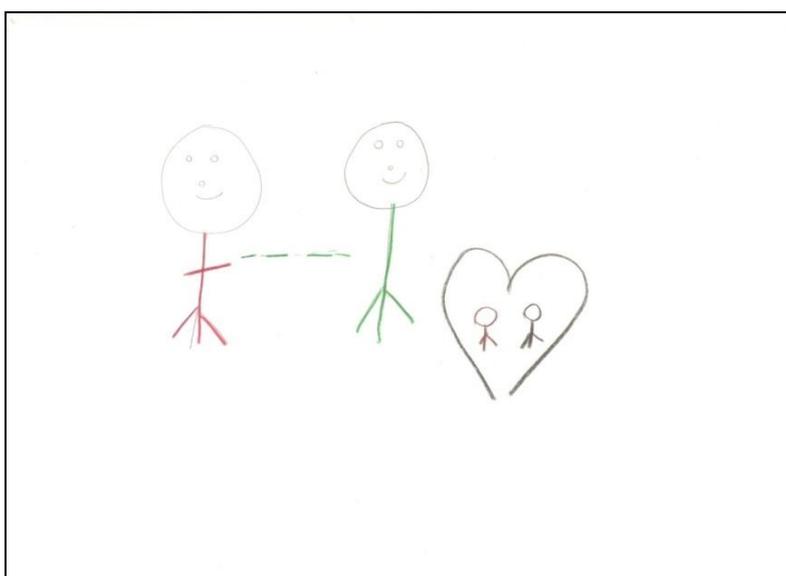
Nível educativo: superior incompleto.

Tempo em São Paulo: desde 1992.

Tempo em república: há 3 anos.

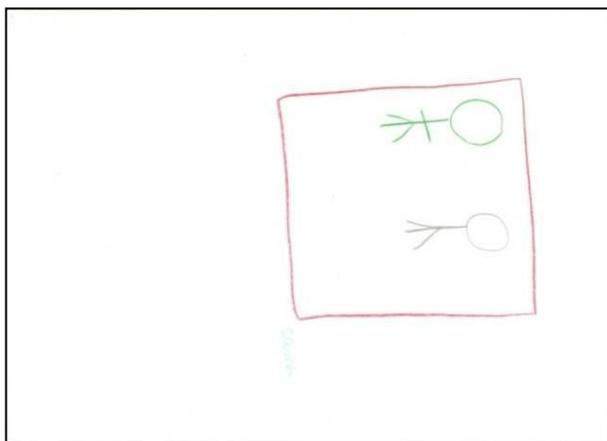
**DESENHO-ESTÓRIA****Desenho 1: O que seria a intimidade?**

História: O amor pode ser a maior intimidade, o sexo pode ser uma consequência.

**Desenho 2: Os filhos**

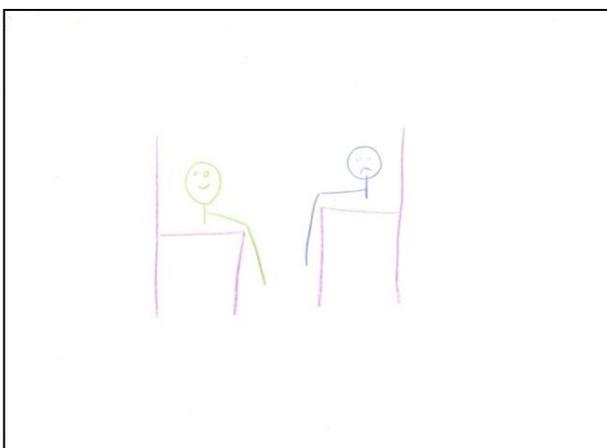
História: Pensando em outro momento tenho a impressão que filhos podem ser um grau de intimidade sem tamanho.

### Desenho 3: Sexo



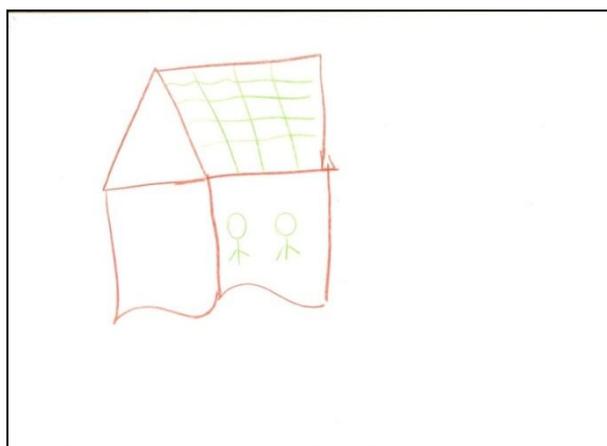
História: Incontestavelmente o sexo exige um grau de intimidade demasiado.

### Desenho 4: Conversar



História: Falar de qualquer assunto exige intimidade

### Desenho 5: Casar/Morar junto



História: Dividir a vida, morar junto, além de ser necessário o amor é importante a intimidade.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Predisposição, né, de ambas as pessoas quererem que isso aconteça, porque eu acho que vem com o tempo, a intimidade não é uma coisa que se constrói de o dia para a noite, acho que precisa de um tempo, conhecer a pessoa.

**Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Eu acho que é positivo quando você tem um vínculo, porque você tem mais intimidade para falar de coisas que você não falaria, ou que você deixaria de fazer por conta de não saber se a pessoa iria gostar ou não. Quando você cria uma intimidade, você não se importa muito o que a pessoa vai achar, você acha que ela vai te compreender. Acho que é isso.

*Para você não tem perdas?* – Acho que não. Tá, mas intimidade demais também acho que em excesso não é legal, assim, porque ultrapassa uma barreira de intimidade e de privacidade também; o outro se sente você, e não, são duas pessoas diferentes.

*O que acontece quando você atravessa essa barreira?* – Fica uma coisa meio simbiótica, assim, sabe, não saber quem é quem.

**Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Acho que é uma conquista, né, porque você conheceu o outro, aí você ter mais ou que saber da pessoa, não saber por completo, porque a gente não sabe de completo por ninguém, assim, as pessoas elas podem mudar do dia para a noite, mas fica um pouco mais linear essa relação.

*Nos desenhos você falou do amor. Esse amor se experimenta quando você estabelece um vínculo íntimo?* – Acho que sim, independente de relacionamento, assim, de homem e de mulher, acho que nos relacionamentos interpessoais você cria intimidade, aí você conhece o outro e, conseqüentemente, se apaixonar pela pessoa que é, entendeu, independente de querer algo com a pessoa ou não.

Amor é uma consequência disso, mas independente de querer sexo com essa pessoa, pode ser um sentimento de amizade, de cumplicidade.

Todo vínculo tem um sentimento, as relações tem sentimentos; se não, não seria relações, lógico.

**Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Querer que se transforme em algo maior, sei lá, um namoro, algo assim.

*Nos desenhos você falou de morar junto, ter filhos, essas são expectativas?* – Sim.

**Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Que a pessoa goste de você, que ela corresponda às suas expectativas. Não que ela seja submissa, mas que ela entenda o seu lado, como você entenda o lado dela. Que ela abra mão de algumas coisas na vida por você. Acho que cumplicidade.

**Teve alguns relacionamentos afetivos com parceiros?**

Sim

**Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

*R já se relacionou com alguns homens, mas só estabeleceu vínculos superficiais com eles, ficando durante curtos períodos de tempo. Atualmente fica com um homem. Manifesta valorizar e curtir o sexo e o corpo dele. Acha que eles têm um grau de intimidade que lhes permite ficar nus fisicamente, mas não pensa que a intimidade afetiva seja forte. Pensa que ela atrai homens que só gostam de sexo.*

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não.

## ANEXO M: SOPHIE

Idade: 28 anos.

Profissão – trabalho: Administradora.

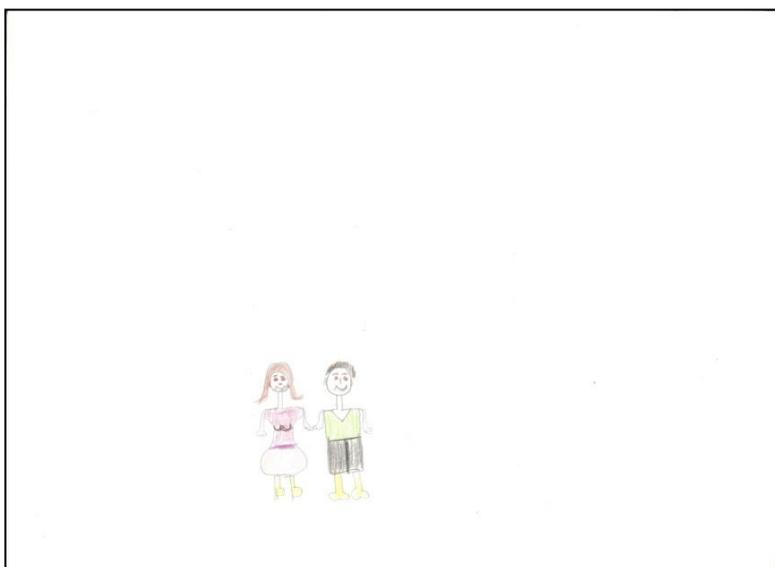
Nível educativo: superior completo.

Tempo em São Paulo: 7 meses.

Tempo em república: 6 meses.

## DESENHO-ESTÓRIA

### Desenho 1: Conhecimento

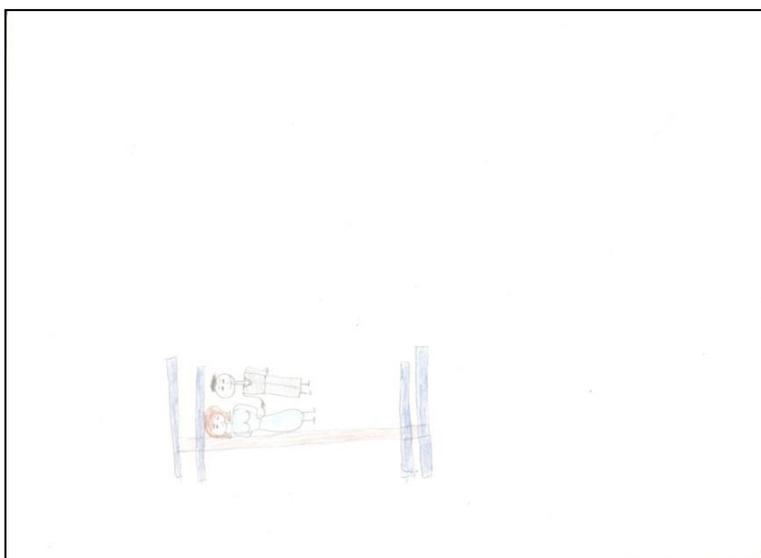


História: Em um relacionamento entre duas pessoas, primeiramente o que atrai os casais é a beleza física, depois a conversa até ambos adquirirem respeito, confiança, amor e cumplicidade.

Associações da fase de inquérito: Sophie explica vários elementos da história. Por exemplo, ela diz: “intimidade é cumplicidade, respeito, se vai trair que eu não saiba, que esteja

comigo e não olhe para ninguém. O respeito é: não olhar para outras, falar bem de mim e ser uma pessoa íntegra. O amor é o sentimento mais puro e verdadeiro, se fala com os olhos”.

### Desenho 2: Sexo

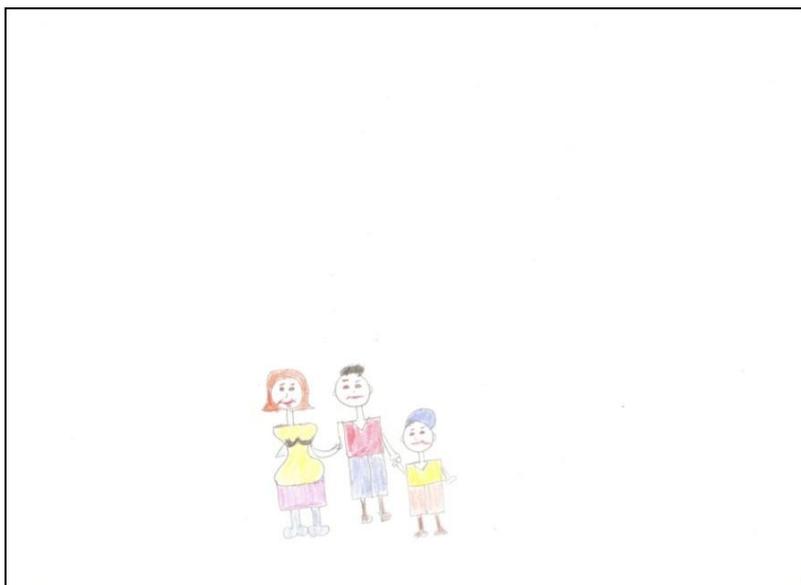


História: Muitos casais que se conhecem em baladas fazem sexo logo de cara, sem se conhecerem direito, muitos já banalizaram o sexo. Pra mim eu tenho que conhecer a índole do homem primeiro, por mais que eu sinta tesão por ele logo de primeira. O sexo é uma intimidade extrema entre 2 pessoas, onde cada um conhece o corpo da outra pessoa profundamente.

Associações da fase de inquérito:

Para ela, o sexo se a banalizado porque todos são fáceis, ninguém se dá valor.

### Desenho 3: Família



História: Chega alguém em nossa vida que muda tudo, faz as coisas acontecerem quando menos esperamos, um filho muda completamente um relacionamento, para a maioria das mulheres quase sempre uma criança é bem-vinda. Alguns homens logo que sabe da notícia de ser pai reagem mal. Porém com o tempo aceita e se forma um “paizão”. Um filho une o casal que se ama, fazendo acontecer uma linda família e se não tem amor une por um tempo e depois se separam.

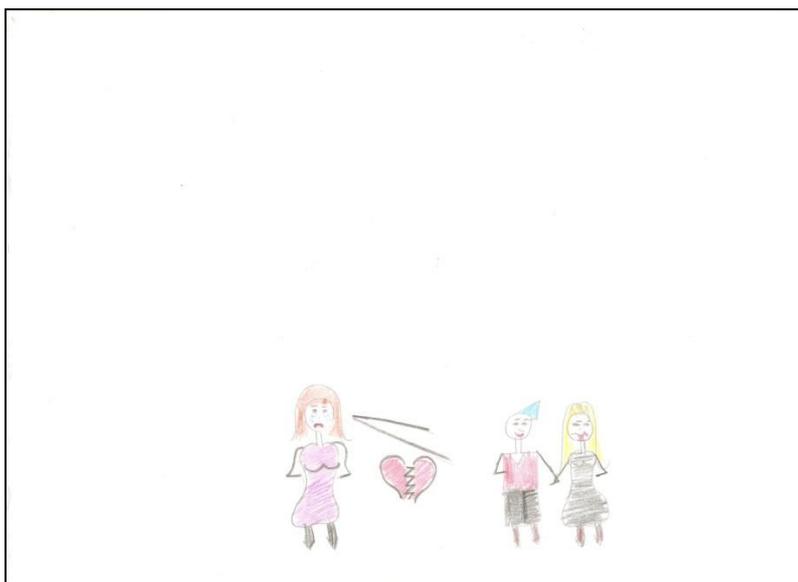
### Desenho 4: Amor



História: Ah! O amor é um sentimento tão puro, forte e verdadeiro. Ao lado da pessoa amada então... Nossa! Até um pôr-do-sol é a coisa mais linda de se ver. Às vezes amamos alguém em 1 semana ou leva até um ano. O amor não é para ser visto e sim pra ser sentido com a alma, dito pelo coração e expressado pelos olhos. Amor, um sentimento único, mágico, maravilhoso. O sentimento que muda vidas.

Associações da fase de inquérito: Quando está lendo da história ela fala: “Tem pessoas que você ama depois de conhecer, tem outras que você precisa tempo ou uma briga para você perceber quanto ama”.

### Desenho 5: Traição



História: Na maioria dos relacionamentos de hoje é quase inevitável não haver uma traição no começo ou no final do relacionamento. A maior parte é o homem que trai. Às vezes traem não por não gostar mais e sim por instinto, por puro sexo.

Associações da fase de inquérito: Para Sophie quase sempre tem traição e é o homem quem trai. Segundo ela, a mulher só trai se for traída, se falta algo em casa ou se não se sente mais amada.

## ENTREVISTA

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Amor, carinho, confiança, também desejo é muito importante.

*Desejo?* – Também, se não houver desejo vão deitar que nem dois estranhos em uma cama, que nem dois amigos. Mas amizade também tem que ter.

*Você pode falar um pouco da cada um desses elementos?* – O amor, o amor é aquele sentimento lindo que a gente se olha, o olhinho brilha, você sorri. Confiança tem que ter, é fundamental, é a base de tudo. Sexo também é importante, tem que ter mais ou menos o que? 50 por cento para mim de sexo, o resto está entre amor, confiança...

### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

O ganho porque, olha, a gente convivendo, cada relacionamento é diferente do outro. Então, o ganho é o aprendizado que a gente leva, a não cometer os mesmos erros e a fazer os acertos que a gente fez nos relacionamentos passados. Isso para mim conta muito. Eu só tento amadurecer um pouco cada vez mais no relacionamento de hoje em dia. Antes eu era muito estressada, hoje em dia tento me controlar, não ser mais como eu era antes, porque eu perdi muita gente pelo meu estresse, por briga, ciúme. Tudo estourava assim rápido. Se olhasse para o lado, eu: “O que você está vendo”. Hoje não, hoje eu sou tranquila em relação a isso.

*E tem alguma perda?* – Perda para mim é se não tiver respeito. Aí perde tudo.

### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Sentimentos? Cada vez mais eu tento conseguir algum sentimento diferente que eu não conhecia. Eu pensei que eu amasse o meu primeiro namorado, mas eu vi que não era amor, era coisa de criança. Fui casada há uns deis anos atrás, amei, mas hoje já acabou, acabou aquele amor de estar junto e estar perto. Então hoje eu tenho um grande carinho por ele, e já amei sim outras pessoas, mas eu sinto que hoje em dia cada amor que a gente tem pelas pessoas é diferente um do outro, é um pouquinho diferente.

*E essa diferença depende do que?* – De pessoa para pessoa.

*E da pessoa com que você está se vinculado?* – É! Às vezes você vai aprendendo mais um pouquinho que um é mais ciumento, outro te entende mais, outros te deixam mais aberta.

### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Hoje em dia eu pretendo, não sei se de aqui ao final do ano, de aqui a um ano, de aqui a três anos, mas eu pretendo sim ter uma família, e isso eu busco com um homem, não sei de aqui a quanto tempo, mas é o que eu pretendo.

### **Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Aquele com carinho, afeto, confiança, um filho. Perfeito nenhum é, né, mas se tem esses fatores seria ideal.

### **Teve alguns relacionamentos afetivos com parceiros?**

Sim, sim.

### **Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Posso sim, com um dos meus ex-namorados. A gente se conheceu em uma festa, ele me deixou em casa, eu não fiquei com ele, no outro dia ele me ligou. Tipo assim, em uma semana a gente estava namorando, em um mês já amava ele, fiquei com ele um ano. Mas acabei vindo para São Paulo, por diferentes fatores que não deu certo, no momento, para a gente estar junto, eu não sei se amanhã posso estar com ele, porque até hoje é uma pessoa que mexe muito comigo, e é um amor, assim, foi um amor bem puro que eu tive com ele.

*Nos desenhos você falou que às vezes o amor aparece na hora, às vezes leva muito tempo. Como foi com ele?* – Foi bem rápido e foi de parte dos dois. Era muito bom, ele confiava em mim eu confiava nele, era ótimo.

*O que gerou o afastamento?* – Apareceu uma ex-namorada dele que era, tinha sido noiva dele, aí ele ficou em dúvida, não sei que, eu falei: “Se tu acha que tu deves, que tu tem que resolver sua vida com ela, eu te amo mais, mas eu quero ver-te feliz. Para mim amar não é só estar aí do lado e ver que a pessoa com quem tu estas está triste. Então resolve a tua vida e eu vou embora”. E eu resolvi ir embora para São Paulo, aí isso mexeu com ele, ele viu que ele me amava muito e não amava mais ela, só que eu falei que no momento já tinha sido tarde; eu voltei para ver ele em julho, para resolver minha vida com ele, a gente ficou na dúvida, então eu voltei para aca e aqui estou, aqui estou tentando minha vida, tentando outra coisa para mim.

*É um relacionamento que ainda mexe com você?* – Mexe, mexe comigo sim.

### **Como você se percebeu nessa relação?**

Olha, eu percebi que eu amadureci muito, que eu cresci bastante, coisa que jamais eu iria aceitar, eu aceitei, tipo assim, a gente terminou em uma boa e eu deixei resolver a vida dele com uma outra pessoa, coisa que antes jamais aceitaria, eu iria a quebrar, acho, que a casa inteira, quebrava o carro dele tudo. Hoje em dia não, estou calma, estou tranquila, mesmo assim às vezes estouro um pouquinho, né.

*Tem alguma dor?* – Tem, tem. Mas eu lido com ela diferente, superando, em vez de chorar eu fico rindo, em vez de destruir a casa, saio. E assim vou levando.

### **O que essa relação significou para você?**

Significou uma forma de amar diferente, uma forma de amor sem ter, tipo assim, sem estar com a pessoa grudada no meu lado, uma forma de amar livre, espontânea.

*Livre?* – É, livre, porque tudo o que a gente deixa ir, até quem sabe, volta. Se está pressa ali, a gente vai matar, tipo, um passarinho, se ele ficar muito tempo preso na gaiola, em uma hora ele morre. Mas se deixar ele solto, ele pode viver muito mais tempo, então ele vai e volta.

*O passarinho é o amor?* – É!

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Minha dificuldade foi a família dele, porque ele tem dois filhos e no caso a família dele falava que ele deixava de ficar com os filhos para ficar comigo. Então isso me chateava muito.

*Então não teve uma boa relação com eles?* – Não.

*Com os meninos ou com a família?* – Com a família.

*Essa foi a única dificuldade, e as facilidades que você tinha para se relacionar?* – Que todo o dia que a agente podia, a gente estava perto do outro. Toda vez. Eu podia sair cansada do trabalho e estava em casa, ele vinha, ele ficava comigo.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

As dificuldades eram as mesmas que as minhas, era a família dele, porque pegava muito no pé. E a facilidade era que ele falava que eu era o porto seguro dele.

*O que é que isso significava para você?* – Eu ficava muito feliz porque ele me falava: “Você é o meu porto seguro, contigo eu posso poso contar sempre, você e meu abrigo”. Eu achava isso muito bonito. Eu percebia que ele falava verdadeiramente. A gente nunca escondeu nada do outro, e isso era muito bom.

*Nos desenhos você falou um pouco da banalidade que tem o sexo hoje, como é que é isso para você?* – Não vou falar que eu nunca vou ficar com uma cara de primeira, porque pode ser que aconteça, um dia, talvez amanhã, ou depois, não sei. Mas a gente já venalizou muito o corpo, o sexo. O sexo em si, não é só sexo, você entrega um pouco da tua alma, pelo menos para mim, né, então eu não consigo transar só por prazer, tem que gostar um pouco, tem que sentir um pouco a pessoa. E hoje não, a pessoa está bêbada, está podre e abre a perna e acabou. Eu não acho legal isso.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não.

## ANEXO N: RHAIANE

Idade: 23 anos.

Profissão – trabalho: Estudante - estagio.

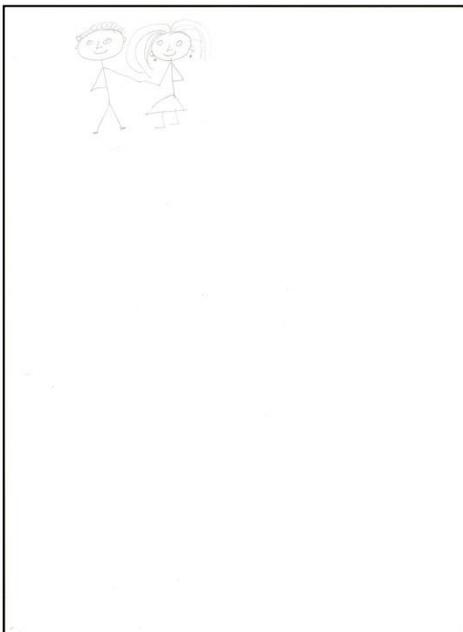
Nível educativo: ensino superior.

Tempo em São Paulo: 5 anos.

Tempo em república: 2 anos

### DESENHO-ESTÓRIA

#### Desenho 1: Conhecendo o “eu” de cada um



História: No momento em que duas pessoas pretendem ter um relacionamento afundado ou íntimo, elas passam a conhecer-se melhor. Não de uma forma apenas sexual, mas sim de um modo íntimo, psicológico, pondo em mira a personalidade de cada um.

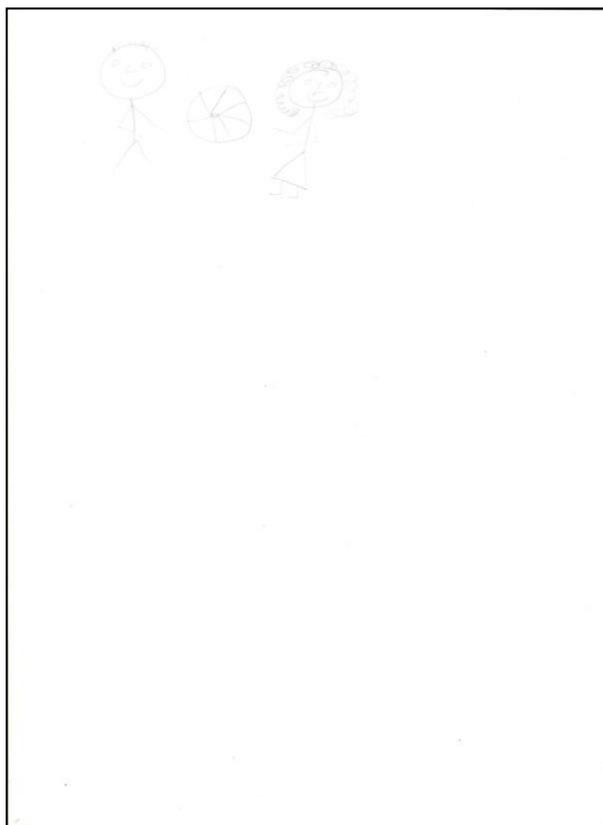
#### Desenho 2: A felicidade entre opostos



História: A intimidade entre o casal torna o relacionamento saudável, sem preconceito, buscando e mantendo a confiança e a felicidade, não ligando às diferenças físicas que possam existir.

Associações da fase de inquérito: Olha o desenho e diz: “Acho que é uma parte mais sexual”. Rhaiane explica que sentia vergonha de ser olhada por preconceito, por ser gorda. Conta a história de uma novela, na qual aparece uma mulher gorda e virgem que busca tirar a virgindade com alguém que ama e consegue. Para ela, existem preconceitos que vem dos outros e preconceitos entre o casal: “Nós nunca estamos satisfeitos, sempre nos preocupamos com nosso corpo: gordo ou magro demais”. Agrega que os opostos são diferentes barreiras que encontra: homem – mulher, gordo – magro, deficiente ou não.

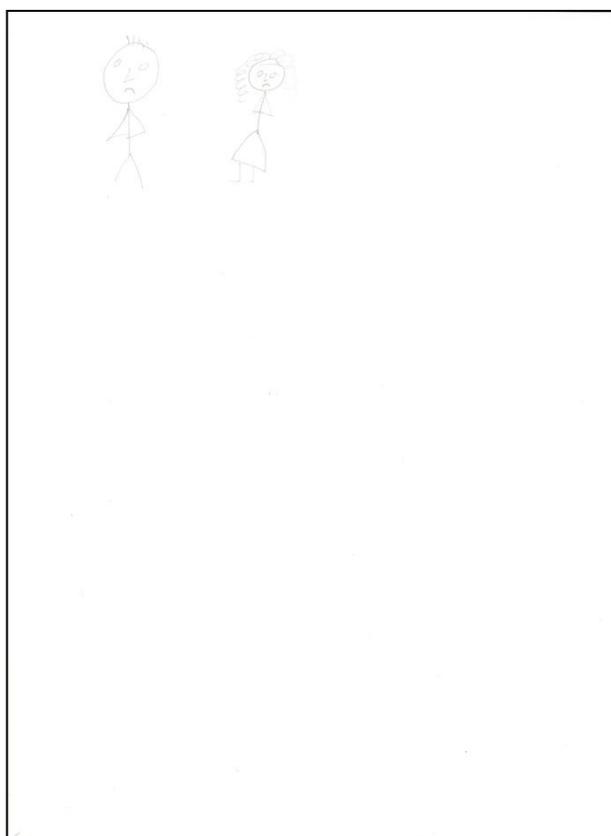
### Desenho 3: A amizade entre namorados



**História:** É essencial que entre o casal exista amizade, amizade esta que está baseada em cumplicidade, sinceridade e respeito.

**Associações da fase de inquérito:** Rhaiane diz: “Tem casal que não brinca, que não é amigo. Com um amigo você pode fazer brincadeiras, às vezes o casal não tem isso”. Ela acredita que está ganhando isso agora com seu namorado.

### Desenho 4: Briga entre casais



**História:** Um relacionamento não se baseia apenas em momentos felizes, entre o casal existe também o momento de brigas. Momentos esses que em algum caso serão para fortalecer o relacionamento, contrapondo os pontos positivos e negativos.

## Desenho 5: O sexo



### **História:**

O sexo é uma forma de mostrar a afinidade ou aproximação entre o casal. É uma forma de mostrar ou transmitir a paixão ou o grau de intimidade entre ambos.

## **ENTREVISTA**

### **O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem?**

Eu acho que é necessário ter confiança, amizade, respeito, entre ambos.

*Você pode descrever essa confiança?* – Eu acho que essa confiança é transmitida a partir do momento em que o casal resolve assumir o seu relacionamento. Tem mais cumplicidade, mais amizade e os dois tornam-se mais íntimos.

*E amizade, o que é para você amizade dentro do relacionamento?* – Amizade para mim nesse caso é, como é que eu vou explicar, a partir do momento em que cada um expõe sem medo a sua personalidade, sem medo de ser julgado, sem ter medo de se mostrar para seu parceiro.

*E o respeito?* – O respeito. Quando a gente passa a impor as nossas ideologias, o que a gente quer, o que a gente acha que deve ser feito dentro do relacionamento.

### **Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

Eu acho que ganho, a gente pode relacionar com a confiança, e perder eu acho que também tem a ver com a confiança, né, porque aí quando você se envolve com alguém e essa pessoa passa a não te respeitar, ou passa a te olhar de um outro jeito, não do jeito que você esperaria que essa pessoa pudesse te aceitar, entendeu, quando a pessoa passa a não te aceitar do jeito que você é, eu acho que aí você perde.

### **Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Eu acho que o sentimento máximo é de reciprocidade e de liberdade, sabe, porque quando você está com alguém e você se sente livre e aberta para experimentar outras coisas, aceitar a pessoa, de uma outra forma que seja diferente de você, eu acho que essa é a melhor coisa que tem de um relacionamento.

*É uma liberdade?* – É! É uma liberdade.

### **Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Falar de expectativa eu acho que depende muito de cada um, sabe, porque assim, se a gente for pegar de um modo religioso, acho que a expectativa que a pessoa religiosa tem é de casamento e formar família. Se a

gente for pegar a expectativa de um jovem é mais de curtir o momento, curtir o sentimento, curtir a paixão. Acho que é isso.

*Você se identifica com a primeira ou a segunda expectativa?* – Então, dependendo da minha lua, eu curto os dois. É isso. Porque assim, isso também depende muito das bases que a gente tem, por exemplo, nunca foi do meu pensamento casar ou ter filho, então, para mim, eu estou namorando com a pessoa, posso namorar e não me basear, não basear o relacionamento propriamente em sexo, então para mim, tipo, estou com a pessoa, estou curtindo, estou beijando, para mim já está de bom tamanho. Agora, tem que pensar em outra coisa, eu acho que aí já é outro nível.

**Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Aquele relacionamento que existe amizade, cumplicidade, sinceridade, respeito, que leva à confiança, tipo, a confiança que você tem, passa a ter com seu parceiro.

*Como é essa cumplicidade?* – Então, essa cumplicidade, como é que eu vou explicar essa cumplicidade? O momento em que você passa a aceitar, ou momento em que o casal passa a aceitar as diferenças entre eles, passam a assumir esse momento a dois. Eu acho que é isso.

**Teve algum relacionamento afetivo com parceiro?**

Acho que não.

*Agora você está em algum relacionamento?* – Porque eu só estou namorando agora.

*Entendi, é o primeiro namoro?* – É! Sim, eu posso dizer que é o primeiro namoro porque, tipo, beijar na boca conta como namorar?

*Não sei, depende de cada pessoa.* – Não, é o meu primeiro relacionamento amoroso sim.

**Pode-me falar um pouco dessa relação? Descrever como vive a intimidade nesse relacionamento que você tem hoje?**

Então, como é que eu vou explicar? Eu e meu namorado a gente é muito íntimo, assim, tipo, não tenho vergonha de falar para ele o que eu penso, o que eu acho, não tenho vergonha de me expor, se eu tiver que ficar nua, às vezes fico, choro, berro, a gente briga. É isso, tipo, se eu tenho um problema, consigo falar com ele, ele consegue falar comigo, a gente expõe a situação que a gente passa.

**Como você se percebeu nessa relação?**

Eu acho que eu sou mais autoritária.

*Você é mais autoritária?* – Sou. Assim, eu digo que eu sou o macho alfa.

*Você é o macho alfa na relação?* – Porque ele faz as coisas que eu quero, e eu não faço muitas vezes as coisas que ele quer. Tipo, eu que digo: “É isso, é isso, eu quero isso e a gente faz”, e quando chega muitas vezes que ele fala: “Não, tem que ser assim”, meu, tem que me convencer muito que as coisas têm que ser do jeito que ele quer. Então, é isso.

*Ele é brasileiro?* – Não, angolano. Nossa, namorar com brasileiro é muito difícil. O brasileiro é muito, assim, eu acho que eu é quem sou meio, meio rigorosa, entendeu, porque eu não, eu não fico sempre junto. Brasileiro quer sempre estar junto, quer sempre beijar na boca, ir para todo lugar de mão dada, ficar abraçado. E, tipo, eu posso ficar uma semana sem ver meu namorado, para mim está bom, entendeu. Já tipo ele faz, assim, briga comigo: “Você, não me ligou, você não falou comigo, você não veio me ver”. Só que, meu, tá, tá bom, não liguei, não, e aí? Vai mudar alguma coisa? E coisas assim.

*E seu namorado faz isso?* – Não.

*Como você explica isso?* – Eu acho que é mais cultural.

### **O que é que essa relação significa para você?**

Difícil responder. Não sei, nunca pensei nisso, assim, tipo, o que é que significa para mim? Eu acho que não passa de um relacionamento, tipo, assim, pensar no que significa? Como? De que forma? De que jeito? De que gênero? Sabe, não consigo pensar, assim, nunca pensei nisso. Não sei o que responder.

*Que ideias você têm do relacionamento entre vocês?* – Eu acho que é um relacionamento saudável. É! É um relacionamento saudável, normal, tipo, tem briga, desentendimento, a gente ri, a gente brinca. É isso. Acho que essa é a única forma de responder a questão.

*No futuro, como você vê esse relacionamento?* – Então, é o que eu falei no principio, se depender de mim, tipo, por enquanto a gente fica namorando. Porém, quando eu pego questão família, e por ele, a gente casaria e teria filho.

*Você acha que um dia você vai fazer isso?* – Um dia eu vou ter que fazer. – *Ter?* – É! Porque assim, a família cobra, sabe, tipo, assim, na Angola é muito cultural. Você praticamente, a partir do momento em que nasce, sabe, você vai crescendo, você tem que estar direcionada em também criar família. Então, tipo, vou ter que casar, vou ter que ter filho e é isso, é muito cultural. É difícil você ver, tipo, alguém que vai crescendo, um jovem que, tipo, não pensa em ter filho, não pensa em casar. Porque mesmo que essa pessoa pensar em não ter filho, não casar, obrigatoriamente vai pensar porque a família exige que você tem que formar família também.

*Você não acha que tem uma possibilidade de ter um afastamento dessa exigência cultural e da família?* – Não tem, não tem como. Tipo, imagina, você está em casa, tem seu pai e sua mãe, mesmo que seus pais entenderam a sua cabeça, mas vai ter sempre um tio que te vai exigir, o avô vai exigir que você tenha que casar, que você tenha que ter filho, que você tenha que ter um descendente seu, entendeu.

### **Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Eu acho que o meu relacionamento funciona porque a gente se comunica muito, a gente conversa muito. A base tem que ser conversa, tipo, é conversando que a gente ultrapassa nessas diferenças, nessas dificuldades, problemas que a gente encontra. Conversando a gente resolve tudo.

*E quais você acha que são suas dificuldades para se vincular com ele?* – Então, têm coisas que para mim são difíceis de aceitar, tipo, meu namorado é muito ciumento, e têm vezes que eu vejo o ciúme dele como se fosse uma possessão. Se eu estiver falando com ele no celular, tipo, estou trocando torpedos e eu demoro muito para responder, porque eu estou vendo uma novela, ou estou vendo uma outra coisa e me distrair, tipo, ele fica bravo: “você está vendo outras coisas, não sei o que”. A gente sai muitas vezes eu quero pôr uma saia curta, e fala: “você não vai, está muito curta”. Ou: “se você pôr esse vestido você vai ter que pôr um calção por baixo”. Então coisas assim.

*E você, você tem alguma coisa que não ajuda o relacionamento?* – Eu acho que não.

### **E ele, o que ele faz bem para se relacionar contigo?**

Também, conversando, sabe, assim, eu sou uma pessoa que, comigo eu acho que as coisas se resolvem mais conversando, entendeu. Se você chegar, berrar, ou ficar calado, ver fazer as coisas, e não chamar a atenção, não tem como eu dar conta que estou fazendo uma coisa errada e que você não está gostando.

### **Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não, acho que não.

## ANEXO O: PIO

Idade: 23 anos.

Profissão – trabalho: Estudante – trabalha em diferentes lojas.

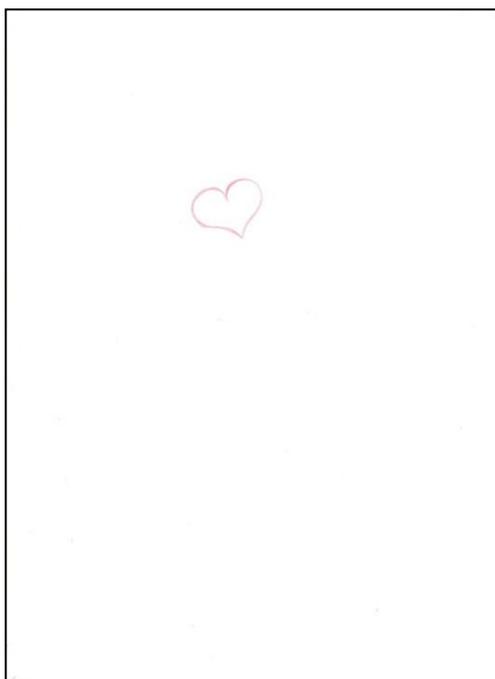
Nível educativo: ensino superior.

Tempo em São Paulo: 5 anos.

Tempo em república: 2 anos.

### DESENHO-ESTÓRIA DE PIO

#### Desenho 1: Meu desenho



**História:** A intimidade amorosa para mim é conversar sobre os planos e dividir o dia a dia. Essa troca de informação me deixa a vontade e aberta. O coração do desenho representa o carinho e a confiança que são indispensáveis para mim na intimidade amorosa.

#### Desenho 2: A dois



**História:**

Eu tive poucos relacionamentos amorosos, pouca intimidade, acredito que seja por exigir esse tratamento ou confiança e carinho. Intimidade é, para mim, exclusivamente isso.

### Desenho 3: Cuidar



História: Além de confiança e carinho, intimidade me remete a cuidado. Nada é mais íntimo, para mim, que o desejo de que o outro (o par) esteja bem, essa intimidade vai além do sexual no relacionamento que já vivi.

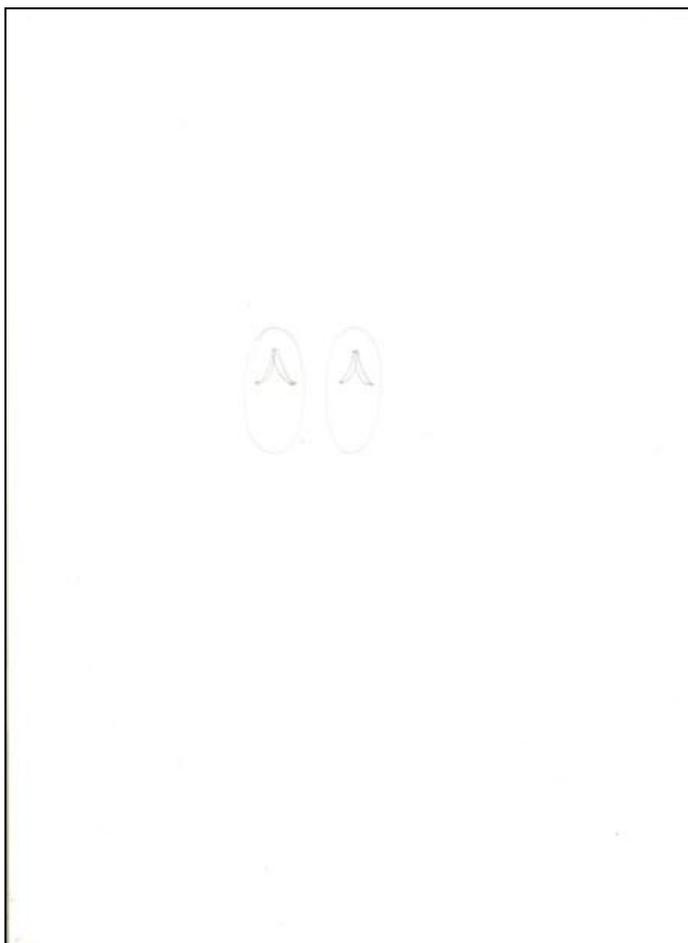
### Desenho 4: Sexo



História: O sexo é responsável pela mínima parte de intimidade nos meus relacionamentos vividos, se precisasse quantificar diria 20%. Mas são 20% importantes e decisivos para determinar o nível ( $\uparrow\downarrow$ ) de intimidade a dois. A descoberta e a partilha deste momento são mais determinantes que o ato.

Associações da fase de inquérito: Pio explica que as flechas representam o aumento ou a diminuição da intimidade. Para ela: “o relacionamento e a intimidade são como um todo, mais amplo, que se acompanha do sexo como um ato”.

## Desenho 5: O par



História: A intimidade amorosa demora para mim porque preciso sentir o parceiro como meu par, isso significa uma divisão de sentimentos e momentos a dois. A importância desse encaixe é muito grande para mim na intimidade. O companheirismo, a lealdade e a confiabilidade são os que fazem do parceiro o par.

**ENTREVISTA**

**O que acha que é necessário para estabelecer um vínculo afetivo de intimidade com um homem? Poderia descrever esses elementos?**

Como eu falei nos desenhos é a confiança, o respeito, o cuidado; tudo isso é importante, é determinante para um vínculo.

*Como é esse cuidado para você?* – Cuidado, cuidado com o outro, cuidado que deve ser além, enfim, para com o próximo. Cuidado de, enfim, saber se está bem, esse cuidado básico, né.

*Como você definiria a confiança dentro de um relacionamento?* – Olha, descrever, tanto em desenho quanto em palavras, sentimentos é muito difícil, é muito difícil, mas confiança para mim... Nossa, é difícil.

*Como você sabe que o casal tem confiança, o que seu namorado confia em você e você confia no seu namorado?* – A convivência diária, a convivência diária, coisas pequenas que acontecem diariamente, mas não sei ser mais específica...

**Em um relacionamento íntimo com um homem, o que considera como ganho e o que considera como perda?**

O ganho é essa, é essa cumplicidade, esse apoio, né, ainda na condição que eu estou de morar longe da minha família. Então o ganho é isso, um companheiro mesmo.

E perda? Perda não, não vejo, não vejo uma perda.

*Só percebe ganhos?* – Só agrega, porque quando começa a perder já ultrapassou, já virou outra coisa.

*Como o que?* - Já não é mais para ter essa intimidade, já não é mais para ter o relacionamento, acho que já não é mais. Enfim, não vejo perdas.

*Se não for intimidade, o que seria quando tem essa perda?* - Acho que não é um relacionamento saudável. Existem coisas negativas, mas acho que não que sejam consideradas perdas.

*Quais essas coisas negativas?* – Coisas corriqueiras de um relacionamento como briguinhas, enfim, mas nada que seja uma perda, eu acho que fortalecem até.

**Que sentimentos experimenta quando estabelece um relacionamento íntimo com um homem?**

Carinho, respeito, prazer.

*Como é esse carinho?* – Acho que esse afeto, esse carinho é o cuidado, tanto carinho físico quanto o carinho de saber contar, de se preocupar.

**Quais as suas expectativas sobre um relacionamento afetivo íntimo com um homem?**

Olha, expectativa, hoje eu não tenho expectativa. Eu namoro há dois anos e meio e já tive expectativa, mas aí, mas já brigamos uma vez por não combinar isso, por não casar tão bem, e aí me fez perder essa expectativa. A expectativa de um namoro, de um relacionamento íntimo, de um relacionamento a dois, para mim, era construir família, enfim, esse era, esse é o fruto de todo esse caminho. Mas hoje eu não tenho.

*Essa mudança, de ter essa expectativa a não ter, afeta você?* – Sim, me afetou negativamente.

**Para você, o que seria o relacionamento íntimo amoroso ideal?**

Esse partilhamento de expectativas, essa coisa de sonhar junto e pensar igual. Ou pelo menos entender-se quando é diferente, né, porque você encontrar a sua alma gêmea, não acredito muito nisso.

*Não acredita?* – Não acredito, acredito que as pessoas se respeitem e se encaixem, se adequem, se moldem umas às outras, mas elas tem as diferenças, ninguém é igual em tudo, então vai se adequando aos pensamentos, às ideias, aos sonhos do outro, respeitar e partilhar disso. Aí esse iria a ser o ideal.

*Eu achei muito interessante seu último desenho no qual você fez dois chinelos. Aí tem essa coisa que você está falando, eles se complementam porque são direito e esquerdo, mas não são iguais.*

**Teve algum relacionamento afetivo com parceiro?**

Sim.

**Pode-me falar sobre uma relação amorosa na qual se estabeleceu um vínculo íntimo?**

Sim. Posso falar de um positivo e de um negativo?

*Pode sim* – O positivo eu posso falar do que eu vivo hoje, porque apesar de não haver essa concordância nas expectativas, ele me faz bem, assim, por isso é que eu mantenho, ele me faz bem porque há esses elementos de confiança, de carinho. Eu acho que quando a gente mora longe da família a gente fica um pouco carente, fica mais dependente, enfim, quer se agarrar a algo para ter mais força, mais, enfim. Então isso é, isso é um ponto positivo em um relacionamento a dois para mim. Porque eu vivo, eu vivo, ele me anima, ele me proporciona coisas boas, sentimentos bons.

E o negativo é, uma coisa negativa em um relacionamento a dois é a possessividade, já vivi isso e foi muito difícil.

*Como é que é essa possessividade?* – De restringir seu círculo de amigos, sua vida a fazer uma redoma em torno do casal, né, viver exclusivamente para aquilo e não poder olhar para o lado.

*Tem possessividade no seu atual relacionamento?* – Não. É uma coisa de um outro relacionamento, de um relacionamento passado.

**Nessas relações, como você se percebeu?**

No possessivo, eu me via fora dele, eu não me sentia confortável e não era bom. A partir de quando eu percebi essa possessividade, essa coisa que para mim não é nem um pouco saudável, já me sentia, me via fora. Aí eu me avaliava como alguém que não queria viver aquilo e que por isso foi que não deu certo.

*E dentro do relacionamento que você tem hoje, como é que você se percebe?* – Eu, eu sou uma pessoa feliz, né, tenho momento felizes, mas eu não me sinto, não me avalio como uma pessoa completa que enxergo isso a muito longo prazo pela falta de expectativa que aconteceu, pelo não partilhamento de todos os planos.

**O que significaram para vocês essas relações?**

*A relação possessiva, por exemplo?* – Significou, bom, me deu o exemplo do que eu preciso observar mais antes de me relacionar, antes de ter esse vínculo, né, com um outro rapaz, enfim, me deu esse filem de perceber mais para não cair nessa de novo, porque não foi uma experiência muito boa.

*O que significa o relacionamento que você tem hoje?*

Que significa para mim? Significa um apoio e um companheirismo e eu podia até dizer que ele, ele faz parte da minha família, apenas da minha família que vive aqui, ele supre bem isso, ele faz o papel de um apoio.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em você para estabelecer um vínculo íntimo com seu parceiro?**

Dificuldade são muitas. Eu não converso muito com tudo mundo, eu acho, assim que eu vir para aca, eu sofri com a xenofobia, eu passei mais educados, enfim, com pessoas ignorantes que não sabiam da minha cultura, enfim, acho que você sabe que há uma, uma rixa a pessoas que não, pessoas que desprezam a pessoas do nordeste, enfim. Aí eu sofri muito com isso no meu emprego, no meu antigo emprego e aí eu fiquei com essa restrição, depois disso.

Não tenho uma vida amorosa muito antiga, ela foi ativada há pouco tempo, porque eu estudei em colégio interno, só de meninas, enfim. Maturo isso bem mais tarde do que com as outras meninas. Então a dificuldade é essa. É o relacionamento é o primeiro contato.

E a facilidade é depois que tem isso, se eu percebo essa, esse respeito, essa, esse carinho, aí é fácil, eu me abro.

**Quais as dificuldades e as facilidades que reconheceu em seu parceiro para estabelecer um vínculo íntimo com você?**

Do primeiro a dificuldade era a distância, eu morava na X e ele morava na Y e aí nós nos conhecemos no meio do caminho, e a dificuldade foi essa, né. A gente se conheceu há muito tempo e depois, sei lá, dois anos, a gente teve o primeiro contato. Essa foi a dificuldade maior, a distância. E a facilidade foi o primeiro contato, foi, a gente percebeu que tinha muita coisa em comum e queria, e quis tentar isso. Então a facilidade foi o primeiro contato.

**Há algo mais que gostaria de dizer?**

Não